HISTORIA

DE

PORTUGAL

Retrato de Alexandre Herculano,
segundo um quadro do pintor Rodriguez. — Fac-simile da sua assinatura

Historia de Portugal

DESDE O COMEÇO DA MONARCHIA
ATÉ O FIM DO REINADO DE AFFONSO III

POR

A. HERCULANO

Setima edição definitiva
conforme com as edições da vida do auctor

DIRIGIDA POR

DAVID LOPES
Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Edição ornada de gravuras e mappas historicos
executados sobre documentos authenticos
debaixo da direcção de

PEDRO DE AZEVEDO
Conservador do Archivo Nacional.

TOMO I
(Introducção)

LIVRARIAS AILLAUD & BERTRAND
Paris-Lisboa.
LIVRARIA FRANCISCO ALVES
Rio de Janeiro. — S. Paulo. — Bello Horizonte.
1914

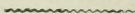
ADVERTENCIA DA QUARTA EDIÇÃO

PUBLICANDO esta quarta edição do primeiro volume da Historia de Portugal desejaria o auctor proceder préviamente a um exame minucioso de centenares de citações de livros impressos, de manuscriptos e de documentos em que a narrativa se estriba, e rectificar quaesquer equivocações ou erros de copia na indicação dos logares onde existem taes manuscriptos e documentos ou onde, nos impressos, se lêem as passagens citadas; erros e equivocações esses que, de futuro, podem tornar enfadonha a comparação dos textos. Para o fazer, porém, ser-lhe-hia necessario frequentar assiduamente archivos e bibliothecas durante alguns meses, ao que invencivelmente obsta o teor do seu viver actual. É por isso que as correcções da presente edição se limitam a pequenas mudanças na fórma e estylo da narrativa, e na substituição, addição ou suppressão de varias passagens que pareceram obscuras, inexactas ou incompletas.

Vindo pela primeira vez á luz publica, o presente volume suscitou vivas polémicas sobre a critica das fontes historicas aproveitadas como legitimas ou rejeitadas como impuras no processo da narração. No meio, porém, dessasdiscussões ardentes e não raro apaixonadas, nunca se pôs em duvida a existencia dos variados monumentos indicados

como abonadores das doutrinas do livro. Por este lado nem então, nem agora, o auctor receava ou receia a minima aggressão fundada, porque tinha e tem a consciencia da lisura e lealdade com que escreveu. Do que não tem a certeza é de ter sempre interpretado bem os textos obscuros dos monumentos e sabido deduzir delles as verdadeiras illações. Se a vaidade o illudisse nesta parte, os estudos de historia romana de Mommsen depois dos de Niebuhr bastariam para o desilludir. E' por isso que desejaria facilitar o exame dos textos pelo rigor da exacção nos algarismos das citações.

A nossa historia, mais ainda do que a de outras nações da Europa, para surgir da sombra das lendas á luz clara da realidade, carece de indagações profundas, e de apreciações sinceras e desinteressadas. Será trabalho mais util, embora mais difficil, do que certas generalisações e philosophias da historia, hoje de moda, em que se generalisa o erroneo ou o incerto, e se tiram conclusões absolutas de factos que se reputam conformes entre si, e que, provavelmente, mais de uma vez os estudos sérios virão mostrar serem diversos, quando não contrarios. A poesia onde não cabe; a poesia na sciencia é absurda. A imaginativa tem mais proprios objectos da sua fecundidade.

(1875).

PREFACIO DA TERCEIRA EDIÇÃO

Quando ha dezesete annos publiquei a primeira edição deste volume destinava o encetado trabalho para estudo de um principe, então na puericia, que em futuro remoto, quanto a incerteza das cousas humanas permittia ajuizá-lo, devia reinar em Portugal. Persuadido de que o conhecimento da vida anterior de uma nação é o principal auxilio para se poder e saber usar, sem offensa dos bons principios, do influxo que um rei de homens livres tem forçosamente nos destinos do seu paiz, temperando as generosas, mas nem sempre esclarecidas e prudentes aspirações do progresso pela experiencia e sabedoria de um passado que tambem já foi progresso, pagava assim ao filho uma divida que contrahira com o pae. Fora a este que eu devera uma situação exempta de pesados encargos, a qual me tornara possivel dedicar a maior e melhor parte do tempo ao duro e longo lavor que hoje exige a composição da historia. Entendi e ainda entendo que, trabalhando desse modo para o bem do herdeiro da coroa e, virtualmente, para o bem da terra em que nascera, dava um documento, ao mesmo tempo de gratidão e de patriotismo, mais efficaz do que todos os protestos estereis com que muitos costumam saldar dividas de uma e de outra ordem. No vigor da idade, povoado o espirito dos sonhos

dourados da ambição litteraria, unico dos vãos idolos do mundo a que fiz sacrificios, habituado ao trabalho perseverante que conquista o pão, e dispensado, emfim, de pensar em adquirir este, podia applicar tempo e habitos a pagar uma divida e, conjunctamente, a satisfazer uma ambição que hoje me faz sorrir. Excedendo pouco a idade de trinta annos quando delineei os primeiros traços de uma empreza ousada, dotado de organisação robusta, medindo os horisontes da existencia não tanto pelo compasso dos annos, como pela intensidade dos esforços de que me sentia capaz, se duvidei de que chegasse a completar o edificio cujos alicerces lançava, tinha firme fé em que ella subiria a uma altura na qual fosse comparativamente facil a outrem pôr-lhe o remate. Tal foi a origem deste livro. A sua sorte, porém, devia ser diversa da que eu previra.

A publicação da Historia de Portugal tinha chegado ao quarto volume, e as materias para o quinto, que completava o quadro da primeira epocha da monarchia, estavam em parte colligidas. A obra fizera ruido e suscitara a animadversão daquelles que querem accommodar a historia ás crendices do vulgo, ás preoccupações nacionaes, aos interesses que nellas se estribam, e não corrigir e allumiar o presente pelas licções da historia. As repetidas e variadas aggressões contra o livro e ainda mais contra o auctor denunciavam, em geral, a existencia e os intuitos de uma parcialidade irritada, cujos membros procediam de accordo e cujos interesses a nova publicação viera accidentalmente ferir. Provocado injustamente, repelli essas aggressões, porventura com demasiada dureza, e, descubrindo nellas um pensamento anti-liberal, fui mais longe. Ao livro sem intenção politica fiz seguir um que a tinha.

Vendo no partido que engrossara a occultas e que, antigo, se recompusera com elementos novos, um perigo para a sociedade, trouxe á luz uma das mais negras paginas da sua genealogia, pagina que, se não é o seu eterno remorso, ha-de ser a sua eterna condemnação perante Deus e os homens. Os tres volumes da *Historia do Estabelecimento da Inquisição* provaram, sem réplica possivel, uma verdade importante para a solução da lucta que agita a Europa; provaram que o fanatismo ardente e ainda a simples exaggeração do sentimento religioso são mais raros do que se cuida e que o vulgar é a hypocrisia, de todos os fructos da perversão humana o que mais severamente foi condemnado pelo divino fundador do christianismo. Nalgumas linhas que precediam aquelles volumes eu apontava a existencia, a indole, as miras, o modo de proceder da reacção e, sem os exaggerar, mas tambem sem os disfarçar, assignalava os riscos que a liberdade corria. Os habeis, os homens practicos, os estadistas eminentes riram-se. Eu não passava de um visionario. Cinco annos depois a reacção apresentava-se com a face descuberta no campo de batalha, e todos os amigos sinceros da liberdade estavam visionarios comigo (1).

Pobres homens practicos! Pobres estadistas!

Mas para descubrir o rosto e combater francamente era ainda cedo então. O que cumpria era quebrar a penna na mão do visionario, do que presentira os que se occultavam na sombra e que lá os fora ferir. Affeitos ás trevas, caminharam nas trevas. Tinham adeptos, amigos, instrumentos nas regiões do poder, talvez no seio delle : tinham ahi

---

(1) Hoje (1875) a reacção perturba já sériamente a Europa e ameaça as sociedades da America meridional.

malevolencias pessoaes que aspiravam a saciar-se. Assim, venceram. Depois, a uns homens succederam outros homens; aos meus adversarios os que se diziam meus amigos, e sempre e em toda a parte e com todos encontrei a reacção influente que me reduzia ao silencio e á inacção. Inhibido de proseguir, sem o sacrificio completo da dignidade e sem risco certo da honra, na collecção dos materiaes para a vasta edificação que emprehendera, tive a final de ceder e de fechar a bem curta distancia os limites da imprudente empreza.

Não o fiz sem lucta: disputei palmo a palmo a minha vida intellectual. Nessa lucta achei sympathias e allianças por todo o paiz, sobretudo entre a mocidade das provincias mais intelligentes e energicas, as provincias do norte. No seio do parlamento e no gremio dos homens de letras houve tambem quem percebesse que vender por affagos e sorrisos de poderosos a causa da honestidade e da sciencia, embora essa causa se personificasse em individuo mais ou menos obscuro, era o erro de Esaú, e que o procedimento de successivas administrações, diversas entre si, mas accordes em truncar um livro e inutilisar um espirito, podia ser algum dia aresto fatal contra outros livros e contra outros espiritos. Se alguns desses homens, excepções honrosas do paiz legal, fraquearam depois, sirva-lhes de desculpa a debilidade natural do commum dos animos, que não soffrem a tensão moral dilatada por meses e annos. Entretanto, em corações de mais rija tempera o decurso do tempo não affrouxara a indignação: e essa indignação passou os mares. D'além do atlantico mais de uma voz amiga procurou consolar o maldicto da reacção e dos poderes publicos que a serviam. Algumas dessas vozes saíam do seio do sacerdocio: uma

descia do throno. Um principe estranho que présa mais e conhece melhor os dias de grandeza e de gloria deste paiz do que a maior parte dos filhos delle, apressou-se a offerecer ao perseguido um asylo juncto de si. Se não acceitei a offerta, a que a fraternidade litteraria e a nobre maneira porque era feita tiravam todos os vislumbres de humiliação, foi porque ainda esperava que não podessem privar-me dos ultimos sete palmos de terra patria, a que todos temos direito. Quem sabe se me enganava? Ha dez annos que a reacção quasi que conta os triumphos pelas batalhas, e o futuro assoma carregado e triste. Mas acima de tudo está Deus.

Aquellas demonstrações incessantes e sempre crescentes, dentro e fóra do paiz, eram importunas: haviam de vir, mais tarde ou mais cedo, a despertar sériamente a attenção dos desattentos sobre as transigencias, então occultas, que só podiam explicar um facto de outro modo inexplicavel. Era essa uma consideração grave, porque tinha consequencias politicas. Os homens do poder costumam amá-lo e têem subtis instinctos para mantê-lo. Se não respeitam, geralmente falando, a moral e a justiça quando estas tão sómente se affirmam, acatam-nas quando ameaçam estribadas em qualquer genero de força e quando, portanto, significam um risco. Por isso e só por isso, do mesmo modo que por meios indirectos me fora tirada, a possibilidade de continuar a Historia de Portugal foi-me emfim indirectamente restituida.

Era tarde. Os desanimadores presagios que dous annos antes me brotavam da consciencia, recusando aos meus collegas na Academia conservar o cargo de seu vice-presidente, na conjunctura em que essa corporação, por um impeto irreflexivo de dignidade ultrajada, pensava em desaggravar-se de

uma injuria que immerecidamente recebera, só porque se achava á sua frente um homem odioso á reacção e ao seu alliado, o governo (1); esses presagios, digo, tinham-se realisado. Na lucta, a ambição litteraria, a confiança no futuro, a energia e o vigor da alma, o habito dos penosos estudos e das longas meditações, a perseverança no trabalho, e, até, a robustez physica tinham em grande parte desapparecido. Quiz proseguir e não pude ou, para melhor dizer, desejei, e já não sabia querer.

Depois, passado tempo, ainda tentei um ultimo esforço para reconstruir a minha vida intellectual; para subjugar o immenso desalento que me invadira o espirito; para renovar esse mundo de idéas que constitue a resurreição do passado, o qual eu tentara erguer, como Lazaro, do pó sepulchral dos archivos, e sobre o qual os poderes publicos tinham recalcado o sudario. Se, porém, o tentei, confesso ingenuamente que não foi por servir o meu paiz. Outros sentimentos me impelliam a isso. No paiz tinha eu encontrado milhares de amigos que haviam desposado com ardor a minha causa, que haviam combatido comigo contra os enredos da reacção e contra a brutal hostilidade dos seus poderosos alliados; muitos delles nem me conheciam, nem eu os conhecia. Devia e devo a cada um e a todos gratidão profunda: deve-lhes ainda mais, talvez, a causa da liberdade e da civilisação. Mas isso era um negocio individual, privado. O paiz legal, aquillo que é o compendio e a manifestação da sociedade, que representa e que exprime a sua vontade collectiva, havia reprovado virtualmente o livro e condemnado o auctor ao silencio. Ainda quando me

(1) Veja-se a *Conta dirigida ao Ministerio do Reino pela Segunda Classe da Academia Real das Sciencias* (1856), p. 14.

persuadisse de que o serviço que fazia era grande, seria descomedido se insistisse em fazê-lo depois de repellido. A liberdade tem consequencias inevitaveis: as gerações dos povos livres participam perante o futuro da responsabilidade dos poderes publicos ou, antes, a responsabilidade é dellas, porque têem sempre força e meios para os revocar aos sentimentos do pudor e do dever quando elles o esquecem. As virtudes ou os crimes dos que as governam; a sua gloria ou a sua deshonra pertence-lhes. O despotismo, esse não o podem chamar á auctoría. Para mim a questão, vista por esse lado, estava resolvida. Não era, não podia ser o desejo de reagir contra manifestações officiaes e solemnes o que me impellia a renovar esforços tanto tempo interrompidos. Era uma destas affeições individuaes, modestas e desinteressadas, que nascem, como flor singela, nos pedregaes da vida.

Emquanto, alheio, não ao estudo dos homens e do mundo, mas ás suas ambições vulgares, eu consumia os melhores dias da vida em trabalhos a cuja sinceridade, ao menos, o futuro ha-de fazer justiça, um acontecimento impensado tinha chamado ao throno aquelle para quem, na sua puericia, fora destinada a historia de Portugal. Devera-lh'a por mais de um titulo; mas, annullados, sem culpa minha, os meios de pagar, a obrigação desapparecia. Foi, todavia, por elle, e só por elle, que, depois, ainda uma vez tentei o que a razão me representava como quasi impossivel.

Na maioria das sociedades actuaes falta geralmente aos homens publicos o valor não só para ousar o bem, mas, até, para practicar francamente o mal. Deste facto psychologico, que assignala as epochas de profunda decadencia moral, deriva principalmente a hypocrisia: a hypocrisia, que é a

anemia da alma. A altiveza insolente do poder que se colloca acima do decente e do legitimo e que ri das invectivas da opinião indignada, como de um clamor sem sentido, tem o que quer que seja de grandioso, como o raio de luz que serpeia ainda na fronte do anjo das trevas: a maldade impenitente que se desculpa, que busca aninhar-se no manto da innocencia, que a occultas se reclina num leito de alheias agonias, e que, firmado o pé sobre o chão humido das lagrymas que faz verter, inclina a fronte com a resignação do martyrio e inventa uma força estranha para se declarar constrangida, é vil, dez vezes vil : é o lodo que se faz musculo. A violencia que se affirma a si contra o direito é o vendaval deste oceano de paixões tenebrosas que se chama o coração humano : a violencia que busca sanctificar-se com as visagens da moderação e brandura é o vicio enraizado na alma, que, precíto de si proprio e de Deus, forceja por obter, como unico refrigerio, que os homens ou, illudidos, o absolvam ou, ao menos, cheios de asco, volvam a face para o não verem.

Entre nós os que interiormente se riem do direito e dos principios eternos da moral universal têem dado mais de um exemplo dessa pia resignação no martyrio. Ora é a prepotencia estrangeira, dialogo festivo de bastidores diplomaticos convertido em monologo tragico no proscenio da publicidade ; logo o terror do alvoroto popular da policia ; depois a pressão da coroa, historia murmurada ao ouvido para que nem sequer suspeite a coroa a existencia do proprio attentado. Perfeita miniatura da Roma de Augustulo ou da Constantinopola dos Paleologos. Na procella em que naufragara o meu pobre livro o nome do soberano fora murmurado em voz baixa, associado ao dos satellites da reacção, calumniado,

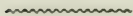
como tinha de o ser depois, com torpeza sem exemplo, em negocio mais grave. Ouvi esse murmurio : conhecia bem os homens de que vinha, dei-lhes o asco que pediam e volvi a face. O facto tinha uma significação e um valor bem sabidos.

Malquistar o soberano com o cidadão era nobre e grande ; mas era incompleto : completava-se malquistando o cidadão com o soberano. Infelizmente a tentativa falhou. O vago, o mysterioso, o terrifico tem attractivos para as almas novas de profundo e energico sentir; para as intelligencias juvenis e robustas que a ambição da idéa devora e que, impacientes, forcejam por se precipitar nas vastidões do mundo moral para lhe devassar os segredos. A alma do rei era dessas. Buscou-me e desceu, como diria o mundo, a justificar-se, porque nunca inquiriu se para chegar do throno ás regiões do dever ou da justiça era preciso descer ou subir. Movia-o, além disso, o instincto proprio da sua idade e da sua indole. Queria sondar o abysmo de orgulho, de odios implacaveis, de impiedade, de paixões tempestuosas de que lhe falavam com susto. Parece que a lenda exaggerava : o precipicio, o abysmo, era de dimensões menos amplas. Verdade é que os precipicios e abysmos fascinam e attrahem : póde tambem ser que fosse isso. Que, porém, se illudisse ou que acertasse, o rei achara que todas essas negruras do feroz plebeu se reduziam a uma sinceridade talvez rude, e a sinceridade, ainda rude, tinha para elle o attractivo do novo, do impensado. Achava onde retemperar o animo lasso do incessante espectaculo da condescendencia interessada, do applauso grosseiro que vale o insulto, da devoção requerente, do regirar e mentir dos que buscam recamar-se de avelorios e lentejoulas para se inebriarem, para esquecerem que se arrastam porque

são lesos. Entrava apenas na idade de homem e já estava saciado do serpear flexuoso das linhas curvas : attrahia-o por isso irresistivelmente a dureza da linha perpendicular, recta. Aquella alma tão rica de abnegação de si, quanto o era de affectuosa sympathia para com todos os opprimidos, para com tudo o que padece, comprazia-se em fitar a vista em olhos que se não abaixassem diante dos seus, em encontrar na idéa alheia a resistencia á propria idéa. Não tinha ciume de uma soberania superior á sua, a da razão, nem o humilhava a dignidade humana, que equivale no subdito á magestade no rei. O que repugnava profundamente a esse espirito raro era o baixo, o abjecto. O reptil, infusorio em grande, inquieta-nos, tenta a nossa fé na immortalidade com o dogma horrivel da geração espontanea, da omnipotencia do fermentescivel : o homem que é homem, esse é que prova Deus.

Foi na affeição de D. Pedro V, no desejo de lhe comprazer que achei alentos para galgar de novo a ingreme ladeira donde me tinham despenhado ; foi animado por elle que prosegui em ajunctar materiaes, não para levar a cabo os ambiciosos designios concebidos na idade das grandes audacias, mas para concluir o quadro sincero da epocha mais obscura da nossa deturpada historia ; para deixar no mundo um livro em vez de um fragmento. Expressa apenas como desejo, pouco a pouco a sua vontade tinha-se tornado para mim irresistivel : nem me pejo de confessar que elle começava a exercer já sobre o meu espirito aquella especie de absolutismo moral que, provavelmente, aos trinta annos havia de exercer, se vivesse, no geral dos animos; singular especie de absolutismo, que encerrava a esperança da regeneração dos costumes publicos e. conseguintemente, a unica esperança da

manutenção da nossa autonomia e da nossa liberdade; autonomia e liberdade que foram para elle crença e culto, porque lh'as tornavam sanctas a voz de uma consciencia virgem e as revelações de uma poderosa intelligencia.

Completo com o resto da historia das instituições primitivas da monarchia, como é minha intenção torná-lo, este livro apenas significará uma saudade desfolhada ao pé de uma sepultura. Digo-o, porque não espero nem quero dos vivos nem agradecimento nem recompensa, supposto que estes volumes os merecessem ou valessem. Recompensa tive-a inteira no affecto da mais nobre e mais pura alma que encontrei na terra. Oxalá que, nesta pia peregrinação de um espirito até a beira de um tumulo, o romeiro não deponha descoroçoado o baculo, ou não adormeça do grande somno da morte antes do voto cumprido.

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

Commettendo uma empreza, cuja importancia, grande ou pequena, deixarei que outros avaliem, talvez seria o melhor abster-me de quaesquer reflexões preliminares. São, por via de regra, os prologos destinados a captar a benevolencia do publico; mas, numa obra historica, nem o auctor deve pedi-la, nem o leitor concedê-la. Averiguar qual foi a existencia das gerações que passaram, eis o mister da historia. O seu fim é a verdade. Onde o auctor errou involuntariamente é condemnavel o livro; onde pretendeu illudir os que o lêem, a condemnação deve caír sobre o livro e conjuntamente sobre o auctor. Nenhumas considerações humanas podem alterar esta regra; e por isso, longe de pedir indulgencia, pedirei aos homens competentes a severidade para com este escripto. E' o interesse da sciencia que o exige. Nas doutrinas de opinião talvez sejam licitas as concessões : nas materias de factos seriam absurdas. A verdade historica é uma. Os que não sabem abstrahir do amor proprio, para só pôrem a mira no progresso da sciencia, mentem se dizem que a amam. Amam-se a si; mas amam-se como insensatos. Se os contemporaneos calarem os defeitos do vosso livro, os historiadores futuros tecer-vos-hão sobre a campa a lista dos erros que commettestes, e ainda daquelles que, por temor de

offender tradições recebidas, deixastes de condemnar.

Erros, havê-los-ha neste volume, bem como nos que se lhe seguirem. O que, porém, posso affirmar com a mão na consciencia, é que elles foram involuntarios. Tenho fé que não me cegou malevolencia para com os estranhos, nem parcialidade pela terra natal. Para o homem sacrificar a longas e aridas investigações, frequentes vezes sem resultado, todas as faculdades do espirito, quasi todas as horas da vida, com o intuito de dar ao seu paiz uma historia, senão boa, ao menos sincera, é necessario, creio eu, algum amor da patria. Cifrei-o nisso tão sómente. Convertendo em realidade o meu pensamento, procurei esquecer-me de que sou português, e parece-me tê-lo alcançado. O patriotismo póde inspirar a poesia; póde aviventar o estylo; mas é o pessimo conselheiro do historiador. Quantas vezes, levado de tão mau guia, elle vê os factos através do prisma das preoccupações nacionaes, e nem sequer suspeita que o mundo se rirá, não só delle, o que pouco importara, mas tambem da credulidade e ignorancia do seu paiz, o qual deshonrou, crendo exaltá-lo! Dos que por má fé assim procedem não falo eu aqui. Esses lisongeiros das multidões são tão abjectos como os lisongeiros dos reis, quando os reis eram os dispensadores das reputações e das recompensas.

Não ignoro o risco da situação em que me colloquei. Ha muitos para quem os seculos legitimam e sanctificam todo o genero de fabulas, como legitimam e sanctificam as dynastias nascidas de uma usurpação. Aos olhos destes as cans da mentira são tambem respeitaveis. A critica, dizem elles, mata a poesia das eras antigas, como se a poesia de qualquer epocha estivesse nas patranhas mui poste-

riormente inventadas. São excellentes talvez as suas intenções; não sei se o mesmo se poderá dizer da sua intelligencia. Para estes o meu livro será um grande escandalo, e o melhor fora deixarem de o ler. Não faltam entre nós monographias historicas : lá acharão fonte copiosa em que possam saciar-se ; porque eu escrevo apenas para os singelos amigos da verdade, e ainda receoso, apesar da pureza dos meus desejos, de não ser exacto, ou pela escaceza dos monumentos, ou por engano proprio na apreciação dos factos. Quanto a successos maravilhosos, a tradições embusteiras ataviadas para bem parecerem ao vulgo, não as busquem neste livro os que, movidos por um falso pundonor nacional, seriam capazes de tomar por materia historica as lendas das Mil e Uma Noites, se lá encontrassem alguma que lhes lisongeasse o appetite.

E', sem duvida, custoso ver desfazerem-se em fumo crenças arreigadas por seculos, a cuja inspiração nossos avós deveram, em parte, o esforço e a confiança na providencia em meio dos grandes riscos da patria; crenças inventadas, talvez, para espertar os animos abatidos em circumstancias difficultosas. Sei isto; mas tambem sei, que a sciencia da historia caminha na Europa com passos ao mesmo tempo firmes e rapidos, e que se não tivermos o generoso animo de dizermos a nós proprios a verdade, os estranhos no-la virão dizer com mais cruel franqueza. Calumniadores involuntarios do seu paiz são aquelles, que imaginam estar vinculada a reputação dos antepassados a successos ou vãos, ou engrandecidos com particularidades não provadas nem provaveis. Acaso Portugal não achará nas memorias veridicas da sua longa existencia recordações formosas e puras para nos reprehender, com a energia e gloria de outros tempos, da dege-

neração e decadencia presentes? Quem assim o crê insulta a memoria de gerações, que valiam mais que nós, e que recusariam, se podessem fazê-lo, façanhas que não practicaram, virtudes que não tiveram; porque possuiram outras que eram suas, e de que nunca os progressos da historia hão-de esbulhá-las. Temei que o resultado desse afferro a tradições mentirosas seja perfeitamente contrario aos vossos desejos, e que o scalpelo da critica, ás vezes demasiado subtil, querendo apagar os vestigios da credulidade, involuntariamente córte pelo são em successos, aliás grandes e indubitaveis.

Conto com as refutações — conto, até, com as injurias. Estas não me incommodam; porque me parece não serem argumentos historicos demasiado concludentes: ess'outras estimo-as, porque entre ellas é possivel encontrar observações que sirvam para corrigir o meu livro. Muitas destas refutações, já o prevejo, hão-de estribar-se na opinião de historiadores, e antiquarios, *eruditos, illustres, gravissimos, profundos*, e com todas as mais qualificações, que se costumam aggregar ao nome de qualquer escriptor moderno, quando, na falta de monumentos ou diplomas legitimos, se querem sustentar opiniões absurdas ou infundadas. Aos que assim me impugnarem desde já declaro, que nunca os hei-de perturbar na bemaventurança do seu triumpho. A discussão entre nós fora impossivel; porque seguimos caminhos diversos. Elles tractam a historia como uma questão de partido litterario; eu apenas a considero como materia de sciencia.

Nestas linhas que lanço á frente do meu trabalho, quereriam talvez, alguns, que expusesse o plano delle, a urdidura da larga teia que encetei, a que hoje mal basta a vida de um homem, e a que provavelmente não bastará a minha. Era dizer em

resumo o que o leitor ha-de ver e julgar no processo do livro. Pareceu-me uma inutilidade, e por isso a omitti. O tempo, como é facil de suppôr, não me sobeja, para o consumir em cousas inteiramente escusadas.

O que, porém, não se escusa é confessar eu aqui as obrigações que devo. As collecções impressas de monumentos historicos, que todos ou quasi todos os paizes possuem, faltam neste nosso. Documentos avulsos, derramados por obras escriptas em epochas, nas quaes as luzes diplomaticas quasi que não existiam, mal pódem, ás vezes, pelo errado da sua leitura e por se acharem confundidos com diplomas forjados, ser acceitos como auctoridades seguras. Outro caracter têem os que se encontram nas Memorias da Academia Real das Sciencias; ou nas obras publicadas pelos seus socios; mas esses documentos, na maior parte, reduzem-se a simples extractos, como convem aos fins, que se propõem os auctores que os citam. Assim quem se occupar da historia portuguesa, ha-de sepultar-se nos archivos publicos, e descubrir entre milhares de pergaminhos, frequentemente difficeis de decifrar, aquelle que faz ao seu intento : ha-de indagar nos monumentos estrangeiros onde é que se encontram passagens que illustrem a historia do seu paiz : ha-de avivar as inscripções, conhecer os cartorios particulares das cathedraes, dos municipios, e dos mosteiros ; ha-de ser paleographo, antiquario, viajante, bibliographo, tudo. Como bastaria um individuo sem abundantes recursos pecuniarios, sem influencia, sem uma saude de ferro, a tão grande empreza? Fora impossivel. E' na verdade vergonhoso, que Portugal se não tenha associado ainda ao grande impulso historico dado pela Allemanha, por esse foco do saber grave e profundo, a toda a

Europa; mas a culpa não é dos nossos homens de letras, e sobre tudo da juventude, entre a qual não falta engenho nem boa vontade. A culpa é de quem pretende, que o architecto dê a traça do edificio, e carreie para elle a pedra e o cimento. A primeira collecção diplomatica portuguesa, tentada e reduzida em parte a effeito, não conta mais de tres annos de data. Falamos do Quadro Elementar das relações de Portugal com as outras potencias, base de uma compilação importante incumbida pelo governo a um dos nossos mais celebres escriptores, o senhor Visconde de Santarem. Fóra d'aqui não possuimos senão o ainda pequeno resultado dos esforços da Academia neste genero, e das diligencias heterogeneas e desconnexas de varios individuos cujo zelo não podia de modo algum vencer as difficuldades que apontámos.

Venci-as eu acaso? Eram fracos os meus hombros para não cederem ao peso, debaixo do qual outros mais robustos vergaram. Pondo de parte os defeitos, que necessariamente se encontrarão nesta primeira tentativa de uma historia critica de Portugal, o que nella houver bom, se o houver, não se me deve agradecer a mim só. Sem os soccorros alheios, ser-me-hia provavelmente impossivel entrar e proseguir no encetado empenho. Cumpria-me dizê-lo aqui; e era essa uma das circumstancias, que tornavam necessarias estas linhas preliminares. Muito devi ao conselheiro Macedo, Secretario Perpetuo da Academia, facultando-me sem restricção o uso da sua livraria, tão rica e escolhida em tudo, principalmente em trabalhos historicos modernos, e não menos ao senhor José Manuel Severo Aureliano Basto, digno Official-maior do Archivo Nacional da Torre do Tombo, e Lente de Diplomatica, patenteando-me, com a sincera vontade

de quem ama a sciencia, os inestimaveis thesouros historicos confiados á sua guarda. As copias exactas de muitos documentos do archivo da cathedral de Braga, da mão do habil paleographo o senhor Araujo Esmeriz, alcancei-as pelos esforços do Exm°. Governador Civil daquelle districto, João Elias da Costa Faria e Silva, modelo dos homens serviçaes, e favorecedor desinteressado das letras patrias. Acceitem, finalmente, os meus bons amigos, Antonio Luiz de Seabra, Vicente Ferrer Neto de Paiva, e Joaquim Heliodoro da Cunha Rivara, agradecimentos sinceros pela promptidão e bom animo que mostraram, occupando-se em buscar e revolver documentos nos archivos do Porto, de Coimbra e de Evora, a beneficio de uma tentativa, na qual, por isso, têem de certo modo uma parte.

Mas eu seria sobre tudo ingrato, se não confessasse neste logar, á face do paiz, uma grande verdade. Fóra da situação tranquilla em que me vejo collocado, nunca me teria abalançado a uma empreza, que eu proprio reconheço merecer a imputação de atrevida. Em geral, os cultores das letras não saem das classes poderosas e abastadas; e em Portugal, ainda hoje, o escriptor mais bemquisto do publico, e mais laborioso, não obterá uma fortuna independente só á custa das suas vigilias. D'aqui resulta que os bons engenhos, os quaes nestes ultimos tempos a nossa terra tem indubitavelmente produzido, são forçados ou a viverem na atmosphera mirradora do mundo politico, ou a exercitarem cargos publicos, que lhes consomem o tempo, e acanham por fim as faculdades do entendimento. E' assim que a litteratura deste seculo tem perdido em profundesa o que vae ganhando em brilho e em extensão. O serviço do estado, ou dos partidos, não consente os longos e severos estudos. Cumpre

que o talento seja como o relampago, que fulge e passa : chama por elle a terra. E' por isso: é pela minha situação especial que eu, ultimo, talvez, entre os filhos desta epocha, aos quaes a providencia allumiou com um raio da intelligencia eterna. sou o primeiro a votar-me a um trabalho, para a execução do qual ha muitos mais fortes, senão mais preparados do que eu.

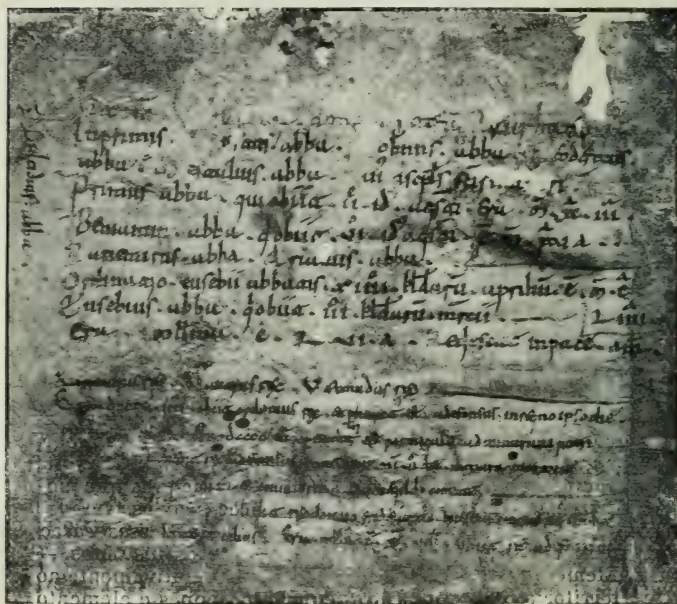
Esta situação vantajosa e excepcional devo-a a S. M. ElRei. Elle a creou para mim espontanea e generosamente : espontanea e generosamente m'a conservou, a despeito de mais de uma procella violenta, que tem ameaçado afundar o meu debil esquife. porque sou navegante assás rude e inhabil em evitar com arte a furia das tempestades. Se este livro não for inteiramente inutil para a gloria da patria, a S. M. mais que a mim o agradeça a nação. Digo isto com verdade e singelesa. Elle sabe, como sabem todos os que me conhecem. que não costumo lisongear os principes, ou. o que não é menos raro, as paixões das turbas; e que nem á popularidade entre estas, nem ao favor daquelles eu sacrificaria nunca as minhas doutrinas e convicções.

INTRODUCÇÃO

I

Considerações preliminares. — Distincção fundamental entre os escriptos historicos da idade média e os da epocha da restauração das letras. Modo de considerar as origens de Portugal naquelles e nestes. — Tendencias synchronicas dos primeiros e anachronicas dos segundos. — Causas e consequencias do systema historico do renascimento quanto ás origens. — Modificação deste systema. — Conveniencia de separar da historia de Portugal tudo o que é rigorosamente alheio a ella. — Nenhuma identidade nacional entre a sociedade portuguesa e alguma das antigas tribus que habitaram na Peninsula antes da era christan. — Caractéres que podem estabelecer a identidade na succession dos tempos: o territorio — a raça — a lingua: falta desses caractéres communs entre os portugueses e os lusitanos. — Elementos constitutivos de Portugal relativamente ao territorio e á população: elemento leonês e elemento sarraceno. — Necessidade de conhecer resumidamente a historia politica dos estados mussulmanos da Hespanha, e a do reino de Leão, como base para a historia politica da primeira epocha da monarchia portuguesa.

Quem abrir as nossas antigas chronicas, e depois os livros historicos escriptos desde o triumpho completo obtido da litteratura da idade média pela litteratura greco-romana, achará uma differença fundamental no systema daquellas e destes. Até os

fins do XV seculo e ainda até depois do meado do seguinte a historia nacional reduz-se a chronicas de uma ou de outra epocha do periodo decorrido desde a separação de Portugal da monarchia leonesa até o

1. — Chronicon laurbanense do seculo XII.
(*Archivo Nacional.*)

tempo do chronista. Os chronicons mais remotos, escriptos em latim barbaro, são na verdade uma especie de resumos da historia geral do paiz; mas começam as suas narrativas, como as chronicas especiaes, com os principios do seculo XII, e apenas alludem rapidamente aos successos posteriores á

invasão dos godos, que é para elles uma especie de génesis historico. Na infancia da historia, os nossos chronistas como que sentiam que antes daquella epocha faltava uma cadeia palpavel e solida que unisse o Portugal moderno ao mundo antigo. Dir-se-hia que o consideravam como um orbe, que, formado de fragmentos dos planetas de um systema solar, fugira da periferia commum, a cujo ambito não sabiam como o fizessem voltar. Este systema era a Peninsula, cujas mudanças e revoluções, cujos habitadores, diversos em raças, em costumes, em linguas, se ligavam, todavia, complexamente na successão dos tempos por um facto constante — os limites topographicos do vasto tracto de terra entre os Pyrenéus e o mar. O territorio em que á occupação ibero-celtica viera sobrepôr-se a colonisação greco-phenicia e depois o dominio successivo dos carthagineses, dos romanos, dos germanos e dos arabes, era com pequenas differenças o mesmo em que imperavam os reis de Castella especialmente, depois que o Aragão e a Catalunha se aggregaram ao vasto corpo da monarchia hespanhola. Talvez nenhuma das novas provincias de que esta se compunha poderia achar cousa alguma inteiramente commum entre si e uma ou outra das antigas divisões, quer de dominio, quer de raça, que tinham existido nas eras remotas. Todavia o complexo dellas — a Hespanha — era ainda a mesma através de tantas transformações. Portugal, porém, nascido recentemente, incluido d'antes no todo das varias sociedades peninsulares, fundado em fragmentos do solo das antigas divisões territoriaes da Hespanha celtica, punica e romana, tronco, emfim, arrancado da arvore leonesa, não achava um só parentesco legitimo e exclusivo nos tempos anteriores aos da conquista goda, ou mais rigorosamente aos da res-

tauração christan. Podia dizer que tambem de algum modo se prendia ao passado; mas tecer com verdade e exacção a sua arvore genealogica especial, isto é que lhe era impossivel.

Com a restauração das letras gregas e romanas nos fins do seculo XV o mundo antigo renasceu para uma vida em parte ficticia, em parte real. Ao passo que as tradições da jurisprudencia romana triumphavam emfim plenamente nas instituições politicas e civis das nações modernas, a republica ideal das letras organisava-se pelas condições de uma litteratura cujos monumentos mais preciosos subsistiam ainda, mas cuja indole e espirito eram, até certo ponto, letra morta; porque não podiam casar-se nem com os costumes, nem com as crenças da Europa moderna. O enthusiasmo pelos brilhantes vestigios de uma civilisação que passara não tinha força para a fazer admirar e receber pelo commum dos homens; porque entre ella e o modo de existir destes havia insuperaveis antinomias. A idealidade christan, repellida do meio das classes illustradas, acolhia-se entre o vulgo; as formulas litterarias nascidas com a idade média e que até ahi haviam acompanhado no seu desinvolvimento natural o progresso da nova sociedade viam-se condemnadas pelo desdem da aristocracia da intelligencia. Á historia, como a tudo o mais, chegou um periodo de transformação. As antigas chronicas portuguesas, semelhantes ás de todas as outras nações da Europa, seguiam um methodo e estylo de narrar totalmente diverso dos livros historicos dos romanos e gregos: eram mais singelas e pinturescas; representavam-nos melhor a vida domestica: os caractéres dos personagens eminentes não no-los faziam comprehender com os traços rapidos e profundos que bastavam aos historiadores romanos e de que as paginas de Tacito são

o mais perfeito modelo; mas em compensação legavam-nos ingenuamente os dictos e feitos desses individuos, e habilitavam assim a posteridade a concluir das scenas altamente dramaticas que registavam uma synthese talvez menos profunda, mas de certo não menos verdadeira. Mais inhabeis que os historiadores antigos em assignalarem a relação dos acontecimentos com as suas causas e effeitos, e em attribuir a cada successo a sua importancia politica; reduzindo, como elles, a historia a uma arte sem objecto fóra de si, em vez de a considerarem como sciencia social destinada a enriquecer o futuro com a experiencia do passado, sabiam, todavia, aproveitar melhor certos toques que tornam mais faceis de imaginar, permitta-se-nos a expressão, as linhas, contornos e cores das epochas. Se, emfim, as narrações dos chronistas são por uma parte triviaes e até baixas, pelo habito que elles tinham de particularisar circumstancias minimas, fazem-nos por outra parte perceber mais claramente a indole real dos individuos ou da geração de que tractam, ao passo que os historiadores antigos só nos apresentam os gestos e meneios convencionaes e estudados do foro, do senado, do templo, da solemnidade publica. O chronista da idade média, para nos pôr diante dos olhos os grandes vultos que passaram na terra, alevanta dos tumulos os seus cadaveres e infunde-lhes de novo a vida, ao passo que o escriptor grego ou romano apêa dos pedestaes as estatuas dos homens publicos, correctas, porém frias e mortas, e, como a estatua no banquete de D. João Tenorio, fá-las caminhar ante nós com um gesto solemne, mas inflexivel e pesado.

No ardor com que o renascimento restaurava ou antes transformava tudo, não se averiguou se o methodo historico da idade média era ou não supe-

rior em alguma cousa ao que haviam seguido os historiadores que já começavam a chamar-se classicos. A historia tomou os ademanes graves e magestosos, mas demasiadamente duros, dos modelos recebidos como unicos legitimos. A consequencia immediata foi que, tornada arida no meio das suas pompas, deixou de ser popular; porque nem falava uma linguagem que o povo entendesse, nem pintava a vida como as multidões a conheciam. D'aqui a perder a nacionalidade ía pouco: e ella perdeu-a. A principio eram as fórmas que attrahiam os espiritos cultivados: foram-no logo os objectos e os factos, que os historiadores da Grecia e de Roma descreviam ou narravam. Nas universidades e nas escholas, nos mosteiros e nas palestras litterarias chegou a ser vergonhoso o uso da propria lingua: estudavam-se com affinco os monumentos de todo o genero relativos á vida civil antiga, e os eruditos a tal ponto se embebiam nessa existencia de convenção, que nos seus escriptos quasi que não se encontra uma sentença, uma allusão, uma idéa, que não seja tirada de livros gregos ou romanos. Os acontecimentos gloriosos, os homens illustres do seu paiz interessavam-nos incomparavelmente menos que os dessa patria phantastica adoptada por elles. Affastavam os olhos com tedio do espectaculo da idade média, cuja energia rude contrastava com a policia da civilisação que o sudario erguido do passado lhes descortinava. Se a um erudito do tempo de D. Manuel, de D. João III, ou de D. Sebastião se perguntasse qual era a differença de um consul a um pretor, di-lo-hia pontualmente: se lhe falassem de um rico-homem ou de um infanção, nem sequer saberia a significação destes vocabulos. O espectaculo da republica debatendo-se moribunda aos pés dos cesares affligia-o talvez; o absolutismo que se assen-

tava sobre as ruinas da liberdade moderna nem de leve o incommodava. O presente era para elle uma tradição; o passado uma existencia real.

Quando a admiração um pouco idolatra pelo mundo antigo chegou ao seu auge, começou a declinar e se tornou mais moderada, começou tambem a sentir-se que as memorias da patria valiam alguma cousa. As tradições gloriosas da nação buscaram-se. Este pensamento surge pouco a pouco e tenta dilatar-se, mas ainda grandemente modificado pelas influencias da erudição classica. Desde o meado do seculo XVI principiava o periodo da nossa rapida e profunda decadencia, e os engenhos claros e robustos viam a necessidade de recordar aos animos degenerados e abatidos que havia ahi uma herança honrada de avós, a qual era preciso salvar. Até então o escrever a historia fora uma especie de serviço publico: os reis nomeavam um homem que pusesse em escriptura os successos dos proprios reinados ou dos seus immediatos antecessores: o chronista exercitava um cargo do estado. Desde as chronicas, porém, de Christovam Rodrigues Acenheiro, que vivia no reinado de D. João III, até a publicação dos primeiros dous volumes da Monarchia Lusitana, que é como a inscripção estampada na campa das nossas grandezas, a historia não só cada vez perde mais, digamos assim, o caracter de registro publico para se converter em materia de livre erudição particular, mas tambem refoge do triste espectaculo que passava diante dos olhos do historiador, para ir buscar nas memorias nacionaes de outro tempo materia mais grata de estudo e tradições que reanimassem a perdida energia do povo. Apparecem então, debaixo de diversos titulos, as primeiras tentativas de historia geral do paiz. Taes são as chronicas de Acenheiro e Nunes de Leão, os

Elogios dos Reis de Brito, a Varia Historia de Pedro de Marís. E resumindo o pensamento do seu tempo, Camões nos Lusiadas, dedicados ao descubrimento da India, lança com o pincel divino os lineamentos principaes das nobres recordações da idade média.

Mas no complexo das doutrinas daquelle tempo acham-se incorporadas as duas idéas, até certo ponto oppostas, da erudição classica e das tradições patrias. A primeira modifica-se pela segunda, e d'ahi nasce, em nosso entender, uma nova tendencia historica. É a de aproveitá-las ambas e de fundi-las num corpo homogeneo. Nos escriptores gregos e romanos encontravam-se importantes noticias sobre a Hespanha antiga, sobre os povos que a habitaram ou dominaram; sobre os seus costumes, guerras, e mais successos. As passagens relativas a essas materias estudaram-se, compararam-se, esclareceram-se por longas e attentas investigações, e os annaes das raças que tinham precedido o estabelecimento das nações modernas da Peninsula poderam tecer-se aproximadamente. Restava buscar um fio que prendesse as duas grandes epochas e as fizesse depender logicamente uma da outra; isto é, restava buscar um povo, uma tribu, uma familia, fosse o que fosse, que remontando aos tempos mais affastados podesse considerar-se como origem e tronco da nação portuguesa e esta, não como uma nova sociedade constituida com diversos elementos, mas sim como uma transformação ou modificação daquella. Desse modo a nacionalidade e a erudição ajudavam-se mutuamente e confundiam-se numa idéa só em relação á historia. As diligencias para obter este resultado foram coroadas apparentemente de bom successo, e á força de aproveitar algumas verdades e muitas fabulas, e ao mesmo tempo de attribuir a diversos factos um valor que

elles não tinham, a gente portuguesa achou-se em breve uma das mais antigas do universo, descubrindo o seu berço nos cimos do Ararat, donde os filhos de Noé desceram a repovoar a terra.

André de Resende, o maior e mais judicioso antiquario português do seculo XVI, no seu famoso tractado das Antiguidades Lusitanas, escripto na lingua latina, deu grande impulso a essa applicação do estudo da litteratura grega e romana a illustrar a historia e, principalmente, a geographia antiga do occidente da Peninsula. Os quatro livros *De Antiquitatibus Lusitaniae* são o nosso mais antigo quadro das tribus que estanceavam entre o Guadiana e o Douro na occasião da conquista romana, bem como o são das divisões civis do territorio, da sua hydrographia interior e da situação das cidades e povoações que outr'ora aqui existiram. A obra de Resende, embora contenha emendas importantes ás opiniões recebidas a semelhante respeito, nem por isso deixa de representar no essencial essas opiniões. Ahi a Lusitania antiga acha-se associada com Portugal de tal maneira, que as palavras *lusitani* e *Lusitania* ora significam as tribus e o tracto de terra assim denominados pelos romanos na occasião da conquista, ora a provincia que estes estenderam até o rio Ana ou Guadiana e sua varia população, ora, finalmente, os portugueses e o nosso territorio, cujos limites são totalmente diversos. Estas idéas, distinctas entre si, confundem-se inteiramente no livro de Resende, cujos estudos eram determinados pelos dous impulsos encontrados a que nos temos referido, o da erudição classica e o do sentimento de nacionalidade. São ellas que introduzem uma especie de anarchia no plano do livro das Antiguidades, aliás excellente nas particularidades da sua execução

Na epocha, pois, de Resende, isto é, pelo meado do seculo XVI, a idéa, contraria aos factos, de que existia certa especie de unidade nacional entre a nação portuguesa e uma ou mais tribus dos celtas hespanhoes conhecidos pelo nome de lusitanos estava fortemente radicada entre os escriptores, que a haviam recebido sem exame, lisonjeados com o lustre que criam vinha á sua patria deste parentesco, tão nobre pelo remoto como pelas façanhas daquelles guerreiros selvagens que tomavam por avós. Para bem conhecer que foi o gosto da erudição classica que fez remontar a nossa historia a eras e a povos que nella naturalmente não cabiam, e que, porventura, a supposta conveniencia de substituir um nome conhecido entre os escriptores da idade aurea ao nome latino-barbaro dos *portugalenses* tem legado aos que tractam da historia portuguesa o improbo e inutil trabalho de encher grossos volumes com os successos reaes ou imaginarios de uma successão de seculos anteriores á existencia da nação; para bem conhecer, dizemos, quanto a violenta associação de que falamos foi devida á influencia exaggerada do renascimento é digno de notar-se, não só o silencio de todo o genero de monumentos historicos da nossa idade média ácerca desses chamados tempos primitivos, mas tambem que a denominação latina de *lusitani* só começa a ser-nos applicada no ultimo quartel do seculo XV (1), isto

---

(1) Lucas de Tuy, no livro 4.º do *Chronicon Mundi* ainda, na verdade, usa promiscuamente, e com alguma confusão, das palavras *Lusitania*, *Portugalis*, quando fala das conquistas de Fernando Magno na provincia hoje da Beira; mas do contexto do seu livro se conhece que elle pretendia exprimir alli pela palavra *Lusitania* a parte da antiga provincia deste nome, que se dilatava ao sul do Mondego,

é, quando o ardor dos estudos classicos e a invenção da imprensa tinham feito commum no occidente da Europa a leitura dos historiadores e geographos gregos e romanos. De feito, o mais antigo uso dessa denominação parece poder collocar-se entre 1460 e 1490. Mestre Mattheus de Pisano, um dos homens mais instruidos daquelle tempo e que fora chamado a Lisboa pela sua erudição latina para escrever nesta lingua a historia da guerra de Ceuta, compôs o seu livro pelos annos de 1460. Ahi, tendo quasi a cada pagina de mencionar os portugueses, constantemente usa da palavra *portugalenses*, o que mostra quão longe se estava ainda nessa epocha de se julgarem equivalentes as de lusitano e de português, não se podendo attribuir este uso constante a ignorancia; porque falando do Douro e de Faro, diz ser

---

e que ainda ficou possuida pelos sarracenos depois das conquistas de Fernando Magno. *Portugalis*, na passagem a que alludimos, significa restricta e claramente a moderna provincia da Beira. Escrevendo pelos annos de 1236 (Esp. Sagr., T. 4, p. 211), epocha em que Portugal se achava já constituido com este nome ao sul da Galliza e no occidente da Lusitania, e tractando de um periodo em que ainda a denominação de Galliza se conservava por todo o territorio ao norte do Douro, o chronista via-se necessariamente embaraçado para exprimir as denominações geographicas de modo que fosse entendido pelos seus contemporaneos, que nestas partes só conheciam o reino de Portugal. Devia augmentar-lhe o embaraço o ter pouco antes dicto, e com razão, que os dominios de Fernando Magno chegavam até os ultimos limites da Galliza, que do seu proprio livro se via serem no Douro. Em nosso entender, elle procurou evitar todas essas difficuldades chamando exclusivamente Portugal á Beira-alta, e Lusitania ás provincias ao sul do Mondego : o que, porém, é certo é que nem uma só vez elle denomina *lusitanos* os habitantes de algum dos districtos ou provincias desta parte da Hespanha.

aquelle um rio celebre e esta uma cidade, ambos da Lusitania, o que, segundo as divisões da Hespanha romana, as quaes provavelmente Mattheus de Pisano conhecia melhor que as modernas, é de perfeita exacção. O primeiro escriptor, conhecido por nós, que usou da palavra *lusitani* para designar os portugueses foi o desgraçado bispo d'Evora D. Garcia de Meneses, victima desse mesmo amor exaggerado das cousas romanas que fez triumphar o poder absoluto de D. João II da organisação politica da idade média, e que, em litteratura, levava aquelle prelado a dar aos seus compatricios o nome collectivo de uma porção de tribus celticas da antiga Hespanha (1). Nas composições, porém, de Henrique Cayado e de Cataldo Siculo, escriptas nos fins do seculo XV (2), e nas subsequentes de Ayres

---

(1) É, de feito, na oração recitada perante Sixto IV em 1481 que encontramos pela primeira vez tal designação. O editor deste famoso discurso, Gaspar Barreiros, nos adverte que o cardeal Sadoleto admirava a pureza do latim de Meneses e ainda mais que, sendo elle um homem do *fim do mundo* (extremis orbis partibus) escrevesse tão bem em latim na epocha em que apenas na Italia se acharia um ou outro que alcançasse toda a pureza daquella lingua. E' curioso vêr o peso de razões e de erudição que Barreiros desbarata para defender tres vocabulos não rigorosamente latinos que o orador introduzira no seu discurso. Estes tres abominaveis vocabulos que punham mancha no latim de Meneses eram *zelus*, *catholicon* e *substantia*, os quaes haviam desagradado aos eruditos. O prologo de Barreiros á oração do bispo d'Evora é a prova mais evidente do que levamos dicto sobre a influencia que a idolatria das letras romanas teve na falsa luz em que veio a collocar-se o systema da nossa historia.

(2) As obras de Cataldo Siculo saíram impressas em Lisboa em 1500 ou 1501, livro rarissimo do qual só conhecemos o exemplar da Bibliotheca Publica do Porto. As de Cayado vem incluidas no *Corpus Poetarum* do P. Reys.

Barbosa, Pedro Margalho (1), Goes, Osorio, etc., as palavras *lusitani* e *Lusitania* tornam-se constantes para representar os portugueses e o seu territorio. Na lingua vulgar o uso destes vocabulos só vem mais tarde; todavia, nos fins do seculo XVI estava de todo generalisado. A idéa do parentesco entre portugueses e lusitanos passava por incontrastavel, e o livro de Resende é, como dissemos, a completa expressão dessa idéa. Todavia ainda isto não bastava : devia vir Fr. Bernardo de Brito para a exaggerar até o absurdo. Foi o que elle fez nos dous primeiros volumes do grande corpo historico chamado a *Monarchia Lusitana*. Aproveitando todas as noticias verdadeiras ou fabulosas achadas em escriptores genuinos ou suppostos, e ajunctando a isto alguns que os melhores criticos suppõem da sua lavra, escudado com elles passeou livremente, não só pelas epochas do dominio carthaginês e romano na Peninsula, mas ainda pelos tempos que reputamos ante-historicos. Tão imbuido estava o bom do monge da intima relação destes differentes tempos e differentes raças, que são expressões suas trivialissimas as de *Portugal* e *portugueses*, applicadas aos habitantes do occidente da Hespanha, não só no tempo dos celtas e do dominio carthaginês e romano, mas tambem nas eras fabulosas, que Brito enfeitou com todas as patranhas que lera ou que inventara. Assim a supersticiosa influencia da litteratura classica veio resumir-se a final num livro, permitta-se-nos dizê-lo, altamente ridiculo.

Mas apesar deste resultado, a idéa que se incarnara na historia era tão uniformemente reproduzida, estava tão inconcussa em todos os espiritos cultivados, casava-se tanto com as nossas preten-

(1) Em Leitão, Notic. Chronol. da Universid., p. 482 e seg.

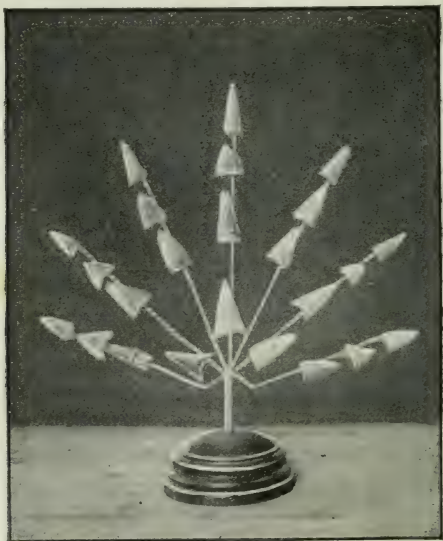
sões fidalgas a uma remota antiguidade, achaque trivial em todas as nações, que essa opinião triumphou até o presente. Quasi nos nossos dias tres homens eminentes, cujos serviços ás letras do seu paiz são indisputaveis, sacrificaram a este preconceito de vão orgulho nacional. Pereira de Figueiredo trabalhou largamente em illustrar as suppostas origens portuguesas e, tractando com o devido desprezo os sonhos de Brito, nem por isso deixou de levar as suas indagações até 1400 annos antes de Christo. Antonio Caetano do Amaral, nas suas importantes Memorias sobre a historia das instituições portuguesas não julgou poder esquivar-se a começar por expòr-nos as leis, usos e costumes dos lusitanos desde que as guerras dos carthagineses e dos romanos os tornaram mais conhecidos. Mello Freire, postoque motejasse os historiadores que tinham remontado a Tubal, o filho de Noé, para tecerem a genealogia da nação portuguesa, lá foi na sua historia da nossa jurisprudencia indagar o direito publico e privado da Lusitania antes e depois da conquista romana para d'ahi começar o seu aliás excellente livro. Finalmente a opinião de que somos os successores e representantes dos lusitanos não só se firmou e perpetuou entre os eruditos, mas tambem se tornou por fim uma crença nacional e quasi popular que difficultosamente se poderá desarreigar do commum dos espiritos.

Rejeitando do nosso trabalho, como estranha a elle, a historia de todas as raças ou sociedades de qualquer parte da Hespanha anteriores á existencia da nação portuguesa como individuo politico, cumpria que nos fizessemos cargo do systema até aqui recebido e que expusessemos preliminarmente as considerações que nos obrigam a limitar-nos ao que é rigorosamente historia de Portugal, que mais pro-

gressos houvera porventura feito, se não se tivessem malbaratado tantos estudos e tantos talentos historicos verdadeiros em averiguações. não diremos absolutamente ociosas, mas, pelo menos, inuteis para illustrar as recordações daquelles que devemos em realidade considerar como nossos maiores.

A palavra nação representa uma idéa complexa. Aggregações de homens ligados por certas condições, todas as sociedades humanas se distinguem entre si por caractéres que determinam a existencia individual desses corpos moraes. Muitos e diversos são estes caractéres, que podem variar de uns para outros povos; mas ha tres pelos quaes commummente se aprecia a unidade ou identidade nacional de diversas gerações successivas. São elles — a raça — a lingua — o territorio. Onde falta a filiação das grandes familias humanas suppõe-se ficar servindo de laço entre os homens de epochas diversas a semelhança de lingua e o haverem nascido debaixo do mesmo céu, cultivado os mesmos campos, vertido o sangue na defesa da patria commum. E na verdade, fóra destas tres condições, a nação moderna sente-se tão perfeitamente estranha á nação antiga, como á que nas mais longinquas regiões vive affastada della.

Todavia estes caractéres não têem um valor real senão á luz historica. A distincção entre as sociedades humanas funda-se, como todos sabem, em circumstancias muitas vezes diversas destas. É, porém, historicamente que nós consideramos a nação portuguesa, e é por isso que nos importa indagar se entre ella e um dos povos ou uma das tribus que habitaram outr'ora na Hespanha existe um ou mais desses pontos de contacto, que nos obriguem a ir entroncar a nossa historia em successos que nos parecem inteiramente alheios a ella. Na

especialidade que nos interessa, o povo desde o qual os historiadores têem tecido a genealogia portuguesa está achado — é o dos lusitanos. Na opinião desses escriptores, através de todas as phases politicas e sociaes da Hespanha, durante mais de tres

2. — Pontas de seta, de silex, encontradas no castro de Pragança (Cadaval). (*Museu Ethnologico português.*)

mil annos, aquella raça de celtas soube sempre, como Anteu, erguer-se viva e forte, reproduzir-se immortal na sua essencia, e nós os portugueses do seculo XIX temos a honra de ser os seus legitimos herdeiros e representantes. Pede a boa ordem que principiemos por examinar qual era esta gloriosa

Cornu Trileucum
Pr Nerium
IRIA FLAVIA
Insulæ Aunios
Insulæ Siccæ
VICUS SPACORUM
Pr Arvium
TYDE
Pelagia insula
BRIGANTIA
AQUÆ FLAVIÆ
BRACARA
CALE
LUSITANIA
CALLAECIA
LONGOBRIGA
CIVITAS ARAVORUM
SLELISA
SALMANTICA
Vacua flumen
(VESEO)
MIROBRIGA
AEMINIUM
Munda ou Monda flumen
CONIMBRIGA
IGAEDITANI
CAURIUM
CAPERA
COLIPPO
Londobris Insula
EBUROBRITIUM
ESCALABIS
ARITIUM VETUS
AMMAIA
NORBA
TURGALIA
MESOPOTAMIA
BURDUA
Pr Magnum (Vel Olisiponense)
OLISIPO
EQUABONA
CÆTOBRIGA
EBORA
Pr Barbarium
Ana flumen
METALLUM VIPASCENSE
SERPA vel SIRPA
Poctanion insula
Patulus portus
MYRTILIS
AGER TARTESIUS
CYNETICUM
BAESURIS
Cyneticum iugum
Agonis
Pr Sacrum
Cautes Sacra
OSSONOBA
PORTUS HANNIBALIS
MAPPA
da LUSITANIA PROTOHISTORICA

Tomo I, Pag 43.

raça de antepassados nossos e os territorios que habitava, para depois vermos se, no caso de não existir entre ella e nós ao menos a communidade de territorio, subsistem as relações mais caracteristicas de familia e de lingua.

Nos tempos primitivos (1), a Hespanha parece ter sido povoada por duas migrações successivas da Asia, a dos iberos ou melhor euskaldunac, e a dos celtas ou antes celticos (2). Tanto a lucta como a associação das duas raças produziram no territorio central da Peninsula as tribus mixtas denominadas celtiberos. Os celticos ficaram formando cinco grupos principaes de tribus barbaras : os cantabros, asturos e vasconios ao septemtrião ; os callaicos e os lusitanos ao occidente. Occupavam estes ultimos, segundo Strabão, o territorio cercado pelo oceano ao norte e poente e limitado ao sul pelo Tejo. Ao oriente é difficil determinar as suas fronteiras, que

---

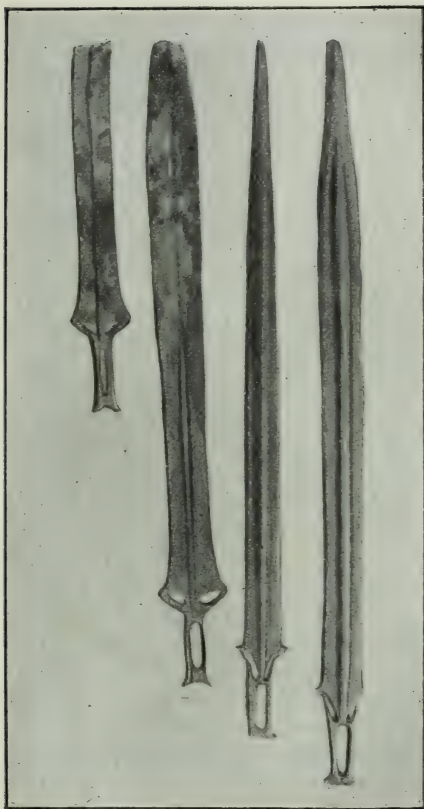
(1) Quem quizer examinar as innumeraveis conjecturas, hypotheses e systemas ideados ácerca dos tempos primitivos da Hespanha, consulte os primeiros volumes da *Historia Critica de Hespanha* de Masdeu, e as suas respostas ás impugnações de Traggia (T. 17) ; as *Dissertações* do padre Pereira de Figueiredo (Mem. da Acad. de Lisboa, T. 9) ; Dunham e Depping em Paquis, *Histoire d'Esp. et du Portug.*, T. 1, Introduct. ; Romey, *Hist. d'Esp.*, T. 1, c. 1 e T. 2. App. ; Rosseeuw Saint-Hilaire, *Hist. d'Esp.*, T. 1, c. 2 ; e a obra de W. Humboldt, *Prüfung der Untersuchungen über die Uhrbewohner Hispaniens.*

(2) Humboldt estabelece como regra geral, que os antigos denominavam *celtae* os das Gallias e *celtici* os de Hespanha, apesar de que Strabão (L. 3, p. 203, edição de Amsterdam de 1707, notis varior. 2 vol. fol.) tambem denomina estes Κέλτοι, postoque geralmente use da fórma Κελτικοί. Antes, porém, de Humboldt, já Resende era de opinião (*De Colonia Pacensi* na Hispan. Illustr., T. 2, p. 1000) que esta ultima leitura se deve seguir constantemente, opinião adoptada por Casaubono.

se dilatavam muito além das nossas raias orientaes. Sobre o que não resta duvida é que pelo meio-dia os limites da Lusitania apenas chegavam originariamente á margem direita do Tejo (1). O geographo grego hesita, porém, em attribuir aos lusitanos o territorio da moderna Galliza e d'Entre-Douro e Minho; porque, posto numa parte os supponha estanceando até o promontorio Nerio ou Celtico (Finisterra), faz noutras passagens occupar as margens do Lima por uma migração dos celticos (2) (turdetanos e turdulos), que habitavam ao longo do Guadiana pelo Algarve e Andalusia e em parte do Alemtejo. Reina na sua descripção deste tracto da Peninsula tal confusão, ora fazendo os callaicos lusitanos, ora distinguindo-os, ora incorporando debaixo desta denominação uma parte daquelles, que evidentemente se conhece quão incertas eram as suas idéas sobre as antigas distincções das tribus celticas depois da conquista romana e da divisão politica da Peninsula feita por Augusto, tempo em que já escrevia Strabão. O que é certo é que nessa nova divisão a Lusitania mudou inteiramente de limites. Estes fixaram-se ao norte no Douro, ao sul no Guadiana, e dilataram-se pelas terras sertanejas. Pelo oriente ficaram, porém, ainda incertos para nós os verdadeiros limites da Lusitania, sendo assás provavel a suspeita de Cellario, de que, segundo as conveniencias da administração, a linha oriental se alargasse ou incurtasse debaixo do

---

(1) A Tago versus septemtrionem Lusitania: Strabo, L. 3. — Tago transmisso lusitani *finitimos* infestarunt: Ibid. — Veja-se Resende: De Antiquitatibus, L. 1, f. 4.

(2) Ferunt inter hos celticos do Guadiana), et turdulos, cum fecissent expeditionem eo, Limaeo flumine transito,... mansisse illos ibi dispersos: Strabo, L. 3.

3. — Espadas de cobre e bronze encontradas no Alemtejo.
(Museu Ethnologico português.)

governo dos differentes imperadores romanos (1). O que, porém, se deduz evidentemente de todos os geographos antigos, tanto daquelles que falaram da Lusitania antes da conquista romana, como dos que só tomaram por fundamento as divisões estabelecidas por esta, é que os territorios a que se deu tal nome se estendiam pelas provincias hespanholas muito além das modernas fronteiras orientaes de Portugal (2), ao passo que na primeira epocha não passavam, pelo sul, além do Tejo, e na segunda findavam ao norte do Douro.

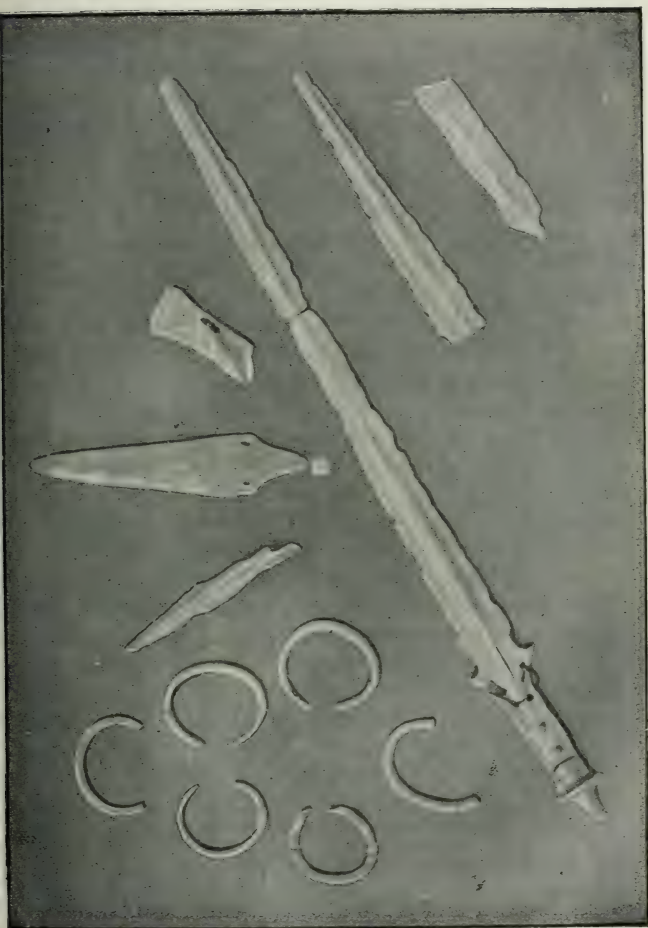
Assim, nos tempos da independencia celtica e do dominio romano o territorio da Lusitania, abrangendo de leste a oeste uma extensão mais que duplicada da largura actual do nosso paiz, dilatava-se a principio, talvez, até a extremidade septemtrional da Galliza, emquanto ficava fóra della metade do Alemtejo e do Algarve, e depois de abranger estas provincias, menos a porção do nosso solo além do Guadiana, o qual ficou sempre pertencendo á Betica, perdia tudo o que jaz além do Douro até o cabo de Finisterra, isto é, metade da sua superficie, suppondo com Strabão que lhe pertenciam os territorios além deste ultimo rio.

É pois evidente que o Portugal moderno está mui longe de representar geographicamente a Lusitania antiga. Vejamos agora se os portugueses serão na realidade os successores das tribus celticas derramadas pelo occidente da Peninsula.

Dizemos tribus, porque essas que por abstracção historica olhamos como um só povo não eram menos de trinta, espalhadas desde os artabros,

---

(1) Cellar., Notitia Orbis antiqui, 2, c. 1.

(2) Latus... ortivum carpetani, vettones, vaccaei et callaici : Strabo, L. 3.

4. — Adaga e pontas de lança de bronze encontradas na Beira. (*Museu Ethnologico portuguès.*)

vizinhos do promontorio Nerio, até o Tejo (1). Destas tribus celticas alguns nomes nos conservaram os escriptores antigos (2). A denominação geral acaso proveio do nome dos lusones (que Strabão colloca juncto das fontes do Tejo, e que talvez eram de origem phenicia) completado pela terminação punica *tan* vulgar na Peninsula, e que os romanos adoptaram nas designações chorographicas desta região (3).

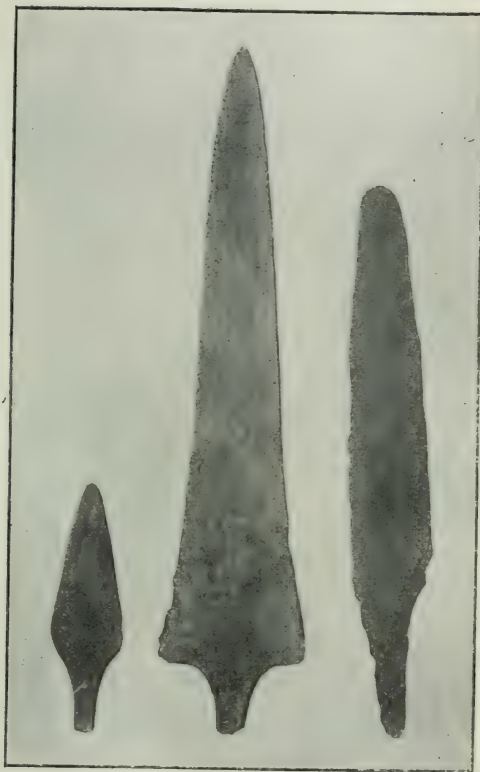
Quem lê desprevenidamente os escriptores antigos e os modernos que aproveitaram as suas affirmativas, frequentemente disparatadas e algumas vezes oppostas, para sobre ellas edificarem os systemas mais contradictorios ácerca da divisão dos povos da Hespanha, só póde tirar uma conclusão sincera : é que em tal materia pouquissimos factos têem o grau necessario de certeza para serem considerados como historicos. Entre estes ha, todavia, um, que é indubitavel. Quando os carthagineses entraram na Peninsula. não só as duas raças mais antigas, os iberos e os celtas, se achavam confundidas nos territorios centraes, mas tambem as tribus das orlas do mar e ainda os celtas e celtiberos do sertão se tinham misturado com os phenicios e gregos, principalmente com os primeiros, cuja influencia na população foi tamanha que ficou predominando até hoje no paiz o nome que elles lhe puseram (4). De feito, os phenicios se haviam

---

(1) Gentes sunt ad XXX. quae regionem inter Tagum et Artabros incolunt : Id. Ibid.

(2) Plinii, N. Hist., L. 4, c. 20 e 21.

(3) Romey, T. 1, c. 1. — Lusones ad fontes Tagi pertingentes : Strabo, L. 3.

(4) *Spania* de *Span*, cuja significação duplicada de *occulta* e *coelho* tem dado materia ás dissertações dos eruditos, dos quaes uns pretendem que da muita abundancia de

5. — Espadas de bronze e pontas de lança encontradas em Obidos.
(Museu Ethnologico português.)

apossado da melhor parte da Hespanha em tempos anteriores a Homero (1), emquanto pequenas colonias gregas se estabeleciam em diversos pontos maritimos, nomeadamente nas margens do Minho e do Douro, subindo pelas suas fozes (2). Estes diversos elementos de população, que deviam luctar e compenetrar-se em epochas que fogem ás indagações historicas, descobrem-se confundidos e ligados em epochas posteriores. É assim que a propria denominação de Lusitania indica o elemento phenicio e os nomes do Tejo (Tagus) e do Guadiana (Ana) são puramente daquella lingua (3), ao passo que nos nomes das

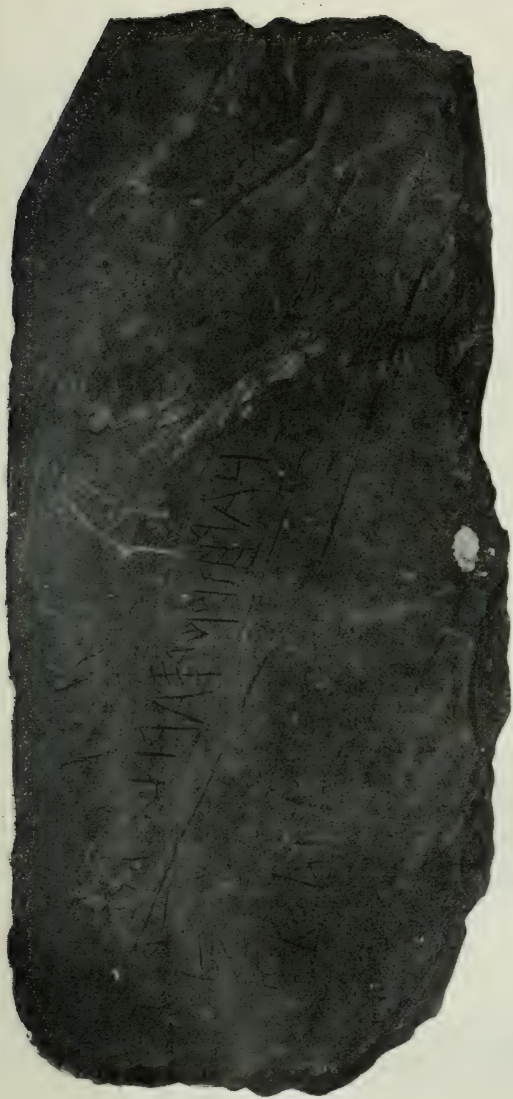
6. — Vasos gregos encontrados em Alcacer do Sal. (*Museu Ethnologico português.*)

---

coelhos viesse o nome á Hespanha; outros, e esta opinião é a geralmente seguida, de ser uma terra affastada e mal conhecida. Em todo o caso a origem de nome é phenicia.

(1) Qui (Phœnices) ante Homeri aetatem optima... Hispaniæ tenuerunt. Strab. 3.

(2) A Cilenis conventus Bracarum, Heleni, Gravii outros lêem *Gronii* castellum Tyde, *graecorum soboles omnia*. Plinii Natur. Hist., L. 4, c. 20.

(3) O erudito Bochart, foi o primeiro que indicou as

7. — Inscripção iberica do sul de Portugal. *(Museu Ethnologico portugues.)*

povoações predomina a fórma celtica *brig* ou *briga* e nos costumes apparecem vestigios da influencia grega (1).

Neste estado de associação de raças a conquista punica veio tornar mais completa a mistura. Os carthagineses, originariamente phenicios, tinham incorporado em si uma grande parte dos libyos ou mouros, formando a casta mixta conhecida pela denominação de *libyphenices* (2). A historia dos primeiros tempos do dominio desta republica na Peninsula é obscura : mas, quatro seculos antes da nossa era, esse dominio achava-se assás dilatado, e os filhos da Hespanha íam já verter o sangue em paizes estranhos para defenderem os interesses dos seus novos senhores ou alliados (3). Foi, porém, no III seculo antes de J. C. que a influencia carthaginesa se estabeleceu definitivamente áquem do Estreito por meio da conquista. A porção do moderno Portugal ao sul do Tejo habitada pelos turdetanos (celto-phenicios) e pelos celticos das margen do Ana, tentando resistir ao general de Carthago, Hamilcar, foi por elle subjugada. Os habitantes que escaparam constrangeu-os o carthaginês a fazerem parte do exercito vencedor, o paiz ficou assolado, e alguns restos dos seus naturaes espa-

---

muitas origens phenicias, que se encontram nas designações chorographicas da Peninsula. Destas são Tejo (Tagus) de *dagi* (piscoso), *Lusitania* de *luz* (amendoas) talvez *luzi* (cheio de amendoeiras). O rio *Ana* de *ana* (ovelha), *Olissippo* de *alisubbo* (bahia amena). Chanaan, L. I, c. 35, pag. 695 e segg.

(1) Laconica ferunt uti vitæ rationem. Strab. 3 — rito græco centurias victimarum... instituunt, Id. Ibid. — Matrimonia more græco contrahunt, Id. Ibid.

(2) Veja-se o cap. 25 do Liv. I do Chanaan de Bochart.

(3) Diodorus Sicul., Bibliotheca Hist., L. 5, c. 38 (T. I, p. 360 da edição de Wesseling).

lharam-se por outras partes. D'alli o exercito vencedor marchou contra os vettões e tribus da Lusitania que tambem recusavam a alliança ou antes o senhorio dos africanos. A resistencia desta foi mais viva e tenaz; mas terminou do mesmo modo que na Turdetania pela victoria de Hamilcar (1).

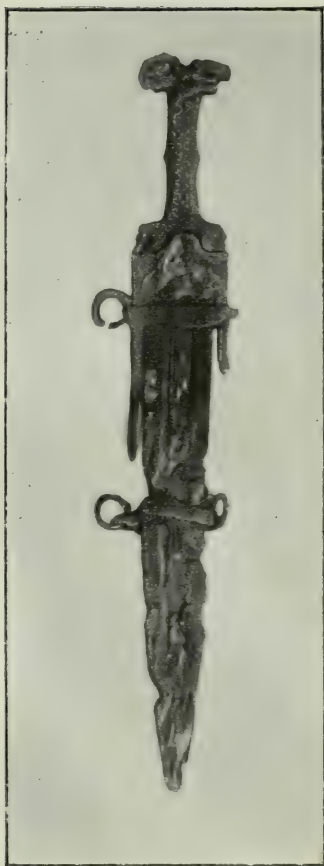
Morto Hamilcar no meio destas guerras de conquista, Hasdrubal seu genro e Hannibal seu filho proseguiram-na successivamente com vigor e destreza. Antes da expedição deste celebre general á Italia através das Gallias os carthagineses tinham sujeitado tudo áquem do Ebro; porque já no tempo de Hasdrubal elles pactuavam com os romanos que não ultrapassariam estes rios nas suas conquistas (2), o que era abandonar á influencia ou ao dominio de Roma apenas uma sexta parte da Peninsula. Foi aqui, onde dentro de pouco as duas republicas rivaes principalmente disputaram, em tres longas e sanguinolentas luctas, qual dellas devia perecer. Tanto nestas luctas, como nas guerras d'Africa e d'Italia, os exercitos carthagineses eram em grande parte compostos de hespanhoes, ao passo que as tropas africanas e as levas de celtas das Gallias e de ligures estanceavam uma e muitas vezes pelo territorio da Hespanha (3). O resultado disto é facil de adivinhar. « Dous poderosos auxiliares — observa um historiador moderno (4) — ajudaram Carthago nos seus designios de senhorear a Peninsula. Primeiro os mestiços nascidos do tracto dos colonos carthagineses com os indigenas, alliados

---

(1) Diodorus Sicul., Eclogæ, L. 25 (Ibid., T. 2, pag. 510) — Polyb., L. 2, c. 1 (ediç. d'Ernesto, 1764).

(2) Polyb., Historiar., L. 3, c. 27.

(3) A composição dos exercitos carthagineses póde ver-se em Polybio, L. 1, c. 67 e segg.

(4) Rosseeuw Saint-Hilaire, Hist. d'Espagne, T. 1, Intr., c. 3.

8. — Espada de ferro com restos de bainha, encontrada em Alcacer do Sal. *(Museu Ethnologico português.)*

naturaes que ella espalhara pelo solo da Hespanha para dispôr a conquista desta. Foram os segundos os mercenarios hespanhoes que serviam nos seus exercitos. E sabido que a infanteria celtibera, a cavallaria andalús e os fundibularios baleares constituiam o nervo das forças de Hannibal. Regressando á patria, estes mercenarios travaram com Carthago um sem numero de relações, de que esta soube aproveitar-se a beneficio do seu commercio e politica. »

Esse grande facto de assimilação da raça punica; essa como renovação do elemento phenicio que os carthagineses representavam, porque delle provinham, não foi particular a uma ou a outra provincia de Hespanha, mas abrangeu o centro, o oriente, o meio dia e

9. — Estatua de um guerreiro lusitano.
(Museu Ethnologico português.)

o occidente della. Os lusitanos, pois, que se distinguiram no serviço de Hannibal (1), não podiam evitar a sorte commum, e nesta provincia a raça punica alterou necessariamente ainda mais a mistura celto-greco-phenicia que anteriormente se havia operado.

Era, emfim, chegado o tempo em que o longo braço de ferro da republica romana devia cingir a Hespanha para só a arrojar de si exhausta e transfigurada nas mãos dos barbaros do norte. Durante a guerra de Hannibal em Italia, uma armada transportou a Ampurias (*Emporion*) as forças romanas capitaneadas por Cneu-Scipião. Os desastres e a morte deste e de seu irmão Publio trouxeram ao theatro da guerra o moço Scipião, chamado depois o africano. Em quatro annos (220 a 216 antes de J. C.) elle expulsou os carthagineses e voltou a Roma rico de triumphos, deixando subjugada esta provincia. D'aqui data a epocha da completa transformação da Peninsula.

A guerra da conquista romana durou por duzentos annos : a resistencia que os hespanhoes oppunham a este novo dominio persuade que as accusações de oppressão feitas contra os carthagineses são exaggeradas. Quando a lucta começou era a causa de Carthago, mais do que a propria, que elles defendiam. Isto vem confirmar o que acima dissemos; e é notavel que, ainda meio seculo depois da epocha em que Scipião se gabava de não ter deixado um só carthaginês na Hespanha, os lusitanos capitaneados por um homem dessa origem desbaratassem successivamente os exercitos romanos de Manilio e

---

(1) Quorum scil. *lusitanorum* forti opera usus fuerat Annibal, non modo in Hispania, sed in ipsa etiam Italia : Resend. Antiquitat., L. 1, fl. 33.

Pisão (1). Os odios mutuos que d'aqui nasceram protrahiram a guerra entre os novos senhores da Peninsula e os indigenas, muito depois de destruida Carthago. O genio militar do selvagem montanhês Viriatho tornou por alguns annos duvidosa a victoria de Roma nos territorios do occidente, mas, apesar de repetidos levantamentos, o dominio dos senhores do mundo civilisado firmou-se a final tranquillamente por toda a Peninsula, á excepção dos desvios dos Pyrenéus habitados pelos restos indomaveis da raça primitiva dos iberos, que nenhuma das invasões celta, phenicia, carthaginesa, podera domar ou corromper.

10. — Estatua de bronze que representa um soldado romano. *(Museu Ethnologico português.)*

Ajudada pela superioridade da sciencia militar, a superioridade da civilisação romana devia ter acção immensa nessas sociedades imperfeitissimas dos indigenas, aos quaes faltava o vinculo da unidade nacional e que, misturados com as raças phenicia, grega e carthaginesa, tinham tomado costumes, vocabulos

(1) Livius, Historiar., L. 28, c. 16 e 38, e L. 47, c. 28 e 35, Supplem., citado por Figueiredo, Mem. da Acad., T. 9, pag. 177.

e idéas de cada um destes povos, sem que esses elementos adventicios tivessem tempo sufficiente para se incorporarem perfeitamente no elemento celtico e formarem com elle um todo compacto e homogeneo capaz de resistir á influencia civilisadora de Roma. Esta não empregava só as armas para assegurar a sujeição dos paizes que subjugava; introduzia nelles as suas colonias, as suas leis, os seus costumes : trocava com elles até os deuses, recebendo os estranhos nos proprios templos, mas exigindo reciprocidade religiosa : dava a provar a esses homens rudes o luxo e os prazeres de que era mestra : recebia-lhes os productos da sua agricultura e industria, e interessava-os assim por muitos modos na existencia e prosperidade da grande republica. As consequencias deste systema em paizes de raças mais antigas e simples, como nas Gallias, foram uma assimilação quasi completa : o que seria, pois, na Peninsula, onde elle devia actuar com tanta mais força quanto é certo que a mescla das gentes, a variedade de origens nos usos, o encontrado e confuso das leis e tradições religiosas tornavam mais faceis as consequencias naturaes daquelle systema ?

A revolução de Sertorio, que por annos roubou grande porção de territorio hespanhol ao jugo de Roma, não destruiu a já adiantada conquista da civilisação romana. Um historiador moderno avalia como errada a politica desse homem extraordinario, que elle acusa de ter procurado plantar á força nesta nova patria que para si creara os costumes e leis da republica, em logar de favorecer a civilisação indigena, cujos germens já existiam no solo da Hespanha (1). Nós vemos a diversa luz o procedi-

(1) R. Saint-Hilaire. Hist. d'Esp., Introd., c. 4.

relativos á guerra

PENINSULA IBERICA
na epoca romana
MAR CANTABRICO
GALLIA
Golfo de Gallia
OCEANO ATLANTICO
MEDITERRANEO
MAR DAS BALEARES
ILHAS BALEARES
Montes Pyreneos
BETICA
Escala 1: 6.000.000
f fundada por — ✕ Batalha — ⊓ Cerco

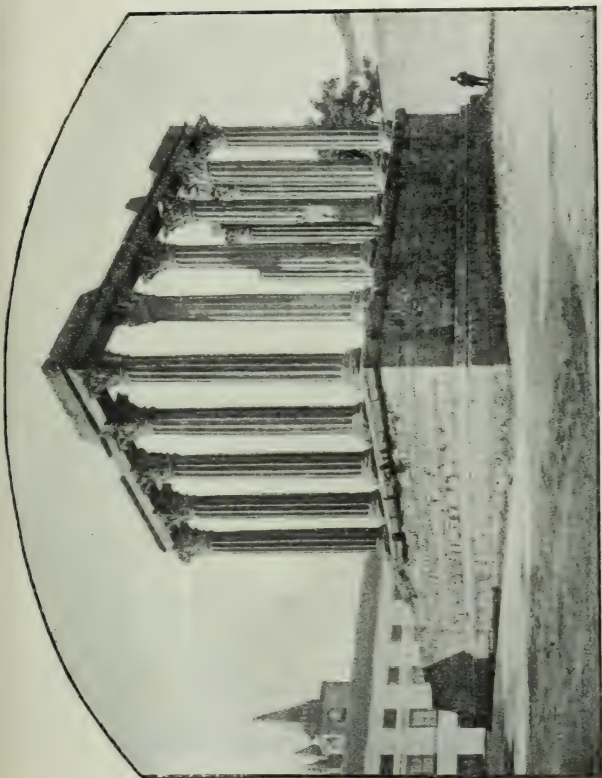
mento de Sertorio; vemos nisso uma prova da facilidade com que desde a epocha dos Scipiões até a delle a vida romana tinha adulterado, se tal expressão cabe aqui, esse composto não radicado de tradições celticas, phenicias, gregas e carthaginesas que constituia o modo de ser dos indigenas. Em vez de condemnar o procedimento de um individuo indubitavelmente grande e que conhecia melhor que nós a Hespanha do seu tempo, parece-nos mais natural deduzir desse procedimento o estado moral della. Suppondo que o accommodar a Peninsula ás fórmas sociaes romanas fosse violento para a população desta provincia, o erro de Sertorio, empenhado numa lucta perigosa com os seus compatricios, seria demasiado grosseiro para não lh'o havermos de attribuir de leve. O que é certo, porém, em qualquer das hypotheses, é que o illustre foragido romano converteu ou acabou de converter numa imagem da republica o paiz sobre que adquirira illimitado poder.

A Lusitania, a Celtiberia, e parte da Betica foram as provincias que Sertorio principalmente disputou a Roma (1). Chamado d'Africa pelos lusitanos para os capitanear, trouxe comsigo tres mil soldados daquellas partes; e os proscriptos, como elle, por Sylla abandonavam a Italia para se refugiarem na Lusitania. Os seus combates e victorias não vem ao nosso intento. O que nos importa são estas continuas migrações que se estabeleciam no paiz e que

---

(1) As cousas, relativas á epocha do predominio de Sertorio na Peninsula, acham-se no L. 1 de Appiano, em Plutarcho, no L. 3 de Floro, resumidas no L. 3 de Resende, e miudamente narradas em Romey, que, seguindo Masdeu, traça o quadro desses successos no T. 1, c. 5. da Hist. de Hespanha. — Vejam-se tambem os fragmentos de Sallustio relativos á guerra de Sertorio.

íam forçosamente cada vez apagando mais o typo celtico, ao passo que os indigenas se rareavam diariamente nas pelejas do seu novo chefe. Não era, porém, só isto. Sertorio armou, organisou e disciplinou á romana os proprios soldados, postoque com menos simplicidade; e Perpenna, que no meio das guerras civis reunira na Sardenha vinte mil homens, passando á Hespanha veio reforçar com elles o seu exercito. Obedecido por mais de setenta mil soldados italianos, hespanhoes e africanos e envolto na guerra com Pompeio e Metello depois da morte de Sylla, Sertorio não se esqueceu de por todos os modos converter a porção da Hespanha em que dominava numa imagem do Lacio. Ebora foi feita capital da Lusitania, Osca da Celtiberia. Um senado composto de trezentos senadores, todos romanos, representava o senado de Roma. Osca ficou sendo o centro da reforma intellectual, como Ebora o era da civil e politica. Na capital dos celtiberos estabeleceu-se uma como universidade, onde as litteraturas grega e latina eram ensinadas por mestres dessas duas nações. Só esta educação conferia aos hespanhoes o caracter de cidadãos romanos e ficava sendo assim o caminho dos cargos importantes. A affeição de Sertorio pelas cousas patrias não alterou a que os lusitanos lhe consagravam, o que, apesar do espanto que causa a alguns historiadores modernos, prova só que elle não se havia enganado presuppondo que os habitantes da Peninsula receberiam de bom grado as ultimas condições de uma civilisação mui superior á sua, a qual já anteriormente conheciam e tinham em parte acceitado.

Morto Sertorio pela traição de Perpenna, a Hespanha submetteu-se a Metello e Pompeio. D'ahi a poucos annos Cesar, pretor então na Lusitania, exigiu dos habitantes do Herminio (Serra da Es-

11. — Templo romano de Evora.

trella) que viessem viver nas planuras. Eram estes homens os que conservavam menos apagados os vestigios do celticismo, e a politica dos romanos consistia, como temos dicto, em trajar com os seus costumes todos os povos sobre quem imperavam. Os montanheses resistiram; mas o resultado daquella inutil resistencia foi o serem exterminados.

Seguiram-se as guerras civis de Cesar e Pompeio. Nesta lucta terrivel, primeiro acto do grande drama em que a republica se ía converter em monarchia, a Peninsula foi o principal theatro dos combates terrestres. As tropas romanas, compostas de homens de muitas partes da Europa, da Africa e da Asia e divididas entre os dous bandos, cruzaram por muito tempo em todas as direcções este solo que tanto sangue humano tem bebido. As batalhas succediam ás batalhas; os assedios aos assedios; as povoações destruidas ficavam ermas dos seus habitantes; e tudo isto servia não só para acabar com as ultimas e tenues barreiras que d'antes estremavam as tribus indigenas, mas tambem para cada vez tornar mais inextricavel a mistura de novas raças com a mescla já confusa dos antigos povoadores.

Se, porém, (não falando nos vasconios, sempre independentes e solitarios nas suas montanhas) alguns caractéres de nacionalidade iberica ou celtica, apesar dos factos politicos e sociaes que temos rapidamente apontado, subsistiam ainda, o systema administrativo de Augusto Cesar e dos seus successores, realisando de todo, postoque por diverso motivo, o pensamento civilisador de Sertorio, acabou de desvanecer forçosamente esses caractéres. A Peninsula, que durante o tempo da republica estivera dividida em duas grandes provincias, a Citerior e a Ulterior, foi de novo dividida em tres: a Betica, a

12. — Muralhas romanas de Condeixa a Velha (Conimbriga).

Tarraconense e a Lusitania. Depois Constantino Magno retalhou-a em cinco: Tarraconense, Carthaginense, Gallecia, Lusitania e Betica. Querem outros que esta divisão remonte ao tempo de Hadriano, talvez com pouco fundamento (1). Subdividiam-se as provincias em districtos ou *conventos*. No territorio do moderno Portugal caíam dos tres da Lusitania dous, e um dos tres da Gallecia: eram aquelles o de Béja e Santarem; este o de Braga. Ahi residiam os magistrados administrativos, judiciaes e militares. Das outras povoações as principaes eram as *colonias*, cujo nome está indicando a origem romana dos seus moradores, e os *municipios* que, gosando de quasi todas as vantagens das colonias, tinham o privilegio de se regerem, não pelo direito commum, mas por leis e instituições locaes e de lhes ser applicavel ao mesmo tempo uma grande parte do direito publico romano. Com o tempo esta distincção importante desappareceu, e na epocha de Hadriano só os eruditos sabiam qual era a differença essencial dos dous generos de cidades, porque os privilegios dos municipios se achavam de facto abolidos (2). Havia, além destas, as rarissimas povoações que parece terem sido habitadas exclusivamente por indigenas, ás quaes, talvez só porque

(1) Masdeu, Hist. Crit. d'España, T. 8, p. 12. A este sincero e erudito escriptor seguimos principalmente sobre a epocha do imperio; porque ninguem averiguou com tanta exacção os successos e instituições deste largo periodo da historia peninsular. Certos historiadores franceses recentes não têem feito senão aproveitar os seus immensos trabalhos, tractando-o, ás vezes, com uma sobranceria assás ridicula aos olhos dos homens judiciosos, que apreciam devidamente estas vaidades mesquinhas.

(2) Obscura oblitterataque sunt municipiorum jura, quibus uti jam per ignorantiam non queunt: Aulus Gellius, Noctes Atticæ, L. 16, c. 13.

13. — Muralhas romanas de Condeixa a Velha (Conimbriga).

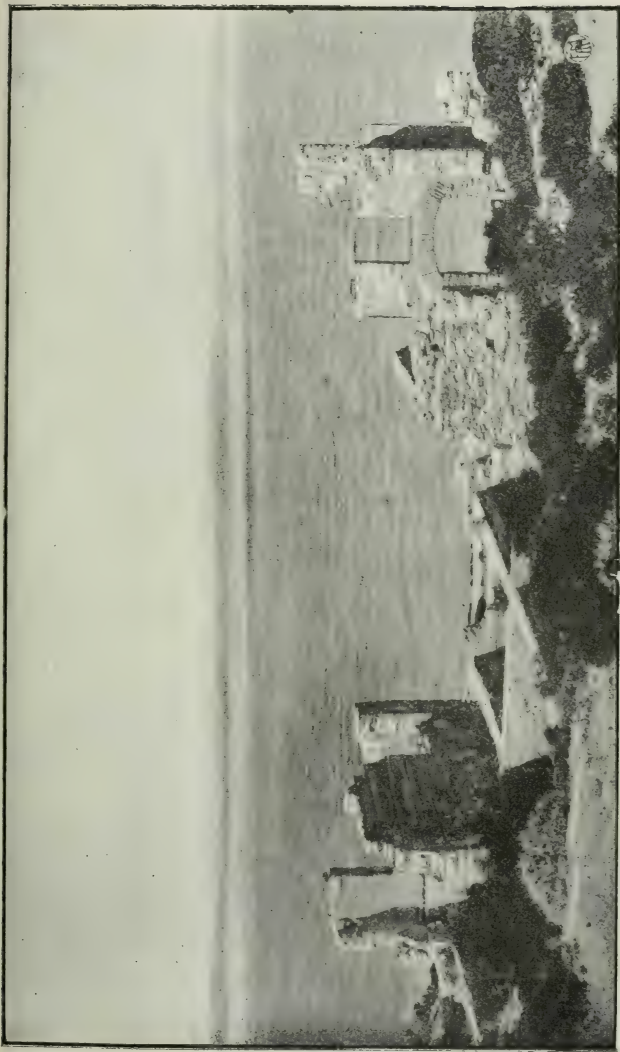
sem combate haviam acceitado o jugo romano, se concedera o titulo vão de *confederadas*. Eram as immediatas as *immunes* e as *estipendiarias*; aquellas exemptas dos impostos geraes; estas obrigadas a elles. As *contributas* correspondiam até certo ponto ás nossas aldeias, porque eram burgos dependentes de outras povoações mais importantes.

No presupposto, porém, de que as povoações a que se dava o nome de confederadas fossem debaixo do dominio romano o ultimo refugio das antigas nacionalidades, não é possivel imaginar que ellas bastassem para conservá-las no meio da transformação geral da Peninsula. Plinio transmittiu-nos uma noticia circumstanciada da distribuição relativa da população na Betica e na Tarraconense (1), e della podemos deduzir qual seria a da Lusitania. De perto de 500 povoações que as duas provincias encerravam 20 eram colonias e apenas 6 confederadas. Assim, na hypothese de que os habitantes destas ultimas pertencessem exclusivamente á raça mixta celtico-phenicio-punica, ainda não chegavam a corresponder a um terço da população exclusivamente estranha.

Note-se, todavia, que isto não passa de um presupposto. Se, como acima conjecturámos, o titulo de confederadas indica, nas cidades que o receberam, uma acceitação mais prompta e por consequencia mais antiga do dominio romano, ellas não seriam por certo aquellas cujos habitantes podessem ter melhor jus a considerar como estranhos os seus vencedores.

Mas fosse o que fosse, é certo que volvido apenas um seculo essas distincções haviam desapparecido. Vespasiano dava o *direito latino* a todas as povoa-

---

(1) Natur. Hist., L. 3, c. 1, 2, 3.

14. — Ruinas romanas de Troia, defronte de Setubal.

ções de Hespanha que ainda o não tinham, e dentro em breve Caracalla attribuia a dignidade de cidadãos romanos a todos os homens livres (1). No quarto seculo a cultura e ao mesmo tempo a corrupção de Roma abrangiam plenamente todas as provincias do imperio. O direito civil romano, que da capital se estendera pela Italia, invadiu as provincias, sem exceptuar a Grecia, que, como paiz grandemente civilisado, salvara a propria lingua, emquanto a latina, corrompendo-se mais ou menos, oblitterava as linguagens barbaras dos outros povos conquistados (2). Assim se formava uma só nação no occidente da Europa, nação que, transpondo os limites della, se estendia por vastas regiões da Africa e da Asia. A Hespanha, que fora a que mais energicamente resistira á assimilação, foi tambem a que mais completamente a acceitou. Entre os escriptores latinos illustres contam-se muitos filhos da Peninsula: as legiões romanas compunham-se em parte de hespanhoes; e vemos estes no senado, nos cargos mais importantes do imperio e até no throno dos cesares. Não deve, por isso, causar espanto que já na epocha de Tiberio, em que Strabão escrevia, os habitantes do centro e oriente da Hespanha pacificados e civilisados, como elle diz, tivessem recebido a fórma de viver italiana junctamente com a toga ou vestidura romana (3).

(1) Sobre a organisação social da Lusitania, no tempo dos imperadores, veja-se a Memoria 2.ª d'Amaral sobre a Historia da Legisl. e Cost. (Mem. de Litterat. da Acad., T. 2, p. 313); Lembke, Geschichte von Spanien, Einleitung, k. 1.

(2) Von Savigny, Geschichte des Roemichen Rechts in Mittelalter, I B. k. I, § 3 — Resendius, De Antiquit., L. 3, f. 140 — Idem, De Colonia Pacensi, na Hisp. Illustrata, T. 2, p. 1000 e segg.

(3) Pacatos jam populos, et mansuetis moribus, et cum toga formam indutos italicam: Strab. 3.

Grandes historiadores têem desenhado o sombrio e immenso quadro da dissolução do imperio dos cesares. Este resumia toda a civilisação antiga; resumia-a e continha-a em si. Essa dissolução havia acabado a tarefa que a providencia lhe destinara na obra do progresso humano. O christianismo profundara já as raizes na terra, vecejava aspergido com o sangue dos martyres, abrigava as sociedades com a sua vasta sombra e, tomando os membros desse cadaver gigante que se desconjunctava, ía preparando cada um delles para o converter num corpo social cheio de mocidade e de vida. Novas migrações desciam do septemtrião ao meio-dia da Europa para o renovar, como em tempos remotissimos tinham descido das chapadas interiores da Asia a povoá-lo. As legiões, a politica dos imperadores e a magestade do nome romano serviram por algum tempo de dique á invasão. Fora, porém, Deus que soltara a torrente. Era uma lucta sublime a da civilisação contra a barbaria; mas esta rompeu as barreiras. As hostes e as tribus selvagens do norte arrojavam-se por cima do imperio : a vaga seguia-se á vaga. Daquelle grande cataclysmo nasceram as nações modernas.

Situada no extremo da Europa e defendida pelas asperas serranias dos Pyrenéus, a Hespanha não se esquivou, apesar disso, á sorte commum das outras provincias romanas. Nos primeiros annos do seculo V, dividido já o imperio entre dous imperadores, o do oriente e o do occidente, e em um sem numero de bandos civis alevantados pelos ambiciosos, Geroncio, general romano que governava na Hespanha, tendo feito acclamar imperador um certo Maximo, abriu passagem pelas montanhas aos vandalos, alanos e suevos. Este successo mudou subitamente a sorte da Peninsula. Os vandalos e suevos

apossaram-se dos territorios da Gallecia e do que hoje chamamos Castella a velha; os alanos occuparam a Lusitania e a Carthaginense; os silingos, tribu vandala, fez assento na parte da Betica actualmente denominada Andalusia (1). A irrupção dos barbaros foi assignalada por todo o genero de devastações. Morreu gente innumeravel no primeiro impeto, antes que os ferozes conquistadores escolhessem as provincias em que haviam de estancear. A guerra associaram-se a peste e a fome. Chegou o povo á miseria horrivel de devorar carne humana, e as mães a cevarem-se nos cadaveres dos filhos. As bestas-feras saíam dos bosques e affeitas á carniça dos mortos avançavam a tragar os vivos. Então os barbaros dividiram entre si este paiz convertido quasi num ermo, estabelecendo-se em separado do modo que acima dissemos, e os restos dos habitantes das provincias invadidas por elles acceitaram o jugo dos vencedores (2).

Mas o povo que devia substituir esta primeira alluvião e estabelecer na Hespanha o seu dominio de tres seculos não tardou a transpôr os Pyrenéus. Os wisigodos capitaneados por Attaulfo invadiram a Peninsula. Por alguns annos durou a guerra destes

---

(1) Idatii Chron. na Espan. Sagr., T. 4, p. 353 e 354 — Zozimus, 6, 5. — Orosius, 7, 5, citados por Pfister, Geschichte der Teutschen, IB., S. 229.

(2) Barbari caede depraedantur hostili. Pestilentia suas partes non segnius operatur..... fames dira grassatur, adeò ut humanae carnes ab humano genere vi famis fuerint devoratae : matres quoque necatis, vel coctis per se natorum suorum sint pastae corporibus. Bestiae occisorum gladio, fame, pestilentia cadaveribus assuetae, quosque homines fortiores interimunt..... Hispani per civitates et castella *residui a plagis*, barbarorum per provincias dominantium se subjiciunt servituti : Idat. Cron., Esp. Sagr., T. 4, p. 354.

com os primeiros invasores; guerra de exterminio, qual devia ser entre gente feroz e de que ainda forçosamente foi victima uma parte desses rareados restos da antiga população. Wallia successor de Attaulfo atacou os alanos da Lusitania e os silingos da Betica, e depois de uma lucta de tres annos obrigou os que sobreviveram á destruição da sua raça a buscarem na Gallecia o amparo dos suevos. Wallia fizera paz com o imperador romano Honorio, e nestas guerras os wisigodos eram considerados como auxiliares do imperio. Incorporados os alanos e silingos com os suevos, estes, postoque independentes de facto, reconheceram a supremacia de Roma, e os wisigodos contentaram-se com o dominio do sul das Gallias. A paz era, todavia, impossivel. Os vandalos começaram logo uma como guerra civil com os suevos que os desbarataram; e elles, obrigados a saír da Gallecia, precipitaram-se de novo sobre a Betica. D'alli, passados tempos, transportaram-se para a Africa, restando apenas na Hespanha os suevos, com quem se haviam incorporado os diminutos restos dos alanos exterminados por Wallia. Logo, porém, que os vandalos abandonaram a Europa os suevos começaram a dilatar o seu imperio pela Lusitania e Betica, até que em continuas guerras com os romanos e com os wisigodos, já substituidos a elles no dominio da Hespanha, chegaram por fim a incorporar-se na monarchia wisigothica no tempo de Leuwigildo (1).

A população hispano-romana desapparecera em grande parte debaixo das espadas implacaveis dos

(1) Idat. Chron. ab anno 419 usque ad annum 450 — Romey, Hist. d'Espagne, T. 2, c. 11 e 13 — Rosseeuw Saint-Hilaire, Hist. d'Esp., L. 1, c. 1 — Mem. de Litter. da Acad., T. 6, p. 127 e segg.

barbaros; mas esses tenues restos della não se haviam geralmente confundido com os conquistadores. Os wisigodos, postoque os mais civilisados entre os povos germano-gothicos, conservaram por algum tempo nas suas instituições a linha divisoria entre si e os romanos. Por fim essa linha oblitterou-se. Facilitados os consorcios entre as duas raças, sujeitos todos os membros da sociedade ás leis de um codigo unico, e annulladas as distincções do direito gothico e romano (1), os habitantes da Peninsula, debaixo do nome de godos, constituiam, ao menos nas exterioridades, uma só nação quando a conquista arabe veio confundir ainda mais, se era possivel, aquella mistura inextricavel de homens de muitas e diversas origens.

Paremos aqui. No corpo do nosso trabalho teremos occasião de examinar quaes foram os elementos immediatos da moderna povoação das Hespanhas, especialmente da de Portugal. No rapido bosquejo das revoluções que por este solo passaram durante as eras antigas, quizemos habilitar o leitor despreoccupado para concluir o que elle já terá concluido; isto é, quanto seja difficultosa de conceber uma relação de nacionalidade commum entre nós e os lusitanos, ou outra qualquer tribu ou raça das que primitivamente habitaram na Peninsula. Estas primeiras migrações da Asia, iberos, celtas, ou o que quizerem, demasiado vizinhas da infancia do genero humano, não podiam ser numerosas. Atravessando a Europa sem nenhuns meios artificiaes de transito, hostilisando-se mutuamente em guerras que mal entram no dominio das affirmativas historicas, não deviam ter multiplicado a ponto de poder

---

(1) Codex Wisigothor., L. 3 tit. 1, l. 1, L. 2, tit. 1, l. 9.

a sua individualidade resistir ao contacto das colonias phenicias que lhes trouxeram os primeiros beneficios da civilisação. No longo dominio carthaginês a influencia punica foi por certo ainda mais profunda, e a conquista romana acabou quasi inteiramente com o celticismo. Não queremos dizer com isto que nenhuns vestigios se possam encontrar dos celtas. Existirão algumas ruinas das suas grosseiras moradas; algumas palavras da sua linguagem; talvez algumas aras broncas dos seus deuses quasi desconhecidos. Mas esses vestigios que proporção têem com os dos romanos que ainda encontramos por toda a parte e em tudo : na lingua, nos monumentos architectonicos, lapidares e numarios, nos costumes populares, nas instituições sociaes e leis civis, não restabelecidas pelo renascimento, mas conservadas através do dominio gothico e arabe? Que proporção têem sequer, com os poucos vestigios dos emporios gregos de que nos restam recordações nas paginas da historia? E remontando ainda mais longe, podem, ao menos, as reminiscencias celticas comparar-se com as dos phenicios e

15. — Ara consagrada ao deus celtico Endovelico. *(Museu Ethnologico português.)*

carthagineses, conservadas no antigo polytheismo hespanhol, nas collecções numismaticas, nas designações chorographicas e no que a tal respeito nos transmittiram os escriptores gregos e latinos? Da importancia relativa desses diversos vestigios, comparados com o que a historia nos relata sobre as varias populações que se foram sobrepondo umas ás outras nesta região por meio dos estabelecimentos commerciaes, conquistas e systemas politicos das grandes nações do mundo antigo, resulta para nós a persuasão de que ao acabar o imperio dos romanos, a nacionalidade dos anteriores habitantes da Hespanha, não sendo já, antes da entrada destes, simples e exclusiva, mas uma confusa mistura de diversos povos, acabou brevemente por delir-se e incorporar-se na forte nacionalidade romana. Os monumentos wisigothicos que nos restam dão-nos indirectamente a prova disto : quando os wisigodos queriam distinguir os individuos hespanhoes que não pertenciam á raça germanica, não achando entre esses homens um caracter, um signal que mostrasse nelles diversidade de origem, designavam-nos constante e uniformemente pelo nome de romanos : a romana e a gothica eram de feito as duas unicas sociedades que então existiam na Peninsula.

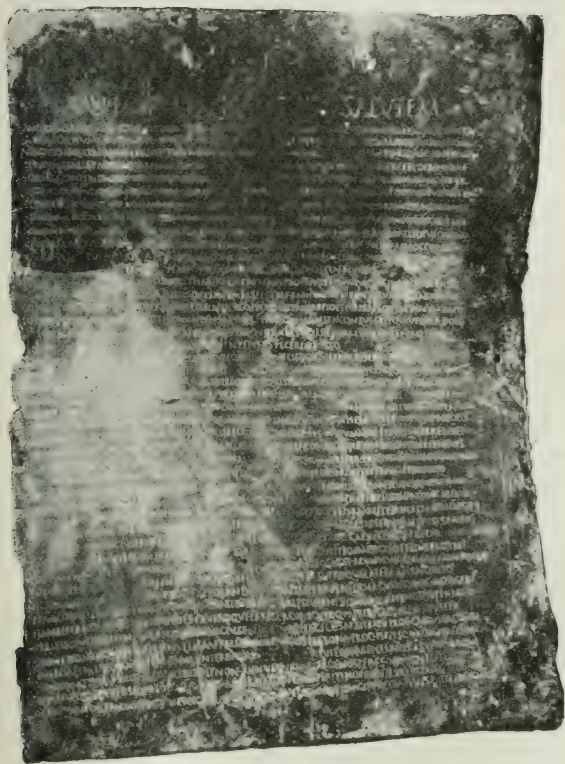
Apontámos acima entre os principaes vestigios da civilisação romana os da lingua. Apesar da rapidez com que devemos proseguir nesta introducção, mais larga necessariamente do que desejaramos, importa esclarecer aqui um facto. E o do predominio absoluto da linguagem dos romanos na epocha em que lhe succederam os wisigodos. A opinião de que o celtico se tem conservado no essencial das linguas da Hespanha, através de todos os successos politicos e sociaes durante muito mais de

vinte seculos, começou a correr entre nós ha annos com algum applauso. Esta voga proveio-lhe de certo apparato de razões philosophicas em que se estribou. Disse-se que a filiação das linguas se não devia deduzir da semelhança dos vocabulos, mas sim da indole dellas : procuraram-se provas, e até certo ponto acharam-se, de differenças e antinomias grammaticaes entre o latim e o português; e d'aqui se concluiu que esta ultima lingua conservava na intima essencia uma origem primitiva celtica. O monstruoso deste raciocinio apparece logo que se reduz á sua simplicidade; mas, involvido num grande numero de considerações e revestido da auctoridade de alguns factos que concordam com uma ou com outra das suas premissas, facil foi escapar a muitos que a conclusão não se continha nellas. Admittindo o principio, aliás falso, de que as filiações das linguagens humanas se devam exclusivamente buscar nas semelhanças de syntaxe, e concedido que na realidade se dão grandes differenças de indole entre o português e o latim, a consequencia legitima disso fora unicamente que deste não proviera aquelle. Para provar, porém, a sua origem celtica era necessaria mais alguma cousa : devia expôr-se a indole da antiga linguagem dos celtas de Hespanha e achar as analogias intimas entre essa linguagem e a nossa e o contraste de ambas com o latim. Eis o que se não fez e que é impossivel fazer-se. A hypothese de que o português procede do celtico tem a ruina na base. Essa lingua primitiva passou sem deixar monumentos : o que hoje subsiste é um certo numero de dialectos que se crêem celticos, mas cuja semelhança relativa com o idioma de que procederam ninguem ousaria determinar, tanto mais que entre elles se dão gravissimas differenças. E' o ersa, o gaelico, o armorico

ou o welsh o representante mais proximo do antigo celtico? Era esta uma lingua commum a todos os povos da mesma raça, ao menos dos que estanceavam pela Peninsula? Sobre estas duas questões apenas se poderão fazer conjecturas mais ou menos arriscadas e que, todavia, fora preciso resolver com clareza antes de converter a hypothese em these. Isso, porém, repetimo-lo, é impossivel, postoque uma passagem de Strabão (1), passagem de que aliás os defensores das origens celticas creram tirar vantagem, decidiria negativamente a segunda questão, se porventura se admittisse que o geographo grego alludia nesse logar a variedades da lingua celtica. Em tal caso importaria determinar de modo positivo qual dessas linguas diversas, de que se crê que elle fala, transfundiu para a nossa a sua indole.

Neste logar só nos cabe fazer sentir que os resultados da conquista romana se estenderam até a transformação dos idiomas da Hespanha, fossem elles quaes fossem. O modo como, através do dominio wisigothico, da invasão arabe e da reacção christan, se foi alterando a linguagem hispano-romana no occidente da Peninsula, até chegar a produzir dialectos differentes que se constituiram em differentes linguas, não cabe neste logar. Aqui só importa saber se o idioma dos romanos tomou ascendente decisivo sobre as linguagens mais ou menos barbaras e confusas que até então se falavam e que não podiam ser exclusivamente celticas, mas sim mescladas de iberico, celtico, phenicio, grego e punico, bem como o eram no sangue os habitantes

---

(1) Utuntur et reliqui hispani grammatica, non unius omnes generis : quippe nec eodem quidem sermone : Strab. Geogr., L. 3 pag. 204 da edição de Amsterd. 1707 notis varior).

16. — Taboa de bronze encontrada na mina romana de Aljustrel.
(Museu Ethnologico português.)

da Hespanha: mescla que ainda hoje encontramos nos vestigios dessas linguas, bem apparentes nos dous principaes idiomas modernos desta região, o português e o castelhano.

Dissemos acima « idioma dos romanos » e não « lingua latina ». Dissemo-lo mui de proposito. Quando se assevera que o latim se tornou a linguagem geral da Hespanha, affiguramo-nos que os hespanhoes repetiam vulgarmente os periodos eloquentes de Cicero ou usavam do estylo facil e harmonioso de Tito Livio ou que, emfim, guardavam as regras severas da grammatica latina com o mesmo escrupulo com que costumavam respeitá-las os bons escriptores do seculo de Augusto. Esta idéa errada basta por si a levar alguns espiritos a inclinarem-se para os sonhos do celticismo, persuadidos, e com razão, da impossibilidade de admittir semelhante idéa. O facto é, porém, outro. Em Roma o vulgo falava, sem duvida, de modo diverso daquelle que os escriptores usavam. Essa linguagem, que Suetonio chama *quotidiana* e Aulo-Gellio *rustica* (1), é denominada por outros auctores *pedestre*, *vulgar*, *simples* (2). Misturada de vocabulos desco-

(1) Quotidiano sermone, *quaedam*... usurpasse eum (sc. Octavium) litterae ipsius autographae ostentant... *baceolum*... *pulleiaceum*. . *vacerrosum*... *vapidè sese habere*...*betizare*... *lachanizare*. Item *simus* pro *sumus* et *domos* genitivo casu: Suet. Octav., c. 87 (ed. Ernesto 1775). D'aqui se vê que o povo não só usava de vocabulos estranhos á lingua litteraria, mas tambem alterava a declinação dos nomes e a conjugação dos verbos. E advirta-se que Augusto não escrevia na linguagem popular, mas apenas usava de algumas palavras della, *quaedam*. — Quod nunc autem barbarè quem loqui dicimus, id vitium sermonis non barbarum esse sed *rusticum* : Gellius, Noct. Att. L. 13, c. 6.

(2) Ducange. Glossar. Praefat., c. 28. — Augustinus: De Vita Beata, cit. por Cantú : *Stor. Univers.*, T. 8, pag. 485.

nhecidos nos livros, imperfeita no mechanismo dos verbos e nas desinencias dos casos, seguia-se-lhe d'ahi a necessidade de empregar as preposições mais frequentemente, para distinguir estes, e de uma ordem natural e sem inversão na successão das palavras (1); precisava, emfim, de alterar a indole, da lingua culta e de aproximar-se, quanto a essa indole, das fórmas mais simples que tomaram os idiomas modernos do meio-dia da Europa.

Esta linguagem popular era, porventura, em parte um resto da antiga lingua do Lacio conservada tenazmente pela plebe e alimentada pela accessão successiva dos povos da Italia á sociedade romana (2); em parte um resultado das conquistas. Nas longinquas e duradouras guerras da republica, as tropas romanas, vagueando por diversas partes, residindo por dilatados periodos no meio de estranhos, recrutando legiões inteiras entre estes, eram, saíndo de Roma e voltando a ella continuadamente, um vehiculo de palavras e phrases barbaras que tendiam a conservar a linguagem popular estranha á litteraria e, talvez, a affastar cada vez mais uma da outra. E, na verdade, já Cicero se queixava de que os estrangeiros, principalmente os celtas (*braccatae nationes*), affluindo a Roma, houvessem alte-

---

(1) Era por isso que Augusto, que aborrecia os discursos obscuros, não poupava, falando ou escrevendo, as preposições e conjuncções, segundo diz Suetonio (c. 86): *neque praepositiones verbis addere, neque conjunctiones saepius iterare dubitavit*. Ernesto, com Grevio e Gronovio, leu *urdibus* por *verbis*, o que nos parece não ter sentido. Suetonio alludia sem duvida aos discursos de Augusto e aos seus escriptos para o povo, nos quaes elle provavelmente falava a linguagem vulgar, seguindo a sua judiciosa doutrina de se fazer entender por todos, em vez de buscar phrases e palavras exquisitas.

(2) Cantú, Ibid., p. 472 e segg.

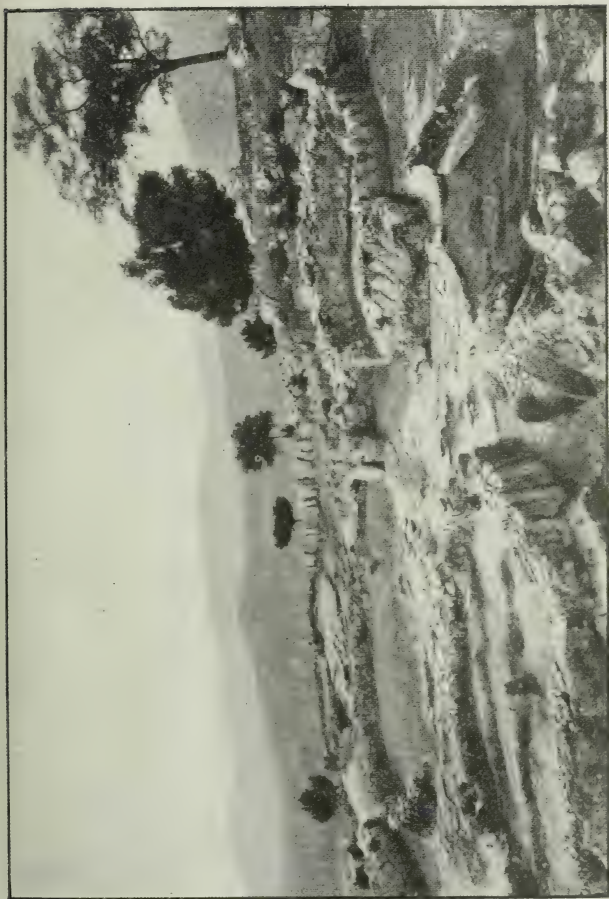
rado a pureza da dicção (1). Por outra parte a notavel differença da lingua plebeia á lingua escripta descobre-se nos monumentos mais antigos e nas palavras e locuções daquella, que, voluntaria ou involuntariamente, introduziram nas suas obras ainda os mais celebres auctores romanos (2).

Se o tracto com as nações barbaras teve poderosa influencia no idioma latino qual não devia ser a deste nos dos povos conquistados, quando um dos meios que a politica romana considerava como mais efficazes para consolidar o seu dominio era a introducção da propria linguagem? « Trabalharam — diz S. Agostinho — para que a altiva Roma não só impusesse o seu jugo aos povos vencidos, mas até a sua lingua depois de associados pela paz (3). » A organisação administrativa das provincias novamente adquiridas era, de feito, a mais conveniente para obter semelhante fim. Vimos anteriormente qual foi em geral na Hespanha essa organisação; mas para bem comprehender quanto ella era apropriada para romanisar, digamos assim, as gentes domadas pelas armas ou pelas allianças, fazendolhes esquecer até a linguagem nativa, não será fóra de proposito accrescentar aqui algumas observações ao que acima apontámos. A razão e o testemunho dos historiadores conspiram em persuadir-nos de quanto foi radical aquella mudança.

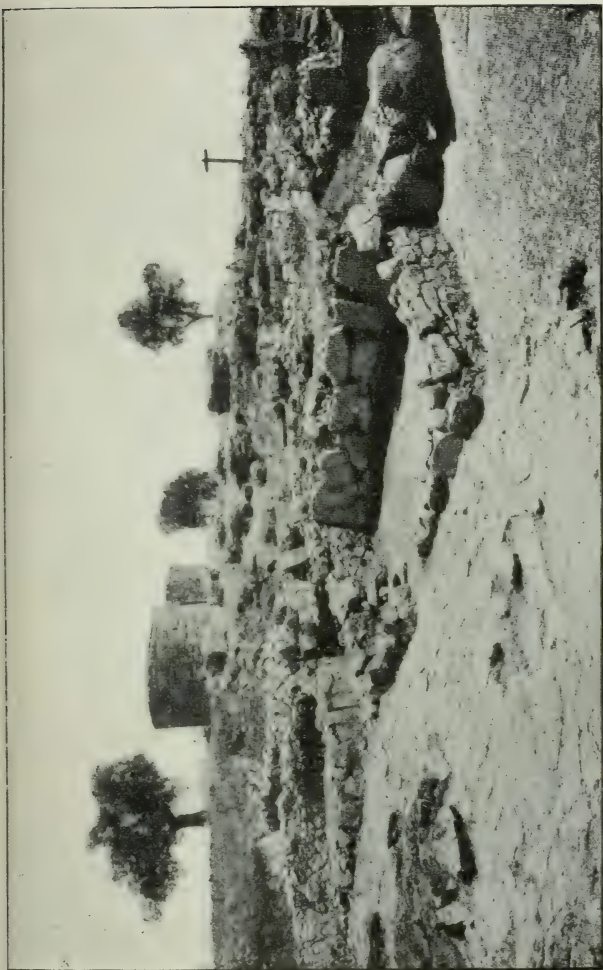
---

(1) De Orat., c. 5, n. 94.

(2) Quintilianus, Institut. Orat., L. 1, c. 9 — Quem quizer estudar mais largamente a materia consulte Hallam, *Europe in the middle ages*, c. 9 — Tiraboschi, *Storia della Letteratura Italiana*, T. 3, p. 1. Prefaz. (edição de Florença, 1806) — Ducange, Glossar. Praef. — as *Mémoires de l'Académie des Inscriptions*, T. 24, p. 482 e segg., e Cantú, *Stor. Univers.*, T. 8, c. 19 (Torino, 1842).

(3) De Civitate Dei, L. 19, c. 9, citado por Bonamy: Mém. de l'Acad. des Inscript., T. 24, p. 587.

17. — As casas circulares da Citania.

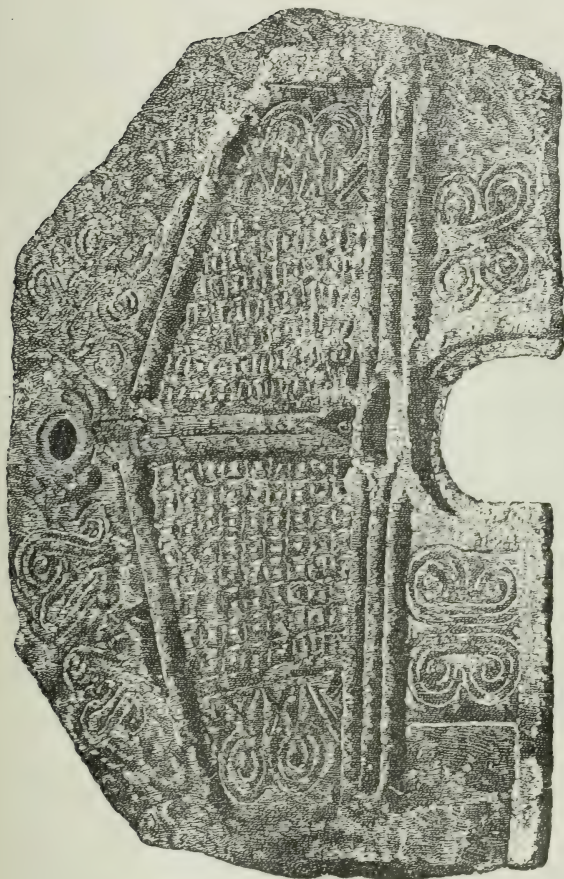
O systema de povoação dos romanos, como já ponderou um dos mais celebres historiadores modernos (1), era até certo ponto o inverso do nosso. Em todas as provincias sujeitas a Roma reflectia-se a vida social desta. O municipio, que fora a fórma de sociedade com que a republica nascera, vigorara e crescera, e que as revoluções interiores, a tyrannia dos cesares e, até, a invasão dos barbaros não poderam extinguir, reproduziu-se por todas as partes aonde chegou o dominio romano. A historia dos primeiros tempos da Europa mostra-nos que apenas as tribus vindas da Asia, a principio vagabundas, faziam definitivamente assento em qualquer região, edificavam as suas rudes moradas do mesmo modo que, provavelmente, costumavam estabelecer os seus acampamentos nocturnos no processo das migrações : apinhavam-nas dentro de um ou dous vallos, que, cingindo-as em commum, lhes servissem de defensão contra as feras e contra outras tribus não menos crueis que estas. Tem-se dicto que os celtas eram uma raça vagabunda por natureza. Attribuir-lhes, porém, como caracter especial uma indole erradía parece-nos inexacto. Em regra geral a existencia ou não existencia dessa circumstancia nos habitos de qualquer povo é determinada, não pelas suas propensões ingenitas, mas pelo seu grau de civilisação ou pelas circumstancias peculiares da região em que habita, como acontece entre os arabes do deserto. Por outra parte as narrativas dos antigos historiadores no-los representam como vivendo em povoações a que, na falta de uma denominação mais exacta, elles applicam a de cidade. E' assim, pelo menos, que as memorias mais remotas

(1) Guizot, Histoire générale de la Civilisation en Europe, 2.e Leçon.

18. — Um aspecto de Citania depois das excavações de Martins Sarmento.

nos dizem terem vivido as tribus celticas da Hespanha no tempo dos phenicios e carthagineses e quando o dominio destes começava a dar campo ao dos romanos. A terminação celtica *brig*, commum a muitas cidades da Lusitania e das outras provincias onde os celtas haviam feito assento, nos mostra que o principio e o nucleo dellas tinham sido esses grupos de choupanas circulares construidas de pedras toscas, que lhes serviam de morada e de que as chamadas ruinas de Citania ou Cinania, entre Guimarães e Braga, são porventura um monumento (1).

Reunidos já por este modo os celtas hespanhoes naquella especie de villas, rodeados de colonias gregas e phenicias, ligando-se a ellas pelos laços do commercio, da industria e logo necessariamente do sangue, habituados, emfim, ao jugo estranho dos carthagineses, o systema de organisação romana devia achar neste paiz menos resistencia que noutros onde os elementos sociaes fossem mais simples, primitivos e por consequencia radicados. Repare-se bem que falamos da conquista da civilisação, que na lucta de dous povos nem sempre é regulada pela conquista politica e em que, até, muitas vezes o vencido é o verdadeiro conquistador. Como já advertimos, as particularidades da guerra tenaz que os hespanhoes sustentaram contra os romanos mostram que ella foi ainda mais um resul-

---

(1) Póde ver-se a descripção destas ruinas, que têem todos os caractéres de construcção celtica, em Argote, *Antiquitates Conventus Brachar.*, p. 161. Postoque muito mais deterioradas, ellas conservam ainda os vestigios da sua origem. Argote dominado pelas velhas e falsas idéas sobre a barbaria dos sarracenos inclina-se a crer que esses restos sejam de construcção arabe.

19. — A “Pedra formosa”, de Citania, ou ara de sacrificios.

tado da influencia punica do que do sentimento de nacionalidade da raça celtica.

As populações mixtas que habitavam a Peninsula haviam, pois, desde largo tempo abandonado a vida errante para conviverem junctas em povoados. Assim a politica romana não teve já de as constranger a darem esse passo, o mais difficil para os selvagens, ao qual se póde chamar o baptismo da civilisação e que no orbe romano era a primeira condição della. As aldeolas, as granjas, as habitações insuladas par meio dos campos presuppõem extremo aperfeiçoamento na vida civil. Este grande facto social pertence exclusivamente ás eras modernas. Os romanos desconheceram-no. Ouçamos o que a semelhante proposito diz o profundo e eloquente escriptor a que acima alludimos. — « Limitando-nos a falar do occidente, por toda a parte nos apparece o facto que apontei. Nas Gallias, na Hespanha não encontraes senão cidades. Os territorios desviados dellas estão cubertos de selvs ea

20. — Amphora romana encontrada em Mertola. *(Museu Ethnologico português.)*

de alagadiços. Averiguae qual seja o caracter dos monumentos, das vias romanas. Achareis estradas reaes que vão de cidade a cidade; porém essa multidão de caminhos encruzilhados que hoje sulcam todo o territorio eram então incognitos. Nada havia que se parecesse com a indizivel quantidade de monumentosinhos, d'aldeias, de castellos, d'igrejas, dispersos pelo paiz desde a idade média. Roma só nos herdou vastissimos monumentos affeiçoados pela indole municipal e destinados para uma população numerosa, agglomerada num ponto unico. Examinae a que luz vos aprouver o mundo romano, que sempre achareis essa preponderancia quasi exclusiva das cidades e a não-existencia social dos campos. » — O mesmo escriptor já tinha notado que : — « Nesta epocha não havia o campo; isto é, o campo não se parecia com o que é hoje. As terras cultivavam-se, na verdade, porque isso não podia deixar de ser ; porém não estavam povoadas. Os proprietarios dellas eram os habitantes das cidades, os quaes saíam a inspeccionar as suas granjas, onde conservavam frequentemente certo numero de escravos. Mas aquillo a que chamamos hoje o campo; esta população solta, ora em habitações solitarias, ora em aldeias, e que cobre por toda a parte o solo, era facto quasi desconhecido na antiga Italia (1) ».

E este facto fundamental que distingue a civilisação antiga da moderna é que nos dá perfeitamente a razão por que os romanos convertiam com certa rapidez as outras nacionalidades na sua e alcançavam, até, substituir a propria linguagem á dos povos subjugados. A assimilação devia ser tanto mais facil, quanto os vencidos fossem ou mais bar-

---

(1) Guizot, Hist. génér. de la Civilis. en Europe, 2.ª Leçon.

baros ou de raças mais misturadas. Nas Gallias realisava-se principalmente a primeira hypothese: na Hespanha principalmente a segunda. Imaginemos a gente nativa, encerrada nos muros das cidades ou reconstruidas ou edificadas de novo pelos romanos, sujeita com o correr dos tempos á organisação administrativa, judicial e militar dos conquistadores, frequentada pelos seus magistrados, funccionarios e exactores, aquartelando as suas tropas, tractando os pleitos nos seus tribunaes, recebendo dos romanos os commodos da vida e os objectos de luxo, correndo aos theatros que se alevantavam por toda a parte e aonde os attrahiam as graças e as pompas do drama latino, e recolhendo nos proprios muros um grande numero de individuos, que, depois de militarem nos exercitos de Roma, vinham, transformados em romanos, orgulhosos da illustração adquirida no meio delles, converter com o desdem da superioridade á vida e á linguagem da Italia os outros membros mais grosseiros das suas familias. Depois, quando estas e mil outras causas de assimilação actuando por seculos produziram todo o seu effeito, as differenças que distinguiam os vencidos dos vencedores desappareceram inteiramente. Caracalla, attribuindo o caracter de cidadãos romanos a todos os homens livres do imperio, não fazia uma revolução nas instituições, mas simplesmente declarava que um grande facto social se achava consumado.

Todavia, como escaparam através de tão completa transformação vocabulos e usanças que ainda hoje attestam a existencia independente dos povos da Hespanha antes que a civilisação romana os devorasse? A explicação desse phenomeno é obvia. Paiz domado pelas armas, a Peninsula devia ter visto caír muitos dos seus filhos na servidão. Era

por meio dos escravos que os romanos cultivavam as terras, e é sabido a que ponto de tyrannia a escravidão chegou entre elles (1). Os servos agricultores foram os mais opprimidos pela deshumanidade e pelo capricho dos senhores do mundo. Longe da conversação civil, tractados ainda peor que os animaes, tendo commummente por morada os carceres subterraneos das granjas chamados *ergástulos*, sem protecção nas leis e nos tribunaes, porque a morte ou a vida dependia para elles unicamente da vontade do senhor, estes homens, maldictos do mundo e cuja sorte seria ainda horrivel comparada com a dos negros numa roça da America, alheios á civilisação que se esquecera delles, cheios de terror e de odio para com os habitantes das cidades, deviam conservar tenazmente os costumes e a linguagem mixta de celtico, phenicio, grego e punico em tudo aquillo em que por seus donos isso lhes fosse consentido. Quando, porém, as leis dos imperadores e a influencia do christianismo foram tornando mais suave a sorte daquelles desgraçados; quando a decadencia do imperio e as invasões germanicas confundiram tudo, essa raça espuria, atirada ao meio de uma sociedade moribunda cujos usos e linguagem se corrompiam rapidamente, devia, confundindo-se com ella, trazer-lhe tambem a sua parte de corrupção. É a esta causa que nós attribuimos principalmente os vestigios de tradições celticas, phenicias, gregas e

---

(1) As passagens dos escriptores latinos relativas aos escravos e especialmente aos que eram destinados para os trabalhos ruraes, acham-se compiladas por Beaufort, *République Romaine*, L. 6, c. 4. Ahi se podem ver os testemunhos contemporaneos em que se estriba o que dizemos neste paragrapho.

punicas que ainda subsistem, não só na lingua, mas tambem nos costumes.

Temos procurado fazer sentir a completa revolução operada na Peninsula pela civilisação romana e por consequencia a necessidade de admittirmos que a lingua latina chegou a obter inteiro dominio nestas partes, cumprindo todavia não esquecer que essa lingua devia ser a quotidiana, rustica ou *simples*, alterada desde logo por phrases e vocabulos indigenas e cujas differenças do latim litterario só podemos até certo ponto suspeitar, sendo as mais provaveis entre ellas, como dissemos, a confusão ou falta dos casos nos nomes e das variações verbaes, donde era forçoso nascesse a ordem natural no discurso e o uso frequente das preposições. Agora vejamos se o testemunho dos escriptores desse tempo confirma o que havemos unicamente deduzido dos factos sociaes.

Strabão, o mais minucioso e exacto dos geographos antigos que tractaram da Hespanha e cuja auctoridade tem sido invocada em prova da permanencia do idioma celtico como lingua geral debaixo do dominio romano, diz-nos, falando dos turdetanos : « Accrescem á bondade do clima que desfructam os turdetanos a brandura e a civilisação, o que, segundo Polybio, é tambem commum aos celticos pela vizinhança e parentesco, postoque em grau menor por habitarem d'ordinario em logarejos. Os turdetanos, porém, principalmente os das margens do Betis, tomaram de todo os costumes romanos, esquecendo até a propria lingua, e muitos, tornados latinos, receberam no seu seio colonos de Roma, faltando pouco para inteiramente serem romanos. As cidades ultimamente edificadas, Beja entre os celticos, Merida entre os turdulos, Saragoça entre os celtiberos, e varias outras colonias provam

essas mudanças de aspecto da sociedade. Aos hespanhoes que seguem este modo de viver chamam stolados ou togados, entrando neste numero os celtiberos tidos noutro tempo pelos mais feros e desconversaveis de todos (1) ». Desta passagem vemos quanto já nos primeiros annos do governo de Tiberio (2) a transformação romana tinha lançado profundas raizes na Peninsula, estendendo-se pelo meio-dia e centro da Hespanha. Não sómente os turdetanos haviam abandonado os seus costumes, trajos e linguagem, mas tambem os celticos, postoque menos completamente, e do mesmo modo os celtiberos, apesar de serem *mais tenazes* na barbaria. Os celticos do occidente ou lusitanos, affeitos, segundo o mesmo escriptor, a passar o Tejo e a infestar os povos limitrophes quando se não guerreavam uns aos outros, foram cohibidos pelos romanos, que puseram fim ao mal convertendo em logares abertos muitas das suas povoações e reconstruindo outras com melhor desenho (3). No proprio

21. — Moeda de Salacia, hoje Alcacer do Sal, com caractéres ibericos e latinos.

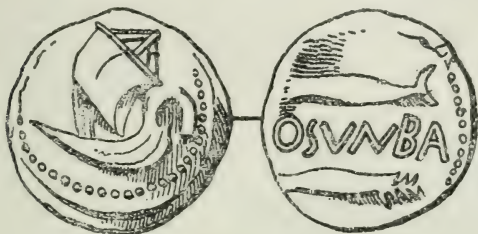
---

(1) Strab., L. 3, p. 225 e 226.

(2) Strabão escrevia a sua grande obra geographica no 15.º anno da era christan, 4.º do imperador Tiberio. Consulte-se Vossio, De Historicis graecis, L. II, c. 6.

(3) Strab., L. 3, p. 231.

22. — Moedas romanas de Evora, Beja e Mertola.

norte da Hespanha nunca inteiramente subjugado, a civilisação romana se espalhou larga-

23. — Moeda romana de *Ossonoba* (Faro).

mente. Aquelles mesmos que d'antes destruiam os territorios das tribus sujeitas á republica pelejavam já nas fileiras das legiões imperiaes. Tiberio, acantonando naquellas partes tres cohortes, como Augusto deixara determinado, não só alcançou pacificar o paiz, mas tambem chegou a reduzir muitos dos seus habitantes á vida civil (1). As tropas romanas continuavam a guarnecer os districtos dos callaicos, dos asturos, dos cantabros, até os Pyreneus. A Hespanha central e oriental, cuja população

24. — Moeda romana de *Baesuris* (Castro-Marim).

(1) Id. Ibid., p. 233 e 235.

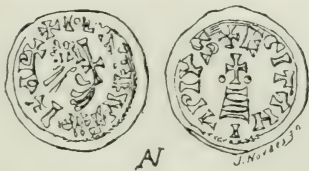
era, todavia, tranquilla e havia tomado o modo de viver italico, offerece-nos uma circumstancia que descobre qual era o estado de transformação a que já tinha chegado a Lusitania. Postoque dependente do imperador, emquanto a Betica pertencia ao povo, essa provincia era regida por um legado pretorio sem guarnição militar, ao passo que a Celtiberia, apesar de tão romana nos costumes, ainda continuava a ser governada por um legado consular (1).

25. — Moedas suevo-lusitanas.

Desde esta epocha todos os monumentos historicos conspiram em nos mostrar os habitantes da Peninsula inteiramente identificados com os romanos. Entre os muitos factos que fora facil amontoar em prova disso, um dos mais notaveis é, em nosso entender, o usarem de nomes puramente latinos todos os individuos hespanhoes dos tempos dos imperadores, de modo que os nomes barbaros desapparecem inteiramente, circumstancia que se não repetiu durante o domi-

---

(1) Id. Ibid., p. 253 e 254. Os que conhecem o systema administrativo dos romanos sabem que os legados pretorios se enviavam para as provincias inteiramente pacíficas, emquanto para as que não eram de todo sujeitas, ou estavam na fronteira de povos inimigos, se mandavam os consulares. Sobre as diversas fórmas de administração na Hespanha, por estas epochas, vejam-se as fontes citadas pelo erudito Amaral, Mem. de Litter. da Acad., T. 2, p. 313 e segg.

nio dos wisigodos, quando, aliás, cremos indubitavel o haverem estes abandonado a lingua gothica pelo romano-rustico, sem que por isso deixassem de figurar na historia os Theoderiks, os Euriks, os Heermengilds. E o mesmo se póde dizer do dominio arabe, durante o qual, segundo o testemunho tantas vezes citado de Alvaro de Cordova, os mosarabes esqueciam a sua lingua romana para só falarem o arabe, conservando, todavia, os nomes proprios de origem grega, latina e goda, como se vê da historia e dos documentos desse periodo.

26. — Moeda de Egica, rei dos wisigodos, cunhada em Idanha.

Aulo-Gellio, numa das muitas anecdotas litterarias de que abunda o seu livro das Noites Atticas, nos faz bem conhecer quanto, pouco mais de um seculo depois de Strabão, os hispano-romanos consideravam como sua a lingua latina. Num sarau em Roma, onde se haviam cantado varias poesias gregas, houve quem, transportado de admiração pela doçura dos cantos hellenicos, começasse a motejar a rudeza dos poetas latinos. Dirigiam-se os motejos a um hespanhol, professor de eloquencia e homem de variada instrucção, que se achava presente. Gracejavam com elle accusando-o de agreste, barbaro, simples declamador, dotado de uma facundia rabida e bulhenta e mestre de uma lingua sem doçura nem amabilidade. Irou-se o rhetorico, diz Gellio, e começou a combater pela *sua lingua patria* (1), como se alli se tractasse de defender a

(1) *Pro lingua patria* : Aul. Gell. Noct. Atticae, L. 19 c. 9,

propria religião e os proprios lares. Em um livro philologico, Gellio, chamando ao latim lingua patria de um hespanhol, não nos deixa a menor duvida de que no tempo de Hadriano esta linguagem não era para um filho da Hespanha um idioma estudado nas escholas, mas o proprio do seu paiz.

É por esta causa que não nos resta em toda a Peninsula da epocha do completo dominio romano, isto é, do tempo do imperio, um unico monumento, um unico testemunho preciso e indubitavel (como o é o de Gellio sobre o uso vulgar da lingua romana) que nos prove a duração do idioma celtico entre os hespanhoes, ao passo que o iberico, euskara ou vasconço, não só atravessou essa epocha, mas tambem chegou até nós, porque as tribus que o falavam nunca entraram no gremio da civilisação romana. Este facto constrange os que se persuadem de que o celtico resistiu á lingua latina a explicarnos qual foi a civilisação que posteriormente o annullou, deixando apenas no portuguès, no castelhano, no catalão, uma ou outra particula ou palavra cuja origem pareça verdadeiramente celtica.

Aos philologos que procuram sustentar o celticismo como base das modernas linguagens das Hespanhas importava sobretudo destruir o facto do completo predominio do latim, quer vulgar, quer litterario, durante a epocha em que esta região esteve sujeita aos romanos. Para isto buscaram-se as passagens de Strabão e dos outros escriptores que pareceu servirem ao intento, ao passo que se esqueciam as que temos apontado. Todavia estas são positivas e todas as em contrario sujeitas a diversas interpretações ou duvidosas quanto á sua genuinidade ou, finalmente, de uma epocha em que nada se oppõe a que ainda existisse em algumas povoações a linguagem celtica, phenicia, grega,

punica ou, o que é mais provavel, uma lingua franca, digamos assim, composta de todas ellas. A esta ultima categoria pertencem duas allusões de Cicero (1), allusões que aliás se podem referir á lingua hespanhola das montanhas septemtrionaes, onde o euskara ou vasconço resistia ao predominio do latim, como até hoje tem resistido ás linguas derivadas deste.

Uma cousa, porém, que não advertiram os defensores das origens celticas é que a palavra *lingua* não tinha para os auctores antigos a significação mais precisa que hoje lhe damos, nem importava necessariamente uma distincção profunda de indole e vocabulos entre ellas, podendo por isso equivaler muitas vezes a *dialecto* (2). Assim entendidas as passagens de Strabão, de Plinio e d'outros escriptores que têem sido allegadas (3) só poderão provar a existencia de variedades de pronuncia e ainda de expressões locaes, sem que d'ahi se haja de concluir que o latim não era a base da lingua. Os diversos elementos da população, espalhados desigualmente por esta região, deviam produzir essa consequencia, consequencia que de certo modo chegou até nós, influindo provavelmente, em parte, na variedade das linguas e dos dialectos da moderna Peninsula.

Temos examinado as relações que se poderiam dar entre nós e aquella porção de tribus celticas denominadas os lusitanos. — Qual é o resultado de tudo o que fica dito? — Que é impossivel ir en-

(1) De Divinatione, L. 2, c. 64. — De natura Deor., L. 1, c. 30 : Mem. da Acad., T. 12, P. 1, p. 38.

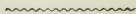
(2) Forcellini, Lexicon, T. 3, verb. *Lingua*. — Damm, Lexicon Graec., col. 1219, verb. Γλῶσσα.

(3) V. Mem. da Acad., T. 12, P. 1, p. 40 e segg. — Opusc. ácerca da Orig. da L. Portug., P. 1 (Lisboa 1844), *passim*.

troncar com ellas a nossa historia ou dellas descer logicamente a esta. Tudo falta; a conveniencia de limites territoriaes, a identidade da raça, a filiação de lingua, para estabelecermos uma transição natural entre esses povos barbaros e nós. Se o haverem estanceado em uma parte do nosso territorio nos désse o bem pouco precioso direito de os considerar como antepassados, esse direito pertenceria igualmente á Galliza, á Estremadura hespanhola, e, até, á Andalusia. Por outra parte é evidente que a antiga raça celtica, não só da Lusitania, mas tambem de outra qualquer parte da Peninsula, se corrompeu, desapparecendo por fim na successão de tantas invasões e conquistas como as que passaram por este solo, e sobretudo em virtude do dominio romano que transformou radicalmente a sociedade. Esses tempos antigos podem ter relação com a historia da monarchia hespanhola; nunca, porém, com a nossa. Portugal, nascido no seculo XII em um angulo da Galliza, constituido sem attenção ás divisões politicas anteriores, dilatando-se pelo territorio do Gharb sarraceno, e buscando até, como veremos, augmentar a sua população com as colonias trazidas de além dos Pyrenéus, é uma nação inteiramente moderna. Apesar, porém, da sua curta existencia, ella não carece de apropriar-se a gloria de Sertorio ou de revestir de uma importancia em parte ficticia as acções de Viriatho para se ensoberbecer. A historia verdadeiramente sua é assás honrada e illustre sem essas vaidades estranhas, que estão longe de terem o valor que se lhes attribue quando as consideramos de perto, e que só serviram para distrahir engenhos, aliás grandes, pelo campo das conjecturas, quando não pelo d'insulsas fabulas, com damno de mais severas e proveitosas indagações.

Provincia separada da monarchia de Leão pelos successos que em breve estudaremos, e constituida como individuo politico pelo esforço e tenacidade dos nossos primeiros principes e dos seus cavalleiros, o reino de Portugal formou-se pelos dous meios da revolução e da conquista. A independencia cujos fundamentos obscuros lançou por morte de Affonso VI o conde do districto portucalense, Henrique de Borgonha, independencia consolidada pela sua viuva e estabelecida definitivamente por seu filho, foi completada pelas conquistas deste e dos seus quatro primeiros successores, até além do meado do seculo XIII, nos territorios mouriscos do Gharb ou occidente. Deste modo a nova monarchia compôs-se de dous fragmentos; um leonês, outro sarraceno: daquelle trouxe a origem e com ella, digamos assim, a physiologia e a physionomia da sociedade; a este impôs vencedora os proprios caractéres, postoque, como devia acontecer, delle recebesse modificações organicas. Estes dous factos pertencem á historia da civilisação do paiz; constituem as fontes dessa civilisação. Para lá reservamos o expô-los. Mas juncto áquelles dous factos ha outros dous da ordem politica; a lucta de desmembração e a de assimilação. A monarchia de que Portugal fazia parte resistiu longamente á scissão, como era natural; a sociedade mussulmana resistiu ainda mais energicamente á incorporação, o que tambem era natural. Estas resistencias formam a parte principal da historia dos acontecimentos no primeiro periodo ou infancia da sociedade portuguesa. D'ahi resulta a necessidade de descrevermos, bem que rapidamente, os successos relativos á grande monarchia christan nascida nas Asturias, de que a nossa foi filha, e aos estados mussulmanos da Hespanha, á custa dos quaes ella se dilatou, cresceu em

poder, e se habilitou para adquirir uma nacionalidade distincta, assás vigorosa para subsistir até hoje, sem jamais se dissolver e aggregar ao vasto corpo dos outros estados peninsulares sujeitos a uma unidade ficticia por Fernando e Isabel e constrangidos a uma adhesão mais intima pela ferrea manopla de Carlos V.

É, pois, unicamente para lançar os alicerces da historia politica de Portugal e para facilitar ao leitor a intelligencia della que a fazemos preceder de um bosquejo da historia do dominio arabe na Hespanha e da monarchia leonesa, não consultando nessa parte as fontes primitivas, porque não escrevemos os annaes da Peninsula, mas extrahindo-o das narrativas dos escriptores modernos que parece haverem-nas melhor estudado.

II

Conquista da Peninsula por Tarik e Musa. — Governadores arabes da Hespanha. — Tentativas além dos Pyrenéus. — Guerras civis entre os mussulmanos. — Primeiras conquistas dos christãos das Asturias. — Abdu-r-rahman Ibn Muawyiah, alcunhado Ad-dakhel, estabelece um amirado independente em Cordova. — Invasão e retirada dos frankos. — Dynastia dos Beni-Umeyyas. — Hixam I. — Abdu-r-rahman II. — Mohammed. — Almondhir. — Abdallah. — Abdu-r-rahman III é acclamado, toma o titulo de khalifa e dilata o seu imperio pela Africa. — Khalifado de Al-hakem II. — Menoridade de Hixam II e governo do hajib Mohammed, denominado Al-manssor, e successivamente dos hajibs Abdu-l-malek e Abdu-r-rahman seus filhos. — O Benu-Umeyya Mohammed apossa-se do poder e faz-se declarar khalifa. — Alevantamento das tropas africanas. — Guerras civis. — Lucta entre os Beni Umeyyas e os idrisitas. — Dissolução do khalifado, e extincção da dynastia de Abdu-r-rahman Ibn Muawyiah. — Desmembração da Hespanha mussulmana em amirados independentes. — Entrada dos almoravides. — Origem e progressos desta seita.

As dissensões do imperio wisigothico trouxeram á Hespanha os mussulmanos. Estes acabavam de conquistar aquella parte da Africa do norte a que chamamos Berberia, do nome dos povos que desde tempos remotos a habitaram. Os berbers ou amazighs, que antes de subjugados pelos arabes seguiam diversas religiões, entre as quaes o christianismo e o judaismo, vieram a receber a final em grande parte a lei do koran e a alliarem-se pelos laços da crença com os vencedores. Musa Ibn Nosseyr, nomeado amir d'Africa pelo khalifa de Damasco (702),

soube attrahir a maior parte delles ao islamismo e pacificá-los. Septum, a moderna Ceuta, com o territorio vizinho, era desde o tempo dos romanos uma dependencia da Hespanha, e os wisigodos haviam-na conservado unida á monarchia. O amir tentara apossar-se daquella cidade, mas fora repellido pelo conde Juliano que a governava em nome de Witiza. D'ahi a pouco este foi derribado do throno, segundo parece, por uma conspiração, na qual entrava Ruderico ou Rodrigo que lhe succedeu (709). Witiza deixava dous filhos que procuraram, ou publica ou secretamente, arrancar a coroa áquelle que consideravam como usurpador. Juliano associou-se a esta nova conjuração e sollicitou os socorros de Musa, abrindo-lhe as portas de Ceuta e incitando-o a enviar uma expedição á Peninsula. Depois de duas tentativas de desembarque, das quaes os mussulmanos ou sarracenos, denominação que mais vulgarmente lhes davam os christãos, levaram ricos despojos, o amir enviou um exercito de doze mil homens composto em grande parte de africanos e capitaneado por Tarik Ibn Zeyad, seu logartenente no governo do Moghreb (Mauritania). Juliano acompanhava os mussulmanos, e a expedição, aportando nas raizes do Calpe, esperou, fortificando-se alli, os reforços que brevemente lhe chegaram. Desde então o Calpe trocou o seu antigo nome pelo de Monte de Tarik (Gebel Tarik, Gibraltar). Pouco tardou o general mussulmano a entranharse na Peninsula, e emquanto Ruderico ajunctava forças para se lhe oppôr elle assolava as provincias do sul desbaratando as partidas de godos que intentavam obstar ás suas correrias. A final os dous exercitos encontraram-se nas margens do Chryssus ou Guadalete. Deu-se uma batalha ácerca de cujas circumstancias se lêem nos historiadores arabes e

christãos as narrações mais encontradas. É, porém, indubitavel que esta jornada foi decisiva e que nella se fez pedaços o imperio wisigothico. Os godos ficaram completamente destroçados, e Ruderico, segundo parece, pereceu no conflicto. Os despojos enviados por Tarik a Musa com a noticia da victoria despertaram a inveja e a ambição do amir. Em vez de o louvar por aquelle illustre feito, ordenou-lhe que sobr'estivesse na conquista até elle passar o Estreito com tropas de refresco. Era já tarde. Tarik havia seguido ávante quando lhe chegaram as ordens de Musa. Consultados os capitães do exercito sobre o que se devia naquelle caso practicar, resolveram que se proseguisse a victoria. Assim se fez. Mugheyth Al-rumi, renegado grego, que era o general da cavallaria, marchou para Cordova : uma divisão foi enviada contra Malaga e outra contra Elvira. Com o resto das forças Tarik dirigiu-se a Toledo, então capital da Hespanha. Estes differentes corpos espalharam o terror por toda a parte. Os judeus, mui numerosos na Peninsula e opprimidos pelos godos, unindo-se aos vencedores ajudavam-nos a apoderarem-se das povoações que combatiam. Toledo ao aproximarem-se os sarracenos abriu-lhes as portas, emquanto os principaes da cidade, e entre elles o bispo Sinderedo, fugiam para as montanhas do norte, caminho que, depois de submettida a cidade, tambem seguiu Tarik proseguindo nas suas conquistas.

Entretanto Musa desembarcava em Hespanha e, depois de tomar Sevilha que tentara resistir, encaminhou-se para a Lusitania, provincia cuja denominação e limites do tempo dos romanos ainda os wisigodos conservavam. Niebla, Ossuna, Mertola, Béja caíram-lhe rapidamente nas mãos. Merida defendeu-se valorosamente, mas emfim succumbiu.

Enviando a Sevilha, que se rebellara, seu filho Abdu-l-aziz, o amir partiu de Merida para Toledo, sujeitando as povoações que encontrava na passagem. Em Talavera Tarik veio ter com elle e entraram ambos concordes, segundo parecia, na capital, deixando as tropas acampadas fóra. Apenas, porém, chegou aos paços reaes ou alcassar, como os arabes lhe chamavam, Musa ajunctou os cabos do exercito e perante elles accusou Tarik de desobediente: teria, até, practicado algum acto de extrema violencia contra o seu logar-tenente, se Mugheyth não houvera tomado a defesa do accusado de modo que conteve a colera do amir, o qual se contentou com despojar do mando e prender o general que ousara tomar-lhe uma parte da gloria que elle cubiçava só para si.

Abdu-l-aziz, tendo neste meio tempo submettido de novo Sevilha, dirigira-se para o sueste da Peninsula ainda não subjugado. Theodemiro, celebre capitão godo e duque ou governador de uma parte da Betica, havia-se retirado para alli depois da batalha do Guadalete com os restos do exercito e formara um como simulachro da monarchia gothica no territorio das modernas provincias de Murcia e Valencia. Por muito tempo o esforçado Theodemiro resistiu a Abdu-l-aziz; mas, desbaratado nas planicies de Lorca, onde fora constrangido a acceitar com forças inferiores uma batalha campal, acolheu-se com as reliquias das suas tropas a Orihuela (Auriola). Sitiado pelos sarracenos, viu-se reduzido, depois de brava resistencia, a acceitar o jugo mussulmano, postoque com vantajosas condições, sendo reconhecido por principe dos godos, mas tributario, nos districtos que d'antes regia. O pacto feito por essa occasião foi-nos conservado pelos historiadores arabes.

Nesse tempo chegara a Hespanha uma ordem do khalifa para que Tarik fosse libertado e restituido á sua dignidade. Recebendo em virtude desta resolução suprema o mando das tropas, principalmente berbers ou mouriscas com que vencera os godos juncto do Guadalete, Tarik marchou para o lado do oriente emquanto Musa com os seus arabes se dirigia para o norte destruindo as povoações que lhe resistiam. De Astorga o amir, voltando para a direita e seguindo o curso do Douro, foi ajunctarse com o seu rival que transpusera as serras de Molina e de Siguenza e sitiara Saragoça sobre o Ebro. Com a chegada de Musa os habitantes perderam toda a esperança de poderem resistir e deramse a partido. Tomada Saragoça, todas as cidades principaes de Hespanha se achavam em poder dos mussulmanos, que em pouco tempo se assenhorearam das modernas provincias do Aragão e de Catalunha e d'alli, retrocedendo para o occidente, sujeitaram a Galliza.

A rivalidade entre os dous capitães sarracenos tinha-se convertido pelo procedimento de Musa em odio profundo. O caracter de Tarik era opposto naturalmente ao do amir. Ambos valentes e emprehendedores, procediam diversamente na conquista. Musa mostrava-se cubiçoso, sanguinario, oppressor para com os christãos ; Tarik generoso, clemente, justo. Na sua correspondencia com Al-walid khalifa de Damasco ambos se accusavam mutuamente e affirmavam que o systema do seu émulo era contrario aos interesses do islamismo. A má vontade entre os dous subira a tal ponto que Al-walid julgou necessario tirá-los da Peninsula e chamá-los á sua presença. Tarik obedeceu immediatamente ; porém Musa differiu a sua partida até que ordens mais apertadas o constrangeram a

deixar a Galliza, onde então se achava, e passar á Africa, nomeando para exercer o amirado em Hespanha seu filho Abdu-l-aziz e estabelecendo-lhe por capital Sevilha. Os historiadores arabes não se cançam de exaggerar as riquezas que levava e dizem que só de captivos o seguiam trinta mil, entre os quaes quatrocentos godos da classe nobre, como testemunhas da importancia da conquista.

O caracter de Abdu-l-aziz era mais semelhante ao de Tarik que ao de seu pae. A brandura que mostrava para com os christãos attribuem-na alguns ao amor que sentia por Egilona, a viuva do ultimo rei dos godos, a qual chegou a tomar por mulher deixando-lhe a liberdade de seguir a sua religião. O novo amir acabou de avassalar o resto da Peninsula e regulou os tributos que os vencidos deviam pagar. Não obstante o amor de Egilona elle povoara o seu serralho das mais nobres virgens christans, o que de algum modo destruia o effeito da sua indulgencia para com os godos. Por outro lado a viuva de Rodrigo excitava-o a rebellar-se e a fazer-se independente de Suleyman, que succedera a Al-walid seu pae no khalifado. Suleyman desapprovara a escolha de Abdu-l-aziz para o amirado de Hespanha, e as noticias do que ahi se tramava fizeram-no resolver a acabar com o filho de Musa. Segundo as usanças sanguinarias do Oriente, o khalifa enviou agentes secretos que espalhassem entre os soldados suspeitas odiosas contra a sua victima e que o assassinassem quando os animos estivessem dispostos para receberem bem este successo. Assim se fez. Ao entrar para a oração da manhan numa mesquita que edificara fóra dos muros de Sevilha, Abdu-l-aziz caíu traspassado de golpes, e depois de lhe cortarem a cabeça enviaram-na ao khalifa em signal de que os seus preceitos se acha-

vam cumpridos. Então Ayub Ibn Habib Al-lakhmi, sobrinho de Abdu-l-aziz, que tivera parte na morte do tio, tomou posse do mando supremo por escolha do exercito e do diwan ou conselho d'estado, corpo que, no systema do governo mussulmano, dirigia os negocios conjunctamente com os governadores de provincias.

Mas Mohammed Ibn Yezid, que nessa conjunctura regía a Africa pelo khalifa e tinha auctoridade superior sobre a Peninsula, entendeu que não era conveniente deixar o poder nas mãos de um parente de Abdu-l-aziz. Assim resolveu mandar substitui-lo por Al-horr Ibn Abdu-r-rahman Ath-thakefi. Entretanto Ayub, mudando a séde do governo de Sevilha para Cordova, como cidade mais central, corria as differentes provincias regulando a administração e distribuindo justiça igual aos mussulmanos que tinham vindo estabelecer-se na Hespanha e aos christãos que obedeciam á auctoridade do khalifa, os quaes eram denominados *mostarabes* (1) ou *mosarabes*, nome que os sarracenos davam aos povos que, sem abandonarem a propria religião, recebiam o jugo delles. Foi então que chegou Al-horr e tomou posse do governo. O seu caracter duro e guerreiro contrastava com o que mostrara Ayub. Em compensação elle soube reprimir severamente os abusos que se haviam introduzido na administração. Fazendo arrecadar exactamente os tributos que pagavam os christãos, era ao mesmo

---

(1) Da palavra *Mostarab* que significa *feitos, ou tornados arabes*, e não de *Mixtiarabes*, como alguns escriptores têem imaginado. A denominação *mosarabes* prevaleceu : mas é notavel que ainda no foral de Toledo, dado por Affonso VI, no principio do seculo XII, sejam chamados *mostarabes*.

tempo implacavel com os mussulmanos que se haviam enriquecido por meios illegaes, obrigando-os por via de tormentos a restituir aquillo que tinham usurpado. Não contente com se fazer temido e, porventura, odioso, Al-horr quiz adquirir a gloria militar. Preparou-se para passar os Pyrenéus e invadir a França; mas sendo mal succedido nas suas tentativas, aquelles que elle punira pela sua pouca fidelidade na percepção dos tributos tiveram modo de alcançar que o khalifa o destituisse. Succedeu-lhe As-samah Ibn Malik Al-khaulani, que havia sido um dos capitães de Musa e Tarik, homem por muitos titulos digno do elevado cargo que se lhe confiava. Aos dotes de guerreiro accresciam nelle os talentos administrativos. Uma nova e mais igual repartição dos impostos, uma importante estatistica de Hespanha para ser apresentada ao khalifa e varias outras obras de utilidade publica foram os seus primeiros cuidados. Então resolveu continuar além dos Pyrenéus a guerra que o seu antecessor encetara. Atravessando os desfiladeiros das serras, o exercito sarraceno capitaneado por elle accommetteu e tomou Narbonna, Beziers e outras povoações, levando o terror das suas armas até além do Rhodano; e depois de fazer uma correria pela Provença, voltou pela Borgonha e recolheu-se a Narbonna com grande numero de captivos e ricos despojos. Dirigindo então as armas contra a Aquitania, foi sitiar Tolosa, que estava a ponto de render-se quando o duque Eudon appareceu a soccorrê-la com tropas numerosas (721). Foi terrivel o recontro e disputada tenazmente a victoria. Com a morte de As-samah ella se decidiu a favor dos christãos. Abdu-r-rahman Ibn Abdillah Al-ghafeki, um dos capitães arabes que mais se distinguira no combate, reuniu os fugitivos e, apesar de ser perseguido por

Eudon, salvou-se com elles em Narbonna. Acclamado amir pelos soldados, Abdu-r-rahman achou alguma contradicção em Anbasah Ibn Sohaym, que ficara encarregado do governo por As-samah e que teve de ceder, sendo approvada a eleição pelo amir d'Africa. Dentro em breve, porém, accusado de prodigalidade pelos seus inimigos, Abdu-r-rahman foi deposto, e nomeado em seu logar Anbasah, que provavelmente lhe preparara a quéda. O novo amir de Hespanha começou imitando o seu antecessor em ordenar as cousas do governo, imitando-o tambem depois nas suas emprezas guerreiras. A frente de tropas mais numerosas ainda que as de As-samah, Anbasah entrou em França, apoderou-se de Carcassona e pouco depois de Nismes, emquanto um corpo de cavallaria, penetrando em Borgonha, destruia Autun. Neste tempo os habitantes da Septimania accumulavam forças e marchavam contra os sarracenos. Encontraram-se. O resultado do combate foi igual ao de Tolosa. Anbasah desbaratado caíu mortalmente ferido. Odhrah Ibn Abdillah Al-fehri foi então eleito governador da Hespanha pelos chefes sarracenos emquanto Beshr, o wali d'Africa, não nomeava successor a Anbasah. Não tardou, porém, a ser provido naquelle importante cargo Yahya Ibn Salmah Al-kelbi. Ajunctava Yahya ao esforço e pericia militar um caracter severo e justiceiro, favorecendo os christãos contra as violencias dos mussulmanos, o que excitou o descontentamento destes e deu causa á sua deposição, sendo nomeados successivamente depois delle Hodheyfah Ibn Al-ahwass e Othman Ibn Abi Nesah, cuja administração parece ter sido assás inquieta pelas turbulencias dos chefes mussulmanos que do Moghreb tinham vindo fazer assento na Peninsula. Depois de curto governo, Othman foi substituido por

Al-haytham Ibn Obeyd, arabe duro, cruel e vingativo. Irritado pelas turbulencias dos mussulmanos, Al-haytham fez pesar sobre elles um jugo de ferro, com o pretexto verdadeiro ou falso de proteger os mosarabes contra os seus vexames. Tramaram-se conspirações; mas o amir descubriu-as e castigou com tormentos e com a morte os conjurados. Emfim, taes queixas contra elle chegaram á presença de Hixam então khalifa, que Mohammed Ibn Abdillah foi enviado á Hespanha para syndicar do procedimento do amir e puni-lo rigorosamente se achasse que era culpado. Chegou Mohammed a Cordova e, averiguado o negocio, lançou Al-haytham num calabouço, donde saíu a passear pelas ruas montado em um jumento com as mãos atadas atrás das costas e entregue aos vilipendios da gentalha. Depois, carregado de cadeias, foi enviado ao wali da Africa.

Dous meses administrou Mohammed a Peninsula emquanto compunha os desconcertos publicos e fazia selecção de novo amir. Recaíu a escolha em Abdu-r-rahman Ibn Abdillah, o mesmo que salvara as reliquias do exercito arabe juncto dos muros de Tolosa. Tractou logo o amir de prover ás desordens introduzidas na administração. Pediu contas severas do seu procedimento aos ministros e officiaes publicos e destituiu os que haviam prevaricado. Entregando aos christãos os templos que lhes pertenciam em virtude dos pactos celebrados na occasião da conquista, mandou-lhes ao mesmo tempo arrasar os que, por peitas dadas aos magistrados, estes lhes haviam consentido edificar de novamente. Pacificado e ordenado tudo, preparou-se para a guerra no paiz de Afranc, nome que os arabes davam aos territorios além dos Pyrenéus. Othman seu antecessor, que depois de ser destituido do ami-

rado fora incumbido de capitanear as tropas da fronteira das Gallias, havia contrahido alliança com o duque de Aquitania, que, dizem, lhe concedera por mulher sua propria filha. Confiado na protecção do sogro, Othman, berber de raça e por isso adversario politico de Abdu-r-rahman, que era arabe, trabalhava por estabelecer um governo independente no pendor septemtrional das montanhas e nos territorios conquistados no Afranc. Abdu-r-rahman, porém, preveniu-lhe os designios mandando marchar inesperadamente contra elle forças que o perseguiram até que, colhido nas serras, onde se refugiara, foi morto e a sua cabeça enviada ao khalifa. Sabendo deste successo, o duque Eudon tractou de se prevenir contra uma invasão dos sarracenos. E de feito, com um exercito maior que nenhum dos que tinham já entrado nas Gallias, Abdu-r-rahman atravessou os Pyrenéus. Toda a resistencia foi inutil : os sarracenos chegaram até o Garonna, juncto do qual o duque d'Aquitania foi destroçado numa sanguinolenta batalha. Bordeaux caíu nas mãos dos arabes, que saquearam e queimaram os seus templos. Depois, vadeando o Dordogne, assolaram e roubaram uma grande extensão de territorio, derribando igrejas e incendiando povoações. Dirigindo-se para o norte, Abdu-r-rahman pôs cerco a Tours. Entretanto Karl, filho de Pepin de Heristal e duque d'Austrasia, cujo soccorro Eudon implorara, passava o Loire com os seus frankos para defender Tours. A disciplina faltava entre os sarracenos, e Abdu-r-rahman receoso do desfecho da lucta, fez um movimento retrogrado. Seguido por Karl, vieram ambos ás mãos perto de Poitiers. Durou a batalha dous dias, no fim dos quaes os sarracenos foram completamente destroçados, ficando morto no campo Abdu-r-rahman (732), e as

reliquias do exercito mussulmano recuaram para os Pyrenéus. A noticia deste successo espalhou a consternação na Hespanha. Recebida em Africa, o wali Obeydullah enviou logo á Peninsula um novo amir, Abdu-l-malek Ibn Kattan Al-fehri, nomeação que foi approvada pelo khalifa. Todavia, ou pela sua idade (tinha noventa annos) ou por falta de pericia militar ou, finalmente, porque os brios dos soldados tinham diminuido, Abdu-l-malek foi mal succedido em todas as tentativas que fez para se melhorar na guerra de Afranc. Isto moveu o khalifa a dar-lhe um successor. Okbah Ibnu-l-hejaj, que em Africa dirigira prosperamente a guerra contra algumas tribus berbers levantadas, veio tomar o cargo de amir na Hespanha. Era Okbah pontual na justiça, extremo na severidade. Tomadas as redeas do governo, começou por destituir todos os officiaes publicos que tinham commettido violencias contra os povos, regulou successivamente a administração e os tribunaes, fundou mesquitas e escholas e deu á Peninsula uma organisação regular e forte. Conservando no commando das fronteiras do norte o seu antecessor, preparava-se elle proprio para transpôr os Pyrenéus quando foi de novo chamado á Africa para conter os berbers. Passados quatro annos Okbah voltou á Hespanha. O bem que fizera estava em parte destruido. Os walis dos diversos districtos entretinham-se em mutuas discordias, emquanto o duque d'Austrasia ía acabando com o dominio sarraceno na Septimania, ao passo que este se dilatava para a Provença por tractados com os habitantes della, gallo-romanos de origem, que preferiam o senhorio arabe ao dos barbaros frankos. Okbah, pouco depois da sua volta falleceu ou foi morto em Cordova no meio das dissensões dos governadores de districtos e das luctas

entre as duas raças a que pertenciam os conquistadores, a dos arabes e a dos mouros. O velho Abdu-l-malek apoderou-se então do poder, que não alcançou conservar por largo tempo em consequencia dos successos que nessa conjunctura occorriam em Africa. Dous generaes arabes, Balj Ibn Beshr e Tha'lebah Ibn Salamah, desbaratados em Africa pelos naturaes do Moghreb, que haviam tornado a alevantar-se depois da morte de Okbah, tinham-se acolhido a Ceuta para passarem d'alli á Peninsula. Receoso de que a sua vinda augmentasse as perturbações, Abdu-l-malek tentou impedi-la. Os arabes de Hespanha, porém, logo que o souberam facilitaram-lhes a passagem e resolveram derribar o amir. Por outra parte os berbers, grande numero dos quaes tinham vindo estabelecer-se na Peninsula, animados pela victoria dos seus irmãos d'Africa determinaram tomar-lhes o exemplo e sacudir o jugo da raça arabe. Rebellaram-se, pois; mas por toda a parte foram mal succedidos. Não ficaram por isso as cousas tranquillas. Balj Ibn Beshr intimado para saír do paiz e achando-se assás forte para resistir ás ordens de Abdu-l-malek, marchou contra Cordova com as tropas que ajunctara, e cujo principal nervo eram os assyrios que comsigo trouxera. Os habitantes da cidade, que provavelmente se entendiam com Balj, levantaram-se então, crucificaram o velho amir e abriram as portas ao seu adversario. Balj, como era de esperar, foi proclamado governador de Andalús (1). Dividiu-se então a Hespanha em tres bandos: Tha'lebah, que viera com elle d'Africa, disputava-lhe o poder com o pretexto de que a eleição do amir da Peninsula

(1) Nome com que vulgarmente é designada a Hespanha pelos historiadores arabes.

pertencia ao khalifa ou ao seu delegado o wali do Moghreb. Os arabes do paiz inclinavam-se pela maior parte a Umeyyah filho de Abdu-l-malek, e o wali de Narbonna, Abdu-r-rahman Ibn Al-kamay, declarou-se por elle, bem como os berbers, que aproveitavam assim a occasião de negar a obediencia a um arabe. Abdu-r-rahman marchou com um grosso exercito contra Balj, o qual, postoque enfraquecido pela defecção de Tha'lebah, não recusou o combate, que se deu nas immediações de Calatrava. Ahi o novo amir acabou ás mãos do proprio Abdu-r-rahman. As reliquias dos vencidos uniram-se a Tha'lebah.

O wali d'Africa, Hondhalah Ibn Sefwan, tinha entretanto subjugado os berbers. A fim de lhes diminuir as forças resolveu mandar quinze mil para Hespanha e ao mesmo tempo um homem capaz de pòr termo á guerra civil que devorava esta provincia. Abu-l-khattar Husam foi nomeado amir e partiu com elles. Tudo lhe cedeu a principio ; mas pouco tardaram novas perturbações. Tha'lebah passara ao Moghreb ; mas Thuabah Ibn Salamah seu irmão collocou-se á testa da rebellião iniciada por um certo As-samil. Decidiu-se a questão num combate. Abu-l-khattar, vencido, foi lançado numa masmorra em Cordova, e Thuabah tomou o titulo de amir. Todavia o filho de Abdu-l-malek e Abdu-r-rahman, que tinham reconhecido a auctoridade de Abu-l-khattar, apenas souberam da sua prisão, tentaram e obtiveram fazê-lo evadir, e em breve elle se achou de novo senhor de Cordova. Thuabah e As-samil marcharam então contra o amir, que saíu a recebê-los ; mas, aggredido repentinamente no maior fervor do recontro pela plebe de Cordova, que, rebellada, veio unir-se aos inimigos, perdeu a batalha e a vida. Thuabah tomou então o governo

de Cordova, ficando As-samil wali de Saragoça.
O poderio dos vencedores não era, todavia, grande. Os governadores das provincias fizeram-se independentes. As diversas raças de mussulmanos que tinham vindo successivamente colonisar a Hespanha estanceavam separadas, cada uma em seus districtos, e a emulação entre ellas era a causa principal destas guerras civis. Toda a Peninsula estava dividida em varias parcialidades, a dos arabes do Yemen, a dos modharitas, a dos egypcios, a dos assyrios, a dos berbers. E entretanto a monarchia christan, fundada por Pelagio nas Asturias e regida então por Affonso I, approveitando estas revoltas, ganhava novas forças. Os soldados godos desciam das montanhas e começavam a dilatar para o sul e oriente o imperio da cruz, sem que os sarracenos, embebidos nas suas dissensões intestinas, curassem de levantar barreiras contra a torrente que havia de devorá-los um dia. Por fim o remedio veio do excesso do mal. Os principaes entre os arabes assentaram em pôr termo á anarchia nomeando um cabeça a que todos obedecessem e que tivesse bastante energia para lhes dar a paz. A escolha unanime recaíu em Yusuf Ibn Abdi-r-rahman Al-fehri, homem illustre que, respeitado por todos os partidos, a nenhum se tinha ligado. Acceitando o cargo d'amir, Yusuf entregou-se exclusivamente ao cumprimento dos deveres que elle lhe impunha ordenando e restaurando o que as guerras civis haviam destruido. Os effeitos do seu bom governo não duraram, todavia, por largo tempo. Muitos dos chefes que tinham intervindo nas anteriores discordias começaram a conspirar e a amotinar-se. Postoque, favorecido sempre da fortuna, successivamente desfizesse quatro ou cinco tentativas de revolução, o prestigio que lhe dava o modo como

fora elevado ao poder ía pouco a pouco enfraquecendo. A sua eleição feita independentemente do principe dos crentes, o khalifa de Damasco, era, no sentir commum, illegitima, e auctorisava de certo modo as rebelliões. Pensaram então os mais influentes entre os mussulmanos em remediar esta circumstancia buscando para os reger um principe que ajunctasse aos dotes moraes de Yusuf uma auctoridade sanctificada por mais pura origem. Neste tempo os Abbasidas tinham expulsado do khalifado a familia dos Beni-Umeyyas, successores do Propheta. Um neto do khalifa Hixam esquivando-se á crueldade dos Abbasidas vagueava pelos ermos d'Africa sempre perseguido pelos seus inimigos. Mancebo de vinte annos, a desgraça e a aspereza de uma vida errante ensinaram-lhe a supportar com esforço as tempestades da vida. Depois de salvo, como por milagre, de grandes riscos, Abdu-r-rahman Ibn Muawyiah (assim se chamava) veio buscar abrigo na tribu berber dos zenetas, na qual tinha relações de parentesco por sua mãe. Ahi soube, segundo parece, das perturbações de Hespanha e pensou em aproveitar-se dellas. As suas tentativas tiveram bom resultado. Os animos dos chefes arabes estavam, como dissemos, inclinados á deposição de Yusuf, justamente pelas considerações que os deviam mover a acceitarem Abdu-r-rahman por seu principe. Preparadas as cousas, o moço proscripto passou o mar com mil cavalleiros zenetas que quizeram segui-lo. Immediatamente aquelles que em segredo tinham promovido a sua vinda se lhe uniram e dentro em pouco viu-se á frente de vinte mil homens. Yusuf acabava então de sopitar as rebelliões. Resolvido a resistir, começou a guerra; mas, desbaratado em varios combates, teve por fim de submetter-se, até que rebellando-se

de novo pereceu miseravelmente. Seus dous filhos ainda sustentaram por algum tempo a lucta : mas vencidos e presos, Abdu-r-rahman achou-se, emfim, pacifico senhor da Peninsula (760).

Comtudo a quietação durou pouco. Abdu-r-rahman queria partir para as fronteiras orientaes, aonde naturalmente o chamavam os successos occorridos durante as precedentes perturbações. Entretidos nas suas deploraveis rixas os mussulmanos tinham abandonado a defensão dos territorios que possuiam além dos Pyrenéus, e os frankos não tardaram a apoderar-se das terras conquistadas pelos arabes, sem exceptuar Narbonna. Assim, as montanhas tornaram a ser as fronteiras do islamismo. Era, talvez, o pensamento do amir dilatar estas de novo; recresceram, porém, acontecimentos que não lh'o consentiram. Os Abbasidas inquietavam-se vendo reinar em Hespanha um tronco da raça dos Beni-Umeyyas. Al-manssor, successor de Abu-l-abbas, havendo passado para Bagdad a séde do imperio, ordenou ao governador d'Africa, Al-'ala Ibn Mughith trabalhasse em reduzir a Peninsula ao dominio do khalifado. Al-'ala passou de feito á Andalusia, declarando Abdu-r-rahman usurpador. Uniram-se-lhe todos os descontentes e assim alcançou apoderar-se do Gharb ou provincias occidentaes, augmentando de dia em dia as suas forças e attrahindo gente com ouro e com a influencia do nome do khalifa. Abdu-r-rahman, a quem deram o epitheto de Ad-dakhel (o conquistador ou invasor), marchou contra elle. Numa batalha dada juncto de Sevilha o governador d'Africa foi desbaratado e morto. As reliquias do exercito vencido formaram então partidas que assolavam os logares abertos e que chegaram a assenhorear-se de Sevilha, a qual, todavia, não poderam defender. Toledo

resistiu por mais tempo; mas por fim caíu tambem. Entretanto não foi possivel acabar inteiramente com a nuvem de bandoleiros, que a longa duração da guerra fizera apparecer e que se reforçavam continuamente com berbers que lhes eram enviados do Moghreb. Perto de dez annos durou este estado violento, até que Abdu-r-rahman pôde colher junctos os levantados e exterminá-los num combate que se viram constrangidos a acceitar. Seguro, emfim, no dominio de Hespanha, o descendente dos Beni-Umeyyas applicou todas as attenções a construir uma armada capaz de impedir os desembarques dos africanos e a reprimir algumas tentativas dos descontentes, bem como dos christãos das Asturias, a quem tinham dado atrevimento para dilatarem as suas armas as longas dissensões dos sarracenos.

Um perigo mais grave ameaçava entretanto não só Abdu-r-rahman, mas tambem o islamismo. Karl filho de Pepin, tão celebre na historia pelo nome de Carlos Magno, reinava já em França e numa grande parte da Allemanha. Alguns walis da Hespanha oriental descontentes do amir de Cordova dirigiram-se ao principe dos frankos com o intuito de satisfazerem as suas vinganças politicas, offerecendo-lhe sujeitarem-se a elle se quizesse passar os Pyrenéus com um exercito. Excitavam-no tambem a commetter esta empreza, segundo dizem, os christãos das Asturias. Karl fez atravessar as montanhas por dous exercitos, um dos quaes elle proprio capitaneava (778). Chegando a Pamplona, o wali della, que era um dos conjurados, abriu-lhe as portas. D'alli o filho de Pepin marchou para Saragoça, da qual já se havia aproximado a outra divisão dos frankos. Suleyman Ibn-Arabi, wali da cidade e um dos principaes movedores desta invasão, já não pôde entregar-lh'a. A sua traição tinha irritado os

povos, que correram unanimemente ás armas e a defender Saragoça. Burladas assim as esperanças de Karl, elle entendeu que não devia continuar a guerra num paiz levantado em peso contra os seus designios, e começou a retirada seguido constantemente dos sarracenos. Ao transpôr as serras pela garganta de Roncesvalles os vasconios, montanheses selvagens descendentes dos antigos iberos, accommetteram a retaguarda do exercito excitados pela vista dos despojos que os invasores levavam ou, como alguns querem, induzidos pelo duque de Aquitania, Lupo, inimigo irreconciliavel de Karl. Soltando rochedos do cimo dos barrocaes sobre os cavalleiros frankos, que naquelles passos estreitos só podiam caminhar em fio, fizeram nelles horrivel matança. O desgraçado desfecho desta expedição, se não restituiu aos sarracenos as suas conquistas nas Gallias, impediu por annos as tentativas dos principes frankos para áquem dos Pyrenéus e consolidou para sempre o poder de Abdu-r-rahman, que, aliás, não teve necessidade de intervir na lucta.

Parecia, porém, que o destino do amir era não gosar jámais largos dias de tranquillidade. Mohammed Abu-l-aswad, filho de Yusuf, que vivia preso no fundo de uma torre em Cordova, pôde evadir-se e acolher-se ás montanhas de Jaen, onde logo reuniu mais de seis mil descontentes. Abdu-r-rahman á frente da sua cavallaria marchou contra elles. As tropas do amir dispersaram os levantados ; mas custou muito trazê-los a uma batalha campal em que foram destruidos.

A união e o socego renasceram, emfim, na Hespanha arabe depois destes successos. Abdu-r-rahman, porém, sentia aproximar-se o seu fim. Os ultimos tempos da vida applicou-os aos cuidados da paz. Visitando a Lusitania, cuja principal popu-

lação era de egypcios e berbers. mandou edificar um grande numero de templos nesta provincia. A celebre mesquita de Cordova, que ainda hoje dura, tambem teve por fundador Abdu-r-rahman. Antes de morrer convocou todos os walis das seis provincias em que se dividia o territorio mussulmano e os governadores de vinte e duas cidades principaes, e no seu palacio de Cordova, perante os wazires, o hajib (primeiro ministro) e o diwan (conselho) declarou haver de succeder-lhe seu filho terceiro Hixam, com exclusão dos dous mais velhos, Suleyman e Abdullah, cujo genio e caracter o amir não julgava tão appropriados ao difficil mister do governo. D'ahi a pouco Abdu-r-rahman falleceu em Merida contando apenas 59 annos de idade (787).

Subindo ao throno, Hixam I achava os seus estados pacificos. O bom nome paterno assegurava-lhe a affeição dos povos. A' excepção das Asturias, desprezadas pelos mussulmanos como um paiz inhospito e miseravel, toda a Peninsula reconhecia a sua auctoridade. Todavia o fogo ardia debaixo das cinzas. A raça berber estava subjugada pela arabe, mas o odio mutuo subsistia. Por outra parte Suleyman e Abdullah não podiam afazer-se á idéa de serem subditos de seu irmão mais moço e não tardaram a rebellar-se. Desbaratados por Hixam, Abdullah submetteu-se, mas Suleyman ainda sustentou a guerra por algum tempo. Abandonado, emfim, pelos seus parciaes, viu-se constrangido a implorar a clemencia do amir, que lhe perdoou com a condição de saír da Peninsula.

Depois de apaziguar algumas perturbações de pouca monta, Hixam, para entreter os espiritos turbulentos e ao mesmo tempo reanimar a gloria das armas mussulmanas, mandou proclamar a guerra contra os christãos. Dous exercitos se for-

maram immediatamente. Um, capitaneado por Yusuf Ibn Bokht, entrou pela parte da Galliza já unida á monarchia das Asturias, destruindo e saqueando tudo : outro, debaixo do mando do wasir Abdu-l-malek, dirigiu-se aos Pyrenéus para invadir a França. Gerona, que por traição dos seus habitantes caíra annos antes em poder dos frankos, foi de novo tomada e os seus moradores passados á espada. Depois Abdu-l-malek marchou contra Narbonna. Hludowig, rei de Aquitania e filho de Karl o grande, achava-se então em Italia com as forças principaes daquella provincia. Narbonna foi tomada e posta a sacco, e aos seus habitantes coube a mesma sorte dos de Gerona. Destroçados os christãos numa batalha juncto de Carcassona, os arabes voltaram á Hespanha carregados de despojos. O quinto destes, que pertencia ao amir, foi destinado a acabar a obra magnifica da mesquita de Cordova.

Os estados das Asturias, os quaes os sarracenos tinham em tão pequena conta nos primeiros tempos da sua existencia que apenas mui tarde se acha menção delles nos historiadores arabes, parece terem começado no reinado de Hixam a merecer mais séria attenção. Era que nessa epocha reinava alli, como adiante veremos, Affonso II, principe activo e bellicoso. No anno immediato ao da guerra de França (793) um corpo de tropas capitaneado por Abdu-l-kerim marchava a destruir os castellos construidos pelos godos, provavelmente na Bardulia (Castella Velha), emquanto que Abdu-l-malek atacava a Galliza pelo occidente. Entretanto a tribu berber de Takerna rebellava-se no sul da Peninsula ; mas Abdu-l-kader, general de Hixam enviado contra ella, não só a reduziu, mas tambem a exterminou, ficando deserto por sete annos o territorio onde essa tribu habitava.

As victorias do amir, a sua piedade e o seu generoso animo tinham-no tornado caro aos sectarios do islam e temido dos inimigos. Elle promovia o progresso das letras e a civilisação tanto entre os mussulmanos como entre os christãos mosarabes, e fazia da agricultura o seu principal deleite. Annunciando-lhe um astrologo que morreria cedo, fez reconhecer por successor a seu filho Al-hakem; e de feito falleceu d'ahi a pouco, ainda em florente idade (795), chorado de todos como modelo de principes.

Al-hakem subiu ao throno tendo apenas vinte e dous annos. Era valente, gentil e instruido, mas de genio aspero e colerico. Seus tios Suleyman e Abdullah, que não tinham ousado emprehender cousa alguma durante a vida de Hixam, julgaram a occasião apparelhada para renovarem as antigas pretensões. Não contentes de fomentarem o espirito de rebellião nas provincias de Toledo, Murcia e Valencia, emquanto Suleyman buscava reunir no Moghreb tropas estipendiarias Abdullah partia para a corte do imperador franko a implorar o seu auxilio, que sabemos ter obtido, posto se ignorem as condições delle. Com Hludowig, o moço rei d'Aquitania, voltou o sarraceno para áquem dos Pyrenéus. Tudo estava prompto. Fez-se a revolução. Abdullah apoderou-se de Toledo e de varios logares fortes, emquanto Suleyman desembarcava na costa com um corpo de africanos e se acclamava soberano. Al-hakem não perdeu nem o animo, nem o tempo. Marchou com as suas tropas de cavallaria sobre Toledo, onde já Suleyman e Abdullah se haviam ajunctado. No caminho o amir recebeu a nova de que o rei d'Aquitania se tinha apoderado de Narbonna e de Gerona e passando os montes se encaminhava para o Ebro. Soube tambem que os walis de Lerida e de Huesca lhe haviam feito ho-

menagem e que o de Barcelona fora antes disso á corte de Karl o grande pedir ao monarcha franko a investidura do seu governo como dependencia do imperio. Al-hakem mandou partir immediatamente um corpo de cavallaria para se ajunctar ao wali de Saragoça. Pamplona caía entretanto nas mãos dos frankos. Com a noticia de tantos revéses o amir, deixando em frente de Toledo Amru kayid de Talavera, dirigiu-se para as fronteiras com a flor dos seus cavalleiros. A presença de Al-hakem mudou o aspecto da guerra. Lerida e Huesca foram restauradas, os christãos obrigados a retirarem-se, Barcelona e Gerona submettidas. Depois, transpondo os Pyrenéus, o amir retomou Narbonna, onde deu largas á fereza do seu genio mandando matar os defensores da cidade e trazendo captivas as mulheres e creanças. Mas entretanto a revolução progredia no sul da Peninsula dilatando-se por Toledo, Murcia e Valencia, postoque combatida com varia fortuna pelos walis de Cordova e de Merida. A chegada de Al-hakem melhorou o estado das cousas. Ás suas tropas disciplinadas e guerreiras não poderam resistir as dos rebeldes, gente collecticia e desordenada, embora mais numerosa. Destroçados por toda a parte, os levantados recolheram-se ás serras de Murcia e Valencia, e Amru apoderou-se a final de Toledo. Durou todavia a guerra ainda algum tempo, até que, vencido e morto Suleyman e posto em fuga Abdullah numa batalha decisiva, este veio submetter-se ao sobrinho, que generosamente lhe perdoou, bem como a todos os que haviam seguido a sua parcialidade.

Começara no meio destes successos o seculo IX e com elle sobrevieram novas inquietações. Affonso II rei d'Oviedo, que obtivera algumas vantagens dos kayids arabes postos nas fronteiras dos christãos das

Asturias, buscava a protecção de Karl enviando a Hludowig, rei d'Aquitania, parte dos despojos que ajunctara nas suas correrias contra os mussulmanos. Bahlul, general de Al-hakem que governava as fronteiras dos Pyrenéus, bandeou-se neste tempo com os frankos, ignora-se por qual motivo, facilitando-lhes assim a passagem das serras. Não tardou, de feito, a passá-las um exercito franko-aquitano depois de reconquistar as povoações e territorios das Gallias de que pouco antes Al-hakem se apoderara. Penetrando na Peninsula, Hludowig occupou varias povoações no pendor austral das montanhas e, estabelecendo ahi um districto (mark) dependente da Aquitania, tomou todas as providencias necessarias para o defender e conservar, guarnecendo-o de tropas e dando-lhe por governador um marquez franko (markgraf) por nome Borel. Foi, porém, em 802 que os senhorios de Hludowig áquem dos Pyrenéus adquiriram grande importancia pela conquista de Barcelona, que depois de larga resistencia caíu em poder do rei d'Aquitania, o qual dirigira pessoalmente essa conquista.

Al-hakem, que se mostrara remisso em soccorrer Barcelona, marchou para Saragoça com um exercito numeroso, resolvido, segundo parece, a accommetter os aquitanos. Yusuf, filho do kayid de Talavera, Amru, que nas passadas revoltas domara a rebellião de Toledo, era então wali desta cidade e tinha irritado grandemente os animos dos habitantes pela aspereza do seu caracter. A plebe alvorotou-se, mas apaziguada pelas pessoas prudentes, o wali pretendeu exercer contra ella a sua crueldade. Então os proprios que o tinham salvado o prenderam e deram conta do seu procedimento ao amir, expondo as razões porque assim tinham obrado. Al-hakem mostrou-se indifferente ao successo e, removendo

Yusuf para outro governo, nomeou Amru para succeder ao filho. Amru levava em mente vingar a offensa feita a Yusuf e começou a vexar o povo por todos os modos. Não contente com isso, levou mais longe o seu odio. Passava por Toledo Abdu-r-rahman filho do amir com cinco mil homens de cavallaria destinados para o exercito da fronteira : convidou-o Amru para uma ceia esplendida a que foram chamados os principaes da cidade. Enganados com as apparencias da festa caíram no laço. A medida que íam chegando, no meio do tumulto do banquete eram conduzidos aos subterraneos do alcassar, onde lhes decepavam a cabeça. Quatrocentos pereceram assim. Desde então o nome de Al-hakem, a cujas ordens se attribuiu então este successo, ficou execrado pelos toledanos. D'ahi a pouco o wali de Merida, Esbaa, cunhado de Al-hakem, por desgostos que tivera com elle rebellou-se. O amir marchou contra Merida; mas a boa harmonia restabeleceu-se por intervenção de Al-kinza, mulher d'Esbaa e irman do amir, o qual perdoou ao wali deixando-o, até, continuar no governo de que havia sido revestido. O governador do districto de Béja, que tambem se rebellara e se dirigia a Lisboa, foi destroçado pelo amir. Entretanto Kasim, filho de Abdullah seu tio, avisava-o de que era necessario voltar a Cordova immediatamente. O povo da capital, sempre desejoso de novidades e mal contente do mais que duro governo de Al-hakem, tractou de se aproveitar da sua ausencia para uma revolução. Pensaram os conjurados achar em Kasim, representante dos principes mais velhos que haviam sido excluidos da successão, um cabeça para a empreza. Patentearam-lhe o seu designio. Ouviu-os : fingiu acceitar as propostas e delatou tudo ao tio, revelando-lhe o nome de trezentos dos principaes

conspiradores. Recolheu-se o amir a Cordova e na madrugada do dia em que devia rebentar o incendio trezentas cabeças estavam penduradas nas ameias do alcassar. Ao mesmo tempo que se espalhou a noticia do crime appareceu o testemunho sanguinolento da punição.

Affogadas em sangue as perturbações intestinas, a attenção de Al-hakem voltou-se para a guerra tenaz e activa que lhe faziam os christãos, não só os das Asturias, que ainda então eram menos de recear, mas tambem os franko-aquitanos que eram os mais poderosos. Em 809 um exercito dividido em dous corpos partira de Barcelona. O rei Hludowig capitaneava pessoalmente um delles que se dirigia contra Tortosa; o outro capitaneado por Borel, markgraf da Gothia, nome que se havia dado ao novo districto franko d'áquem dos Pyrenéus, e por Béra, conde de Barcelona, saíu a saquear as margens do Ebro e depois foi ajunctar-se ás tropas do rei d'Aquitania sob os muros de Tortosa. O moço Abdu-r-rahman, filho e successor do amir, que já servira nesta guerra, marchou junctamente com o wali de Valencia contra os sitiadores, os quaes obrigou a levantarem o cerco e a recolherem-se a Barcelona, donde Hludowig partiu para além dos Pyrenéus. Neste meio tempo os christãos das Asturias, porventura combinados com os frankos, haviam descido das suas montanhas, passado o Douro e assolado o norte da Lusitania. Al-hakem saíulhes ao encontro, desbaratou as tropas asturianas que tinham avançado até perto de Lisboa, mas não pôde jámais submetter inteiramente os gallegos de Braga, que faziam saltos e commettimentos sem acceitarem uma acção decisiva.

Destas luctas obscuras veio em breve distrahir as attenções do amir mais grave acontecimento.

Nova expedição de aquitanos saíra de Barcelona contra Tortosa. O resultado della foi o mesmo da antecedente; mas Al-hakem, inquietado pelos christãos do occidente e receoso de que as repetidas tentativas do imperador Karl, cujo nome soava por todo o mundo, chegassem a ser fataes para a Hespanha mussulmana, enviou mensageiros á corte de Aquisgran propondo treguas, que foram acceitas. Quasi pelo mesmo tempo (812) a guerra cessou com o rei das Asturias (Affonso II). Então o amir, fazendo reconhecer seu filho Abdu-r-rahman successor do amirado (wali-al-hadi) entregou ao mancebo, cujos altos espiritos, valor e actividade tinham sido bem provados nos anteriores successos, o trabalho da administração encerrando-se elle no seu alcassar para se entregar ao repouso no meio dos deleites. Desde então este principe, que outr'ora se mostrara tão bellicoso e attento ás obrigações do seu cargo, consumiu os dias em devassidões e banquetes, nos quaes, contra a expressa prohibição do koran, corriam em abundancia os vinhos generosos. Uma parte dos tributos despendiam-se nestas festas dissolutas, e a indignação do povo contra Al-hakem crescia diariamente. Cercado de uma guarda de cinco mil homens composta de christãos mosarabes e de slavos, o amir só fazia conhecer a sua existencia por sentenças de morte, que íam caír de repente sobre aquelles que se lhe tornavam suspeitos. Numa destas execuções a gentalha de um dos arrabaldes amotinou-se, atacou as guardas do amir e obrigou-as a retirarem-se para o alcassar. Al-hakem sentiu então renascer os antigos brios. Apesar das reflexões de seu filho Abdu-r-rahman e dos wasires, pôs-se á frente da soldadesca e precipitou-se furiosamente contra a multidão desordenada. O povo atemorisou-se e foi refugiar-se no arrabalde,

onde ainda tentou resistir. O sangue correu em torrentes. Trezentos dos amotinados serviram para dar um espectaculo de terror sendo cravados em postes pela margem do rio. O bairro levantado ficou durante tres dias entregue ao sacco e, expulsos os seus habitantes, foi arrasado. Daquelles infelizes, cujo numero subia a muitos milhares, uns, depois de vaguearem errantes por largo tempo, fizeram assento no districto de Toledo, outros passaram ao Moghreb e ajudaram a povoar Féz, cidade que então se fundava debaixo dos auspicios do amir Idris Ibn Idris.

A voz implacavel da consciencia vingou a humanidade da feroz colera de Al-hakem. Desde aquelle successo o amir caíu numa demencia furiosa que só era interrompida por melancholia profunda. Depois de quatro annos de tormentos moraes e physicos este principe, cujos ultimos tempos tinham sido tão negros quanto os primeiros haviam sido brilhantes, veio a fallecer (822) de morte lenta e dolorosa quando contava vinte e seis annos de governo. Então seu filho Abdu-r-rahman, que tomara em consequencia das suas façanhas militares o appellido de Al-modhaffer (o victorioso), subiu ao throno, do qual fora reconhecido herdeiro em vida de seu pae. Indomavel na guerra, Abdu-r-rahman era brando e piedoso na paz e sempre prompto em proteger os desvalidos e humildes. Ajunctava a esses dotes moraes claro engenho e instrucção variada, e, para em tudo ser completo, o garbo da figura associava-se nelle com a gentileza do semblante. Apenas acclamado amir o seu esforço foi de novo posto á prova. O velho Abdullah, tio de Al-hakem, vivia ainda em Tanger : sabendo da morte do sobrinho, a ambição de reinar veio accender-lhe os espiritos amortecidos e, ajuntando as tropas que pôde, pas-

sou o mar. Entrado na Peninsula declarou-se amir correndo os logares abertos que não podiam resistir-lhe. Partiu immediatamente Abdu-r-rahman contra elle, destroçou-o e constrangeu-o a retirar-se para as bandas de Valencia. Perseguido e apertado entre os inimigos e o mar, Abdullah resistiu por algum tempo na capital da provincia até que, persuadido da inutilidade da tentativa, se congraçou com o amir por intervenção dos proprios filhos que se haviam conservado fiéis a Abdu-r-rahman. Para lisonjear a ambição do velho este principe concedeu-lhe o governo vitalicio de Murcia, que ainda desfructou dous annos.

Livre dos cuidados da guerra domestica o amir pôde acudir aos revéses occorridos durante este intervallo nas fronteiras christans, principalmente nas dos frankos. Ou que as treguas feitas com Al-hakem houvessem expirado, ou que os eternos adversarios do nome sarraceno as quebrassem, é certo que os condes da provincia da Aquitania d'áquem dos Pyrenéus tinham feito uma entrada no territorio mussulmano, onde deixaram profundos vestigios da sua passagem. Abdu-r-rahman marchou então para Barcelona, que sitiou por algum tempo. Se accreditarmos os auctores arabes, chegou a apoderar-se della; mas o silencio das chronicas christans e os successos posteriores tornam mais que duvidoso este successo. D'alli dirigiu-se a Urgel, que parece chegou a caír-lhe nas mãos, e os inimigos destroçados em toda a parte viram-se constrangidos a buscar refugio nas montanhas. Satisfeito com estes triumphos o amir voltou a Cordova. Nessa conjunctura mensageiros enviados pelos vasconios das serras, povo sempre insoffrido de qualquer jugo, vieram propôr-lhe uma alliança contra os frankos. Não desdenhou acceitá-la o pode-

roso amir, e ella lhe foi util em breve. Um exercito aquitano que entrara até Pamplona, atacado pelos generaes da fronteira e pelos novos alliados do soberano de Cordova, foi destruido nos desfiladeiros, e um dos cabeças da expedição conduzido captivo á capital com grande numero de outros prisioneiros.

Emquanto estas cousas se passavam tinha Abdu-r-rahman enviado contra as Asturias seu primo Obeydullah Ibnu-l-balensi. As correrias de Affonso II haviam inquietado sériamente os mussulmanos. Segundo os historiadores arabes, a guerra feita por Obeydullah teve os resultados mais prosperos, sendo obrigadas as tropas do rei de Oviedo a recolherem-se aos desvios das montanhas e aos logares fortificados. Apenas, porém, o general sarraceno regressou á capital os christãos saíram dos seus escondrijos e renovaram os anteriores commettimentos nos territorios do amir obrigado a sustentar guerra perpetua contra esta gente indomavel e incapaz de repouso, cujas correrias e devastações eram como um annuncio do raio que devia um dia fulminar o imperio mussulmano da Peninsula.

Um conde godo tinha-se neste meio tempo rebellado contra Hludowig, que então reinava entre os frankos como successor de seu pae Karl o grande fallecido annos antes. Aizon (assim se chamava o godo) havendo-se apoderado de territorios limitrophes dos sarracenos, implorara o favor de Abdu-r-rahman contra Hludowig. Tropas arabes tinham marchado immediatamente em seu auxilio, e o proprio amir se preparava para ir pessoalmente aproveitar aquella conjunctura vantajosa quando um acontecimento inesperado lhe veio embargar os passos. Era o principe mais que liberal: era prodigo. Não contente com multiplicar por toda a parte as obras e edificios de necessidade e até de luxo, tinha

levado ao extremo da exaggeração o esplendor da corte. Aos poetas, aos artistas que o rodeavam, ás concubinas do seu harem, a todos aquelles, emfim, que contribuiam para lhe tornar a vida deliciosa distribuia com mão larga as grossas sommas que entravam diariamente nos cofres do estado por meio de incomportaveis tributos. O povo cançado de exacções começava a dar indicios de descontentamento. Hludowig não o ignorava, segundo parece; porque delle existe uma carta aos principaes moradores de Merida excitando-os á rebellião com promessas de soccorro. Pelas formulas e estylo daquelle documento se vê que os habitantes da capital da antiga Lusitania eram principalmente christãos mosarabes e que se achavam grandemente irritados pelo peso dos impostos. Assim o imperador franko, trabalhando por suscitar ao seu inimigo as mesmas difficuldades da guerra civil com que elle andava á braços, não se enganara nas concebidas esperanças. A revolução rebentou em Merida. Estava á frente della um certo Mohammed, antigo collector dos tributos privado do seu cargo pelo amir. As habitações dos wasires ou ministros da cidade foram saqueadas e destruidas, e o povo armou-se para obstar ao castigo. Por ordem de Abdu-r-rahman a guarnição de Toledo e as tropas que estanceavam pelo Gharb vieram sitiar os amotinados. Receava o amir que a cidade, rica e populosa, ficasse destruida sendo entrada á força d'armas, e assim, em logar de a combater, os sitiadores limitavam-se a conservá-la estreitamente assediada. Depois de algum tempo o descontentamento lavrou entre os cercados e a cidade foi entregue por traição salvando-se, todavia, Mohammed e os outros caudilhos dos levantados.

Mas as causas que em Merida haviam suscitado a colera popular existiam por outras partes. O desfe-

cho da primeira tentativa não quebrou os animos irritados pela oppressão. Em breve Toledo seguiu o exemplo de Merida. A antiga capital da monarchia wisigothica era em grande parte povoada de christãos mosarabes e de judeus opulentos, os quaes, postoque obedientes ao jugo mussulmano, o soffriam constrangidos e folgavam das sedições que elles proprios promoviam. Os conjurados acharam logo quem os capitaneasse. Era um certo Hixam Al-atibi, mancebo dos mais abastados de Toledo. Distribuiram-se armas e dinheiro, comprou-se a guarda mourisca do alcassar e a revolução rebentou. O wali estava ausente no campo: sabido o successo, avisou Abdu-r-rahman, que sem perda de tempo enviou seu filho Umeyyah contra Toledo. Entretanto os sediciosos tinham-se prevenido e, deixando a cidade guarnecida pelos mais bisonhos ou menos audazes, saíram ao encontro das tropas mandadas para os sopear. A fortuna declarou-se pelos toledanos que deste primeiro successo tiraram brios para proseguirem no levantamento. Tres annos durou este, sem que Umeyyah obtivesse vantagens decisivas contra elles, até que, fazendo-os caír em uma cilada juncto do rio Alberche, os destroçou com grande mortandade. Os fugitivos acolheram-se a Toledo, onde, apesar daquelle revés, continuaram a defender-se.

O wali de Merida viera com as suas tropas ajudar as de Umeyyah e obtivera dos inimigos uma assignalada victoria. O fugitivo Mohammed tinha reunido algumas forças no districto de Lisboa, e sabendo da ausencia do wali de Merida e que a cidade estava mal defendida dirigiu-se para aquellas partes. Fazendo entrar ahi pouco a pouco alguns dos seus sequazes, teve modo de se apoderar della. Recebida a noticia deste successo, o proprio Abdu-r-

rahman marchou para Merida á frente da sua cavallaria e das mais tropas que pôde ajunctar. A resistencia foi energica a principio; mas em breve os amotinados cederam e o amir entrou na cidade, donde pôde ainda mais uma vez escapar a seu salvo o revoltoso Mohammed.

Continuava, todavia, a resistencia de Toledo apesar do exemplo de Merida. Durante nove annos o habil Hixam soube sustentar-se naquella cidade independente do amir, resistindo aos generaes que este enviava contra elle e desbaratando-os ás vezes. A final, reduzido com os seus a defender-se unicamente no recincto da povoação, ferido já, caíu nas mãos do wali Abdu-l-ruf, que dirigia o cerco e reduzira Toledo á ultima estreiteza. O wali mandou-lhe decepar a cabeça apoderando-se da cidade. Com a morte de Hixam a revolução acabou, e a auctoridade de Abdu-r-rahman deixou de ser disputada. Esta nova encheu de jubilo os animos cançados de tão diuturna guerra civil; mas o espirito guerreiro do amir não lhe consentia largo repouso. As tropas do Gharb receberam ordem para marcharem á guerra sancta contra o rei de Galliza (assim denominavam os sarracenos os monarchas das Asturias), e as da Axarkia ou do oriente para accommetterem os christãos do paiz dos frankos. Estas guerras, cujas consequencias foram só estragos mutuos, serviram mais para os mussulmanos se não deshabituarem do tracto das armas do que para augmentar a gloria do amir ou estender os limites dos seus dominios, que já começavam a encurtar-se.

Foi nessa conjunctura que nas costas da Peninsula appareceram pela primeira vez novos e inesperados inimigos; inimigos tanto dos estados christãos das Asturias, como da Hespanha mahometana. Eram estes os normandos. Aquelles barbaros do

Jutland, saíndo do Baltico em frageis barcas, espalhavam o terror, havia já tempos, pelas praias de Inglaterra e de França. Atravessando o golpho de Biscaia vieram então visitar com estragos, roubos e mortes as regiões maritimas da Peninsula. A Galliza foi o primeiro theatro das suas devastações. Desembarcados na Corunha (853), Ramiro I, que então reinava em Oviedo, enviou contra elles forças que os desbarataram queimando-lhes algumas barcas. Mal succedidos com os christãos, desceram ao longo da costa para o Gharb. Cincoenta e quatro vélas dos piratas scandinavos entraram no Tejo, e desembarcando na foz do rio assolaram os arredores de Lisboa. D'aqui, proseguindo na sua terrivel viagem, foram fazendo saltos em terra e saqueando os logares abertos, ousando subir pelo Guadalquivir até Sevilha que em parte destruiram. Repellidos pelos povos vizinhos que se haviam ajunctado para lhes resistirem, saíram outra vez ao largo antes que podessem ser colhidos por uma armada de quinze navios enviados por Abdu-r-rahman para lhes tolher a passagem. Os piratas voltaram então, retrocedendo pela mesma róta que tinham seguido e assolando de novo as costas do Gharb emquanto Abdu-r-rahman mandava ordens aos kayids de Santarem e de Coimbra para guarnecerem as praias e afugentarem estes incommodos hospedes, contra cujos rapidos assaltos a resistencia quasi sempre vinha tarde. Persuadido de que o unico meio para os destruir era combatê-los no mar, Abdu-r-rahman ordenou a construcção de esquadras em Cadix, Carthagena e Tarragona, incumbindo especialmente dos negocios navaes seu filho Yacub e fazendo todas as prevenções necessarias para se poder acudir promptamente a qualquer ponto salteado pelos normandos.

Desde então Abdu-r-rahman dedicou-se a adornar Cordova e outras cidades com edificações mais ou menos uteis ou grandiosas. Tendo já passado a idade de sessenta annos fez proclamar successor do amirado seu filho Mohammed e d'ahi a pouco veio a fallecer (852) deixando a reputação de um caracter altivo, de um espirito cultivado e de ser um dos mais valentes capitães do seu tempo e o mais illustre amir que até ahi regera a Hespanha mussulmana.

Subindo ao throno na florente idade de trinta annos, Mohammed, cujos dotes e caracter eram mui semelhantes aos de seu pae, pensou logo em dilatar a gloria das armas sarracenas ordenando aos walis de Merida e de Saragoça accommettessem os christãos: aquelle os da Galliza; este os do paiz dos frankos. Baldou-lhe, porém, brevemente os vastos designios o espirito sempre inquieto dos subditos. Musa Ibn Zeyad, christão renegado e wali de Saragoça, havia sido, segundo alguns, demittido pelo amir, bem como seu filho o wali de Toledo. A vingança levou-os então a buscarem a alliança dos christãos, seguros da qual, amotinaram os seus respectivos districtos apoderando-se de muitas cidades importantes e estabelecendo uma especie de governo independente, que abrangia os territorios de Saragoça, Tudela, Huesca e Toledo e que se estendia assim por um terço da Peninsula. Emquanto Lupo ou Lopia Ibn Musa, filho de Ibn Zeyad, se fortificava em Toledo para resistir a Mohammed, seu pae ousava sustentar no oriente a guerra contra os frankos. Era a razão disto que Musa se alliara com a Navarra, reino fundado na antiga provincia aquitana d'áquem dos Pyrenéus e em que por isso os successores de Karl o grande pretendiam exercer um dominio a que se oppunham os novos alliados de Musa. Este passou as montanhas assolando o

meio-dia das Gallias e com fortuna tal, que os frankos se viram obrigados a offerecer-lhe paz. Entretanto o amir em pessoa viera sitiar Toledo, e apesar de ter attrahido os inimigos a uma cilada, em que fez nelles grande matança, não pòde reduzir a cidade e voltou a Cordova deixando seu filho Al-mundhir, que então começava a exercitar o mister das armas, para continuar o cerco.

Este durou largo tempo; mas os soccorros conduzidos por Musa a Lupo obrigaram os generaes do amir a levantá-lo. A guerra civil protrahiu-se. Destroçado, emfim, Musa por Ordonho I numa batalha sanguinolenta dada juncto a Clavijo (em consequencia de haver o orgulhoso wali ousado entrar nos territorios do rei das Asturias e fundar na Rioja o castello de Albayda) ficou tão abatido, que, tendo-se retirado para Saragoça com as reliquias do exercito, Toledo chegou a capitular, e Lopia, que buscara valer-se do proprio vencedor de seu pae para que o soccorresse contra Mohammed, viu-se constrangido a ir buscar um asylo nas terras do seu novo alliado.

Foi pouco depois de submettida Toledo que os normandos, repellidos segunda vez das costas da Galliza, que haviam tentado infestar, renovaram os saltos e entradas pela beira-mar da Hespanha mussulmana. Depois de fazerem immensos estragos, perseguidos pela cavallaria do amir tornaram a embarcar e foram levar o terror do seu nome ás praias de Africa, ás ilhas Baleares e, até, aos mares da Grecia. Carregados de despojos, voltaram ousadamente a invernar nas costas da Peninsula, donde regressaram á Scandinavia na primavera seguinte. Entretanto o rei d'Oviedo, cobrando brios com a victoria de Clavijo, passava a fronteira para o sueste e reduzia pelas armas Coria, Salamanca e outras povoações. Inquieto com os progressos dos christãos,

Mohammed enviou contra elles um numeroso exercito capitaneado por Al-mundhir, o qual encontrando-os nas margens do Douro os desbaratou, se acreditarmos os historiadores arabes. D'alli Al-mundhir marchou para a fronteira oriental ou do paiz dos frankos, donde, obtidas novas vantagens contra os christãos, voltou a Cordova. Não havia, porém, respirar de combates entre as duas raças inimigas. Ordonho fizera uma correria para o sul até Lisboa : o amir, em vingança, invadiu a Galliza com as tropas de Andalusia entrando até Sanctiago. Mas brevemente a guerra civil o distrahiu de proseguir nas entradas contra os christãos. Haviam occorrido, segundo parece, revoluções e disturbios nas provincias orientaes, e parte das forças do amir tiveram de marchar a combater os levantados. Estas luctas frequentes eram inevitaveis na Hespanha mussulmana, onde á falta de instituições politicas assás robustas para manterem a unidade social se ajunctavam as mutuas repugnancias nascidas da diversidade de raças, não só entre arabes e berbers, mas tambem entre uns e outros e os mosarabes christãos, inimigos naturaes daquellas duas categorias de conquistadores, de quem os separava a diversidade de origem e de crença e a sujeição de povos conquistados. A narrativa das guerras civis dos ultimos annos do amirado de Mohammed é tão confusa nos historiadores arabes, que fora impossivel substanciá-la neste rapido esboço sem risco de caír em graves erros. O que parece mais certo é que já nessa conjunctura começavam a apparecer as primeiras tentativas de rebellião do celebre renegado Omar Ibn Hafssun, que tão conspicuo papel veio a representar na Peninsula durante o governo de Al-mundhir.

Logo, porém, que as perturbações civis lh'o con-

sentiram Mohammed voltou as armas contra o reino christão das Asturias, cuja importancia e poder augmentavam de dia para dia. Pela morte de Ordonho I haviam-se ahi suscitado contendas intestinas. Aproveitaram-se os sarracenos do ensejo. Uma armada partiu para as costas da Galliza emquanto os walis da fronteira entretinham a attenção dos christãos. Falhou, porém, a empreza, porque a frota sarracena foi desfeita por uma furiosa tempestade ao chegar á foz do Minho. Affonso III, que já reinava pacificamente nas Asturias, cobrou com este successo animo e brios para invadir o territorio mussulmano, tomando Salamanca e cercando Coria. Repellido pelos sarracenos, estes fizeram uma entrada na Galliza, mas sendo salteados á volta num passo estreito, foram destroçados com grande perda. Então Affonso III marchou de novo para o sul, onde se apossou das cidades mais importantes da moderna provincia da Beira. As forças do amirado achavam-se divididas; porque o wali de Saragoça se rebellara, e um seu irmão se fizera senhor de Tudella. O principe Al-mundhir, que marchara contra elles, não podera obter vantagens algumas decisivas e ao mesmo tempo os turbulentos toledanos acclamavam por wali Abu Abdullah, filho de Lopia, seu antigo chefe nas passadas turbulencias. O horisonte politico mostrava-se assás carregado para o amir: todavia asserenou com mais promptidão do que era de suppôr. Musa, wali de Saragoça, foi assassinado pelos seus proprios parciaes, e Abu Abdullah que esperara debalde ser soccorrido pelo rei d'Oviedo, não se julgando habilitado para resistir ás forças mandadas contra elle, fugiu, deixando os toledanos á mercê de Mohammed, que generosamente lhes perdoou.

O infeliz successo da guerra contra os christãos

das Asturias e a fome e a peste, que devastavam por esse tempo a Peninsula, moveram o amir a ajustar treguas com Affonso III. Apenas, porém, ellas acabaram, este fez uma invasão, penetrando até onde os christãos nunca haviam chegado, isto é, até a Serra Morena. Ahi desbaratou as tropas que se lhe oppuseram e, deixando subjugadas varias povoações do moderno Portugal, voltou aos seus estados. Deveu elle estes triumphos ás novas perturbações civis da Hespanha mussulmana. O rebelde Omar Ibn Hafssun trabalhava activamente em ajunctar gente, tanto mussulmana como christan, para com ella alevantar a machina de ambição que a consciencia do proprio genio e esforço lhe inspirava. A noticia dos progressos que faziam as armas asturianas obrigou o amir a dirigir-se para aquelle lado da fronteira, deixando incumbido o castigo de Omar Ibn Hafssun a Al-mundhir e ao celebre chefe da ultima revolução de Toledo, Abu Abdullah, que tentara e obtivera entrar na graça de Mohammed. Este homem, tão habil soldado como turbulento, quasi tinha acabado com a rebellião; mas pretendendo que o amir o fizesse wali de Saragoça e não o alcançando, levantou-se com esta cidade e uniu-se com o partido de Hafssun que até alli combatera. Al-mundhir marchou então contra elle; mas não podendo render Saragoça, contentou-se com atacar a Alava e a Castella velha, provincias que já pertenciam ao rei de Oviedo. Achando dura resistencia nos condes que defendiam aquella fronteira, dirigiu-se contra Leão; mas sabendo que Affonso III o esperava em terreno vantajoso, o principe retrocedeu para Cordova, deixando assoladas algumas povoações na sua passagem.

Viva e longa tinha sido a guerra entre christãos e sarracenos. Uns e outros desejavam a paz, sobre-

tudo Mohammed inquieto com o levantamento de Abu Abdullah. Propô-la, portanto, ao rei asturiano, que a acceitou, celebrando-se umas treguas em Cordova entre Mohammed e os embaixadores de Affonso III (833). Entretanto, se os mussulmanos respiravam da lucta com os christãos, nem por isso cessava entre elles o estrondo das armas. Omar Ibn Hafssun ligado com Abu Abdullah era um adversario capaz de se defender longamente contra o governo de Cordova. Os factos provaram-no. Depois de tres annos de escaramuças e recontros, as forças de Mohammed foram desbaratadas numa batalha em que o chefe dessas forças, Abdu-l-hamed, foi aprisionado e os levantados ficaram seguros da impunidade, ao menos por algum tempo.

No meio desta lucta chegou o anno de 876 em que Mohammed falleceu. Além dos dotes communs a elle e a seu pae, o amir deixou a reputação de bom poeta, qualidade grandemente estimada pelos arabes, e de excellente calligrapho, cousa que não apreciavam menos. Foi, além disso, tido na conta de um dos homens que então havia mais instruidos nas sciencias exactas e de extremado orador. Só as continuas guerras e perturbações da Hespanha durante o seu governo impediram que elle podesse promover o progresso da civilisação, como era de esperar dos seus indisputaveis talentos.

Dous annos antes Al-mundhir tinha sido declarado por seu pae successor do throno. Os longos serviços feitos por elle ao islamismo hespanhol e ao amirado tornavam-no digno de tão alta recompensa. Desde mui verdes annos podia dizer-se que nunca despira as armas. Sublimado á dignidade de amir, nem por isso lhe foi concedido repousar das passadas fadigas. Omar Ibn Hafssun havia neste meio tempo sabido remover algumas competencias

de auctoridade que existiam entre elle e os outros chefes dos sediciosos. Assim alcançava empregar unidas as forças que lhe obedeciam e que diariamente engrossavam. Á frente de dez mil cavalleiros, afóra a gente de pé, dirigiu-se a Toledo, onde tinha amigos secretos. Os toledanos, sempre affeiçoados a novidades, receberam-no com todas as demonstrações de jubilo. Al-mundhir sentiu o perigo desta audaz tentativa de Omar, que já se intitulava amir, e ordenou immediatamente que as guarnições da Andalusia e de Merida se ajunctassem, enviando elle adiante contra Toledo o hajib Hixam com a flor da cavallaria. O rebelde, receoso de uma lucta desigual e longe das suas habituaes guaridas, recorreu aos enganos: propôs umas treguas para que o deixassem reduzir-se á vida privada obrigando-se a entregar Toledo e mostrando-se arrependido da empreza que commettera. Hixam fez com o amir que acceitasse estas proposições, e de feito Omar saíu da cidade fingindo abandoná-la de todo, mas deixando preparadas as cousas para a execução dos seus designios. Guarnecida Toledo de tropas do amir, o hajib regressou a Cordova. Apenas, porém, elle partira, Ibn Hafssun deu volta, e ajudado pelos seus parciaes, que tinham ficado occultos na cidade, apoderou-se novamente della, bem como dos castellos vizinhos que abandonara. A noticia deste successo custou a cabeça a Hixam e a liberdade a dous filhos seus, que Al-mundhir, pouco affeiçóado ao velho ministro de Mohammed, accusou de cumplicidade com os rebeldes. Depois o amir em pessoa marchou contra Omar; mas este havia distribuido as suas tropas pelos castellos e povoações fortificadas de que estava senhor. Com successos diversos a guerra durou por mais de um anno, até que Al-mundhir foi morto na conjunc-

tura em que atacava o castello de Bixter ou Yobaxter, um dos mais fortes que Ibn Hafssun possuia (888); e assim acabou o sexto amir de Hespanha da raça dos Beni Umeyyas num combate obscuro depois de dous annos de reinado.

Abdullah, irmão d'Al-mundhir, que se achava no exercito, dirigiu-se logo a Cordova onde sem contradicção o acclamaram amir. Um dos seus primeiros actos foi soltar os filhos do hajib Hixam injustamente punido e elevá-los a cargos importantes. Deu este procedimento aso a novas dissensões, que rebentaram no seio da familia do amir. Mohammed seu filho, inimigo pessoal dos do ministro morto, ligou-se com seu irmão Al-asbagh e com seu tio Al-kasim contra o amir. Este, sabendo do que se tramava, enviou Abdu-r-rahman Al-modhaffer ou Al-mutref, outro filho seu, para que trabalhasse em reduzir os desobedientes. Foi inutil a tentativa. Mohammed levantou-se com a provincia de Jaen ao tempo que o amir marchava contra Omar Ibn Hafssun, destroçava-o juncto das margens do Tejo e, cortando a communicação entre os corpos volantes dos levantados e Toledo, vinha apertar o cerco desta cidade. Recebeu então aviso do mau resultado da missão de Abdu-r rahman e ao mesmo tempo de que outras duas sedições haviam rebentado em Lisboa e Merida. Não perdeu Abdullah o animo no meio desta confusão. Uma armada partiu para o Tejo capitaneada pelo wasir Abu Othman, e elle dirigiu-se a Merida com um exercito de quarenta mil homens, com que a reduziu á obediencia. Depois, sabendo do levantamento de Jaen, marchou para lá e destroçando um corpo de tropas que tentou oppôr-se-lhe, apoderou-se de Jaen. D'alli, deixando Abdu-r-rahman Al-modhaffer encarregado de dispersar o resto dos partidarios de

Mohammed, veio apertar o cerco de Toledo. Foi longa a lucta dos dous irmãos; mas por fim o que combatia por seu pae colheu ás mãos o mais velho numa batalha junctamente com seu tio Kasim. O principe captivo pouco sobreviveu na prisão em que o irmão o lançara e onde se diz que lhe deram veneno. Uma parte dos vencidos refugiou-se nas montanhas, outra foi engrossar as fileiras de Omar.

Este oppunha entretanto ao amir tenaz resistencia, a guerra prolongava-se e, apesar de todos os esforços de Abdullah, o partido do filho de Hafssun fortalecia-se e ganhava importancia de dia para dia. Um dos generaes de Omar, chamado Ahmed, achou-se assás forte para ousar accommetter o rei de Oviedo, que desde o tempo de Mohammed tinha paz com o governo de Cordova. Affonso III desbaratou Ahmed numa sanguinolenta batalha juncto de Zamora e avançou contra Toledo, tentativa de que não tirou melhor resultado do que tirara Abdullah. Estes acontecimentos, que apertavam mais os laços de boa amizade entre Oviedo e Cordova e de que parecia dever resultar para o amir um augmento de força moral, geraram unicamente males. Os inimigos de Abdullah lançaram mão do sentimento religioso para promover o descontentamento popular contra elle. Taxavam-no de mau mussulmano pela sua alliança com os christãos, que della se aproveitavam para derramar o sangue dos verdadéiros crentes. Surtiu effeito o alvitre. Começaram a apparecer symptomas de sedição. Falava-se de recusar o pagamento dos tributos, e Kasim, o tio rebelde de Abdullah a quem este perdoara, excitava já os animos dos sevilhanos á desobediencia. O amir mandou então prendê-lo e envenená-lo no carcere, banindo de Sevilha os

cabeças de motim. Omar não descançava entretanto, e a guerra era cada vez mais viva entre os seus partidarios e os de Abdullah. Desbaratado pelo wali Abu Othman, recolheu-se a Toledo, onde as tropas do amir não ousaram atacá-lo durante tres annos. O principe Al-modhaffer, que alcançara pòr em socego os districtos do sul, pediu então o governo de Merida que tinha Abu Othman, com o intento de dar calor á guerra de Toledo. Cedeu-lh'o promptamente o velho wali; mais lá lhe ficou dentro da alma o espinho da má vontade contra o seu successor. Feito capitão das guardas do alcassar em Cordova, trabalhou constantemente para que, em detrimento de Al-modhaffer, Abdullah designasse por successor o moço Abdu-r-rahman filho de Mohammed, o principe que morrera encarcerado. Criava-o o avô comsigo, e tinha-lhe particular affecto pelos dotes moraes e pelo grande ingenho que nelle divisava. Saíu Abu Othman com seu intento. Sentindo a morte proxima, Abdullah chamou Al-modhaffer para que admittisse a eleição do sobrinho. Ou fosse generosidade d'animo ou remorsos do envenenamento do irmão, o principe não só consentiu, mas prometteu amparar e defender o novo amir como se fora seu filho. Pouco depois Abdullah falleceu (912) e Abdu-r-rahman Ibn Mohammed foi acclamado, segundo as intenções do avô, no vigesimo segundo anno da sua idade. Era elle o terceiro do nome de Abdu-r-rahman, e a superstição arabe tirava d'ahi presagios de que o mancebo igualaria em gloria aquelles dous illustres antepassados seus. As esperanças que nelle punham fizeram com que lhe attribuissem o titulo de *amir-al-mumenin* (principe dos crentes), titulo que pertencia aos khalifas de Bagdad, e que os amires de Hespanha, postoque, havia muito, independentes,

não tinham ousado tomar. Dentro em breve accrescentou o de *imam* (pontifice) a ess'outro titulo, o que equivalia a denominar-se khalifa, isto é, chefe supremo, religioso e politico, do islamismo. Este facto indica bem que a decadencia da monarchia dos Beni Umeyyas começava a sentir-se, porque são frequentes na historia os exemplos de estados onde os governos pretendem illudir-se a si proprios sobre a ruina que os ameaça encubrindo-a debaixo de vans e pomposas apparencias. De feito, ao passo que as guerras civis se multiplicavam ameaçando destruir a unidade do imperio mussulmano de Hespanha, a monarchia christan das Asturias dilatava-se e adquiria forças, a ponto de luctar vantajosamente com aquelles que um seculo antes a consideravam apenas como uma associação desprezivel de miseraveis bandoleiros.

Dispostas algumas cousas do governo civil, o primeiro negocio a que se dedicou o khalifa, ou antes seu tio e generoso protector o guerreiro Al-modhaffer, foi a proseguir vigorosamente no empenho de acabar a revolta de Omar. Com quarenta mil homens escolhidos d'entre aquelles que voluntariamente se offereciam por toda a parte para esta facção, Al-modhaffer e o sobrinho partiram para o districto de Toledo. Os castellos guarnecidos pelos inimigos caíram todos successivamente em seu poder : só a antiga capital dos Godos continuou a resistir. Omar entretanto aproximava-se com um exercito que excedia em numero o do khalifa. Saíu Al-modhaffer a recebê-lo e travaram batalha. Foi disputada valorosamente ficando o campo juncado de dez mil cadaveres : mas por fim as tropas de Abdu-r-rahman alcançaram victoria, e Omar fugitivo teve de ir acolher-se a Hisn Conca. Então o moço khalifa voltou a Cordova, emquanto

Al-modhaffer continuava a perseguir incançavel os partidarios dos Hafssuns.

Não permittem os breves limites de um rapido resumo que sigamos as pouco importantes particularidades desta guerra civil. Provam ellas em summa que o partido de Omar. composto em grande parte da raça berber, era um partido bastante numeroso e tenaz para oppôr. como oppôs, longa resistencia á fortuna e á actividade de Abdu-r-rahman. Depois de muitos revéses e de rendida Saragoça, Omar ousou propor-lhe que o deixasse reinar tranquillo e independente na fronteira oriental, que defenderia contra os christãos, e elle lhe entregaria Toledo com todos os logares e castellos que seguiam a sua voz no occidente de Hespanha. Rejeitou o khalifa tal proposta com indignação, declarando aos enviados de Ibn Hafssun que o unico meio de obter a paz era uma prompta submissão. Com esta resposta o rebelde tirou forças da desesperança e continuou a defender-se até morrer, deixando dous filhos, Jafar e Suleyman, herdeiros do seu valor e constancia, os quaes continuaram a lucta com Al-modhaffer que tomara a seu cargo esta guerra. Entretanto no districto de Jaen levantavam-se novas perturbações, para as quaes contribuia não só o espirito turbulento dos povos, mas tambem os vexames dos exactores dos tributos e o desenfreamento da soldadesca, um dos peores males de qualquer paiz onde o poder é constrangido a affrouxar o rigor da disciplina para ter a seu favor a milicia. Accrescia a estes males a peste que assolava então a Africa e a Hespanha. Tantas desventuras pareciam desmentir as esperanças que a eleição de Abdu-r-rahman fizera conceber; mas, emfim, a situação das cousas começou a melhorar. Alcançou-se pôr termo ás desordens de Jaen, e os

toledanos, apertados por um dos mais longos assedios de que faz menção a historia, vendo as cercanias da cidade destruidas, e Jafar, que por tanto tempo fora participante dos riscos e trabalhos communs, abandoná-los, abriram as portas ao khalifa (927), o qual, tomando posse daquella cidade que soubera conservar-se independente dos seus dous immediatos antecessores e por tanto tempo delle proprio, generosamente perdoou aos habitantes esquecendo todo o passado.

Durante estas luctas civis a guerra com os christãos, tanto de Oviedo como de Navarra, tinha sido sustentada com vigor pelo moço khalifa, postoque nem sempre fossem felizes as armas mussulmanas. Noutra parte teremos occasião de mencionar os successos militares occorridos no reinado de Ordonho II. Por morte de Ordonho os christãos, entretidos tambem por dissensões internas, não poderam combater os sarracenos com demasiada violencia, bem que não abandonassem de todo as correrias pelo paiz inimigo quando as turbações domesticas lh'o consentiam. O mesmo succedia com os mussulmanos. Abdu-r-rahman, segundo parece, não sentia vivos desejos de guerrear os christãos, cujo valor indomavel e feroz era de respeitar e cujo territorio agreste e pobre não offerecia para saquear ou devastar riquezas ou cultura bastantes a contrapesar os damnos e roubos que elles faziam nas terras mussulmanas, mais cultas e opulentas. Tanto, porém, que Ramiro II se achou seguro no throno, tomando por modelos os seus antecessores Affonso III e Ordonho II, cuidou principalmente em ajunctar um exercito capaz de levar o terror ao coração dos estados de Abdu-r-rahman, fazendo uma entrada inesperada até Magerit (Madrid) que assolou, deixando-a deserta e voltando a seu salvo a

Leão. A felicidade desta empreza deveu-a aos negocios que por esse tempo attrahiam toda a attenção do khalifa e de que é necessario dar noticia para intelligencia de uma grande parte dos subsequentes successos.

O leitor tem seguido comnosco a serie de revoluções de que a Hespanha foi victima desde a conquista arabe. A fraqueza e falta de harmonia nas instituições politicas, estribadas apenas nas doutrinas falsas ou incompletas do koran, a diversidade de raças unidas só pelo vinculo moral de uma crença commum e o despotismo illimitado do supremo poder eram as causas principaes dessa febre violenta que trazia o corpo social em agitação perpetua, a qual, se a observamos attentamente, chega a produzir no espirito uma especie de vertigem. Não temos visto no decurso de dous seculos passar diante dos olhos senão levantamentos, batalhas, desmembrações, que succedem rapidamente umas ás outras. A civilisação não alcança oppôr barreiras á desordem, que se renova, transforma-se, multiplica-se, toma todos os aspectos, busca todos os pretextos. O quadro que nos offerece a Hespanha repete-se em Africa, na Asia, onde quer que os sectarios do propheta levaram a fé mussulmana e a organisação que em tal crença se fundava. Era ella, pois, a causa do mal. Ao passo que no occidente o christianismo ía lançando as bases da paz e da ordem entre os povos semi-barbaros e ferozes que adoravam o Deus do Calvario, as gentes mahometanas do oriente, incomparavelmente mais civilisadas, caminhavam para a dissolução e para a barbaria á sombra do estandarte ensanguentado do islamismo. Contraste singular, na verdade : prova sublime, postoque dolorosa, da origem pura e divina da crença christan e da vaidade e mentira

dest'outra, que pelo fanatismo soubera fazer conquistadores, mas que se mostrou sempre inhabil para constituir sociedades regulares e duradouras.

O Moghreb ou Africa occidental tinha sido theatro de acontecimentos analogos aos succedidos na Peninsula. Escusamos particularisá-los, porque não vem ao nosso intento. Basta saber que naquellas partes se fundara por esta epocha um imperio poderoso sobre as ruinas de outro que não o parecia menos e que, comtudo, se havia desfeito ao sopro das tempestades politicas. Era este o dos Beni Idris : aquelle o dos fatimitas. Os Beni Umeyyas de Cordova estavam alliados desde antigos tempos com os idrisitas : pedia-o a identidade de sangue e de interesses. Abdu-r-rahman via com inquietação os progressos de Obeydullah, o cabeça dos Fatimitas, que tomara os titulos de imam e de amir-al-mumenin. Desejava o khalifa hespanhol um pretexto para o rompimento e este não tardou a apparecer. Os partidarios dos idrisitas, que ainda conservavam varias praças, invocaram o auxilio de Abdu-r-rahman, que lh'o prometteu pedindo em refens as cidades de Ceuta e Tanger, as quaes de feito lhe foram entregues e que elle guarneceu, mandando ao mesmo tempo uma armada para as costas d'Africa e tropas capazes de se oppôrem aos capitães de Obeydullah. Estes soccorros, porém, foram inuteis para restabelecer os Beni Idris ; porque o monarcha de Cordova parece ter tido só em mira o proprio proveito ou antes a propria segurança nessa guerra que intentava contra os Fatimitas. Um general destes, Musa, tinha o governo de Féz, centro do Moghreb-al-aksa (Moghreb do meio) e dos antigos dominios dos idrisitas. O khalifa hespanhol soube attrahi-lo a si, e por intervenção delle em breve foi reconhecido sobe-

rano de toda aquella parte da Africa (932), deixando assim burlados os que lhe haviam aberto as portas para tão facil conquista.

Tres partidos ficaram então disputando o dominio do Moghreb : o de Obeydullah, o de Abdu-r-rahman e o dos representantes da antiga dynastia de Idris. Não seguiremos as phases desta lucta, que só indirectamente diz respeito á historia dos sarracenos na Peninsula. Féz, tomada e retomada successivamente por cada uma das parcialidades, reconhecia o senhorio de Abdu-r-rahman nos ultimos tempos do reinado deste principe, que o transmittiu com o khalifado de Hespanha a seu filho e successor Al-hakem. Os successos aqui occorridos emquanto duraram as contendas d'Africa é o que por agora importa indicar para o fim que nos propusemos. sendo sufficiente o que fica dicto para se perceberem os factos produzidos pelas relações mais estreitas que esta conquista de Abdu-r-rahman estabeleceu entre a Africa e a Peninsula.

A destruição de Madrid pelo rei leonês suscitara a indignação dos mussulmanos, que juntos em grande numero fizeram uma entrada por Castella levando a devastação por toda a parte. O conde Fernando Gonçalves, que governava esta provincia, pediu soccorro a Ramiro, o qual veio logo unir-se com elle, e marchando ambos contra os inimigos os desbarataram perto de Osma. A applicação das principaes forças do khalifado para os negocios d'além-mar, que facilitara os triumphos de Ramiro, animou o amortecido espirito de rebellião entre os proprios sarracenos. O wali de Santarem, que tinha razões de queixa contra Abdu-r-rhaman por causa do wasir Mohammed Ibn Isak seu irmão, a quem o khalifa mandara justiçar, levantou-se e, não se crendo assás forte para sus-

tentar-se contra o soberano, buscou o amparo do rei de Leão, fazendo-lhe preito com muitos dos principaes nobres do Gharb. Aproveitando o pre texto de lhe levar soccorros, Ramiro fez uma entrada para os territorios do sul, que devastou, retirando-se com avultados despojos. O velho Almodhaffer, que ainda vivia, entrou então pela Galliza com um corpo de cavallaria, e o khalifa, o qual se preparava entretanto para dar um profundo golpe no poder dos leoneses que o inquietava, pouco tardou em commetter mais séria tentativa, marchando com mais de cem mil homens contra o rei christão. Ramiro não receou saír ao encontro do inimigo perto de Simancas, onde se deu uma terrivel postoque não decisiva batalha, em que os sarracenos parece não terem levado a melhoria. Os acontecimentos assás obscuros que succederam aos desta jornada e a retirada de Abdu-r-rahman para Cordova provam, ao menos, que os seus designios e esperanças falharam. Em summa, as cidades da fronteira, que o leonês perdera no primeiro impeto dos mussulmanos, estavam d'ahi a pouco em poder delle e restauradas.

Os combates entre as duas raças inimigas continuaram todavia, mas sem consequencias assás importantes para influirem na situação politica dos leoneses ou dos sarracenos. Cançados de damnos mutuos, Abdu-r-rahman e Ramiro celebraram emfim treguas por cinco annos (944). Logo, porém, que este praso expirou o rei de Leão fez uma entrada até Talavera, perto da qual cidade destroçou as tropas que intentaram oppôr-se-lhe. Deste desar se vingou o khalifa no anno seguinte invadindo a Galliza, sem que o seu adversario podesse obstar-lhe, retido já pela ultima enfermidade no leito da morte. Bem precisava Abdu-r-rahman

nesta conjunctura de se ver desapressado de tão duro contendor; porque novas perturbações civis despontavam, tendo origem no seio da sua propria familia. Havia elle declarado e feito jurar successor da coroa seu filho mais velho Al-hakem; o segundo, Abdullah, soffreu-o mal. Tinha ambição e incitavam-no os dotes de espirito, em que era superior ao irmão, o affecto popular e a liberdade de que os soberanos da casa de Umeyyah gosavam na escolha de um successor sem attenção á primogenitura. Instigado por um certo Ibn Abdi-l-barr, homem astuto e cubiçoso. Abdullah começou a formar um partido com que podesse disputar a coroa ao mais velho por morte do pae. Vieram estes enredos á noticia do khalifa. Com o parecer de Al-modhaffer, que continuava a viver e a influir nos negocios publicos, Abdu-r-rahman mandou prender seu filho e Ibn Abdi-l-barr. Este matou-se a si proprio na prisão, e Abdullah foi degolado (949) por ordem do pae, apesar das supplicas de Al-hakem e dos impulsos da natureza que levariam o principe a perdoar-lhe, se a razão d'estado, a justiça e os receios de futuras perturbações o não constrangessem a ser inexoravel. Como se esta dolorosa tragedia não bastasse para enlutar o coração de Abdu-r-rahman, a morte de Al-modhaffer, succedida pouco depois, veio augmentar a profunda tristeza que lhe enraizara na alma a punição de Abdullah.

As treguas com os christãos tinham tocado o seu termo, e de novo nas mesquitas se prégava o djihed ou guerra sancta. Todavia esta limitou-se a frequentes correrias e entradas em que apenas figura um recontro de certa importancia perto de Talavera, povoação que Ramiro II accommettera debalde, postoque desbaratasse nas suas immediações um corpo de tropas sarracenas. A morte do rei leo-

nês e os posteriores successos occorridos entre os christãos impediram estes por algum tempo de devastar os territorios do khalifado. Pelo contrario os mussulmanos aproveitaram o ensejo para penetrar na Galliza, cujas riquezas já começavam a ser de mais valia e a poderem servir de desconto aos damnos até ahi recebidos. Ordonho III, porém, tendo segurado na cabeça a coroa de Leão, que lhe fora assás disputada, vingou os males padecidos por seus subditos invadindo o Gharb e chegando até a foz do Tejo, onde tomou Lisboa, abandonando-a depois de saqueada para voltar a Galliza carregado de despojos, o que attrahiu as represalias dos sarracenos contra Castella, onde fizeram grandes estragos. Entretanto as armas mussulmanas tinham obtido consideraveis vantagens na Africa e acabavam de sujeitar ao khalifa hespanhol a maior parte da Mauritania, cujas tribus elle continha na obediencia governando-as com sceptro de ferro; mas a guerra com os fatimitas nem por isso era menos violenta por mar e por terra, e as armas dos mussulmanos de Andalús obtinham gloriosas victorias dos seus co-religionarios d'Africa. O nome de Abdu-r-rahman soava pelo mundo, e as embaixadas dos imperadores da Grecia e de Allemanha que buscavam a sua amizade tinham vindo dar testemunho de quão grande era a reputação do poder do khalifa de Cordova. Nas suas dissenções civis os mesmos leoneses recorriam á protecção do principe mussulmano. Sancho I, expulso do throno por Ordonho o mau, implorou e obteve delle soccorros com que recuperou os proprios dominios, e Ordonho teve de se acolher aos estados de Abdu-r-rahman, sempre prompto a exercer generosa hospitalidade para com os opprimidos.

Emquanto assim a gloria e a prosperidade cerca-

vam na Europa o velho khalifa, grandes revéses temperavam em Africa estes dons da fortuna. Jauhar, general do principe fatimita Muizz, desbaratava os cheiks das tribus sujeitas a Cordova e os capitães das tropas andaluses, levando tudo a ferro e assenhoreando-se das cidades do Moghreb, sem exceptuar Féz, a capital dos estados da Mauritania dependentes da Hespanha. Abdu-r-rahman, porém, velava pela integridade do imperio. Uma armada com gente de desembarque passou o mar, e dentro em breve tudo voltou á antiga sujeição. Os fatimitas resistiram por algum tempo em Féz; mas por fim, levada á escala aquella cidade com grande estrago dos seus defensores, o nome de Abdu-r-rahman foi de novo repetido na chotbah, ou oração, por todas as mesquitas do Moghreb, como de imam ou pontifice e de amir-al-mumenin ou principe universal dos crentes.

Pouco depois destes successos a morte veio pôr termo ao longo e glorioso governo do khalifa, que falleceu (961) no palacio de Azzahrat ou Zahra, a cinco milhas de Cordova, residencia magnifica edificada por elle e que pela extensão se podia comparar a vasta cidade. Contava o velho monarcha mussulmano setenta e dois annos de idade e cincoenta de reinado. Durante este periodo de meio seculo a firmeza e o entendimento superior de Abdu-r-rahman tinham sabido conter as revoltas que enfraqueciam as forças do khalifado e o ameaçavam de completa dissolução. Além disso, elle dilatara os limites dos seus estados pelo interior da Mauritania e contivera o espirito conquistador dos leoneses, obtendo depois ser chamado por elles proprios a dirimir as suas contendas intestinas. A corte esplendida de Cordova era frequentada pelos homens mais celebres nas sciencias e nas letras que possuia

o islamismo, e a fama das grandezas e poder do khalifa obrigava os mais poderosos principes da Europa a enviarem-lhe embaixadas e a propôrem-lhe allianças. Tendo despendido sommas enormes na edificação de Azzharat e de muitos outros monumentos que levantara, Abdu-r-rahman ainda deixou avultados thesouros, em parte resultado da prosperidade do paiz e fructo da boa arrecadação e applicação dos tributos, em parte adquiridos pelas victorias obtidas, não só contra os leoneses, mas tambem contra os sarracenos d'Africa. Apesar, porém, de tantos favores da fortuna, diz-se que o khalifa deixara notado numa especie de diario, em que ía apontando os successos da sua vida, que nos cincoenta annos em que reinara amado dos subditos, temido dos inimigos, acatado por todos e saciado de deleites, apenas gosara quatorze dias de ventura estreme. Assombroso exemplo da vaidade e miseria de todas as grandezas humanas.

Morto Abdu-r-rahman, seu filho Al-hakem foi acclamado imam e amir-al-mumenin. O novo khalifa tinha já então quarenta e sete annos. A sua paixão dominante era a dos livros, e uma bibliotheca de quatrocentos mil volumes ajunctada por elle dava testemunho do seu amor ás letras, nas quaes foi insigne. A paz com o rei de Leão durava ainda, e Al-hakem, cujo caracter era essencialmente pacifico, continuou a dar-se ás letras, mas unicamente como recreio dos cuidados do governo. Este estado de cousas durou, porém, pouco. O conde de Castella inquietava com saltos e correrias os subditos mussulmanos das provincias limitrophes. Al-hakem viu-se por isso constrangido a puni-lo, publicando contra elle a guerra sancta. O desfecho desta foi o destroço do conde com perda de varias povoações importantes. O mau resultado

da sua imprudencia moveu-o a procurar por medianeiro o rei de Leão, de quem era subdito, para obter paz de Al-hakem, que naturalmente amigo da tranquillidade lh'a concedeu, entregando-se de novo ás suas occupações litterarias e á reforma dos abusos introduzidos na administração e sobretudo nos costumes. Por uns poucos d'annos de profunda paz o reinado de Al-hakem apparece na historia do dominio arabe como um oasis no meio do deserto, e o espirito repousa emfim daquelle continuo espectaculo de devastação e de morte que nos offerecem quasi sem interrupção os annaes dos sarracenos de Hespanha. Os acontecimentos d'Africa vieram, todavia, velar este quadro aprazivel e lançar de novo o imperio no turbilhão da guerra. Balkin Ibn Zeiri, general dos fatimitas, invadira os territorios da Mauritania que reconheciam a supremacia do khalifa de Cordova. As causas e circumstancias deste successo não vem ao nosso proposito. Balkin apoderou-se successivamente das praças principaes do Moghreb, desbaratando não só as tribus berbers que se lhe não uniram, mas tambem as tropas andaluses distribuidas pelas provincias da Africa. O amir idrisita Al-hassan Ibn Kanun, que governava naquellas partes debaixo da auctoridade de Al-hakem, trahindo a confiança do principe, declarou-se pelos fatimitas. Esta nova trazida a Cordova produziu sensação profunda. O khalifa, que não obstante as suas propensões pacificas mostrara já quão prompto estava para os casos de guerra, mandou immediatamente saír de Ceuta uma frota com tropas de desembarque capitaneadas pelo wasir Mohammed Ibn Al-kasim, que sem detença se dirigiu contra Al-hassan. Encontraram-se; e depois de renhida batalha os hespanhoes foram vencidos, ficando morto no campo o general

Mohammed. Este successo adverso mostrou a Al-hakem a necessidade de empenhar sériamente as forças do khalifado em reconquistar aquella parte da herança que lhe legara seu pae. Ajunctando copia de dinheiro, armas e soldados, apromptou uma poderosa armada cujo mando supremo deu ao caudilho Ghalib, homem de singular esforço e pericia, a quem declarou que não queria tornar a vê-lo senão vencedor ou morto. Cumpriu Ghalib a vontade do khalifa. Comprando os cheiks das tribus berbers e desbaratando aquelles que não cediam de outro modo, o general cordovês assenhoreou-se brevemente da maior parte do Moghreb. Al-hassan desamparado dos seus acolheu-se ao castello de Hajaru-n-nasr, que Ghalib logo sitiou. Faltaram os mantimentos e a agua aos cercados. Tractaram de dar-se a partido com as mais vantajosas condições que podessem. Acceitou-lh'as Ghalib desejoso de reduzir á obediencia e de pacificar aquelle amirado. Os idrisitas tiveram a vida e os bens salvos, com a obrigação de virem residir em Cordova, e o Moghreb reconheceu de novo o dominio dos Beni Umeyyas. Al-hassan, depois de viver algum tempo na Peninsula, obteve de Al-hakem licença para voltar á Africa occidental, donde fugiu para a corte do khalifa fatimita, de quem parece ter-se conservado sempre, bem que em segredo, parcial.

Dous annos depois destes successos Al-hakem falleceu (976) com sessenta e tres annos de idade e quinze de reinado, os quaes foram o apice da gloria e poder da dynastia dos Beni Umeyyas. Deixou elle a justa fama de haver sido um dos caractéres mais nobres e dos sujeitos mais instruidos entre os mussulmanos de todos os tempos. Com a sua morte a decadencia do imperio de Cordova começou a progredir apesar dos esforços de muitos ho-

mens energicos que forcejaram por salvá-lo. A providencia decretara a restauração do christianismo na Peninsula e os seus decretos deviam cumprir-se, bem que, ás vezes, a execução delles parecesse retardar-se.

Logo que Al-hakem expirou, seu filho unico, Hixam, foi declarado khalifa. Contava apenas dez annos, idade pouco apparelhada para o regimento de tão vasto imperio. Sua mãe Sobha tinha sido extremosamente amada do khalifa defuncto e ganhara assim illimitada influencia. Era seu principal valído e secretario Mohammed Abi Amir Al-maaferi, homem que, pela affabilidade do tracto, gentileza e dotes do espirito, merecera a estimação e confiança de Sobha e do proprio Al-hakem. Assim, na menoridade do principe, Mohammed foi elevado ao grau de hajib ou primeiro ministro e considerado como tutor de Hixam. Unido com Sobha elle vinha a ser o verdadeiro khalifa, não no nome, mas no essencial, que era o supremo poder. Depois de procurar por todos os modos tornar-se acceito aos poderosos o hajib obteve grande popularidade declarando serem as suas intenções quebrar as treguas com os christãos e guerreá-los até os reduzir inteiramente á obediencia do seu pupillo. Para isto começou por assentar pazes com Balkin Ibn Zeiri que de novo corria o Moghreb e tinha cercado Ceuta. Obrigou-se este a mandar-lhe annualmente certo numero de cavalleiros berbers, com reciprocas obrigações e mediante uma somma de dinheiro ajustada entre ambos. Dispostas assim as cousas, Abi Amir partiu para as fronteiras orientaes, onde ordenou aos walis e kayids fizessem levas de tropa para correrem duas vezes por anno as terras dos christãos. Voltando ás fronteiras occidentaes, mandou avançar as tropas do

Gharb e com ellas fez a sua primeira tentativa na Galliza, onde pelo inesperado daquelle impeto pôde a salvo devastar campos, queimar aldeias, roubar gado e fazer captivos, com que voltou a Cordova contente da boa estreia desta algara (correria), que foi como o signal da guerra d'exterminio que resolvera fazer aos inimigos do islamismo.

Desde esta epocha até o fim do seculo X a lucta com os christãos foi continua, e o implacavel hajib reduziu-os á ultima estreiteza. Não cançaremos o leitor com a narração de tão repetidas entradas, correrias e batalhas, até porque teremos adiante de fazer de tudo isso menção um pouco mais particularisada. Em quasi todas estas emprezas Mohammed saíu victorioso e o sangue christão correu em torrentes. Um sem numero de captivos, ricos despojos e o terror que incutia o seu nome foram a recompensa das suas fadigas e tornaram-no o mais celebre capitão daquelle tempo. Ao passo, porém, que assim se fazia recear dos estranhos o habil hajib soube conservar o poder de que se apossara e engrandecer-se a ponto, que nos ultimos annos da sua vida a Hespanha mussulmana quasi se esquecera de que acima delle estava um phantasma sem auctoridade e sem força, a quem deixara o titulo vão de khalifa. É do progresso desse engrandecimento que falaremos aqui.

Eis, em resumo, como um dos principaes historiadores arabes, Al-makkari, narra os principios e o augmento da influencia do famoso hajib. Mohammed (diz elle), que Al-hakem elevara do cargo de kadi ao de wasir, aproveitou-se da sua situação para usurpar o poder em damno do moço Hixam. Ajudado por Jafar Ibn Othman Al-muchafi, um dos hajibs do khalifa, por Ghalib, governador de Medina-Celi, e pelos eunuchos do palacio, come-

çou mandando matar Al-mugheyrab, irmão de Al-hakem. Metteu depois a zizania entre os proceres do imperio, que recorreram ás armas e mutuamente se destruiram. Prohibiu aos wasires o tracto com o principe, salvo em certos dias em que lhes concedia virem saudar o khalifa, com a condição de logo e sem lhe falar se retirarem. Attrahiu com liberalidades a soldadesca e os eruditos dando-lhes cargos : com a força conteve as sedições. Dentro em breve, sem auctorisação do khalifa ou, para melhor dizer, ignorando-o este, enviou tropas contra alguns personagens, conjurados em odio delle e resolvidos a oppôrem-se aos seus ambiciosos designios, expulsando-os dos cargos que occupavam. Soprou então a má vontade entre o hajib Al-muchafi e os eunuchos slavos, que foram deitados fóra do palacio em numero de oitocentos. Seguiu-se casar com a filha de Ghalib, o celebre general do khalifa defuncto. Seduziu com lisonjas e artificios, mandou matar ou submetteu pela violencia todas as pessoas de quem podia ter receio ou que mereciam distincção entre os chefes arabes. Desaffrontado assim de todos os que podiam oppôr-se á sua omnipotente auctoridade, tractou de assegurar o exercito introduzindo ahi individuos seus affeiçoados, quasi todos berbers ou de outras gentes africanas. Dadas estas providencias, tirou a Hixam toda a ingerencia nos negocios, e se o khalifado continuou nominalmente a existir, isso redundava só em proveito e grandeza pessoal do primeiro ministro. Renovando a guerra contra os infiéis, tirou aos arabes os postos mais altos e favoreceu com elles os berbers que mandara vir d'Africa, procedendo em tudo como se fora sua a soberania. Edificou para si um castello a que pôs nome Az-zahirah, onde metteu os seus thesouros e de que fez uma especie de arsenal. Tomou então o

titulo de hajib Al-manssor (o ministro victorioso) e no seu estylo usou de expressões de monarcha. Leis, proclamações, decretos, saía tudo em nome delle; por elle davam nas mesquitas a collecta como pelo khalifa, e o seu nome gravado nas moedas igualmente o foi no sello do estado. Creou ministros, encheu o exercito de berbers e de foragidos christãos e rodeou-se de um tropel de escravos e guardas para firmar o seu poder e esmagar qualquer émulo que tentasse disputar-lh'o. Em summa, não deixou a Hixam mais do que a prerogativa de ser mencionado nas orações publicas e nas moedas com os titulos vãos que elle lhe dava de barato.

Tal é o retrato que Al-makkari nos faz do celebre hajib de Cordova. Carregado, talvez, é elle; mas as obras de Mohammed condizem com os traços principaes. O segredo do seu poder era, de feito, a largueza para com a soldadesca, preferindo em tudo os africanos e os christãos, que corriam a alistar-se debaixo das suas bandeiras para guerrearem os proprios co-religionarios pelo acolhimento e favor que achavam nelle. Assim chegou a passar mostra geral em Cordova, dizem os auctores arabes, a duzentos mil cavalleiros e seiscentos mil infantes, numero evidentemente exaggerado, mas que, ainda dando-lhe o devido desconto, devia ser superior ao das antigas forças do imperio. Para entreter esta multidão de gente de guerra e enriquecê-la de despojos, cumprindo ao mesmo tempo a promessa que fizera de combater sem descanço os estados christãos, repetia regularmente duas vezes por anno as entradas no territorio inimigo, que deixava assolado. Aproveitando habilmente as rixas e odios que pullulavam entre os adversarios do islamismo, fazia reverter tudo em engrandecimento proprio. A disciplina severa que introduziu nos exercitos

mussulmanos não obstou á affeição dos soldados, os quaes viam nelle um chefe que não só guardava a todos rigorosa justiça, mas tambem arriscava nas batalhas a vida como o ultimo dos que lhe obedeciam. Foi assim que em cincoenta campanhas pôde ir gradualmente reduzindo a monarchia fundada por Pelagio quasi ao estado dos primeiros annos de sua existencia, ou antes levando-a a um ponto proximo da sua derradeira ruina.

As victorias obtidas dos christãos por Mohammed, que em consequencia dellas tomara o appellido por que mais conhecido é, o de Al-manssor, não tinham sido alcançadas por elle haver empregado exclusivamente as suas forças e cuidados na guerra, que fazia quasi a um tempo na Galliza, em Leão, e em Castella. A provincia do Moghreb chamava igualmente a attenção do hajib e distrahia em parte os recursos do khalifado de Cordova. O khalifa fatimita ordenara ao seu general Balkin favorecesse as tentativas que o antigo amir idrisita, Al-hassan, fazia para reconquistar o senhorio daquella parte da Africa. Assim protegido, Al-hassan chegou de feito a apoderar-se de uma parte dos seus anteriores dominios e a sitiar em Ceuta o irmão do hajib, Omar. Apenas, porém, Al-manssor o soube enviou seu filho Abdu-l-malek, mancebo de poucos annos, mas já de grande reputação, com um exercito contra o idrisita, que não se atrevendo a resistir, submetteu-se. A submissão foi inutil, porque o hajib o mandou assassinar. Abdu-l-malek, nomeado então governador do Moghreb, tomou pelo feliz resultado daquella empreza, que dirigira em tão verdes annos, o titulo de Al-modhaffer.

A partida deste para Hespanha, d'ahi a pouco tempo, trouxe novas perturbações na Africa. Balkin tornou a apoderar-se de Féz e Al-manssor a enviar

tropas de refresco aos generaes andaluses que naquellas partes sustentavam a supremacia do khalifado de Cordova. Depois de varios successos, Al-manssor viu restabelecida essa especie de supremacia nominal, porque na realidade o poder estava nas mãos dos chefes das tribus berbers, que ora seguiam a voz dos fatimitas, ora a dos Beni Umeyyas, conforme um ou outro partido lhes offerecia mais facilidade para satisfazerem as suas ambições. Foi nesta conjunctura e em consequencia de semelhante situação do paiz que certo Zeyri Ibn Atiyah, chefe dos zenetas, chegou a occupar a dignidade de amir do Moghreb que por tanto tempo pertencera á dynastia de Idris. Ibn Atiyah, que obtivera de Al-manssor o amirado, tinha-se feito assás poderoso, e o hajib começou a recear quebra na sua fidelidade. A fim de evitar o perigo nomeou-o wali ou governador do districto de Cordova, para o obrigar a residir na corte e poder elle vigiá-lo. Veio Zeyri e, apesar de todos os affagos e pompas com que Al-manssor o tractou, concebeu-lhe grande aversão vendo o despotismo com que governava a Hespanha, e conservava em tutela abjecta o proprio khalifa. Entretanto Yadu Ibn Ya'la, chefe das tribus dos Beni Yeferun, aproveitando a sua ausencia, accommettera e tomara Féz, e occupara o logar de amir. Serviu isto de razão ou de pretexto a Zeyri para voltar á Africa. Chegado a Tanger, Zeyri marchou contra o seu adversario, que venceu, apoderando-se novamente de Féz. Dentro de pouco elle tinha firmado o seu poder no Moghreb, e quando, finalmente, se julgou aparelhado para a resistencia fez supprimir o nome do hajib na khothbah ou oração publica e expulsou dos seus logares os ministros andaluses que regiam diversos districtos do amirado. Al-manssor mandou partir imme-

diatamente para Africa um exercito capitaneado pelo eunucho Vadheh, que Zeyri destroçou. Então Abdu-l-malek, o filho do hajib, passou o mar com tropas numerosas e, apesar da longa e desesperada resistencia de Zeyri, veio a subjugar de novo o Moghreb, reduzindo Féz e voltando á Peninsula depois de deixar reconhecida por toda a parte a auctoridade do khalifa, ou para melhor dizer, a de Al-manssor.

27. — Cofre da Sé de Braga, com inscripção arabe, do tempo de Al-manssor (principio do sec. XI).

Este, na sua immensa ambição de gloria, não contente dos triumphos por toda a parte obtidos, quiz tambem illustrar-se com o esplendor que cercava os nomes de Abdu-r-rahman e Al-hakem. Nos intervallos de repouso que lhe davam as guerras, annualmente renovadas contra os estados christãos, o omnipotente hajib procurou com incançavel diligencia promover na corte de Cordova o progresso das letras e sciencias. Costumava trazer comsigo no exercito poetas que celebrassem as suas victorias

e, voltando á capital, o seu palacio convertia-se em uma especie de academia, onde eram recebidos e festejados todos os sujeitos notaveis por engenho ou saber. Visitava as escholas e collegios e, assentando-se entre os escholares, não consentia que os professores interrompessem o ensino ou mostrassem o menor signal de respeito para com elle. Não poupava dinheiro em recompensar os talentos extraordinarios, e assim a fama da sciencia, litteratura e civilisação da Hespanha, especialmente da capital, attrahia para esta cidade não só as pessoas estudiosas d'Africa, mas tambem as dos paizes christãos da Europa; e até os sabios mais illustres do oriente não duvidavam de vir exercer o ministerio de professores na academia de Cordova.

O termo de tantas grandezas e prosperidades chegou finalmente para Al-manssor, o mais terrivel açoute do christianismo hespanhol depois dos primeiros invasores arabes. Começara o seculo XI e, apesar de tantas campanhas em que entrara, dos immensos estragos que fizera no territorio dos inimigos e de quanto encurtara os limites deste com a conquista ou destruição de muitas povoações importantes, o hajib não estava ainda saciado de sangue. Na primavera de 1002 fez passar da Africa para a Peninsula novas levas de soldados, dispondo tudo para a invasão que d'ahi a pouco effeituou. O extraordinario dos preparativos para este accommettimento produziu graves receios entre os christãos, mas o excesso do temor salvou-os; porque, pondo de parte as suas discordias passadas, uniram-se emfim todos para defenderem a causa commum. Leoneses, castelhanos, navarros, vasconios e até algumas tropas d'além dos Pyrenéus saíram a receber Al-manssor perto das fontes do Douro. Foi sanguinolenta a batalha e duvidoso o resultado;

mas os sarracenos retiraram-se durante a noite. porque a sua perda fora immensa. A maior foi a do hajib, que, tendo ahi adoecido segundo uns, e segundo outros havendo ficado ferido no recontro, o que é mais provavel, foi conduzido a Medina-Celi e ahi falleceu, substituindo-o no mando das tropas seu filho Abdu-l-malek. Tinha o famoso hajib sessenta e cinco annos d'idade, havendo governado vinte e cinco o imperio de Cordova, nos quaes resgatou com a energia, com a boa administração, com a gloria militar e com o amor das letras os meios pouco legitimos que empregara para se elevar e reter em si a auctoridade suprema.

Sobha, a mãe de Hixam, ainda vivia, e o khalifa conservava-se na especie de infancia perpetua a que havia sido condemnado. A sua existencia escoava-se brandamente no meio dos perfumes dos jardins de Azzahrat, ao som dos cantos e danças das formosas escravas, nas delicias dos banquetes, na ebriedade, emfim, de continuos deleites. A velha sultana. fiel á memoria de Al-manssor, fez declarar primeiro hajib seu filho Abdu-l-malek, digno na verdade de succeder naquelle importante cargo, ao menos como capitão valoroso e experimentado. Desejoso de vingar a morte de seu pae. renovou as entradas nas terras dos christãos. As primeiras campanhas parece terem tido só um resultado importante, a ruina da cidade de Leão ; mas depois de uma breve tregua de dous annos (1005 a 1007), renovada a guerra, os estragos foram terriveis, ficando destruidas muitas povoações. Vingaram-se, porém, os christãos no anno seguinte (1008) destroçando um exercito que entrara em Galliza capitaneado pelo proprio Abdu-l-malek, que, retirando-se para Cordova, ahi falleceu nesse mesmo anno, não faltando suspeitas de haver sido envenenado.

Abdu-r-rahman, filho segundo de Al-manssor, foi escolhido para successor de seu irmão. Esperava-se que elle imitasse tanto um como outro nas qualidades que os tinham tornado dignos do supremo poder. Era, porém, Abdu-r-rahman de bem diversa tempera. Descuidado das pesadas obrigações do seu cargo, passava os dias em exercicios militares e as noites em festas dissolutas. Gosava assim da intimidade do khalifa, e apesar da sua incapacidade, era acceito ao vulgacho, que se contentava das parecenças que elle tinha exteriormente com Al-manssor, das suas boas maneiras, e sobretudo da liberalidade que mostrava. Não tinha filhos o khalifa e, posto que fosse de idade de os ter, a affeição particular que mostrava a Abdu-r-rahman animou este a pretender que Hixam o declarasse por seu successor. Fê-lo assim o timido khalifa. Sabido pelos Beni Umeyyas mais proximos parentes de Hixam o que se tramava contra a sua linhagem, cuidaram em impedi-lo. O moço Mohammed, primo do khalifa e que esperava succeder-lhe, collocou-se, como era natural, á frente das resistencias. Os odios contra a familia de Al-manssor, ou dos Al-amiris, ardiam debaixo das cinzas comprimidos pelo temor: isto bastou para os excitar. Os nobres, principalmente, inclinaram-se a Mohammed, e em breve este se achou á frente de um partido numeroso e sobretudo audaz. Com elle tentou e obteve assenhorear-se de Cordova, donde Abdu-r-rahman saíra para uma expedição contra os christãos, e apoderar-se de Hixam, a quem obrigou a abdicar nelle a coroa.

Sabendo o que se passava na corte e confiado na aura popular que ali tinha, o hajib deu immediatamente volta. Não lhe custou a entrar em Cordova; mas ao chegar á praça do alcassar, não só as tropas

de Mohammed, mas tambem os principaes da cidade com muito povo miudo se lhe oppuseram, começando uma sanguinolenta briga. Falharam as esperanças de Abdu-r-rahman, que assentavam em tão movediço alicerce como é o favor da plebe. Esta declarou-se-lhe geralmente adversa e, apesar do esforço com que elle e os seus combatiam, sendo ferido, caíu nas mãos de Mohammed, que ordenou fosse pregado numa cruz; e assim acabou (1009) em supplicio ignominioso o successor de Abdu-l-malek e filho do celebre Al-manssor.

Entretanto a revolução não devia ficar aqui. Tinha de seguir novas phases. Como o povo aborrecia os africanos, que constituiam o principal nervo do exercito e sobretudo da numerosa guarda do khalifa, elle mandou logo saír esta do alcassar e da cidade, e os walis das provincias suspeitos de lhe serem adversos foram mudados. Prevenidas assim as cousas, diz-se que Mohammed resolvera acabar com o khalifa deposto. Conta-se tambem que Vadhed, pessoa de sua confiança e camareiro de Hixam, o dissuadira do assassinio com um alvitre porventura não menos atroz. Buscaram um individuo que se parecesse com o principe; arrebataram-no certa noite e affogando-o lançaram-no no leito real, emquanto Hixam era encerrado numa casa cuja guarda se deu a pessoa segura. Representada esta farça, Mohammed pensou ficar seguro no throno dos Beni Umeyyas. Os factos subsequentes provaram-lhe que se enganava.

A familia dos Al-amiris tinha-se esteado principalmente na raça berber: fora esta a politica de Al-manssor. O novo khalifa era, portanto, naturalmente oposto aos africanos. Assim um dos seus primeiros cuidados foi fazer cumprir com todo o rigor a ordem que dera para que fossem expulsos. Eram, porém,

elles demasiado poderosos em numero, em influencia e em valor proprio para não cederem a esta injusta malevolencia. Pegaram em armas e atacaram o alcassar, pedindo a cabeça de Mohammed e accusando-o de tyranno e de assassino de Hixam. Saíu o khalifa contra elles com as tropas hespanholas de que se rodeara. O povo, lembrado das altivezas e porventura das violencias dos estrangeiros, declarou-se-lhes contrario e aproveitou o ensejo para a vingança accommettendo-os tambem. Durou o combate o resto daquelle dia, toda a noite e a manhan seguinte. As ruas e praças da vasta e populosa Cordova ficaram retinctas em sangue e alastradas de cadaveres, cabendo o maior damno ás turbas desordenadas do povo. Todavia os africanos foram, emfim, constrangidos a despejar a cidade. Hixam Ibn Suleyman Al-raxid caudilho dos berbers ficou prisioneiro, e d'ahi a pouco elles viram caír no meio dos seus esquadrões a cabeça do valente e infeliz capitão arrojada d'entre as ameias de Cordova. No enthusiasmo da indignação os banidos acclamaram immediatamente por chefe Suleyman Ibn Al-hakem, primo do morto, o qual, conhecendo que as suas forças não eram bastantes contra Mohammed, se retirou para as fronteiras de Castella, onde a troco de alguns logares fortes, que provavelmente estavam em poder de kayids seus naturaes, Suleyman pôde obter a alliança e os soccorros do conde Sancho Garcez. Augmentadas por este modo as suas tropas com um corpo de cavalleiros christãos, gente escolhida, o general africano voltou a ameaçar a capital. Saíu o khalifa contra elle : encontraram-se os dous exercitos e depois de uma batalha assás disputada ficou Suleyman vencedor, com a morte de quasi vinte mil cordoveses. Mohammed retirou-se então para o districto de Toledo, cujo wali era

seu filho Obeydullah, donde buscou os meios de melhorar-se, tomando o exemplo do seu adversario e travando allianças com os condes de Barcelona e de Urgel. Assim os principes christãos, intervindo nas guerras civis dos sarracenos, uns a favor de uma parcialidade, outros de outra, ajudavam-se das circumstancias para se engrandecerem, sem que lhes servisse de obstaculo o encontrarem-se muitas vezes frente a frente nos campos da batalha debaixo dos estandartes mussulmanos.

Suleyman chegara neste meio tempo a Cordova. Vadhed, o salvador do esquecido Hixam, que negociava os proprios interesses tomando o logar de medianeiro entre os partidos, fizera com que os habitantes não tentassem resistir. O general africano confiou-lhe então o governo da cidade e acampou fóra dos muros com o fundamento de evitar algum arruido entre os seus soldados e os cordoveses irritados uns contra os outros. Finalmente, passados alguns dias, entrou na cidade para se acclamar khalifa. Tinham-se declarado por elle todos os povos das fronteiras e districto de Toledo e bem assim todas as terras desde Tortosa ao oriente, até Lisboa no occidente. Os governos de Algeziras e Ceuta, que eram as duas chaves do estreito entre a Hespanha e a Africa, foram confiados a Al-kasim e a Aly, moços guerreiros de grande reputação, ambos irmãos e da illustre familia dos idrisitas. Mas a inveja e a emulação entre os seus sequazes, principalmente entre os slavos e os christãos, não davam repouso a Suleyman. Vadhed, descubrindo-lhe a existencia do desgraçado Hixam, aconselhava-lhe que a patenteasse, restituindo-o ao throno. Era mau o conselho para quem tão alto subira, e Suleyman só cuidou em occultar melhor o pobre idiota e em lhe pôr mais seguros vigias. Entretanto Mo-

hammed, tendo ajunctado os seus parciaes e sendo soccorrido por tropas christans capitaneadas pelos condes de Barcelona e de Urgel, marchava contra Cordova com um exercito de perto de quarenta mil homens. A dez milhas da capital Suleyman saíu-lhe ao encontro com forças muito inferiores, mas resolvido a travar batalha. Foi esta sanguinolenta e disputada; a final, porém, os africanos ficaram destroçados, e depois de passarem pelo celebre palacio de Azzahrat, que deixaram saqueado, dirigiram-se para Algeziras com a intenção de se transportarem para Africa. Mohammed foi recebido como libertador pelo povo de Cordova, cujo odio contra Suleyman era profundo. Vadhed, que tivera artes para se conservar com o bando contrario, ainda teve mais valimento para com o vencedor, que logo o nomeou seu hajib e que deslumbrado pela victoria, sem mais prevençõcs nem descanço, foi no alcance dos fugitivos. Estavam estes acampados nas vizinhanças de Algeziras; deu sobre elles tão de subito Mohammed, que não poderam evitar o combate. Fizeram da necessidade virtude, e desejosos de ao menos morrerem vingados pelejaram com o extremo do esforço. Vinham os inimigos cançados do caminho e desordenados da pressa : os africanos, que só pensavam em morrer de morte honrada, em breve trocaram esta triste esperança pelos contentamentos do triumpho. O exercito de Mohammed voltou costas e Suleyman perseguiu-o até a capital. As tropas christans cubriram, segundo parece, a retirada, porque chegaram áquella cidade depois de Mohammed, que tractava de fortificar-se alli. Os corredores e atalaias africanos appareciam já nas alturas que avizinham Cordova; o descontentamento começava a lavrar entre os habitantes; a escaceza de viveres e as enfermidades que grassa-

vam contribuiam para os indispôr contra o khalifa. Os slavos, os christãos e os arabes hespanhoes detestavam-se mutuamente, o que augmentava as perturbações. O hajib Vadhed, que de todas as mudanças tirara proveito, tentou então nova revolução. Fez apparecer o antigo khalifa Hixam, que ainda vivia, e apresentou-o ao povo, o qual recebeu o legitimo soberano com todas as demonstrações de jubilo. Vendo-se perdido, Mohammed tentou esconder-se; mas descuberto logo, foi levado á presença de seu primo Hixam, que, irritado por longas desditas, lhe mandou decepar a cabeça, enviando-a depois a Suleyman, persuadido de que por este meio o reduziria á obediencia. Suleyman, porém, que não estava inclinado a abandonar as esperanças de poderio que de novo lhe sorriam, mandou embalsamar a cabeça de Mohammed e levá-la a Obeydullah, wali de Toledo e filho do morto, offerecendo-se para o ajudar a vingá-lo. Acceitou elle a offerta e começou a ajunctar tropas para se unir aos africanos. Vadhed, que era quem na realidade governava em Cordova, deixando incumbida a outrem a defensão da cidade, marchou para o lado de Castella, cujo conde attrahiu ao seu partido a troco de alguns castellos que cedeu aos christãos. Ajudado por estes atacou e tomou Toledo, que o wali deixara desguarnecida tendo ido ajunctar-se com os africanos. Obeydullah apenas soube esta nova retrocedeu para aquellas partes; mas Vadhed, deixando a cidade a cargo de um certo Ibn Dhi-n-nun, saíu-lhe ao encontro, desbaratou-o, fê-lo prisioneiro e enviou-o a Cordova, onde foi logo degolado. O exercito victorioso dirigiu-se então á capital emquanto Suleyman procurava e obtinha soccorros dos walis de Saragoça, Medina Celi, Guadalajara e Calatrava, promettendo-lhes que ficariam perpetuados nas suas familias os cargos

que exerciam. Com os seus africanos e com as tropas que os walis lhe enviaram, Suleyman continuou a inquietar Cordova. Escaceavam alli os mantimentos, a peste devastava a Andalusia, e o povo, que attribuia estes males a castigo do céu pela alliança do hajib com os christãos, murmurava e concebia contra elle grande odio. Vadhed, que viu turbados os horisontes politicos, começou a travar secretas relações com o general africano ou, pelo menos, Hixam teve disso aviso. Desconfiado de tudo e de todos, o khalifa, mandou-o prender, e achando retidas na sua mão as cartas que havia tempo lhe ordenara enviasse aos Beni Hamuds, walis de Ceuta e Algeziras, para virem em seu auxilio, viu nisto uma prova de traição e immediatamente lhe mandou cortar a cabeça, nomeando hajib o governador d'Almeria, Khayran, slavo de origem e caudilho afamado por seu valor e prudencia. Pôde Khayran conter até certo ponto o genio suspeitoso e cruel de Hixam ; todavia não pôde impedir o descontentamento que era geral. Tendo formado um partido dentro da cidade, Suleyman atacou-a e, favorecido pelos seus fautores, penetrou dentro dos muros. Disputou-lhe tenazmente a victoria o valente hajib; mas caíndo ferido, os inimigos romperam por toda a parte e apossaram-se do alcassar e da pessoa do khalifa, que provavelmente foi assassinado a occultas, porque nunca mais appareceu. A cidade ficou entregue por tres dias ao sacco, e muitas pessoas principaes foram cruelmente mortas, porque os berbers furiosos nem perdoavam aos seus proprios parciaes. Então Suleyman se fez acclamar de novo khalifa.

Apesar de ferido, Khayran, aproveitando a confusão, evitou a morte. Saíndo disfarçado de Cordova e ajunctando em Orihuela gente e dinheiro, alcan-

çou apoderar-se do seu antigo waliado de Almeria. D'alli dirigindo-se a Ceuta e affirmando a Aly Ibn Hamud que Hixam ainda vivia, postoque captivo de Suleyman, buscou induzi-lo a que, passando o Estreito, viesse ajunctar-se com seu irmão Al-kasim, governador de Algeziras, e que ambos unidos restituissem á liberdade Hixam, o qual o tinha já escolhido a elle Aly Ibn Hamud para successor. Movido por estas considerações, o idrisita escreveu ao irmão para que viesse prestes, emquanto elle preparava as suas forças para desembarcar em Hespanha. Junctos, emfim, os dous com Khayran e com os partidarios deste, Aly tomou o mando supremo do exercito proclamando a restituição de Hixam. Temendo que o viessem sitiar em Cordova, Suleyman pretendeu atalhar-lhes os passos perto da antiga Italica : destroçado, porém, em duas successivas batalhas, ficou prisioneiro com um irmão, e Aly entrou em Cordova, onde, prendendo tambem o pae de Suleyman, mandou vir os tres captivos á sua presença ordenando-lhes declarassem onde estava Hixam e, como elles dissessem que o ignoravam, por sua propria mão lhes decepou as cabeças.

Esta victoria deu o throno dos Beni Umeyyas ao idrisita Aly (1016). A suprema auctoridade, passando assim de uns a outros individuos por meio de revoluções e de sanguinolentas guerras civis, perdia gradualmente a força, e os symptomas de desmembração da Hespanha mussulmana começavam a ser bem visiveis. Já o wali de Denia se havia feito independente apossando-se das ilhas Baleares, emquanto o governador que deixara no seu waliado fazia ahi outro tanto á custa delle. A elevação de Aly e o exemplo de Denia dilataram o mal. Os walis de Sevilha, Toledo, Merida e Sara-

goça recusaram reconhecer o novo principe, e a discordia deste com Khayran, que dentro de pouco se tornou seu inimigo, não tardou a accender de novo a guerra civil. Incitados pelo antigo wali de Almeria e colligados com o governador de Saragoça, os kayids de Arjona, Baeza e Jaen levantaram um exercito com o fim, diziam elles, de collocarem no throno um khalifa da raça dos Beni Umeyyas. Khayran marchou com esta gente contra Cordova, mas foi desbaratado. Viu-se então constrangido a realisar a promessa que principalmente lhe servira para attrahir a sympathia do povo, o qual se recordava com affecto das tradições gloriosas de Abdu-r-rahman o grande. Um bisneto deste e do mesmo nome, homem rico, virtuoso e estimado, foi eleito khalifa. Os governadores dos districtos occidentaes reconheceram logo Abdu-r-rahman Ibn Mohammed (assim se chamava), salvo o wali de Granada que se conservou fiel a Aly. Khayran, como era natural, occupou o cargo de hajib, e immediatamente, convocados todos os chefes do seu partido, marchou contra aquelle que elevara ao throno e a quem chamava agora usurpador. Era Aly denodado e habil capitão, e Khayran saíu mal da tentativa, ficando desbaratado e dispersas as suas tropas. Todavia não obstou este revés a que os walis de Saragoça, Valencia, Tortosa e Tarragona reconhecessem a suprema auctoridade de Abdu-r-rahman. O fugitivo hajib havia-se acolhido a Almeria, e Ibn Hamud, cujos brios não quebrara a adhesão quasi geral das provincias ao bando do seu competidor, pôs cerco a esta cidade e tomando-a, matou Khayran. Depois voltou a Cordova, onde, preparando-se para abrir a campanha contra Abdu-r-rahman, foi assassinado no banho pelos slavos que o serviam, comprados provavel-

mente pelos fautores do principe Benu Umeyya assás numerosos na propria capital.

Os capitães africanos acclamaram sem detença o antigo wali de Algeziras e agora de Sevilha, Al-kasim Ibn Hamud, que, seguido de quatro mil cavalleiros, appareceu subitamente em Cordova. A vingança que tirou da morte do irmão foi implacavel, o que só serviu de lhe alienar os animos. Entretanto Yahya, filho de Aly, sabendo do assassinio do pae, partiu de Ceuta com as tropas que pôde ajunctar, entre as quaes se distinguia um corpo de excellente cavallaria de negros de Sus, resolvido a disputar ao tio o khalifado. Idris, seu irmão mais moço, marchou para Malaga com parte do exercito e, emquanto Al-kasim se dirigia contra elle, Yahya fazendo um largo rodeio entrava rapidamente em Cordova. Esta guerra de familia entre os idrisitas só podia dar em resultado o triumpho completo de Abdu-r-rahman. Viram-no elles e tractaram de reconciliar-se. Yahya, que marchara em soccorro de Idris, voltou a Cordova com o consentimento de Al-kasim que se encarregou de combater o partido dos Beni Umeyyas, vencido o qual, elle e o sobrinho deviam repartir o poder entre si. O primeiro cuidado de Al-kasim foi conduzir o cadaver de Aly a Ceuta, onde tencionava fazer-lhe as honras funebres. Emquanto se empregava neste acto de piedade fraterna, Yahya, voltando a Cordova, proclamava-se khalifa e, esquecido das convenções celebradas com o tio, declarava que elle não tinha direito algum ao throno. Recebida a nova deste procedimento traiçoeiro, Al-kasim passou o mar e marchou contra o sobrinho, que, tendo as suas melhores tropas entretidas na guerra contra Abdu-r-rahman, não ousou esperá-lo. Senhor da capital sem combate, pouco tempo se conservou

alli Al-kasim, obrigado a fugir para salvar a vida de uma revolução popular. Pela propria energia os habitantes de Cordova viam-se, emfim, livres do jugo africano e estavam a ponto de acclamar o khalifa Benu Umeyya quando chegou a noticia de este haver sido morto num recontro que tivera com os generaes dos idrisitas (1023). Apesar do desalento que este successo produziu no povo, escolheram, todavia, por soberano outro Abdu-r-rahman, irmão de Mohammed, aquelle que tambem fora khalifa. Era o principe que haviam escolhido um mancebo virtuoso e illustrado, dotes que o perderam. Apenas recebeu a suprema auctoridade tractou de reprimir o desenfreamento da soldadesca, principalmente da guarda slava. O desgosto, que a sua severidade produziu entre homens cuja falta de disciplina no meio destas guerras civis facil é de adivinhar, favoreceu a ambição de Mohammed, primo do novo soberano. Uma conjuração formada por elle rebentou inesperadamente na capital, e Abdu-r-rahman caíu morto no seu proprio alcassar debaixo das espadas dos assassinos. Tinctas ainda as mãos no sangue do parente, Mohammed foi acclamado khalifa pelos soldados. Era claro que para conservar o poder cumpria ao novo soberano seguir o systema contrario ao do seu antecessor. Assim o fez elle. Deu largas á corrupção da soldadesca, encheu de favores os seus chefes e distribuiu com mão profusa a estes e áquella os proprios thesouros, que eram grandes, e as rendas do estado. Encerrado nos paços de Azzahrat, entregue a uma vida luxuaria, quando todos os recursos se lhe exhauriram, mandou lançar novos e pesados tributos. O povo detestava-o : Cordova alimentava-se da febre dos tumultos : os guardas, a quem escaceavam já as anteriores liberalidades do principe,

murmuravam chamando-lhe avaro; os walis das provincias, cada um dos quaes no meio da guerra civil só pensara em se tornar independente, não lhe obedeciam. Emfim a anarchia era completa, e o imperio mussulmano da Hespanha, tão poderoso e brilhante havia apenas cincoenta annos, mostrava já por todos os lados os signaes de proxima dissolução. Finalmente o grande rugido do tigre popular restrugiu no meio das delicias de Azzahrat. Uma revolução terrivel foi o termo dos motins repetidos que inquietavam a capital, e Mohammed viu-se obrigado a fugir para salvar a vida, que, apesar disso, perdeu d'ahi a pouco sendo envenenado no castello d'Uclés, onde se refugiara.

A desordem e a anciedade tinham chegado ao derradeiro auge. Como Roma nos dias da sua decadencia nos offerece o hediondo espectaculo de um punhado de pretorianos dando e tirando o throno aos cesares á mercê de paixões ou caprichos momentaneos, assim vemos em Cordova os ultimos khalifas, erguidos hoje sobre os broqueis das guardas do alcassar, caírem no dia seguinte a belprazer dessa desenfreada soldadesca ou da plebe affeita ás revoluções e por isso não menos desenfreada do que ella. Expulso Mohammed e asserenada algum tanto a anarchia, os parciaes dos idrisitas cobraram animo. Yahya, o filho de Aly Ibn Hamud, era o seu chefe natural. Este, fugindo á colera de Al-kasim, obtivera assenhorear-se de Malaga e de Algeziras. Nestes districtos e nos que em Africa havia possuido seu pae, estabelecera um poder independente, na verdade menos brilhante, porém mais seguro e, debaixo de certo aspecto, mais forte que o do khalifa de Hespanha. Não perdoou todavia a Al-kasim a injuria recebida. Quando este, levantado contra elle o povo, teve tambem pela

sua vez de abandonar a capital, sabendo Yahya que seu tio se acolhera a Xerez, enviou um troço de cavallaria que o prendeu. Trazido á presença de Yahya, este o mandou metter no fundo de um carcere, onde dizem que fora logo morto, bem que outros pretendam haja vivido ainda alguns annos. Assim o filho de Aly era o unico representante da antiga dynastia africana dos idrisitas, e o tão disputado dominio de Cordova de que já gosara, postoque por bem curto praso, offerecia-se-lhe agora sem que receasse contendor. Os seus parciaes insistiam com elle para que reivindicasse a herança de Hixam : repugnava o amir ; mas teve de ceder aos desejos dos ambiciosos. Os cordoveses cançados de tumultos e fartos de sangue derramado receberam-no em triumpho. Os walis, porém, das provincias recusaram obedecer-lhe ; os mais remotos com dilações e pretextos, os mais vizinhos com abertas declarações de independencia. Era wali de Sevilha Mohammed Abdu-l-kasim Ibn Ismail Ibn Abbad : no castigo deste intentou o khalifa idrisita dar aos outros um exemplo de severidade. Com certo numero de tropas tiradas tanto dos seus antigos estados como dos recentemente adquiridos, marchou contra Ibn Abbad. Caíndo, porém, numa cilada do astucioso wali, foi morto (1026) e o seu exercito destroçado.

Esta noticia levada a Cordova encheu os animos de novas inquietações. Era preciso acudir com prompto remedio antes que os enredos dos ambiciosos trouxessem a guerra civil. Vivia retirado em Ham Albonte Hixam Ibn Mohammed bisneto de Abdu-r-rahman o grande : foi para elle que se voltaram os olhos por influencia do wasir da capital Jauhar Ibn Mohammed. Tão pouco de cubiçar era o throno pelos riscos de que estava cercado, que o principe eleito mostrou ainda maior repugnancia

em aceitar a offerta do que mostrara Yahya ; mas, depois de reluctar alguns dias, cedeu por fim. Longe, todavia, de se dirigir á capital, do caracter de cujos habitantes se temia, partiu contra os christãos, os quaes, como é facil de suppôr, tinham aproveitado as discordias dos sarracenos para se engrandecerem á custa delles. Pelejando com varia fortuna nas fronteiras, chegaram-lhe avisos de Jauhar da necessidade que havia de que visitasse Cordova para tractar de por algum meio reduzir á obediencia as provincias, cujos tributos tinham deixado de alimentar os cofres do estado. Assim o fez Hixam : veio e escreveu aos walis e kayids procurando domá-los com a brandura e ponderando-lhes que, assim divididos, preparavam a ruina do islamismo na Hespanha. Foi tudo inutil : faziam boas promessas ; mas as obras eram pelo contrario. Recorreu então aos meios violentos para reduzir os rebeldes ; mas a rebellião surgia por toda a parte, e aquelles mesmos a quem confiava o governo de alguma cidade importante seguiam mais tarde ou mais cedo os exemplos dos outros. Na impossibilidade de pôr diques á torrente, o khalifa, para ao menos obter a paz, começou a fazer concessões aos levantados, o que suscitou contra elle o descontentamento publico, especialmente dos cordoveses. A sorte esquiva das armas, a desgraça dos tempos, tudo lhe attribuiam a elle, e os tumultos a que o povo estava affeito repetiram-se mais violentos. Eram, porém, o desenfreamento popular, a decadencia dos costumes, as instituições viciosas, a falta de unidade nacional entre raças de origem diversa e muitas vezes inimigas as verdadeiras causas do mal, causas que já actuavam na epocha brilhante da grande prosperidade do khalifado. O povo, que no meio das desventuras nascidas

das revoluções suspirava pela paz, não soffria esta por longo tempo sem tumultuar de novo, e com razão dizia Hixam que os cordoveses nem sabiam governar-se nem deixar que os governassem. Chegou, emfim, a irritação dos animos a tal ponto, que por conselho do wasir Jauhar o khalifa saíu da capital uma noite em que o povo amotinado pedia fosse deposto e banido (1031) e retirou-se para o castello de Hisn Abi Cherif na serra Morena. Perseguido alli mesmo pelos subditos, buscou asylo em Lerida, cujo wali, Suleyman Ibn Hud, depois wali de Saragoça, era seu amigo particular. Reduzido a uma existencia obscura, Hixam falleceu cinco annos depois deixando a reputação de principe bondoso, valente, illustrado e capaz de salvar o imperio, se essa fosse uma empreza para que bastassem forças humanas. Com elle acabou o khalifado de Cordova e a dynastia dos Beni Umeyyas, que tinha reinado sem interrupção, salvo nos ultimos tempos, por perto de tres seculos e que legou á historia alguns dos caractéres mais illustres que avultam nos annaes da Hespanha mussulmana.

Expulso Hixam, Jauhar foi eleito amir. É de crer que elle não fosse alheio á revolução que derribara o khalifa, ao qual tão cuidadosamente persuadira que saísse da cidade para evitar a tormenta. Era Jauhar homem astuto: conhecia os tempos e as circumstancias. Acceitando o titulo mais modesto de amir, não quiz tomar para si todo o poder, contentando-se com presidir a uma especie de diwan ou conselho composto dos cheiks e principaes personagens de Cordova, no qual se resolviam as materias de governo. Todavia a qualidade de amir e a superioridade dos seus talentos davam-lhe a influencia necessaria para estear ainda com as reformas indispensaveis o edificio do estado que

vacillava a ponto de desabar. Como Hixam, elle escreveu logo depois aos walis das provincias para que viessem reconhecer a sua supremacia ou antes a supremacia do diwan que estabelecera; mas, como o seu antecessor, só recebeu escusas de alguns, emquanto outros se mostravam de todo indifferentes ás pretensões daquelle que tinham apenas na conta de seu igual. Sem força para os submetter e ensinado pelo exemplo de Hixam, Jauhar dissimulou, elogiando, até, os que haviam recusado comparecer em Cordova com o pretexto dos graves negocios em que se achavam envolvidos. O procedimento do amir foi uma especie de declaração de que a unidade do imperio mussulmano na Peninsula tinha acabado e que este se achava irrevogavelmente dividido em tantas monarchias independentes quantos eram os walis que administravam as suas anteriores provincias. A rapida decadencia do islamismo e o engrandecimento dos estados christãos deviam ser e foram as consequencias destes successos. Lancemos agora os olhos para essas provincias que se desmembravam, e vejamos quaes eram no tempo de Jauhar os regulos que, herdando as ruinas do khalifado, tentavam alargar os limites dos respectivos dominios á custa dos seus vizinhos, os quaes lhes correspondiam com tentativas semelhantes contra os territorios delles.

Dissemos antes que os idrisitas tinham estabelecido no meio das guerras civis um governo independente em Malaga, e que os dous irmãos Beni Hamud ligados entre si dominavam na Africa o districto de Ceuta e Tanger, e na Peninsula o de Malaga e Algeziras. Dissemos tambem como tres membros daquella familia, Aly, Al-kasim e Yahya obtiveram successivamente o khalifado de Cordova. Pela morte deste ultimo, Idris seu irmão lhe

succedeu nos estados de Malaga e Ceuta (1027), tomando o titulo de amir-al-mumemin, no que parecia mostrar que não abandonava inteiramente a idéa de ter direito ao senhorio universal da Hespanha mussulmana, de que haviam gosado, ao menos nominalmente, seu pae, seu tio e seu irmão. Com os Hamuditas ou Alydes (que por ambos os nomes é conhecida esta dynastia) estavam alliados, dando-lhes até certo ponto obediencia, o wali de Granada, Habuz Ibnu Maksan, e os Beni Berizila, senhores de Carmona e Écija. Em Sevilha dominava Mohammed Abu-l-kasim Ibn Abbad, o que destroçara o khalifa Yahya em 1026, epocha de que data verdadeiramente a independencia do amirado de Sevilha e o seu engrandecimento pela vasta provincia de Andalusia. Desde 1021 a raça dos Alamiris reinava nas costas orientaes da Hespanha, estendendo-se o seu dominio de Almeria, pelo interior, até as fronteiras de Barcelona. O amir de Valencia Abdu-l-aziz Abul-hassan, neto do celebre Al-manssor, era uma especie de suzerano dos walis desta familia e da dos Tadjibitas senhores de Saragoça, que dentro de pouco foram substituidos pelos Beni Huds. Assim os Alamiris possuiam os diversos districtos contidos nesse dilatado territorio, a que tambem andava unido o senhorio das Baleares. A provincia do Gharb, ou antiga Lusitania, estava em poder da familia dos Tadjibitas, que era aquella a que pertencia Abdullah Benu Alafftas, o qual se declarara amir soberano e estabelecera a sua corte em Badajoz. Ficou, porém, fóra do jugo dos Beni Alafftas o moderno Algarve, que constituia um principado independente regido pelo wasir Ahmed Ibn Said, a quem succedeu seu genro Said Ibn Harun. Finalmente a provincia de Toledo debaixo da auctoridade de Ismael ou Ismail

Ibnu Dhi-n-num formava outro amirado independente e um dos cinco estados mais notaveis (Malaga, Valencia, Sevilha, Badajoz e Toledo) nascidos da dissolução do imperio dos Beni Umeyyas.

Esta desmembração da Hespanha mussulmana, effeito das revoluções que por tantos annos haviam durado, trouxe uma consequencia facil de prever. Cada um dos amires, pelo menos os que dispunham de forças mais avultadas, procurou augmentar os limites dos proprios dominios e sujeitar ao seu imperio os menos poderosos. O que na realidade não era senão o proseguimento da guerra civil tomou um falso aspecto de guerra politica e, longe de renascer a paz, as ambições insaciaveis dos regulos sarracenos cada vez tornavam as luctas mais complicadas e sanguinosas. Accrescia que a origem revolucionaria das novas dynastias não sanctificadas ainda pelo tempo e cujos titulos para obterem o mando supremo haviam sido unicamente a fortuna e a audacia, animava outros ambiciosos a sacudirem o jugo e a levantarem-se com os districtos ou cidades que governavam. Os mussulmanos hespanhoes esqueciam assim completamente que no meio daquellas dissensões só os christãos seus inimigos implacaveis podiam ganhar, e que o termo de tantos sacrificios e combates seria a propria ruina.

Não seguiremos passo a passo os acontecimentos tão variados quanto obscuros nascidos desta situação anarchica. Numa resumida narração fora isso impossivel e, além de impossivel, inutil para o fim que nos propomos. Adiante teremos occasião de especificar alguns successos em que intervieram de modo decisivo os principes christãos da Peninsula. Basta por agora dizer que depois de uma serie não interrompida de commettimentos, rebeldias, trai-

ções, assedios e conquistas de cidades e devastações repetidas quasi por todos os angulos do territorio mussulmano, o amir de Sevilha Abbad Al-mu'tadhed Billah, que succedera a seu pae Mohammed Abu-l-kasim (1042) tinha-se tornado poderoso a tal ponto que as suas forças não cediam ás dos outros amires junctos. Destes o principal era o de Toledo, Al-mamon, rival do de Sevilha e em continua inimizade com elle, contra quem se ajudava das tropas christans de Leão e Castella. O principe toledano, além de outros estados que conquistara, reduzira os do amir de Valencia, ao passo que o de Sevilha submettia os dos successores de Jauhar, isto é, a provincia de Cordova. Na guerra entre os dous potentados vieram por fim a cifrar-se as variadas discordias dos menos importantes amirados, porque todos elles se viram necessitados a declarar-se por um ou por outro dos dous principes contendores. A morte de Abbad Almu'tadhed Billah, a quem succedeu (1069) seu filho Mohammed Al-mutamed Ibn Abbad no dominio de Sevilha, não trouxe mudança alguma na desgraçada situação da Hespanha mussulmana, porque as guerras continuaram com o mesmo vigor. A fortuna mostrou-se contraria no principio ao novo amir sevilhano. Al-mamon tomou-lhe Cordova e até chegou a apoderar-se-lhe da capital, emquanto elle triumphava dos idrisitas, senhores de Malaga, e o amir de Saragoça seu alliado ameaçava Valencia. Al-mutamed dirigiu-se immediatamente a Sevilha, onde os que pouco antes a haviam cercado e rendido foram por elle sitiados. O amir de Toledo, que em pessoa viera áquella conquista e se achava ahi, falleceu durante o assedio (1076). Com a morte de Al-mamon mudou a sorte das armas. Seu filho ou neto Hixam, ou Yahya Dhi-n-nun, ainda mui moço, ficou debaixo da tutella

e protecção do rei leonês Affonso VI, antigo alliado de seu pae ou avô a quem ajudara nestas campanhas; mas o principe christão mostrou-se assás frouxo em defender as conquistas de Al-mamon. Ibn Abbad recuperou Sevilha e Cordova e apoderou-se pouco depois dos districtos de Valencia e de Murcia, expulsando subsequentemente da Peninsula os idrisitas seus antigos adversarios. Entretanto Affonso VI, aproveitando a dissolução do imperio sarraceno, assenhoreou-se de Todelo (1085) e de muitas outras povoações importantes. Desde este momento a questão politica simplificou-se, e os mussulmanos viram, emfim, a que abysmo os haviam conduzido as suas longas e sanguinosas rixas. O poderio de Affonso VI crescera a tal ponto, que, ainda unidos todos os principes mussulmanos, seria difficultosa empreza o resistir-lhe. O proprio Al-mutamed, que se ligara com elle em damno da dynastia dos Dhi-n-num, viu, como os outros, o perigo do islamismo. De commum accordo os sarracenos hespanhoes resolveram então invocar o auxilio dos almoravides, cujo poder em Africa tinha crescido rapidameute com repetidos triumphos. A influencia que essa resolução teve nos subsequentes successos da Peninsula torna necessario expormos aqui a origem de uma seita conjunctamente politica e religiosa, cujos chefes vieram a reunir debaixo do seu imperio a Mauritania e a Hespanha mussulmana, retardando com a conquista desta a decisiva victoria do christianismo.

O nome dos almoravides é uma corrupção hespanhola da palavra arabe Al-morabethyn, que significa os *eremitas*. Formou-se esta seita entre as tribus berbers do deserto ao sul de Tarudante conhecidas pela denominação commum de Zanagah, tribus rudes e ignorantes que se haviam convertido

imperfeitamente ao islamismo e que da nova religião pouco mais conheciam do que o simples symbolo da fé mohammetana = *Só Deus é Deus, e Mohammed é o enviado de Deus.* = Em 1037 Yahya Ibn Ibrahim, que era o amir destas tribus, indo em peregrinação a Mekka e voltando por Kairwan, trouxe comsigo um certo Abdullah Ibn Iasin, homem assás instruido na sciencia do koran, o qual se propunha illustrar e civilisar aquellas gentes barbaras de Zanagah. Quando, porém, ellas ouviram o novo apostolo condemnar altamente os seus vicios e brutezas, tractaram-no com desprezo. Retirou-se elle então para as vizinhanças do mar, onde edificou um eremiterio. O amir Yahya que o attrahira áquellas regiões seguiu-o, e com elle o seguiram alguns outros. Em breve o numero dos discipulos de Abdullah cresceu, e a fama da sabedoria do faquih ou monge conciliou-lhe successivamente mais proselitos, os quaes tomaram o titulo de Morabethyns. Quando elle viu que estes eram assás fortes para poderem empregar o meio de conversão de que com tanta felicidade usara o seu propheta, isto é, o ferro e o fogo, enviou-os a convencerem com a espada as tribus que tinham recusado ouvir as suas pacificas admoestações. Tres mil almoravides marcharam, de feito (1042), contra a tribu de Kedala, da qual se converteram todos aquelles que escaparam da morte. O mesmo succedeu á de Lamtuna e de Mazusa. Com estes exemplos, as outras tribus reconheceram a missão divina de Abdullah, o qual, reservando para si a dignidade de imam ou pontifice, com o que exercia uma especie de suprema dictadura, nomeou amir ou chefe temporal dellas o lamtunita Abu Zakaria Yahya, havendo fallecido neste meio tempo aquelle que principalmente contribuira para a sua elevação, Yahya Ibn Ibrahim.

Seguindo as inspirações do imam ou chefe espiritual, o novo amir continuou a guerra, submettendo o Sahará ou deserto e começando a conquista do paiz dos negros, na qual foi morto. Succedeu-lhe Abu Bekr seu irmão. Este dilatou os dominios dos almoravides pelo norte da Africa, apesar de então perecer numa batalha o fundador da sua seita. Tendo subjugado grande parte da Mauritania ou Moghreb, partiu para o deserto com o fim de apaziguar algumas perturbações que se tinham levantado entre as tribus berbers. Deixara entretanto governador dos districtos do norte seu primo Abu Yacub Yusuf, sujeito de excellentes dotes, mas ambicioso, que aproveitou a ausencia do amir para consolidar perpetuamente em si a auctoridade que lhe fora confiada. Quando Abu Bekr voltou, Yusuf recebeu-o com grandes demonstrações de amizade e regosijo; mas fez-lhe perceber que não estava de animo de lhe ceder o passo. Viu Abu-bekr que as proprias forças não eram bastantes para o punir e resolveu-se a legitimar a usurpação, reservando para si o dominio das tribus do deserto. Lá morreu dentro em breve numa guerra com os negros, e Yusuf foi reconhecido amir de todas as provincias dos almoravides. Então fundou Marrocos, de que fez a capital do seu imperio, e com repetidas victorias subjugou o resto da Mauritania. Foi depois disto que os mussulmanos hespanhoes voltaram para elle os olhos. A gloria das suas façanhas, as nobres qualidades do seu caracter tinham-lhe dado um nome que escurecia o dos mais celebres capitães daquelle tempo, e no meio do terror que infundiam as rapidas conquistas de Affonso VI, os sarracenos da Peninsula não viram nelle senão o guerreiro que podia livrá-los do terrivel nazareno. O tempo mostrou o que nesse momento de angustia elles não

tinham previsto. A salvação da sua liberdade e da sua crença ameaçadas pelos christãos deviam comprá-la á custa da independencia nacional. Yusuf, pondo um cravo na roda da fortuna, que tão favoravel se mostrara ao rei de Leão, só teve, porventura, em mira ajunctar mais uma rica provincia ao seu vasto imperio. Falando das guerras de Affonso VI, teremos occasião de apontar as circumstancias principaes da larga lucta que este principe teve com os almoravides, a cuja historia pertencem desde o fim do XI seculo os successos da Hespanha mussulmana.

III

Fundação de uma nova monarchia gothica nas Asturias. Affonso I começa a dilatá-la. — Victorias de Fruela I. — Reinados de Aurelio, Silo e Mauregato. — Vermudo, o diacono, trabalha por civilisar a nação e cede a coroa a Affonso II, o casto. — Guerras com os sarracenos e progressos da civilisação. — Ramiro I. Sua crueldade. — Ordonho I. Conquista nos territorios mussulmanos. — Fruela, o intruso, assassinado.— Affonso III, filho de Ordonho, sobe ao throno. Longo e glorioso reinado deste principe. Rebellião de seus filhos e abdicação de Affonso III. — Garcia I e seus irmãos. Separação da Navarra. Ordonho II. Invasões nos dominios mussulmanos. — Fruela II. — Affonso IV. — Ramiro II. Discordias civis. Continuação da guerra contra os sarracenos. Treguas com o khalifa de Cordova. — Ordonho III. — Sancho I, o gordo, expulso por Ordonho, o mau, e restituido pelo khalifa Abdu-r-rahman. — Menoridade de Ramiro III, e regencia d'Elvira. — Governo de Ramiro em Leão e de Vermudo ou Bermudo na Galliza. Guerras civis. Invasões de Al-manssor. — Bermudo II, e desventuras do seu reinado. — Affonso V. Regencia na sua menoridade. Governo deste principe. — Bermudo III. Guerras civis. A Castella unida á Navarra. Lucta entre este paiz e Leão. Bermudo perde a maior parte dos seus estados. Fundação da monarchia de Castella. Batalha de Carrion e morte de Bermudo. — Fernando I de Castella une Leão á sua coroa. Brilhante reinado deste monarcha denominado o magno. Divisão do reino castelhano-leonês entre os filhos de Fernando I. Discordias e guerras dos tres irmãos. — Affonso de Leão, a principio vencido e expulso por Garcia o mais velho, chega a obter e unir as tres coroas. Emprezas e triumphos de Affonso VI contra os sarracenos. Conquista de Toledo. Batalha d'Uclés. Morte de Affonso VI.

A REACÇÃO da raça wisigoda contra a conquista arabe começara na Hespanha poucos annos depois dessa conquista. Nas asperas serranias das Asturias um punhado de godos que não haviam acceitado o jugo dos mussulmanos alevantaram o estandarte de uma guerra de religião e de independencia, que devia durar por mais de sete seculos até a final victoria do evangelho contra o koran. A batalha de Cangas de Onis, em que os infiéis ficaram desbaratados, foi o primeiro annel de uma cadeia continua de combates, que nos fins do XV seculo veio soldar-se na campa dos derradeiros defensores de Granada, quando Fernando e Isabel, os catholicos, conquistaram a capital do ultimo reino mourisco da Peninsula. Pelagio foi o capitão destes godos refugiados nas Asturias e o fundador da primeira monarchia christan de Hespanha, depois chamada de Oviedo e Leão. Os estados de Pelagio ficaram durante o seu reinado e o de seu filho Fafila circumscriptos ás serras asturianas; mas por morte deste ultimo, cujo governo foi tão curto quanto obscuro, succedeu-lhe um homem extraordinario, o qual dilatou com repetidas victorias os limites do paiz que nunca acceitara o jugo dos infiéis. Affonso I, genro de Pelagio, subiu ao throno após seu cunhado Fafila e brevemente penetrou com mão armada pela Galliza até o Douro e por Leão e Castella a Velha. Anteriormente a guerra, ora offensiva, ora defensiva, tinha exclusivamente entretido os christãos: na epocha, porém, de Affonso I as povoações assoladas e os templos reduzidos a ruinas começaram a surgir de novo. Depois de largo e glorioso reinado, este principe falleceu, recaíndo a escolha dos godos em seu filho Fruela ou Froila, que o imitou no esforço e foi, segundo parece, homem de caracter violento. Num recontro pouco

importante Fruela desbaratou os arabes junto a Ponthumium. Depois de apaziguar as rebelliões que ou a ferocidade do seu animo, ou algumas outras causas haviam suscitado na Galliza, domou ao norte a Vasconia levantada contra elle. As suspeitas que concebera de seu irmão Vimarano levaram-no a commetter um fratricidio, que a justiça de Deus não deixou impune. Fruela foi assassinado pelos godos, os quaes, usando do antigo direito wisigothico, recusaram a coroa a seu filho Affonso, que ou a memoria paterna lhes tornava odioso, ou a imbecilidade da infancia inhabilitava para reger um paiz cujo estado ordinario era o de guerra com os sarracenos. Um sobrinho de Affonso I, Aurelio, filho de seu irmão Fruela e primo do rei assassinado, subiu então ao throno, que occupou durante mais de seis annos. Por todo este periodo os estados dos reis das Asturias gosaram de paz externa; mas Aurelio teve de luctar com um levantamento dos servos, que reprimiu, ou melhorando a sua situação, ou constrangendo-os a sujeitaram-se a ella.

Canicas ou Cangas foi desde o tempo de Pelagio a capital das Asturias : Fruela fundou Oviedo mais ao occidente, para onde o reino se dilatava, e esta povoação veio depois a ser a cabeça da monarchia e a dar-lhe exclusivamente o nome. Os seus successores parece terem residido com preferencia em Pravia, povoação ao noroeste de Oviedo, onde Silo, successor de Aurelio, assentou a sua residencia.

Silo deveu a escolha que delle fizeram os godos a sua mulher Adosinda, filha de Affonso I. As causas da influencia de Adosinda não no-las revelam as chronicas quasi contemporaneas que assim o affirmam. Segundo ellas, a paz com os mussulmanos subsistiu no tempo deste principe, por occasião de cuja morte sua viuva pretendeu fazer coroar o

moço Affonso, filho de Fruela I. Mauregato, porem, filho bastardo de Affonso I, eleito pelos descontentes, pôde expulsá-lo e obter para si o throno das Asturias, que occupou seis annos, no fim dos quaes morreu em Pravia depois de um reinado tranquillo e obscuro.

Um irmão do rei Aurelio foi então chamado a reger os godos (1). Vermudo ou Bermudo havia seguido a vida ecclesiastica e sido elevado ao grau de diacono, o que, apesar de o excluir da dignidade real, segundo as antigas instituições wisigothicas, não serviu de impedimento á sua eleição. Naquellas eras, em que a existencia quasi barbara dos christãos das Asturias contrastava profundamente com a civilisação dos mussulmanos de Hespanha e da Africa, o animo generoso e illustrado de Vermudo surge como um pharol no meio das trevas espessas que o rodeiam. A piedade, a clemencia, a maguanimidade são os dotes que os mais antigos historiadores lhe attribuem. Pouco depois de obter a auctoridade suprema, renovou o exemplo de alguns dos reis wisigodos anteriores á conquista arabe, associando ao governo o filho de Fruela I, duas vezes repellido do throno, para por esse meio lhe assegurar a successão. Não contente com isto, apenas o moço Affonso alcançou conciliar o affecto dos seus subditos, Vermudo voltou voluntariamente ao exercicio do ministerio sagrado, postoque, contra os canones recebidos em Hespanha, houvesse espo-

(1) A denominação de godos, dada aos descendentes dos wisigodos que, depois da conquista da Hespanha pelos arabes, se acolheram ás Asturias não é rigorosamente exacta, mas é geralmente recebida pelos historiadores da Peninsula, como a de sarracenos e mouros para designar os mussulmanos.

sado Nunila, de quem teve Ramiro, o qual depois veio a ser successor de Affonso II.

No periodo que decorreu desde a morte de Affonso I até a abdicação de Vermudo, isto é, desde o segundo quartel do seculo VIII até os fins delle, o reino das Asturias subsistiu quasi sempre pacifico ao lado da dominação sarracena. Mas no terceiro anno depois que Affonso II reinava, achamos quebrada a paz entre as duas raças e os arabes invadindo as Asturias. Foram correrias de Affonso nas terras dos mussulmanos que trouxeram este acontecimento, ou foi deliberação espontanea delles? É o que hoje não será facil dizer. Certo é, porém, que os invasores, salteados d'improviso pelos christãos, ficaram desbaratados. Deste feito data a celebridade de Affonso II, mais conhecido entre os historiadores pela denominação de *casto*, porque durante o seu reinado de meio seculo sempre se conservou celibatario.

Reinava neste tempo além dos Pyrenéus Karl o grande. Affonso II buscou alliar-se com elle, enviando-lhe mensageiros com ricos presentes, provavelmente despojos de uma correria que se diz ter feito áquem do Douro até as margens do Tejo. Estabelecendo a sua capital em Oviedo, que engrandeceu e adornou de igrejas e paços, trabalhou por avivar as instituições do imperio wisigothico que, no meio de uma existencia de perigos e combates, tinham caído em desuso, restaurando ao mesmo tempo o esplendor da ordem ecclesiastica, reedificando templos e instituindo pastores. Durante, porém, estas tentativas de organisação social uma revolução o expulsou do throno, ao qual os seus partidarios dentro em poucos meses o fizeram subir de novo. Ora victorioso, ora vencido pelos sarracenos, com quem teve mais de uma vez guerra,

Affonso morreu em 842. Dizem alguns que elle associara ao governo o filho do seu antecessor Vermudo, chamado Ramiro ou Ranimiro, que de feito lhe succedeu. É, todavia, certo que a morte do velho monarcha trouxe, como era natural sendo o reino electivo, graves dissensões. Nepociano, conde do palacio, fez-se acclamar em Oviedo, e Ramiro, que então se achava na Bardulia (Castella a Velha), correu a disputar-lhe a coroa. Os soldados de Nepociano abandonaram-no no momento de virem ás mãos com Ramiro, e este pôde colher vivo perto do Pravia o seu émulo, a quem mandou arrancar os olhos e fechar num mosteiro para o resto de seus dias.

Seguro no throno, Ramiro I obteve varias victorias dos mussulmanos e repelliu os piratas normandos que principiavam então a saltear as costas da Galliza. As tentativas para o expulsar do throno renovaram-se ainda por duas vezes, mas de ambas saíu vencedor. A vingança que tomou dos cabeças destas rebelliões prova que o caracter de Ramiro era bem contrario á brandura do de seu pae. Ao conde Aldoroito condemnou-o á mesma pena a que condemnara Nepociano, e a Piníolo, que tambem se rebellara, mandou matar junctamente com seus sete filhos. A crueldade de Ramiro estendia-se ao excesso das penas que impunha aos criminosos ou suppostos taes. Os ladrões fazia-os cegar, e queimar todos aquelles que eram accusados de magía. Ramiro I soube assegurar a herança da coroa para seu filho : ao menos, vemos succeder-lhe este sem as luctas que as mais das vezes trazia a eleição de novo principe. Ordonho I, mais valoroso e feliz ainda que seu pae, não ajunctou a ferocidade ao esforço. Dedicou todos os seus cuidados á reedificação de varias povoações de Leão, da Galliza e

dos chamados campos Gothicos, como foi a cidade de Leão, depois capital do reino do mesmo nome, e as de Tuy, Astorga e Amaya. Isto parece indicar que o territorio dos christãos começava a estar menos exposto ás correrias dos sarracenos, ou porque as fronteiras se alargavam, ou porque se defendiam melhor.

O godo renegado Musa, de que noutra parte falámos, e que se tinha tornado independente do amir de Cordova, ousara entrar no territorio dos christãos, onde construiu a fortaleza de Albaida ou Albelda na moderna Rioja. O rei de Oviedo saíu logo contra elle, desbaratou-o juncto de Clavijo e tomou Albaida. Depois de repellir uma nova tentativa dos normandos nas costas da Galliza, Ordonho fez varias entradas pelas terras dos inimigos com prospero successo, subjugou os vasconios, que, sempre inquietos, se haviam mais uma vez rebellado, tomou aos infiéis Coria e Salamanca e reconquistou-lhes Orense, cidade da Galliza de que, segundo se vê deste successo, elles se haviam apossado. Continuando nestas guerras com varia fortuna, Ordonho veio a fallecer em 866, fazendo antes disso eleger seu filho Affonso, ainda na puericia, por successor do reino. Entretanto Fruela, conde ou governador da Galliza, protegido pela nobreza daquella provincia, tomava o titulo de rei e marchava para a capital á frente de um exercito. Os que tinham acceitado por monarcha o filho de Ordonho abandonaram-no, e Affonso fugiu de Oviedo para as bandas de Castella. O reinado, porém, de Fruela foi muito curto; uma conjuração rebentou na corte, e os magnates que lhe eram adversos assassinaram-no no seu proprio palacio. O filho de Ordonho voltou então a Oviedo e foi proclamado rei.

Logo depois os vasconios rebellaram-se, e Af-

fonso III teve de os combater por muito tempo com varia fortuna, terminando a guerra, se crermos as tradições vasconças, pela concessão de uma especie de independencia a esta raça indomavel.

Seguiu-se passados tres annos uma guerra violenta com os sarracenos. Para o sul e sueste o Douro formava a linha mais ordinaria das sempre vacillantes fronteiras entre christãos e mussulmanos. Affonso transpôs o rio com o seu exercito, occupou Salamanca e cercou Coria, que no reinado antecedente estivera já em poder dos godos. Obrigado a retirar-se, os sarracenos entraram pelas provincias christans; mas, colhidos em desfiladeiros onde a cavallaria lhes era inutil, foram completamente desbaratados.

Por doze annos a historia de Affonso III é uma serie quasi não interrompida de combates: ora os seus territorios são invadidos pelos sarracenos, ora elle invade as provincias mussulmanas. Victoriosas as mais das vezes, as armas christans dilataram-se então principalmente para o lado da antiga Lusitania: Lamego, Viseu, Coimbra caíram em poder do rei de Oviedo, e a devastação chegou até os districtos de Idanha e ainda até Merida. Depois, segundo parece, Affonso recolheu-se aos seus antigos estados das Asturias e Galliza, porque o achamos marchando daquellas partes ao encontro dos sarracenos, que haviam posto cerco a Zamora, tomada e fortificada anteriormente por elle. A batalha de Polvoraria, juncto ao rio Orbiego, em que os mussulmanos foram destroçados e postos em fuga, trouxe uma tregua de tres annos, no fim da qual a guerra se ateou de novo. Depois de penetrar até a Serra Morena, em cuja proximidade desbaratou o exercito arabe que tentara resistir-lhe, o rei de Oviedo retirou-se outra vez para as Asturias. Os infiéis vinga-

ram-se accommettendo a Castella Velha, onde já se tinha firmado o dominio asturiano por meio de muitos logares fortificados ou castellos, que deram o nome á provincia. Mettidos entre os muros das suas fortalezas, os christãos resistiram por toda a parte, e Al-mundhir, general dos arabes, internou-se para as bandas de Leão: mas, sabendo que Affonso III o esperava ahi com o seu exercito, retrocedeu para o sudoeste e veio acampar juncto do Orbiego, donde voltou para Cordova. Dentro em pouco os sarracenos renovaram as hostilidades talando a Navarra e descendo para Castella e Leão; mas, rechaçados por toda a parte, tornaram a retirar-se para Cordova com grande perda. Cançados de tão dilatadas guerras e de tantas devastações mutuas, godos e sarracenos tractaram sériamente da paz, que a final foi jurada entre o amir de Cordova e Affonso III e durou por todo o resto do reinado deste principe, isto é, por todo o largo periodo de vinte e sete annos. Os limites dos territorios christãos demarcaram-se definitivamente ao sul e sueste pelo Douro, e o rei de Oviedo pòde dedicar-se a melhorar o estado interior dos seus dominios, os quaes abrangiam já proximamente um terço da Peninsula hispanica. Repovoando-os e restabelecendo a ordem em Leão e em Castella a Velha, alevantou das suas ruinas e fortificou as mais importantes povoações das fronteiras, como Zamora, Simancas, Donas e Touro, acções que não contribuiram menos para lhe adquirir o título de *grande* do que as suas victorias.

Emquanto Affonso III assim trabalhava em restaurar a vida interna do paiz sujeito á sua auctoridade, uma nova guerra vinha perturbar a paz dos christãos. As dissenções que por aquelle tempo andavam levantadas entre os sarracenos e de que

fizemos menção tinham quebrado a unidade do governo mussulmano. Cordova ainda era o centro e cabeça da Hespanha mourisca; porém em parte das provincias que entestavam com os estados de Affonso haviam-se estabelecido pela rebellião alguns potentados independentes. Tendo Ahmed Ibn Alkithi ou Al-chaman, como o denominam as chronicas christans, passado ao partido de Omar Ibn Hafssun, o mais poderoso inimigo do amir de Cordova, Omar entregou-lhe o poder supremo nos territorios de Toledo e Talavera. Aqui, por todos os districtos amotinados contra o amir e, até, por Africa, Ahmed ajunctou um exercito de sessenta mil homens e salteou as terras do rei de Oviedo, cujos subditos tornara descuidados a paz feita com o principe dos sarracenos. Os christãos que poderam salvar-se acolheram-se ás fortificações de Zamora, que Al-kithi sitiou immediatamente, emquanto o governo de Cordova se apressava a assegurar o rei de Galliza que desapprovava semelhante invasão. Entretanto Affonso III, recebida a nova da tentativa de Ahmed, marchara contra elle. Os dous exercitos encontraram-se nos campos de Zamora, e depois de uma batalha bem pelejada os arabes foram vencidos com espantosa perda, ficando entre os mortos o proprio Ahmed e seu irmão Abdu-r-rahman, wali ou governador de Tortosa. O rei de Oviedo, seguindo a victoria, dirigiu-se a Toledo com o intento de reconquistar a antiga capital do imperio wisigothico; mas as difficuldades do sitio moveram-no a acceitar um resgate avultado dos habitantes e a voltar ás Asturias, destruindo na sua passagem algumas povoações dos sarracenos.

Parecia que emfim o rei christão poderia gosar tranquillamente do fructo de tantas victorias; mas as inquietações domesticas tomaram o logar das

luctas com estranhos. Seu filho mais velho, Garcia. ajudado pelos irmãos, e até, segundo alguns, pela propria mãe e instigado por seu sogro, o conde de Castella Nuno Fernandes. conspirou para derribá-lo do throno. Sabedor das criminosas tentativas do filho, Affonso fê-lo prender em Zamora e mandou-o levar em ferros ao castello de Gauzon. Isto foi como o signal de uma rebellião geral, em que o rei das Asturias viu entrar todos os outros membros da sua familia. Seguiu-se uma guerra civil, cujo resultado foi a abdicação, na apparencia voluntaria, mas realmente forçada, de Affonso III, que apenas sobreviveu um anno, no qual fez ainda uma entrada nas terras do rebelde Hafssun como simples general de seu filho. Na volta desta campanha falleceu em Zamora no fim do anno de 910 ficando-lhe na historia o mais distincto logar entre todos os successores de Pelagio que o haviam precedido.

Das cidades que o grande capitão fizera renascer das suas cinzas, Leão, a antiga Legio dos romanos e dos godos, parece ter sido uma das que receberam mais rapido incremento. Garcia estabeleceu ahi a sua corte, ficando seu irmão Fruela governando as Asturias, e Ordonho a Galliza, senão como reinos separados, ao menos com certo grau de independencia que naturalmente provinha de o haverem ajudado a obter a coroa paterna mais cedo do que devia. Essa situação equivoca, qual julgamos ter sido a dos dous principes, deu, talvez, origem á mudança do titulo de rei de Oviedo para o de rei de Leão, que principia a apparecer-nos no reinado de Garcia e foi a primeira tentativa da desmembração da monarchia hespanhola, de que depois acharemos mais positivos exemplos. Antes, porém, disto, no tempo de Affonso III, a Navarra. provincia sempre inquieta e mal soffrida do jugo asturiano, havia-o

sacudido. Affonso dera o governo della a Sancho Inigo, conde de Bigorre, denominado pelos vasconios Arista, que em vasconço sôa como o *roble* ou o *forte*, por morte do qual os navarros proclamaram rei seu filho Garcia Sanches, sem que o de Oviedo podesse embargá-lo. Desde então o reino de Navarra ficou independente, e por isso os successos desta parte da Peninsula deixam de ter relação, ao menos immediata, com a origem da monarchia portuguesa.

O governo de Garcia de Leão foi mui curto. Nos primeiros tempos dedicou-se a guerrear os sarracenos do partido de Hafssun, devastando o districto de Toledo : nos ultimos a reedificar algumas povoações das fronteiras dos seus já dilatados dominios, como Osma, Corunha do Conde e Gormaz. A morte, porém, interrompeu-lhe todos os designios quando contava apenas tres annos de reinado. Ou porque não deixasse filhos, ou porque seu irmão Ordonho soubesse attrahir a si os animos dos grandes, fo este escolhido para succeder-lhe e acclamado em Leão segundo o costume e pela fórma usada no tempo dos reis wisigodos.

Durante a vida de seu pae e de seu irmão, Ordonho tinha mostrado genio bellicoso e esforçado em varias entradas que fizera nas terras dos sarracenos. Ou porque a duração das treguas com Cordova estivesse acabada, ou porque Ordonho julgasse conveniente quebrá-las, depois de tres annos de tranquillo reinado, passando de novo as fronteiras para o sul, correu a antiga Lusitania áquem e além do Tejo até o Guadiana, espalhando por toda a parte ruinas e mortes. Os habitantes de Merida, atterrados pela ferocidade do rei christão, offereceram-lhe avultados presentes para o applacarem. Persuadido, talvez, de que lhe seria difficultoso levar á viva força as fortificações daquella grande povoação, Ordonho,

carregado de despojos e deixando espalhado o terror do seu nome, voltou a Leão, donde tornou brevemente a invadir os territorios mussulmanos, reduzindo Salamanca a cinzas. Segundo alguns, a invasão de Ordonho foi uma só; mas é certo que os estragos feitos por elle uma ou mais vezes suscitaram as represalias dos sarracenos. As chronicas christans falam de um celebre desbarato destes juncto de Sancto-Estevam de Gormaz, bem como os historiadores arabes celebram a grande victoria obtida do rei de Leão pelo amir de Cordova. A falta de datas chronologicas torna assás confusa, tanto nuns como noutros, a narração destes successos. Parece, porém, que a desvantagem ficou do lado de Ordonho; ao menos, foi o territorio christão que ultimamente serviu de theatro a esta longa e sanguinolenta lucta.

As armas dos mussulmanos voltaram-se então contra o rei de Navarra, cuja independencia estava provavelmente reconhecida pelo de Leão e Asturias; porque achamos Ordonho combatendo em Junquera ao lado do principe navarro. O campo christão foi roto com grande mortandade, e Ordonho fugiu para Leão com as reliquias do seu exercito, abandonando o rei de Navarra, que buscou refugio nos solidos muros de Pamplona. Ebrios com a victoria, os sarracenos passaram os Pyrenéus e, talando os arredores de Tolosa, voltaram a Hespanha. As perdas que tinham padecido tanto á ida como á volta, principalmente nos desfiladeiros das serranias, perdas que, se acreditarmos os chronistas christãos, equivaleram a uma completa destruição, obrigaram o amir de Cordova a recolher-se á sua capital.

Emquanto assim os sarracenos invadiam o sul da França, dizem que Ordonho, ajunctando ás reliquias do seu exercito novos soldados, fazia uma entrada

pelo interior da Hespanha mohametana, penetrando até os districtos orientaes da Andalusia. O caracter bellicoso do rei de Leão, e a ausencia do exercito vencedor em Junquera tornam provavel este acontecimento, de que todavia se não encontra memoria nos historiadores arabes.

Os ultimos tempos do reinado de Ordonho II são só notaveis por um acto de rigor feroz proprio da rudeza da epocha. A causa desse acto foi, segundo parece, a vingança. Os condes ou governadores de varios districtos de Castella mostravam-se rebeldes á auctoridade do rei leonês. Conforme a opinião de alguns, a rebellião consistira em haverem elles recusado acompanhar Ordonho na expedição a favor da Navarra : mais provavel cremos que as tentativas de independencia, que por toda a parte tendiam a desmembrar a já mui vasta monarchia das Asturias, fossem a realidade do facto. Seja o que for, Ordonho convocou para Burgos com mostras pacificas quatro condes daquella provincia, indo-os esperar ao caminho. Ahi prendeu-os, e enviando-os para Leão fez-lhes decepar as cabeças. Dentro de pouco, Ordonho morreu em Zamora (923) e foi sepultado na cathedral de Leão.

Apesar de ficarem quatro filhos do rei fallecido, seu irmão Fruela foi eleito para lhe succeder. Fruela II reinou apenas um anno, no qual não consta tivesse guerra com os sarracenos, e todas as memorias do seu reinado reduzem-se a algumas fundações pias.

Por morte deste principe, Affonso filho d'Ordonho obteve a coroa que fora de seu pae, postoque Fruela deixasse tambem tres filhos. A incerteza destas successões prova a tenacidade com que os descendentes dos wisigodos guardavam as instituições politicas da Hespanha anteriores á conquista

arabe. Affonso IV foi, segundo parece, de animo pacifico e inclinado mais que seu tio ás cousas de religião. Ainda não tinha seis annos de reinado completos quando, havendo chamado á corte seu irmão Ramiro, que governava o districto denominado hoje o Bierzo, abdicou a coroa nelle com accordo dos nobres junctos em Zamora, e recolheu-se ao mosteiro de S. Facundo ou Sahagun. Era Ramiro, pelo contrario do irmão, de animo turbulento e guerreiro. Assim, apenas elevado ao throno, começou a preparar-se para renovar a guerra contra os sarracenos. Um acontecimento inesperado veio, porém, interromper os seus designios. Affonso IV, ou por inconstancia de genio, ou incitado por alguns descontentes, saíu de Sahagun e, dirigindo se a Leão, fez-se proclamar de novo rei. Ramiro, que se achava ainda em Zamora, marchou immediatamente para a capital e, combatendo-o de dia e de noite, entrou-a e, prendendo seu irmão, lançou-o carregado de ferros no fundo de um calabouço. Os tres filhos de Fruela, primos dos principes contendores, tomaram então o partido do captivo e tentaram colher Ramiro numa cilada. Soube-o elle: fê-los prender e conduzir á mesma prisão em que jazia Affonso IV, onde mandou arrancar os olhos tanto a este como áquelles. Nesse miseravel estado, Affonso ainda viveu dous annos, ficando-lhe por morte um unico filho chamado Ordonho, conhecido depois pelo epitheto de *mau*.

Apaziguadas estas alterações intestinas, Ramiro II dispôs tudo para uma invasão na Hespanha arabe, o que executou entrando com o seu exercito até Madrid (outros dizem Talavera), que servia como de fortaleza fronteira para impedir as correrias dos christãos contra Toledo. Combatida rigorosamente, a povoação foi entrada, posta a sacco e, mortos ou

28. — Documento em letra wisigotica do anno de 907, escripto em Alvarelhes, terra de Maia.
(Archivo Nacional, Collecção Especial.)

captivos os seus habitantes, desmantelada. D'alli voltou Ramiro a Leão sem que os sarracenos podessem oppôr-se á sua passagem. Mas estes não tardaram a desagravar-se do damno recebido, accommettendo a provincia de Castella com poderoso exercito. O conde Fernão Gonçalves, que a regía, invocou logo o soccorro de Ramiro, que não tardou em chegar. Se acreditarmos as relações arabes, os mussulmanos tiveram, todavia, tempo para devastarem os territorios christãos até a Galliza, donde conduziram grande numero de captivos e avultado despojo. Na passagem, porém, do Douro, perto de Osma, Ramiro veio encontrá-los. Receosos de que os captivos lhes servissem de impedimento na batalha, metteram todos á espada. Travado o combate, a furia e odio mutuo com que pelejavam fizeram com que este fosse um dos bem feridos entre leoneses e sarracenos, ficando o campo alastrado de mortos e o resultado indeciso; porque tanto os chronistas christãos como os arabes attribuem aos seus a victoria. Comtudo, não só a linguagem pouco explicita dos ultimos, mas tambem a retirada do exercito para Cordova persuadem que Ramiro levou tal qual melhoria.

O que parece claro é que a batalha de Osma deixou mui quebradas as forças dos dous adversarios, porque os vemos dar treguas ás hostilidades durante tres annos, no fim dos quaes a lucta se renovou com mais energia que d'antes. Uma pequena faisca deu aso a um grande incendio.

Umeyyah Ibn Isak Abu Yahya era neste tempo kayid de Santarem, e seu irmão Mohammed wasir ou conselheiro na corte de Cordova. Teve o khalifa razões de queixa contra Mohammed e mandou-o matar. Irado com este procedimento, o kayid de Santarem ligou-se com Ramiro, prestando-lhe obe-

diencia com um grande numero de cavalleiros sarracenos de Gharb e entregando-lhe os castellos dependentes delle. Com esta alliança o rei de Leão pôde devastar a antiga Lusitania, correndo por Badajoz até Merida e voltando pelas immediações de Lisboa, donde se encaminhou para Galliza carregado de despojos, posto o inquietassem os inimigos, que nesta conjunctura só se atreveram a fazer uma rapida correria além do Douro.

Apenas o khalifa de Cordova, Abdu-r-rahman, soube dos estragos feitos pelo rei leonês, resolveu empenhar todas as suas forças contra os christãos e aniquilar-lhes o poder, que cada vez se tornava mais formidavel para o islamismo. Por mandado do khalifa todos os walis e kayids marcharam com as suas tropas para Salamanca, aonde o proprio Abdu-r-rahman veio tomar o mando do exercito, que subia a mais de cem mil homens. Este corpo numeroso atravessou as fronteiras inimigas e, depois de assolar os logares abertos e arrasar varios castellos, foi assentar campo em volta dos muros de Zamora.

Ramiro II, da sua parte, havia ajunctado em Burgos todas as forças de Leão, Asturias, Galliza e Castella. Garcia, rei de Navarra, descera a soccorrê-lo, e Abu Yahya viera tambem em seu auxilio com um grosso de cavallaria mussulmana. Assim o exercito christão, em estado já de competir com o do khalifa, pôde marchar ao encontro delle. Abdu-r-rahman, deixando no cerco de Zamora vinte mil homens, saíu com oitenta mil a receber os inimigos nas margens do Pisuerga juncto a Simancas. As avançadas dos dous exercitos, encontrando-se alli, travaram uma escaramuça que não teve consequencias. Durante dous dias sarracenos e christãos se conservaram sem começar o combate, como to-

mados da terribilidade da empreza, terribilidade que um grande eclipse do sol viera augmentar. Ao terceiro dia, emfim, a cavallaria do Gharb rompeu a batalha, e Ramiro avançou com os seus esquadrões. A lide durou até a noite com igual furia e esforço de ambas as partes e com varia fortuna. Ao anoitecer o campo estava alastrado de cadaveres e de troços de armas. As trevas separaram os combatentes sem vantagem decisiva de nenhuma das partes, bem que ambas, como é natural, attribuissem a si a victoria. Induzem a crer as expressões dos chronistas arabes que a perda dos mussulmanos havia sido a maior e que o rei de Leão ficaria vencedor, se tivera no dia seguinte renovado a peleja. Elle retirou-se, porém, naquella noite por conselho de Abu Yahya, que, porventura, já estava arrependido, como o persuade o seu posterior procedimento, de ter ajudado os inimigos do koran a derramar o sangue dos mussulmanos, e que soube fazer acreditar a Ramiro que, se renovasse o combate, o ultimo desfecho delle seria desfavoravel.

Os sarracenos não ousaram perseguir o exercito leonês e voltaram ao campo de Zamora. Reina tal confusão entre os escriptores arabes, sobretudo confrontados com os chronistas christãos, que é impossivel relatar com certeza e individuação os successos que seguiram a batalha de Simancas. O que parece mais provavel é que os sarracenos se apossassem, emfim, de Zamora, mas com perda immensa, ou porque Ramiro viesse d'improviso accommettê-los, ou porque a resistencia dos sitiados fosse tenacissima, de modo que Abdu-r-rahman se retirou para Salamanca, conservando em Zamora uma guarnição, que pouco depois deixou caír novamente aquella povoação importante nas mãos dos leoneses, os quaes captivaram ahi o kayid de San-

tarem, Abu Yahya, motor de toda esta guerra, e que se tinha em tão breve tempo tornado a unir aos seus co-religionarios.

Nesse mesmo anno (939) Ramiro II passou o Douro, menos para fazer novas invasões no interior da Hespanha mohametana, do que para firmar o dominio christão nos territorios que tinham sido theatro das precedentes luctas. Salamanca, Ledesma, Penharanda, Gormaz, Osma e outros muitos logares das fronteiras, que jaziam desertos e destruidos, foram repovoados e guarnecidos de soldados. Data desta epocha o verdadeiro engrandecimento dos condes de Castella, onde a maior parte daquellas povoações eram situadas; engrandecimento que tantas perturbações veio a produzir na Hespanha christan e trouxe dentro em breve a rebellião dos condes Fernão Gonçalves e Diogo Nunes, os quaes Ramiro submetteu, perdoando-lhes depois de algum tempo de prisão.

Acham-se nos historiadores arabes noticias de alguns recontros entre christãos e mussulmanos posteriores a esta epocha. Deviam ser correrias de pouca substancia, como de gente cançada de guerras e desejosa de repouso. Vemos, de feito, Ramiro enviar embaixadores a Cordova em 944 para assentarem paz com o khalifa, e este mandar a Leão o seu ministro ou wasir Ahmed Ibn Said para o mesmo fim. As treguas então feitas duraram firmes até 949, ultimo anno do reinado de Ramiro, que ainda então fez uma entrada até Elbora, hoje Talavera, a qual não pôde tomar, mas em cujas immediações desbaratou um grosso de sarracenos, fazendo-lhes grande matança e avultado numero de captivos, ao que Abdu-r-rahman correspondeu com uma correria no territorio dos christãos, emquanto Ramiro II opprimido de grave doença fallecia em

Leão nos primeiros dias do anno de 950, havendo abdicado a coroa em seu filho mais velho Ordonho II.

Apenas Ordonho subiu ao throno logo seu irmão Sancho começou a disputar-lh'o. Era elle então governador ou conde de Burgos e mancebo sabedor das cousas de guerra, que aprendera na eschola de seu esforçado pae. O turbulento conde de Castella Fernando Gonçalves favorecia o seu bando. Este e Sancho dirigiram-se, cada um com seu exercito, para Leão; mas Ordonho estava prevenido, e os dous alliados tiveram de desistir da empreza. Toda a vingança de Ordonho parece ter-se reduzido a repudiar sua mulher Urraca filha do conde de Castella, a qual depois passou a segundas nupcias com Ordonho o *mau*.

A tentativa de Sancho teve echo em Galliza para onde o rei de Leão marchou logo com grosso exercito contra os levantados, que brevemente cederam. Pacificado tudo, Ordonho aproveitou as forças que ajunctara para fazer uma entrada nas terras dos infiéis. Passou o Douro, desceu pelo territorio mussulmano que hoje chamamos Beira e Estremadura até a foz do Tejo, tomou e saqueou Lisboa e voltou a Leão rico de despojos e captivos. Entretanto os sarracenos entravam por Castella e, segundo affirmam os seus chronistas, faziam ahi grandes estragos. Nestas guerras obscuras passou o reinado de Ordonho III, que falleceu depois de governar por cinco annos e alguns meses. Succedeu-lhe seu irmão Sancho, que já havia mostrado quanto ambicionava a coroa. Pouco tempo reinou em paz Sancho I, denominado pela sua extrema obesidade o *gordo*. Apenas passado um anno, Ordonho, filho de Affonso IV, que vivia em Leão como simples particular, tendo-se ligado com o sempre inquieto Fernando Gonçalves, cuja filha abando-

nada por Ordonho III tomara por mulher, rebellou-se contra o irmão e, ajudado pelo sogro, expulsou-o do throno. Sancho fugitivo acolheu-se a Navarra e d'alli a Cordova, buscando a protecção do inimigo de seu pae, do illustre Abdu-r-rahman. Não se fiou em vão da generosidade do famoso khalifa : o principe mussulmano subministrou-lhe os soccorros necessarios para reconquistar os seus estados. A' frente de um exercito sarraceno Sancho I entrou de novo na sua capital, donde fugira Ordonho o mau, esperando defender-se nas serras das Asturias. Sancho, porém, não lhe concedeu repouso até o expulsar dos seus territorios. Ordonho, emfim, obrigado a refugiar-se entre os sarracenos, ahi viveu o resto de seus dias na obscuridade e, porventura, na miseria; porque delle não tornam a fazer menção os historiadores.

Desde a epocha da restituição de Sancho I ao throno, a qual parece dever collocar-se em 961, até o segundo anno do khalifado de Al-hakem, filho e successor de Abdu-r-rahman III, fallecido pouco depois daquelle successo, a paz subsistiu entre os christãos e os sarracenos. As correrias, porém, do conde Fernando Gonçalves pela Hespanha mussulmana accenderam de novo a guerra. Al-hakem entrou em Castella, arrasou Gormaz, apossou-se de varias outras povoações, pôs cerco a Zamora, reduziu-a por fim e desmantelou-a, voltando depois a Cordova.

Provavelmente a guerra continuou pelos generaes do khalifa; porque em 965 Sancho I lhe enviou embaixadores com mensagens dos condes fronteiros de Castella, que pediam paz. Estas mensagens indicam terem sido as correrias de Fernando Gonçalves feitas sem approvação do rei leonês, que parece haver ficado mero espectador da lucta. Al-hakem

accedeu aos desejos de Sancho, e a paz durou até o fim do governo deste principe.

Um levantamento de varios condes de Galliza, ligados com o bispo de Compostella, obrigaram Sancho I a entrar com mão armada naquella provincia. Gonçalo Sanches, um dos cabeças da rebellião, não se julgando assás forte para resistir, fingiu ceder; mas numa conferencia com o rei de Leão, mandou envenená-lo. Assim acabou o reinado de Sancho I nos fins de 967. Ramiro seu filho, bem que contasse apenas cinco annos d'idade, foi escolhido por successor do pae sob a tutela de sua tia Elvira. Algumas pequenas inquietações civis e um desembarque dos piratas normandos na Galliza são os acontecimentos mais notaveis da regencia d'Elvira, se não quizermos contar entre elles a morte do celebre Fernando Gonçalves (970) que, durante o seu longo governo em Burgos capital de Castella, quasi nunca depôs as armas, ou para accommetter os sarracenos ou para promover tumultos contra os reis de Leão.

Al-hakem tinha fallecido em Cordova e, do mesmo modo que succedera em Leão, seu filho Hixam, ainda menor, herdara o khalifado debaixo da tutela de sua mãe Sobha, que entregou, como vimos, as redeas do governo ao hajib Al-manssor. Após uma tregua que durara por annos, foi este que de novo accendeu entre as duas raças que disputavam o dominio da Peninsula o facho de sanguinosa e duradoura guerra.

A primeira tentativa do hajib contra os christãos foi uma larga algara ou correria subita na Galliza, de que saíu sem risco e sem combate pelo repentino e inesperado della. Nos annos seguintes Al-manssor repetiu estas entradas, travando combates com as tropas christans da Galliza e de Castella e desbara-

tando-as. As discordias civis da Hespanha goda facilitavam as victorias dos sarracenos. Ramiro III chegando á puberdade começou a dar mostras de genio voluntario, inquieto e soberbo, que não tardou a alienar-lhe os animos da nobreza e do vulgo. Vendo occasião opportuna, Vermudo ou Bermudo, neto de Fruella II, ajudado por varios condes de Galliza e ainda de Leão e Castella, fez-se acclamar em Compostella. Ramiro á frente de um exercito marchou logo contra elle e, encontrando-se juncto de Monteroso, os dous émulos travaram uma sanguinolenta batalha, que durou um dia inteiro sem vantagem conhecida, no fim da qual Ramiro retrocedeu para Leão e Bermudo para Compostella.

Neste tempo Al-manssor corria as fronteiras da Galliza. Bermudo parece ter buscado então a sua alliança e havê-lo induzido a accommetter os territorios do seu adversario. O hajib penetrou, de feito, até as margens do Ezla, que vem entrar no Douro perto de Zamora. Ramiro saíu a recebê-lo, e um dia em que os sarracenos repousavam descuidados no seu campo salteou-os com tal furia, que Al-manssor esteve quasi desbaratado. Foi precisa toda a energia do seu caracter para salvar-se da ultima ruina; mas os leoneses, victoriosos a principio, voltaram por fim as costas. Perseguiu-os o hajib até Leão sem lhes dar repouso, e teria tomado aquella capital, se uma subita e horrorosa tempestade de neve e granizo, segundo o testemunho dos escriptores tanto arabes como christãos, não viesse impedir o combate no momento em que já os sarracenos punham as lanças nas portas da cidade. Receando o inverno, em que a natureza pelejava a favor dos leoneses, Al-manssor voltou para Cordova, deixando espalhado entre os inimigos o terror do seu nome.

Nem por isso os paizes christãos ficaram tranquillos. Como se lhes não bastassem os estragos feitos pelos mussulmanos, a guerra civil entre Galliza e Leão continuou durante dous annos e provavelmente só foi interrompida pela segunda entrada de Al-manssor, que na primavera de 984 veio de novo pôr cerco a Leão. Os condes christãos, de que fala o chronista Pelagio de Oviedo e que serviam no exercito do hajib, eram provavelmente os parciaes de Bermudo, que para destruirem o poder de Ramiro não duvidavam de sacrificar a patria commum e associavam os odios intestinos á guerra de raça e de religião.

Sitiando a capital do reino leonês, Al-manssor resolvera tomá-la a todo o custo, ferindo assim os inimigos no coração. Ramiro, segundo alguns, era já fallecido, mas segundo outros, cuja opinião parece mais bem fundada, vivia ainda nos fins deste anno. Reinasse, porém, Bermudo ou Ramiro, é certo que um delles fugiu para as Asturias, levando comsigo todas as preciosidades, não só de Leão, mas tambem de Astorga, que naquelle tempo era a segunda povoação do reino.

Emquanto o successor de Pelagio abandonava assim o centro da monarchia ao furor dos infiéis, o alcaide ou capitão da cidade preparava-se para tenaz defesa. De feito, os sarracenos receberam enormes perdas nos successivos combates que deram á povoação; mas, insistindo no seu proposito. Al-manssor levou-a á escala vista. Saqueada, mortos ou captivos os seus habitantes, o hajib mandou arrasar-lhe os muros e o seu forte castello. A tomada de Astorga seguiu-se á de Leão, apesar da brava resistencia dos seus defensores. Quizera Al-manssor seguir a victoria embrenhando-se nas Asturias; mas, rechaçado dos castellos de Luna, Alva e Gor-

don, recolheu-se a Cordova satisfeito com deixar reduzidas a ruinas as duas mais notaveis povoações do paiz inimigo.

A tão disputada coroa da Hespanha christan meridional possuia-a, emfim, sem competidor Bermudo II, mas convertida em coroa de espinhos. Os sarracenos corriam victoriosos por Leão, Castella e Galliza devastando esta ultima até as ribas do mar e parando só, pelo sertão ao norte, na barreira insuperavel que lhes antepunham as agras serranias das Asturias. O reinado de Bermudo, a quem uma enfermidade incuravel fizera denominar o *gotoso*, foi-lhe dilatada agonia, vendo quasi annualmente os infiéis assolarem-lhe o territorio e desmantelarem-lhe as mais bellas cidades do seu senhorio, cuja extensão e importancia as memorias das perdas dessa triste epocha, melhor que nenhumas outras, dão a conhecer. O terrivel hajib parecia ter jurado apagar o nome christão na Peninsula. Vencedor ao norte dos catalães e navarros, reduzia os estados do sul e meio-dia quasi á derradeira extremidade. Em diversos annos da sua longa regencia em nome do khalifa Hixam ermou a Castella, tomando e derribando as povoações mais notaveis, e o mesmo fez á Galliza, cujas fronteiras, provavelmente desde a invasão de Ordonho III na antiga Lusitania, se estendiam até o Mondego. Em 987 Coimbra (a Medina Colimria dos arabes) caíu em poder de Al-manssor, que a destruiu, repovoando-a de sarracenos passados sete annos, durante os quaes esteve deserta. As turbulencias civis vinham multiplicar entretanto os males da christandade hespanhola. A um tempo Sancho Garcez, filho do conde de Castella Garcia Fernandes, tomava armas contra seu pae, e Gonçalo Menendes alevantava-se em Galliza contra a auctoridade de Bermudo.

No meio destas revoltas o hajib entrava por Castella e, depois de dous dias de furiosa peleja, destroçava completamente os exercitos unidos do conde Garcia Fernandes e do rei de Navarra, que viera em seu auxilio, caíndo o conde moribundo em poder dos sarracenos, que, apesar de todas as diligencias, não poderam salvar-lhe a vida. Proseguiu Al-manssor a sua victoriosa marcha para a provincia de Leão, aonde parece não voltara desde a destruição da cidade do mesmo nome. Desbaratadas as tropas leonesas, o exercito sarraceno regressou a Cordova pela entrada do inverno.

Passavam estes successos nos fins de 995. No começo do anno seguinte Bermudo II, inquieto com as perturbações domesticas e vendo os seus dominios assolados pelas incessantes correrias do indomavel hajib, resolveu enviar mensageiros ao khalifa pedindo treguas. Al-manssor, que era o verdadeiro senhor em Cordova, parecia não estar longe de conceder algum respiro aos christãos, mas a final nada se concluiu, e em 997 as hostilidades principiaram de novo com redobrada energia.

Foi no verão deste anno que os sarracenos intentaram levar mais longe as armas pelo lado occidental dos estados de Bermudo. A gazua (*ghaswat*, expedição sacra), como os arabes denominavam a guerra intentada contra os christãos, foi desta vez feita por mar e por terra. Era em destruir Compostella, correndo a Galliza do sul ao norte, que o hajib pusera a mira. Alentava-o nesta nunca tentada empreza o accordo secreto que tinha com varios condes naquellas partes inimigos de Bermudo. Emquanto elle atravessava o territorio das modernas provincias da Estremadura castelhana, Salamanca e Beira alta, onde os seus alliados christãos se lhe vieram unir, uma frota saída de Alcacer (Al-

Kassr Abu Danès) ía aportar na foz do Douro e desembarcar juncto ao Porto (Bortkal, Portucale) mais tropas e petrechos de guerra. Reunidas ahi

29. — Crucifixo neo-wisigotico. *(Museu Ethnologico português.)*

todas as forças do hajib, elle atravessou aquella parte da antiga Galliza chamada hoje provincia d'Entre-Douro e Minho e, vencendo os obstaculos que lhe oppunham os homens e a natureza naquellas regiões montanhosas, chegou aos muros de

Compostella. Estava desamparada a cidade de seus habitantes : entraram sem resistencia os sarracenos; derribaram os muros, o castello e a igreja de Sanctiago, a que pela sua celebridade os escriptores arabes chamavam a *Kaaba* dos nazarenos, como quem dissera o templo por excellencia, sendo assim denominado entre os mussulmanos o de Mekka. D'alli avançou para o lado da Corunha, aonde, segundo o testemunho do historiador arabe Al-makkari, nunca os sarracenos tinham chegado. O cançasso da cavallaria impediu o hajib de proseguir mais além para o norte, e por isso, retrocedendo pela provincia de Leão, que de novo assolou, recolheu-se a Cordova, depois de fazer ricos donativos, provavelmente parte dos despojos, aos condes christãos que o tinham ajudado naquella campanha e cujos territorios haviam sido cuidadosamente respeitados.

30. — Crucifixo neo-wisigotico. *(Museu Ethnologico português.)*

No meio de tantas desventuras chegou o fim do seculo X e do reinado de Bermudo II fallecido em 999. O astro brilhante que allumiara os passos de Pelagio, dos tres primeiros Affonsos e de Ramiro II quasi que se immergira nas mais espessas trevas durante esse longo reinado. Apenas nos desvios selvaticos das Asturias evitaram os christãos a ultima ruina. O seculo XI começava com uma triste perspectiva ; porque á pobreza, despovoação e desa-

lento geral se ajunctava o ir caíndo em desuso o direito electivo dos godos, succedendo na coroa um rei menino, qual era Affonso filho de Bermudo, então de cinco annos de idade, quando para salvar a monarchia leonesa era necessario um principe ao mesmo tempo politico e guerreiro, que podesse conter as discordias civis, primeira fonte do mal, e pôr de algum modo termo á invariavel fortuna do terrivel hajib de Cordova.

Com pessimos auspicios foi, pois, acclamado o moço Affonso V em Leão, que os christãos tinham começado a reedificar. Tomaram felizmente o leme dos negocios publicos Menendo Gonçalves, conde de Galliza, e Sancho Garcez, conde de Castella e tio do rei, ambos cavalleiros illustres. A viuva de Bermudo, Geloira ou Elvira, mulher de altos espiritos, obteve tambem grande influencia na administração do paiz, á qual presidia junctamente com os dous condes. Guerras em Africa tinham entretido por algum tempo o implacavel Al-manssor, e os christãos poderam por breve intervallo despir as armas. Mas ainda no anno 1000 elle fizera uma correria em Castella, na qual desbaratara Sancho Garcez, e depois, passando áquella parte da antiga Lusitania que já se achava unida á Galliza, tomara os castellos de Aguiar e Montemor. Foi todavia só em 1002 que o hajib se empenhou em reduzir definitivamente a Castella ao dominio mussulmano, consumindo o anno anterior nas disposições necessarias para essa conquista.

A nova dos immensos aprestos dos sarracenos derramou o susto entre os christãos. Os tutores e conselheiros de Affonso V prepararam-se activamente para a lucta. Sancho, rei de Navarra, que por seu muito esforço e energia adquirira o appellido de *quadrimano*, veio com as forças de Navarra, com

algumas do meio-dia da França e, até, com os vasconios independentes ajunctar-se ás tropas de Leão, Galliza e Castella. Nos campos de Lorca viram-se pela primeira vez sinceramente unidos esses homens irmãos em crença, que, havia tantos annos, as paixões politicas tinham feito adversarios ou pelo menos estranhos. Entretanto os sarracenos avançavam seguindo a corrente do Douro para o nascente e assolando tudo na sua passagem. Juncto a um logar que os historiadores arabes indicam pelo nome de Kalat-al-nosor (pincaro dos abutres) deram de rosto com o campo dos christãos, cujo numero encheu de espanto os corredores mussulmanos. Entre estes e os inimigos travou-se logo uma pequena escaramuça, que a noite veio interromper, começando a batalha ao alvorecer do dia seguinte. Foi terrivel o recontro, pelejando uns e outros como quem não ignorava a importancia daquella jornada. Durou o combate emquanto durou a luz do sol, e ao anoitecer nem christãos nem sarracenos haviam recuado um só passo. As trevas vieram pôr termo á carnificina, sem que a victoria se inclinasse claramente para nenhuma parte. Quando, porém, durante a noite Al-manssor soube que a maior e melhor porção dos seus cabos de guerra e cavalleiros perecera, fraqueando-lhe o animo feroz, ordenou passar o Douro com as reliquias do exercito. Os christãos, não menos destroçados que os inimigos, nem sequer ousaram segui-lo. O hajib não pôde sobreviver á deshonra. A magua, a idade e algumas feridas que recebera o fizeram expirar apenas transpostas as fronteiras de Castella. Abdu-l-malek Al-modhaffer, filho de Al-manssor, foi nomeado hajib em logar de seu pae, como já vimos. Em 1003 o novo hajib abriu a campanha accommettendo na primavera a Catalunha e no outono a monarchia leonesa, onde tomou

a cidade de Leão, que principiava a erguer-se das suas ruinas e que foi de novo destruida. Durante o anno de 1005 as mutuas correrias cessaram com uma tregua que durou até 1007, epocha em que Abdu-l-malek, penetrando na Castella e d'alli passando á Galliza, pôs tudo a ferro e fogo. A terra ficou destruida, e foram arrasados os castellos de Osma e Gormaz. Seguindo as margens do Douro, o hajib voltou a Cordova, senão cuberto de gloria por batalhas vencidas, ao menos rico de despojos.

Mas estas vantagens dos sarracenos breve deviam ter desconto. No anno seguinte Al-modhaffer avançou pela Galliza com poderoso exercito, cujo principal nervo era um corpo numeroso de cavallaria escolhida. Saíram-lhe os christãos ao encontro; onde e quando, cousa é que se ignora. Foi brava e disputada a peleja e, se acreditarmos os historiadores arabes, os soldados do rei de Leão recuaram a principio; porém melhorando-se logo, postoque o hajib sustivesse até a noite o peso da batalha, foi por fim vencido, não sem grande perda dos seus adversarios. Voltou então a Cordova, onde falleceu nesse mesmo anno.

A morte de Abdu-l-malek produziu as graves perturbações que noutro logar relatámos. As guerras civis de cada uma das duas raças inimigas que disputavam o dominio da Peninsula eram naturalmente occasião de engrandecimento ou, pelo menos, de repouso para a outra. Foi o que desta vez succedeu. Nos combates que então alagaram de sangue as praças da orgulhosa Cordova, as tropas africanas, que formavam a guarda do khalifa Hixam, adversa a Mohammed Ibn Hixam, o qual soubera apossar-se do khalifado, foram obrigadas, conforme dissemos, a saír da cidade perseguidas pelos mussulmanos hespanhoes e a retirar-se para as frontei-

ras de Castella. Suleyman Ibn Al-hakem capitaneava-as então por morte do seu antigo general Hixam Al-raxid. Propôs elle ao conde castelhano ceder-lhe certos castellos que tinha de sua mão nas fronteiras, se o quizesse ajudar contra Mohammed. Acceitou o conde, e já noutra parte vimos quaes foram as consequencias dessa alliança.

Não só as revoltas entre os sarracenos deixavam repousar das passadas angustias a monarchia leonesa, mas tambem as diversas parcialidades que mutuamente se dilaceravam restituiam aos christãos as povoações e castellos conquistados pelo celebre Al-manssor para obterem delles auxilio. Assim o conde Sancho Garcez, que houvera de Suleyman alguns logares como retribuição de serviços prestados, alcançou d'ahi a pouco recuperar Sancto-Estevam, Osma e Clunia, servindo os adversarios do africano. Aproveitando habilmente as circumstancias o incançavel conde de Castella chegou por este modo a ver ainda durante a sua vida restaurada a integridade do territorio castelhano. O apreço que os sarracenos faziam da alliança de Sancho, a influencia que tinha em toda a monarchia como tio do moço Affonso V, e a quasi independencia de que já os seus antecessores tinham gosado incitavam o conde a converter a Castella num estado de todo independente. Favoreciam a tentativa assim os poucos annos do rei de Leão, como a supremacia que Sancho Garcez tinha na realidade sobre os outros condes daquella provincia, postoque só o districto de Burgos, a principal cidade de Castella, constituisse em rigor o condado de Sancho, em cuja familia se tornara hereditario um cargo que pelas antigas instituições wisigothicas era, quando muito, vitalicio.

Foi no periodo decorrido de 1012 a 1016, que

rebentaram as discordias entre Affonso V, que ainda não contava vinte annos, e seu tio Sancho Garcez. Estas discordias parece haverem-se prolongado até 1021, epocha da morte do conde de Castella. Se acreditarmos varios documentos desse tempo (de cuja authenticidade alguns duvidam) o proprio Affonso V taxava então o tio de infidelissimo e de seu adversario. O que é certo é que o moço rei de Leão acolheu com honras e mercês a poderosa familia dos Velas ou Vigilas, que haviam abandonado a Castella por inimizades com Sancho Garcez, e não menos o é que este fazia ligas com os mussulmanos ou os guerreava, sem curar dos interesses ou da vontade do governo leonês, o que prova proceder elle como se fosse um soberano independente.

Todavia se este acontecimento gerou uma guerra civil, ella não foi nem violenta nem duradoura. O conde de Castella falleceu em 1021 deixando por successor seu filho Garcia Sanches ainda na infancia, e não consta que Affonso V tentasse aproveitar este ensejo para annullar a importancia dos condes castelhanos, antes, segundo alguns historiadores, foi ainda em vida deste rei que Bermudo, seu unico filho, se desposou com Urraca, irman mais moça do novo conde, e se contractou o casamento deste com Sancha, irman de Bermudo. Pretendem outros, talvez com melhor fundamento, que os esponsaes do conde de Castella só se contrahissem no reinado de Bermudo, no qual succedeu indubitavelmente o assassinio de Garcia Sanches, assassinio que, como logo veremos, deu aso a grandes alterações politicas na Hespanha christan.

Os antigos monumentos falam vagamente das guerras de Affonso V com os sarracenos e das grandes victorias deste principe: o que sabemos, porém, com certeza é que em 1027 elle passara o

Douro e, discorrendo pelo norte do Gharb, viera pôr cerco a Viseu, que provavelmente ficara em poder dos mussulmanos desde o tempo de Almanssor. Foi durante o assedio que a morte o salteou no vigor da idade. Era no estio; intensa a calma. Despidas as armas e trajando apenas uma tunica de linho, o rei discorria em volta dos muros inimigos : um virote partiu das ameias e, ferindo-o mortalmente, derribou-o do cavallo. Levado á sua tenda, Affonso V expirou brevemente, contando pouco mais de trinta annos e quasi outros tantos de reinado.

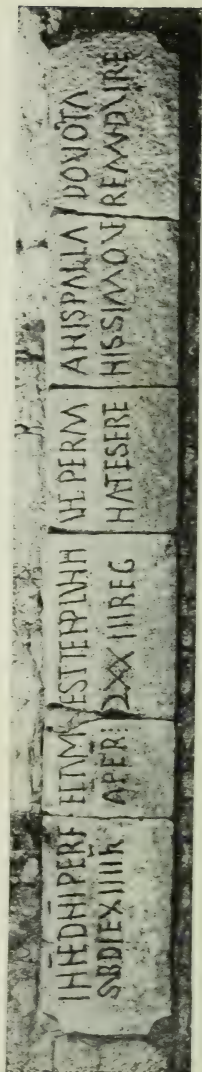
Subindo ao throno Bermudo III, filho do rei defuncto, os nobres de Castella, provavelmente os tutores de Garcia, enviaram-lhe mensageiros propondo o casamento do moço conde com a infanta Sancha, e pedindo para elle a concessão do titulo de rei. Não refusou Bermudo, segundo parece, a pretensão, porque dentro em pouco os nobres de Burgos se dirigiram a Leão levando comsigo o seu pupilo, a fim de concluirem aquelle casamento que devia pôr termo ás discordias entre o rei e o seu já em demasia poderoso subdito. Tinha entretanto Bermudo partido para Oviedo. Chegados os castelhanos a Leão, resolveram proseguir até aquella cidade para se verem com o rei : mas atalhou-lhes os passos inopinado successo. Os irmãos Vigilas ou Velas, que guardavam profundo rancor contra a familia do conde Sancho Garcez, ajunctando um grosso corpo de soldadesca nas Asturias e caminhando uma noite inteira, entraram em Leão ao alvorecer e, encontrando o joven Garcia, assassinaram-no junctamente com muitos castelhanos e leoneses que haviam tentado amparál-o. Saíndo depois a seu salvo da cidade, dirigiram-se para a fronteira de Castella e acolheram-se a Monzon,

logar forte situado num monte sobranceiro ao rio de Carrion.

O idoso Sancho rei de Navarra era casado com a irman mais velha de Garcia. Por este motivo julgou que devia succeder ao conde e vingá-lo. Entrou com um exercito por Castella, veio sitiar Monzon, tomou-a, metteu a cutello os seus defensores, e mandou queimar vivos os Velas, que ahi captivara. Depois, dirigindo-se a Burgos, fez-se acclamar successor de Garcia Sanches, unindo a Castella á Navarra, e fazendo-se assim o mais poderoso potentado da Hespanha christan.

Nem a ambição de Sancho excitada pelo augmento de dominios, nem o resentimento de Bermudo ou dos seus tutores pela diminuição delles consentiram durasse muito a paz entre Leão e Navarra. A reedificação de Palencia fez rebentar o incendio. Intentara o navarro alevantá-la das ruinas como situada nos limites do condado de Castella. Bermudo oppôs-se, pretendendo que estava incluida dentro do districto leonês. D'aqui as hostilidades. Sancho, velho energico e guerreiro, penetrou logo nos dominios do seu adversario e apossou-se de todo o territorio que se dilata entre os rios Cea e Pisuerga. Andava então na Galliza Bermudo, empenhado em atalhar tumultos naquella sempre inquieta provincia, e o inimigo pôde atravessar o Cea e correr os campos de Leão. Mas os leoneses começaram a tomar as armas, e Bermudo, ajunctando um exercito de gallegos, veio em seu auxilio. Esta guerra eminente evitou-se, todavia, conforme alguns, por intervenção dos bispos de um e de outro paiz. Os dous reis firmaram a paz com a condição de que Fernando, filho segundo do de Navarra, casaria com Sancha, a promettida esposa do assassinado Garcia, cedendo-lhe Bermudo o territorio conquistado pelo navarro

entre o Cea e o Pisuerga. Estes successos, que tornavam Sancho o mais poderoso entre os principes christãos da Hespanha, passavam pelos annos de 1032: a ambição, porém, não o deixava repousar. Ignora-se com que pretexto, mas é certo que em 1034 entrou em Leão em som de guerra e subjugou todo aquelle paiz até as fronteiras de Galliza e, porventura, ainda uma parte desta, conquistas que conservou até a epocha do seu fallecimento nos principios do anno seguinte, em que contava setenta d'idade e de reinado sessenta e cinco.

A morte de Sancho gerou a guerra civil. Dividira elle entre os filhos os seus vastos estados, que abrangiam as modernas Navarras, francesa e hespanhola, o condado de Aragão muito mais limitado que a actual provincia deste nome, a Castella e Leão propriamente dicto; isto é, abrangiam mais de dous terços do territorio da Hespanha libertada do jugo dos sarracenos. A Navarra ficou ao mais velho, Garcia, que então se achava em Italia, o

31. — Inscripção do mosteiro de Vairão, datada de 1035, reinado de Bermudo III, rei de Leão e Galliza.

Aragão a Ramiro, e a Fernando o novo reino de Castella com a parte de Leão entre Cea e Pisuerga, tendo Bermudo occupado immediatamente a outra parte. Ramiro, porém, cujo quinhão fora o mais diminuto, talvez porque, como se crê, era bastardo, aproveitando a ausencia de Garcia e alliando-se com os walis de Saragoça, Huesca e Tudella, entrou pelos estados do irmão com intento de os conquistar. Entretanto Garcia, que, recebida a nova da morte de seu pae, voltara a Hespanha, sabendo da tentativa do irmão, saíu-lhe ao encontro com as forças que á pressa pôde ajunctar. A sorte das armas foi inteiramente adversa a Ramiro, que escapou a custo perseguido por Garcia, ficando no campo muitos aragoneses e ainda mais sarracenos. Vencido, Ramiro pediu e obteve a paz, contentando-se de salvar a pequena porção que lhe coubera na rica herança paterna.

Bermudo, como dissemos, logo que Sancho de Navarra morrera, havia dentro em poucos dias recuperado a provincia de Leão, segundo parece, por acto espontaneo dos condes e governadores de castellos, sem que lhe fosse necessario reconquistá-la. Tinha Bermudo chegado então á idade viril. Pintam-no como mancebo de altos espiritos, esforçado e amigo da justiça. O largo periodo da sua menoridade devia ter gerado muitos abusos. O primeiro anno de governo gastou-o em remediar os males passados; mas no immediato (1037) resolveu restabelecer os anteriores limites do territorio leonês, invadindo o districto entre Cea e Pisuerga, que fora constrangido a ceder. Com um exercito de gallegos e leoneses, entrou por aquella parte: Fernando, rei de Castella e seu cunhado, achando-se inferior em forças, invocou o soccorro de Garcia, que desceu immediatamente da Navarra a ajudá-lo. Saíram os

dous irmãos a receber o invasor e, encontrando-o juncto do rio Carrion, travou-se a batalha. Foi esta das mais bem feridas que se viram em Hespanha; fizeram-se muitas gentilezas d'armas, e Bermudo distinguiu-se entre todos pelo seu valor. A providencia tinha, porém, marcado o termo á dynastia leonesa. Rompendo por entre as alas castelhanas e navarras, o audaz filho de Affonso V foi topar em cheio com o rei de Castella, a cujas mãos acabou, se acreditarmos o letreiro que ainda se lê sobre o tumulo de Bermudo na cathedral de Leão, ou antes ás de Garcia de Navarra, como parece indicarem-no os antigos chronistas. Fernando, victorioso, marchou immediatamente contra a capital, cujos moradores tentaram resistir-lhe. Mas por uma especie de direito consuetudinario de successão, que na pratica ía substituindo pouco a pouco o direito electivo dos wisigodos, morto Bermudo sem filhos, a coroa pertencia a Fernando de Castella por sua mulher Sancha, irman e herdeira de Bermudo. Assim os habitantes de Leão, conhecendo talvez que o ultimo resultado da lucta seria reconhecerem como rei o principe castelhano, cederam á fortuna do vencedor, e Fernando I foi acclamado rei de Leão e Castella.

O novo monarcha era, de feito, digno das duas coroas : o seu genio e vasta capacidade, tanto na paz como na guerra, grangearam-lhe na successão dos tempos o titulo de *magno* ou grande. Nos primeiros annos de reinado applicou-se a reprimir as rebelliões que para os fidalgos de Hespanha eram habito inveterado, a estabelecer o socego e a dar vigor ás teis do paiz, confirmando as antigas e promulgando outras novas. Até 1050 a monarchia de Leão e Castella desfructou debaixo do seu governo a paz externa, não só com os principes christãos da Hes-

panha oriental, mas tambem com os sarracenos, cujo imperio devorado pelas discordias caíra em completa anarchia.

A ambição de Garcia veio então interromper este estado prospero e tranquillo. Garcia, que estabelecera a corte em Naxera, achava-se ahi enfermo : obrigado do affecto fraterno, Fernando I correu a vê-lo. Apenas chegou, o irmão tramou prendê-lo, mas, avisado da traição, o rei castelhano pôde ainda salvar-se. D'ahi a pouco Fernando adoeceu igualmente, e Garcia, talvez para arredar as suspeitas que, segundo se persuadia, apenas seu irmão concebera, veio visitá-lo. Não perdeu Fernando o ensejo para a vingança. O rei de Navarra foi preso e mettido no castello de Cea. Pouco lhe durou, porém, o captiveiro; porque, peitando os que o guardavam, alcançou escapar e recolher-se aos seus estados.

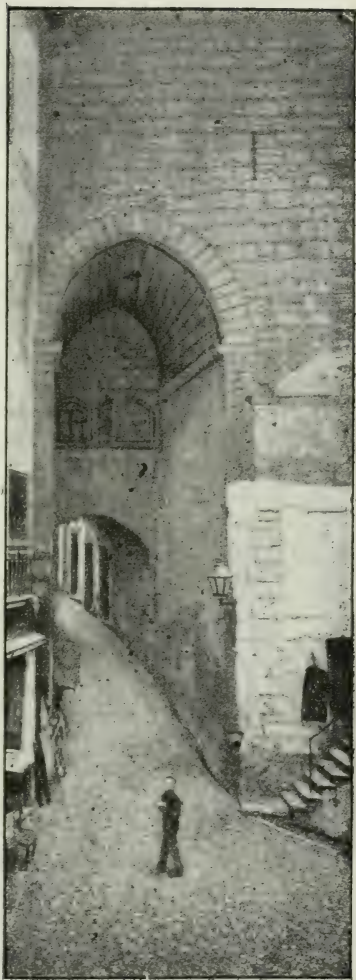
Depois disto a guerra era inevitavel : Garcia começou-a fazendo correrias furiosas por Castella e pondo tudo a ferro e fogo. Seu irmão ajunctou logo numeroso exercito; mas antes de marchar contra elle enviou-lhe mensageiros propondo-lhe a paz e o esquecimento do passado. Cerrou os ouvidos o rei de Navarra a todas as proposições e, depois de maltractar os enviados, despediu-os com terriveis ameaças e encaminhou-se immediatamente para Burgos.

A poucas leguas desta cidade saíu-lhe ao encontro o rei de Leão e Castella, que ainda tentou evitar o combate. Todavia o navarro, fiado na bondade dos seus homens d'armas, no grande numero de sarracenos que tomara a soldo e no proprio esforço e destreza militar, pela qual era na verdade afamado, refusou toda a conciliação. Ao romper do dia os dous exercitos accommetteram-se com igual furor; mas um troço de cavalleiros escolhidos, que

o rei leonês pusera em cilada num bosque vizinho, arrojaram-se, lança em riste, quando mais revolto andava o combate, contra a ala onde pelejava Garcia e, rompendo por entre os que o rodeavam, feriram a um tempo no rei de Navarra e deram com elle em terra, quasi ou inteiramente morto. Sabida esta nova, os navarros desampararam o campo perseguidos pelos seus contrarios, a quem Fernando ordenou respeitassem a vida e a liberdade dos christãos e aprisionassem ou matassem sem piedade os sarracenos alliados de Garcia. Depois, buscando o cadaver do irmão, levou-o comsigo para Naxera, onde entrou victorioso, e deu-lhe honrada sepultura na cathedral desta cidade.

A moderação de Fernando I após a victoria, moderação que ainda hoje fora admiravel, é muito mais digna de louvor attendendo á rudeza e ambições desregradas daquelles tempos. Estava a seus pés a coroa de Navarra : não a pôs sobre a cabeça; porque vemos Sancho, filho mais velho de Garcia, succeder a seu pae no throno, que occupou por muitos annos.

Estes acontecimentos succediam por fins de 1054. No anno seguinte Fernando I, senhor da maior e melhor porção da Hespanha christan, ao passo que o imperio de Cordova, dilacerado, como vimos, por atrozes e longas guerras civis, se desmembrara em quasi tantos estados quantas eram as suas provincias ou districtos, resolveu aproveitar a conjunctura para dilatar os proprios dominios á custa dos sectarios do koran. Assim, atravessando o Douro pelo lado de Zamora e encaminhando-se para o occidente, entrou pela nossa moderna provincia da Beira, cujos castellos tantas vezes tinham sido já tomados e perdidos por christãos e sarracenos. O de Seia (Sena) foi o primeiro que elle tomou, talando os seus

arredores e reduzindo outros castellos menos importantes. Desde então a guerra continuou por todas as primaveras seguintes, sendo conquistados successivamente (1057) Viseu, Lamego, Tarouca e outros logares fortes. Transportando depois o theatro da guerra para as fronteiras de Castella, proseguiu durante annos a serie de suas conquistas e triumphos até vir pôr cerco a Alcalá de Henares, situada no interior da Hespanha arabe, não longe de Toledo. Requerido pelos habitantes de Alcalá para que os salvasse, o amir toledano Al-mamon preferiu saír com esse intento á custa de supplicas e avultadissi-

32. — Arco de Almedina, em Coimbra.

mas dadivas a comprá-lo por preço de sangue. Satisfeito com os presentes e humilhação de Al-mamon, Fernando I deixou respirar os sarracenos por algum tempo e voltou a Zamora, entretendo-se no anno immediato em restaurá-la completamente das antigas ruinas.

Mas o seu genio inquieto e guerreiro não lhe consentia despir por muito tempo as armas. Fazendo nova entrada para o occidente, veio pôr cerco á cidade de Coimbra, a mais importante povoação deste lado das fronteiras mussulmanas. Era o logar forte e bem defendido, e o sitio durou seis meses. Por fim os sarracenos renderam-se ou por fome ou porque o estado dos muros, de continuo combatidos, não consentia mais dilatada defensa. Assim, finalmente, Coimbra caíu em poder dos christãos, para nunca mais saír delle.

Passava este successo em 1064 (1). No anno seguinte Fernando I levou as suas armas até a extremidade meridional da Hespanha mussulmana, onde nunca havia penetrado nenhum dos seus predecessores, isto é, até Valencia. Esta remota correria, de que falam os chronistas christãos e que seria ardua de crer pelo extraordinario da empreza, explica-se pelo que referem as historias arabes. Al-mamon, amir de Toledo, desde que obtivera a paz com o rei

---

(1) A epocha da conquista de Coimbra por Fernando o magno é um dos pontos de chronologia mais controvertidos na historia de Hespanha. — A opinião de Fr. Henrique Flores, que põe essa conquista em 1058, é hoje a mais seguida; mas os fundamentos dos que pugnam pela data de 1064 parecem-nos os melhores, e por isso a preferimos. Quem quizer averiguar esta particularidade consulte o T. XIV da Españ. Sagr., p. 90 e segg. — Ribeiro, Diss. Chron., T. I, p. 1 e segg. — S. Boaventura, Hist. Chron. e Crit. d'Alcobaça, p. 154 e segg.

de Leão e Castella no cerco de Alcalá, soubera conservar sempre a sua poderosa alliança. Levado, no meio das luctas civis em que ardia a Hespanha mohametana, a declarar guerra a seu genro o amir de Valencia, pediu soccorros a Fernando o magno. A invasão do territorio de Valencia por Al-mamon cae, segundo o testemunho dos escriptores arabes, neste anno. São elles que nos certificam de que o soccorro pedido se verificara, e as conquistas de Al-mamon, que chegou a expulsar o genro dos seus dominios, veem a ser a mesma cousa que as victorias do rei leonês narradas pelos chronistas christãos.

Antes de acabarem as guerras do amir de Toledo, Fernando I, achando-se bastante enfermo, voltou a Leão, onde, aggravando-se a doença, falleceu nos fins de dezembro do anno de 1065. Já anteriormente, seguindo as pisadas de Sancho o maior, o rei leonês tinha determinado num concilio ou cortes a fórma por que todos os seus filhos deviam herdar cada qual uma porção dos vastos estados que lhes legava. Estas divisões, contrarias ao disposto no codigo wisigothico, o qual, no mais, se conservava geralmente em vigor, tinham origem, quanto a nós, não tanto no amor excessivo dos principes para com seus filhos, como nas circumstancias que haviam acompanhado o crescimento da monarchia fundada por Pelagio. A rapida narração que temos feito basta para se conhecer que essa monarchia depois de se dilatar por certa extensão de territorio tendia constantemente a desmembrar-se em pequenos principados. Cada conde ou governador de districto, tendo necessariamente, em virtude do estado de guerra continua, junctos em suas mãos todos os poderes militares, judiciaes, administrativos, era quasi um verdadeiro rei, e nada mais facil do que

esquecer-se de que lá ao longe, para o lado das montanhas das Asturias, havia um homem superior a elle. Sem existir o feudalismo, causas analogas ás que o tinham gerado no norte da Europa actuavam na Hespanha, e estas causas mais fortes nos districtos da fronteira arabe, onde a energia dos respectivos condes devia ser maior e o seu poder mais illimitado, faziam com que ahi as rebelliões fossem mais frequentes e algumas coroadas de bom successo, como succedeu, primeiro com a Navarra ao oriente, depois com Castella no centro, e por ultimo com Portugal ao occidente. Palpando, por assim dizer, este espirito de desmembração, que nascia da força das cousas depois que os estados christãos adquiriram pela conquista mais remotos limites, Fernando Magno procurou que as tendencias de separação, em vez de aproveitarem a estranhos, revertessem em proveito dos membros da sua familia, e que se assim evitassem as luctas civis, cedendo a essas tendencias em vez de tentar, talvez inutilmente, reprimi-las.

Fossem estes motivos racionaes ou outros quaesquer os do procedimento de Fernando I, é certo que não deixou sem quinhão nenhum dos tres filhos e duas filhas que tinha quando falleceu. Sancho, o primogenito, herdou a Castella com o titulo de rei; Affonso o reino de Leão e Asturias; Garcia a Galliza, tambem constituida então em reino independente. Urraca ficou soberana em Zamora, e Geloira ou Elvira em Touro, com muitos outros bens nos dominios dos irmãos e, o que era mais importante, com o senhorio de todos aquelles mosteiros cujo padroado pertencia á coroa. O titulo de rainhas, com que parece ficaram tambem, deu provavelmente origem ao costume de attribuir essa denominação a todas as infantas ou filhas de reis, costume

que veremos seguido ainda entre nós nos principios da monarchia.

Durante algum tempo os tres filhos de Fernando, postoque descontentes todos mais ou menos da partilha, viveram em paz, provavelmente porque o respeito a sua mãe D. Sancha, que os historiadores pintam como um modelo de virtude, de lhaneza e de bom juizo, os refreava. Fallecendo, porém, D. Sancha nos fins de 1067, logo no anno seguinte o fogo que ardia debaixo das cinzas se ateou em chamma violenta. Ignora-se o pretexto que para isso houve; mas é certo que a lucta começou entre Affonso de Leão e Sancho de Castella. Os dous irmãos marcharam um contra o outro e vieram encontrar-se juncto do rio Pisuerga. Foi brava a batalha com grande e mutuo estrago; mas por fim Affonso foi desbaratado. Como os fundamentos da guerra, ignoram-se igualmente as circumstancias que embargaram os passos do vencedor; vê-se, todavia, que o rei de Leão voltou á sua capital sem ser perseguido e que as hostilidades se não renovaram durante os tres annos seguintes.

No verão, porém, de 1071 a paz quebrou-se de novo, e os dous irmãos tornaram a accommetter-se. Tractando desta batalha, os antigos chronistas falam do exercito de Affonso como composto não só de leoneses, mas tambem de gallegos, o que, junctamente com os successos posteriores, nos persuade que o rei de Galliza, Garcia, se inclinou á parcialidade do de Leão enviando-lhe soccorros. Encontraram-se os dous exercitos nas fronteiras de Leão e Castella, nas margens do Carrion. Mais ferida e tenaz foi esta batalha que a primeira. No fim do dia os castelhanos desordenaram-se e fugiram. Sancho, mau grado seu, seguiu-os arrastado por elles. Affonso ficou senhor dos arraiaes do rei de Castella e,

contente com a victoria, prohibiu aos seus que perseguissem os fugitivos.

Um guerreiro, porém, havia entre os soldados de Sancho, que, celebre já por extraordinario esforço, conservava desaffogado animo no meio daquella triste róta. Chamava-se Roderico Didacide ou Rui Dias, mais conhecido depois pelo nome de Cid, de quem tantas patranhas se contam. Persuadido de que um commettimento repentino contra os descuidados vencedores poderia mudar a fortuna daquella fatal jornada, persuadiu o rei de Castella de que, voltando de noite e dando inesperadamente nos inimigos ao romper d'alva, facil seria desbaratá-los. Assim se fez, e o resultado provou a bondade do estratagema. Colhidos d'improviso e meio desarmados, os leoneses e gallegos cederam facilmente, e tão completo foi o destroço que o proprio Affonso caíu em poder de seu irmão, o qual o mandou conduzir captivo para Burgos e, avançando com o exercito victorioso, se apossou de Leão sem encontrar resistencia. O rei prisioneiro foi obrigado, para evitar peor sorte, a vestir a cogúla monastica no celebre mosteiro de S. Facundo ou Sahagun, donde passados tempos pôde evadir-se para Toledo, pondo-se debaixo da protecção do antigo alliado de seu pae, o amir Al-mamon.

Emquanto estas cousas se passavam entre castelhanos e leoneses os estados que Fernando Magno herdara a seu terceiro filho não gosavam de mais tranquillidade. Garcia reinava na Galliza e no territorio já denominado Portugal, que abrangia não só toda a porção daquella provincia ao sul do Minho e ao norte do Douro, mas tambem o districto que, ao sul deste ultimo rio até o Mondego, tinha sido conquistado aos sarracenos. Era Garcia de animo feroz, querendo mais governar pelo terror que pelo affec-

to. Alguns barões de Entre-Douro e Minho malsoffridos do jugo e capitaneados pelo conde Nuno Menendes rebellaram-se: mas foram desbaratados entre Brachara (Braga) e o Cávado. Um historiador do seculo XIII, Rodrigo Ximenes, pretende que com a victoria a tyrannia do rei de Galliza se tornara mais dura; que Vérnula, valído daquelle principe, fora assassinado pelos nobres na presença do proprio Garcia, porque os delatava, e que por esse acto as vinganças e oppressões redobraram; que, irritados os animos dos gallegos e portugalenses, não perdera Sancho a conjunctura favoravel para despojar da coroa o irmão mais moço, o qual, quasi sem resistencia, elle expulsara do reino, seguindo o rei fugitivo apenas trezentos homens d'armas; que este buscara abrigo entre os sarracenos e favorecido por elles voltara ao districto de Portugal, onde se assenhoreara de varios castellos, mas que num recontro com Sancho fora vencido, captivo e posto em ferros no castello de Luna. A relação, porém, destes successos repetida pelo commum dos historiadores modernos, falta nas memorias mais seguras e envolve algumas difficuldades. Seja como for, é certo que, se Garcia continuou a governar a Galliza e Portugal depois da conquista de Leão por Sancho, foi reconhecendo uma especie de supremacia em seu irmão mais velho: nem é de crer que este se mostrasse indifferente ao soccorro que parece indubitavel elle dera a Affonso na guerra precedente.

Urraca tinha-se mostrado constantemente parcial do rei de Leão nas dissensões anteriores, e fora ella quem favorecera a sua fuga para Toledo. Com este ou outro pretexto, Sancho pretendeu privá-la do senhorio de Zamora, pondo cerco a esta cidade. Não obstante o immenso poder do rei de Castella os zamorenses ousaram defender-se, e com tal perse-

verança o fizeram que, apesar de repetidos assaltos, Sancho não pôde submettê-los. Durava todavia o cerco, e o ambicioso principe mostrava estar resolvido a levar a todo o custo a cidade quando um caso estranho pôs termo á contenda. Vellito Adaulfiz ou Bellido Arnulfes, cavalleiro esforçado de Zamora, vendo certo dia que Sancho passeava só e descuidado em frente dos muros, saíndo das barreiras á redea solta, foi topar em cheio com o rei castelhano, derribou-o de uma lançada e acolheu-se aos muros com tal rapidez que ninguem o pôde alcançar. Era mortal a ferida, e no dia seguinte Sancho expirou. Com a sua morte o exercito sitiador, corpo heterogeneo formado de companhias de castelhanos, leoneses e, até, de navarros e gallegos, dispersou-se em completa desordem. Apenas as tropas de Castella conservaram alguma disciplina e, resistindo aos sitiados que saíram a persegui-las, levaram com pompa militar o cadaver de Sancho ao mosteiro de Onha, onde foi sepultado.

Corria o anno de 1072 quando succederam estes acontecimentos. A morte inesperada de Sancho mudou inteiramente o aspecto dos negocios publicos. Urraca apressou-se a avisar Affonso de que viesse occupar o throno que ninguem lhe disputava, não havendo o rei de Castella deixado filhos. Depois de jurar paz e alliança com o seu hospede, o generoso Al-mamon, Affonso dirigiu-se a Zamora, onde foi logo reconhecido pelos barões de Leão e tambem pelos de Galliza conforme alguns historiadores, o que parece confirmar a idéa de que no reinado antecedente os estados de Garcia tinham ficado numa especie de sujeição a Sancho. Os castelhanos, se acreditarmos Lucas de Tuy e Rodrigo Ximenes, exigiram préviamente delle o juramento de que não tinha entrado na trama da morte de seu irmão, mas

não ousando ninguem pedir este juramento, Rui Dias de Bivar, o Cid, apresentou-se a exigi-lo em nome dos nobres de Castella. Todas estas particularidades, porém, foram talvez inventadas para dar fundamento historico ás novellas e poemas do Cid, que por largo tempo passaram e passam ainda para muitos como narrativas verdadeiras.

A data do segundo reinado de Affonso, VI do nome na serie dos reis de Oviedo e Leão, é a dos primeiros dias do anno de 1073. Obtendo sem custo, não só a propria coroa que perdera, mas tambem a de Castella, parecia dever contentar-se deste favor da sorte; mas não succedeu assim. Garcia reinava na Galliza, ou porque nunca d'alli saísse, ou porque voltasse de Sevilha, para onde, affirmam alguns, tinha fugido do castello de Luna. Apenas seguro no throno, Affonso VI, dizem que por conselho de sua irman Urraca, attrahiu-o enganosamente á corte, e metteu-o numa prisão, donde não tornou a saír emquanto viveu, postoque fosse ahi tractado com toda a attenção e brandura. Nenhuma das duas provincias, Portugal e Galliza, recusou acceitar o novo senhor e Affonso achou-se, emfim, na posse pacifica de toda a herança de Fernando Magno accrescentando a ella d'ahi a tres annos a Rioja e a Biscaia, que lhe cedeu Sancho I de Aragão para que elle lhe consentisse a posse pacifica da Navarra, de cuja maior parte o mesmo Sancho se havia apoderado. Não tardou muito que ao poderoso rei de Leão, Castella e Galliza se offerecesse conjunctura de mostrar, não só a força do seu braço, mas ao mesmo tempo o seu agradecimento ao amir mussulmano que tão nobremente o acolhera no tempo da adversidade. A Hespanha arabe continuava a despedaçar-se nas guerras intestinas que haviam nascido da quéda do imperio dos Beni Umeyyas. O amir de

Sevilha, que tambem obtivera o dominio da antiga capital dos khalifas, invadiu os estados de Al-mamon. Sem esperar que este lhe mandasse pedir soccorro, o rei christão marchou em auxilio de Al-mamon. Os dous exercitos, toledano e leonês, entraram então no territorio do amir inimigo, assolando e queimando tudo. A final Al-mamon, que se apossara de Sevilha, despediu o seu alliado rico de despojos, e Affonso voltou a Leão. D'ahi a pouco falleceu o velho amir, recommendando seu filho e successor (outros dizem seu neto) á protecção de Affonso VI, que por esta epocha (1077) se assenhoreou de Coria, cidade provavelmente sujeita ao amir de Badajoz. Das suas outras victorias e conquistas feitas no periodo que decorre desde a morte de Almamon até a tomada de Toledo e das posteriores a esse importante successo falam tão confusa e resumidamente os historiadores christãos, ao passo que as celebram com excessivo encarecimento, que pouco se alcança a este respeito, á vista do que elles dizem. E' confrontando-os com os escriptores arabes que se póde obter mais alguma luz sobre os primeiros doze ou quinze annos do dilatado governo de Affonso VI.

Mohammed Al-mutamed Ibn Abbad (o Benabeth das chronicas christans) era o amir de Sevilha contra quem o rei de Leão guerreara como alliado de Al-mamon. Apenas Affonso se retirara, Ibn Abbad viera pôr cerco a Sevilha, onde o amir de Toledo falleceu estando cercado. Com a sua morte os toledanos viram-se obrigados a ceder, e não só a capital da Andalusia, mas tambem Cordova, conquistada igualmente por Al-mamon, voltaram de novo ao dominio do seu antigo senhor. Só do rei leonês se temia Ibn Abbad; porque, como um dos tutores do amir toledano, podia marchar contra elle e atalhar o curso das suas recentes victorias. Tinha Ibn

Abbad por wasir (ministro) um dos homens mais celebres entre os arabes pela sua habilidade em enredos politicos. Chamava-se Ibn Omar. Foi por intervenção delle que o amir de Sevilha tentou affastar Affonso VI da alliança do successor de Al-mamon; mais o rei de Leão soube até certo ponto corresponder á confiança que nelle pusera o amir fallecido, senão defendendo activamente o pupillo, ao menos não se unindo por então aos seus inimigos.

Toledo era naquelle tempo, depois de Cordova, talvez a mais famosa cidade da Hespanha mussulmana. Além de ter sido a antiga capital do imperio wisigothico, a sua situação central, a fortaleza do seu assento e o augmento que tinha tido desde que nella reinava independente a familia dos Dhi-n-nun tornavam-na de tal importancia, que Affonso VI desejava ardentemente possui-la para fazer della, como depois se viu, a capital do reino de Oviedo, Leão e Castella. Era a occasião opportuna; mais a empreza devia ser levada com tal arte que o resultado fosse bem seguro. E, de feito, todos os passos de Affonso VI se encaminharam a alcançar este unico fim durante os cinco annos que decorreram desde 1080 até a tomada de Toledo em 1085.

A historia dos successos daquella epocha é obscura pelas narrativas varias e encontradas dos chronistas christãos e arabes. De uns parece deduzir-se que um tio ou irmão do successor de Al-mamon, chamado Yahya, obtivera o poder no meio das revoltas que dilaceraram os estados dos Dhi-n-nun. Outros parece indicarem que Yahya fora o successor de Al-mamon e que Affonso VI esquecera pela ambição os deveres que o ligavam áquella familia. O que sabemos é que por fim Affonso VI estava alliado com Ibn Abbad e que já em 1081 invadia o territo-

rio de Toledo com um numeroso exercito em que se achavam, segundo parece, muitos cavalleiros franceses e, atravessando as serras que dividem a Castella velha da nova, apossava-se de varios logares fortes. Nos annos seguintes renovou a guerra, sempre com tão prospera fortuna que Ibn Abbad, para mais apertar os recentes laços que o uniam ao seu antigo adversario, lhe deu por mulher sua filha Zaida, cedendo-lhe junctamente o senhorio das terras que pela sua parte elle conquistara ao amir de Toledo, como Cuenca, Huete, Ocanha e outras. Aquelle casamento, se tal nome se lhe póde dar, entre um rei christão e uma princesa mussulmana, postoque insolito (tanto mais que Affonso era casado havia já annos com sua segunda mulher Constança de Borgonha, tendo perdido ou repudiado a primeira, Ignez), não parece ter produzido grande admiração no animo dos escriptores desses tempos, um dos quaes, Lucas de Tuy, se contenta de chamar a Zaida *quasi mulher* do rei. As idéas de então explicam esta singularidade apparente. Pelo que toca a Ibn Abbad, o dar sua filha a um homem casado nada tinha extraordinario, por ser a polygamia permittida entre os sarracenos. Quanto a Affonso VI, andavam no seu tempo os costumes tão soltos e eram tão frequentes os matrimonios sem intervenção da igreja, que semelhante successo, hoje estranho, seria apenas digno de reparo naquella epocha.

Antes de assentar definitivamente o cerco de Toledo o rei de Leão seguiu o systema de enfraquecer a capital assolando-lhes duas vezes cada anno, conforme o testemunho dos arabes, os campos e povoações abertas das circumvizinhanças e tomando os castellos donde os mouros o poderiam saltear durante o sitio. Depois de tres annos de correrias e

estragos, Affonso veio por fim acampar-se em volta dos muros de Toledo.

Yahya nada havia feito, segundo parece, para repellir as invasões dos christãos. Era o moço amir mais dado aos passatempos e deleites que aos cuidados do governo e ás fadigas da guerra. Vendo-se reduzido ao extremo aperto, enviou mensageiros ao amir de Badajoz, Omar Ibn Mohammed, pedindo-lhe soccorro. Mandou este, de feito, seu filho Alfadl, wali de Merida, com certo numero de tropas, mas debalde: Affonso não só o impediu de entrar na cidade, mas tambem o desbaratou e constrangeu a fugir. Encerrava Toledo nos seus muros um grande numero de judeus e de mosarabes ou mostarabes. Para estes o dominio dos leoneses, seus co-religionarios, se não era de desejar, pelo menos não era de temer: para aquelles, indifferentes a estas luctas de duas raças e de duas crenças alheias á sua, o unico receio grave consistia na possibilidade de perderem os grossos cabedaes que possuiam, se, tomada de assalto, a cidade fosse posta a sacco. Aproveitando os incitamentos da fome, que se começava a sentir duramente, falavam já de se darem a partido. Alguns mussulmanos, que ainda conservavam as tradições dos esforços de seus antepassados, pretendiam que se defendesse Toledo até o ultimo trance; mas o commum dos habitantes sarracenos, quebrados os animos pela escaceza de victualhas e pela desesperança de soccorro, inclinaram-se á opinião dos judeus e dos mosarabes. Constrangido pelos conselhos e clamores geraes, o amir dirigiu a Affonso VI embaixadores que lhe trouxessem á memoria a sua alliança com a familia dos Dhi-n-nun e os beneficios recebidos de Al-mamon, e que ao mesmo tempo lhe propusessem o reconhecer elle Yahya a supremacia da coroa leonesa, pagando-lhe tributo

annual. Tudo rejeitou Affonso: o seu proposito inabalavel era apoderar-se da cidade: treguas aos mouros só assim as daria. Sabida esta resposta, o povo amotinou-se, e não houve outro remedio senão ceder. As condições foram vantajosas para os habitantes: tolerancia inteira para com o culto do islam; nenhum augmento de tributos; liberdade plena para todos os que quizessem seguir Yahya, e a conservação dos juizes e leis civis dos mussulmanos, para por ellas se regerem estes. O amir saíu com os principaes sarracenos para Valencia, e Affonso, ordenadas todas as cousas necessarias para assegurar a sua conquista, foi habitar o alcassar dos principes mussulmanos, ou antes os paços transformados dos reis wisigodos, que de Toledo tinham feito a capital do imperio, e donde Ruderico saíra perto de quatro seculos antes para a batalha do Chryssus, na qual se perdeu a Hespanha. Ou fosse por esta circumstancia ou pela situação de Toledo, mais accommodada que Leão para poder facilmente proseguir a guerra contra o islamismo e dilatar os dominios christãos, Affonso VI estabeleceu ahi a corte, deixando a de Leão, como por esta Garcia I abandonara a de Oviedo. Foi na primavera de 1085 que a antiga capital da Hespanha wisigothica se libertou do jugo sarraceno. Aquelles castellos e povoações dependentes do amirado de Toledo que ainda não haviam sido tomados por Affonso VI seguiram em breve a sorte desta cidade. A balança pendia emfim a favor da reacção christan; porque, com as muitas conquistas deste principe, em mais de metade do territorio hespanhol a cruz triumphante dominava de novo. As fronteiras ou *estremaduras* do reino leonês-castelhano dilatavam-se agora por uma linha que corria de poente a nascente desde a foz do Mondego, pela Beira-baixa, direita a Coria,

Talavera, Toledo, Huete e Cuenca, até as serras de Albarracin. Então as povoações ao norte desta linha, antes tomadas e perdidas frequentes vezes ou destruidas e abandonadas, poderam a final ser erguidas das suas ruinas e repovoadas, negocio que principalmente entretinha Affonso VI nos breves intervallos de tregua que dava aos sarracenos.

O amir de Sevilha, que tanto trabalhara para obter a alliança do rei de Leão e induzi-lo a destruir o poder dos Dhi-n-nun, quando viu quão rapidas e importantes eram as conquistas de Affonso, começou a ter graves receios das consequencias fataes que a sua politica podia produzir para o islamismo. Enviou-lhe então mensageiros, dizendo que se devia contentar com a posse de Toledo e cessar de ulteriores conquistas, lembrando-lhe as condições dos tractados que haviam celebrado. O rei de Leão entendeu ou fingiu entender que o amir lhe recordava a obrigação de o ajudar contra os seus inimigos e, sem descontinuar da guerra, enviou-lhe quinhentos cavalleiros, que, demorando-se apenas tres dias juncto de Sevilha, se dirigiram a Medina Sidonia, onde a esse tempo se achava Ibn Abbad. Nunca tão longe haviam penetrado soldados christãos. A colera e o temor augmentaram no coração do amir com este inesperado e não pedido soccorro, que Affonso ousava enviar até os limites meridionaes da Hespanha arabe. Desde esse momento Ibn Abbad não cogitou senão no modo de pôr termo ao engrandecimento do rei leonês. Uma paz geral entre os diversos amires mussulmanos, já talvez d'antes preparada, se fez então. Numa assembléa celebrada em Sevilha, a que pessoalmente assistiram alguns delles ou a que enviaram os seus wasires e cadis, se deliberou sobre a maneira que se teria em obstar á ruina imminente do islam. A resolução que toma-

ram, combatida energicamente pelo wali de Malaga, foi chamar á Hespanha os almoravides; resolução fatal para os christãos, porém ainda muito mais fatal para a liberdade dos mussulmanos hespanhoes.

Quem eram os almoravides e o seu amir Yusuf já noutro logar o dissemos. Ibn Abbad tinha sido alliado de Yusuf quando o rei de Leão favorecia os Dhi-n-nun de Toledo, e as armadas do amir de Sevilha haviam ajudado por mar o principe africano a subjugar Tanger. Por mais de uma vez Ibn Abbad o havia excitado a passar o Estreito, na persuasão de que, ajudado pelo africano, poderia assenhorear-se de todos os estados mohametanos da Hespanha, embora houvesse de reconhecer uma especie de sujeição ao chefe almoravide. Ha quem diga que o proprio Affonso VI approvava estes designios do amir sevilhano na epocha da estreita amizade que por algum tempo os uniu. Agora, porém, era contra o leonês que todos os potentados mussulmanos da Peninsula invocavam o soccorro do celebre Yusuf.

Este achava-se em Féz, que pouco antes conquistara, quando chegaram os mensageiros do paiz de Andalús. Ouvida sua embaixada, respondeu aos amires que não passaria á Hespanha sem que lhe cedessem o castello de Algeziras, por onde podesse entrar e saír da Peninsula com a certeza de não lhe ser embargado o passo, accrescentando que, no caso de acceitarem a condição, atravessaria immediatamente o Estreito para os ajudar contra o rei infiel. Era extremo o trance: Ibn Abbad, senhor do castello pedido, mandou-o entregar a Yusuf, e pouco tardou que um grosso exercito capitaneado pelo proprio Abu Yacub passasse de Africa para Hespanha e se dirigisse a Sevilha.

Affonso VI, depois de haver talado o territorio do amir de Badajoz, marchara para o oriente e pusera sitio a Saragoça. Foi alli que lhe chegou a noticia da vinda de Yusuf. Immediatamente, convocando em seu auxilio Sancho rei de Aragão, fazendo levantar novas tropas por Galliza, Asturias, Leão e Castella e chamando muitos cavalleiros do sul da França, como já havia chamado outros antes de conquistar Toledo, dirigiu-se a esta cidade, onde todos esses elementos dispersos se deviam ajunctar para constituir um exercito capaz de se oppôr á multidão dos sarracenos, que ameaçavam tirar crua vingança das affrontas recebidas pelos mussulmanos de Andalús.

O designio de Yusuf, segundo parece, era marchar contra Leão e Galliza, levando a guerra ao centro dos estados christãos: porque, em vez de se dirigir contra Toledo, partira de Sevilha para Badajoz. Foi perto desta cidade que Affonso VI, marchando da sua nova capital com todas as forças ahi congregadas, veio saír ao encontro do principe almoravide.

Os dous exercitos avistaram-se sobre o rio de Badajoz (Nahar Hagir): o dos mussulmanos occupava na margem esquerda os campos e outeiros denominados pelos escriptores arabes de Zalaka e pelos chronistas christãos de Sagalias ou Sacralias: o de Affonso VI acampou na margem direita. A terribilidade da batalha, que era inevitavel, fazia hesitar tanto uns como outros; porque alguns dias se passaram em embaixadas e ameaças. Os dous exercitos que se achavam frente á frente eram, talvez, os maiores que desde a entrada dos sarracenos a Hespanha tinha visto. Ainda dando algum desconto á exaggeração ordinaria dos antigos escriptores arabes e christãos, os quaes unanimes affirmam que

só Deus poderia contar o numero de mussulmanos e que as tropas do rei de Leão e Castella subiam a oitenta mil cavalleiros e duzentos mil peões, é todavia certo que alli se encontravam todas as forças das duas raças que disputavam o solo da Hespanha, ajudadas uma pelos guerreiros franceses e a outra pelos almoravides conquistadores da Mauritania. Ha, porém, uma circumstancia narrada pelos arabes muito crivel, a qual não devemos omittir; isto é, a existencia de varios corpos de cavallaria christan ao serviço de Yusuf e a de trinta mil mussulmanos ao de Affonso VI, o que prova serem, mais que o sentimento religioso, odios ou ambições humanas quem não consentia um momento de paz e repouso na devastada Hespanha.

Affonso resolveu-se, emfim, a accommetter os sarracenos e passou o rio ao romper da manhan de 23 de outubro de 1086. Os seus corredores toparam com um corpo de almogaures d'Africa enviados contra elles e obrigaram-nos a recuar. Entretanto parece que no romper das batalhas algumas tropas christans tinham fugido, aterradas provavelmente pelo grande numero dos inimigos. Todavia o rei de Leão, dividindo o exercito em dous troços, deu o signal de combate. Elle com a vanguarda remetteu contra os almoravides, enviando ao mesmo tempo o outro corpo capitaneado por Sancho de Aragão e por um general a que os escriptores arabes chamam Albar Hanax (porventura Alvaro Fannes) contra os mussulmanos hespanhoes, cujo campo estava separado dos arraiaes africanos por um outeiro. Acaudilhava os sarracenos hespanhoes o amir Ibn Abbad, homem cujo esforço era provado, mas brevemente se viu só com os seus guerreiros sevilhanos, porque todos os outros amires fugiram desordenados pelo impetuoso embate dos christãos. Por outro lado a

vanguarda dos africanos começava a recuar diante do valoroso rei leonês. Yusuf conheceu então a necessidade de dar um golpe decisivo: enviou as tribus berbers e as cabildas almoravides de Zeneta, Mossameda e Ghomera em soccorro da sua vanguarda e do amir de Sevilha, que, abandonado dos outros amires, continuava a sustentar por aquelle lado o peso da batalha. Depois o habil Yusuf, rodeando o campo da peleja, precipitou-se á frente dos lamtunitas, os mais celebres entre os guerreiros almoravides e a cuja raça elle pertencia, sobre os mal guardados arraiaes dos christãos. Era impossivel a resistencia. No momento em que o desbarato dos mussulmanos parecia certo, Affonso foi avisado da destruição do seu acampamento, não só pelos fugitivos que chegavam, mas tambem pelo clarão do incendio. O desejo da vingança perdeu-o. Abandonando o combate, que tinha quasi vencido, marchou contra Yusuf, que o recebeu valorosamente. Os sarracenos, que recuavam diante delle, cobraram animo, percebendo que os christãos voltavam rosto, e vieram accommettê-los pelas costas quando mais acceso andava o recontro com os lamtunitas. As tropas mussulmanas que haviam fugido para Badajoz, vendo melhorar-se a fortuna dos seus, tornaram á batalha. Revolvendo-se como um leão no meio dos infiéis, Affonso não cedeu emquanto lhe restaram alguns soldados em estado de pelejar, mas por fim, ferido elle proprio, viu-se constrangido a fugir acompanhado apenas de quinhentos homens d'armas e perseguido pelos almoravides, que ainda lhe derribaram uma boa parte destes. A noite que descia salvou os restantes e o proprio rei de Leão, que sem essa circumstancia teria perecido.

Se acreditassemos os escriptores arabes, a perda dos christãos teria sido immensa. Segundo um del-

les, Yusuf, fazendo decepar as cabeças dos mortos (costume trivialissimo entre os sarracenos) enviou cincoenta mil ás differentes capitaes dos amirados de Andalús e quarenta mil para serem distribuidos pelas cidades maritimas da Berberia como documento da victoria. De todo o exercito dos nazarenos, dizem elles, apenas escapou Affonso com cem homens. Semelhantes encarecimentos, junctos á confissão dos antigos chronicons sobre o grande estrago dos christãos, provam que esta foi uma das mais terriveis batalhas que se pelejaram em Hespanha. Se o habil e esforçado Yusuf Abu Yacub tivesse ficado na Peninsula á frente dos sarracenos victoriosos, a monarchia leonesa não tardaria, talvez, em chegar ao ponto da ultima ruina. Felizmente para o christianismo, na mesma noite da batalha um mensageiro chegou ao campo dos almoravides com a noticia de ser fallecido em Ceuta Abi Bekr, filho mais velho de Yusuf, que elle amava com extraordinario affecto. Esta nova obrigou Yusuf a partir immediatamente para Algeziras e a passar á Africa, deixando por general das tropas almoravides o kayid Seyr Ibn Abi Bekr.

Emquanto este e o amir de Badajoz corriam as fronteiras da Galliza, talando os logares abertos e submettendo varios castellos e povoações fortes que Affonso anteriormente conquistara, Ibn Abbad entrava pelo territorio de Toledo e successivamente ía expulsando os christãos das cidades principaes daquella provincia, como Cuenca, Huete e Consuegra. Perto de Lorca, porém, alguns alcaides castelhanos vieram ao seu encontro e destroçaram-no. Desde este successo a fortuna começou a sorrir de novo a Affonso VI. A poucas milhas de Lorca, aonde o amir de Sevilha se fora refugiar depois do seu desbarato, tinham-se os christãos apossado, talvez

nessa mesma conjunctura, de um castello roqueiro e bem fortificado, a que os historiadores arabes dão o nome de Alid. Acredita-se que o alcaide desse castello era o famoso Rui Dias, mais conhecido pelo nome do Cid, de quem já fizemos menção. Situada num monte quasi inaccessivel no meio dos estados de Ibn Abbad, aquella fortaleza era como um ninho d'aguias donde o terrivel Rui Dias se arrojava sobre os campos de Murcia e de Sevilha, e punha tudo a ferro e fogo. Sabendo das suas façanhas, o rei de Leão apressou-se a mandar-lhe soccorros. Não passava dia em que as correrias dos cavalleiros de Alid não deixassem tristes vestigios nas terras vizinhas e, ás vezes, estas correrias alongavam-se até o territorio de Valencia. O amir sevilhano, cançado de tantos estragos e não tendo forças para os impedir, recorreu a Yusuf, que, havendo ordenado as cousas do Moghreb, tornou a passar á Hespanha no verão de 1088. Provavelmente Abu Yacub, confiado nas tropas que deixara e nas de Andalusia, dirigiu-se com poucas forças a Lorca, onde chamou para a ghaswat (guerra santa) os amires hespanhoes, os quaes pela maior parte não vieram. Assim, com o seu pequeno exercito cercou Alid debalde : os christãos resistiram durante quatro meses. Algumas dissensões graves começaram entretanto a alevantar-se no campo dos sitiadores, emquanto Affonso VI, sabendo da vinda de Yusuf e do cerco de Alid, marchava a encontrá-lo. Yusuf não ousou esperar o exercito leonês e, irritado contra a maior parte dos amires que o tinham abandonado, embarcou para a Mauritania. O rei de Leão chegava no emtanto ás immediações de Lorca e, fazendo saír do castello de Alid o resto dos seus defensores, desmantelou-o e regressou a Toledo,

Os sarracenos de Hespanha começavam já a re-

cear que o seu poderoso alliado d'Africa lhes viesse a ser mais fatal que o proprio Affonso, e que, não contente com o vasto imperio do Moghreb, quizesse tambem assenhorear-se dos amirados áquem do Estreito. Mostrou o tempo que estes receios não eram vãos. Pela terceira vez Abu Yacub voltou á Peninsula, mas com um grosso exercito de almoravides (1090). Dirigiu-se rapidamente para Toledo, cujos arredores devastou, sem que Affonso, encerrado dentro dos muros, se atrevesse a oppôr-se-lhe. Todavia nem um só dos amires de Hespanha veio ajunctar as suas tropas ás de Abu Yacub, e o proprio Ibn Abbad, que na antecedente campanha não seguira o exemplo commum, desta vez ficou tranquillo em Sevilha, emquanto Yusuf guerreava os nazarenos. Folgou com este procedimento o dissimulado almoravide, cujos intentos eram na realidade os que se lhe attribuiam. Saíndo repentinamente dos territorios christãos, marchou para Granada, onde não tardou a depôr o amir Abdullah Ibn Balkin, que já, segundo parece, tractava secretamente de confederar-se com o rei de Leão contra os africanos. Depois Yusuf regressou de novo a Marrocos, deixando para o substituir o alcaide Seyr, como executor dos seus ambiciosos designios.

Ibn Abbad entretanto fortificava-se em Sevilha, e sollicitando o esquecimento do passado, buscava a alliança de Affonso, que, vendo nestas luctas dos mussulmanos occasião de engrandecimento proprio, lh'a concedeu facilmente. Infatigavel sempre, Abu Yacub chegando á Africa enviou immediatamente para a Hespanha grande numero de soldados. Seyr pôde em breve assenhorear-se de Jaen e de Cordova, e, passado apenas um mês, de todas as cidades dependentes do amirado de Sevilha não restava a Ibn Abbad senão a sua capital. Affonso fez então

marchar algumas forças contra os almoravides, mas depois de varios recontros ellas foram constrangidas a retirar-se, e d'ahi a pouco Sevilha caíu nas mãos de Seyr. Sem nos fazermos cargo das resistencias parciaes, e na maior parte obscuras, que os arabes hespanhoes oppuseram ao triumpho completo dos almoravides, resistencias que só tiveram alguma importancia quando certo numero de amires e walis se uniram debaixo do mando de um christão, o celebre Rui Dias, basta dizer que doze annos consumidos em continuas guerras entre o africano Seyr e os mussulmanos de Andalús deram a Yusuf o dominio da parte não christan da Peninsula, á excepção do territorio de Saragoça, cujo amir desde o principio firmara uma solida alliança com os almoravides. Quando em 1103 o amir almoslemym, ou principe dos mussulmanos, titulo que Yusuf tomara, voltou pela quarta vez á Hespanha, achou-se pacifico senhor de todos os paizes mohametanos desde os limites de Saragoça até a margem esquerda do Tejo, que pelo lado do Gharb era a barreira que os dividia do imperio leonês.

Fora, de feito, até a foz do Tejo que as conquistas de Affonso VI haviam chegado. Emquanto os sarracenos combatiam entre si, elle, refazendo-se das passadas perdas, marchara para o sul e apossara-se de Santarem, Lisboa e Cintra no verão de 1093. Satisfeito com ter dilatado os seus dominios, apesar do terrivel revés de Zalaka, até o extremo occidente, o rei de Leão, que em varios documentos attribue já a si o titulo de imperador, tomado constantemente depois por Affonso VII, recolheu-se a Toledo, dedicando-se ao governo dos seus estados, sem fazer guerra aos sarracenos, salvo as pequenas escaramuças e correrias das fronteiras, que eram de costume, ao menos todas as primaveras.

Um dos golpes mais dolorosos para o coração humano cubriu de tristeza os ultimos dias de Affonso VI e, porventura, abbreviou-lhe a existencia. Das mulheres com que foi casado e de duas concubinas, apenas Zaida, a filha de Ibn Abbad, que elle veio, segundo parece, a desposar legitimamente depois de convertida ao christianismo, lhe deu um filho varão, o infante Sancho. Entrado apenas na juventude, era este mancebo, por nos servirmos das expressões attribuidas ao proprio rei de Leão, que elle considerava como seu herdeiro e que amava como a luz dos seus olhos, alegria do seu coração e consolo da sua velhice. Aquelle filho tão querido acabou desafortunadamente ás mãos dos sarracenos na flor de mocidade esperançosa, no penultimo anno do reinado e da vida do velho Affonso VI, que, morrendo, houve de deixar a gloriosa mas pesada coroa de Leão e Castella á unica filha legitima que tivera de Constancia, sua segunda esposa. Abu Yacub Ibn Taxfin fallecera em Marrocos no outono de 1106, e seu filho Aly Ibn Yusuf, já anteriormente declarado e jurado successor, tomara as redeas do governo do vasto imperio mussulmano d'Africa e da Hespanha. O novo amir al-moslemym, sopitada a revolta de um seu sobrinho, wali de Féz, resolveu proseguir na guerra sancta contra os christãos. Com este proposito, no verão de 1108 fez passar o Estreito a novas tropas almoravides da tribu de Lamtuna e deu o mando dellas a seu irmão Abu Taher Temin, wali de Valencia e depois de Granada. Romperam as hostilidades pelo cerco d'Uclés, forte povoação da fronteira christan. Apesar de bem guarnecida, a cidade foi entrada á escala vista e os seus defensores tiveram de acolher-se ao castello. Affonso VI enviou immediatamente um exercito em auxilio dos cercados. Capitaneava-o o infante San-

cho, antes em nome que na realidade, porque apenas saía da infancia. O velho rei de Leão confiava na vigilancia e affecto do conde Gomes de Cabra, aio do infante, sendo por isso o conde o verdadeiro cabeça da expedição. Quando Temin soube das forças que vinham contra elle quiz retirar-se, mas os kayids de Lamtuna insistiram em esperar os christãos. Chegados estes, travou-se a batalha. Foi terrivel o recontro, e o campo disputado com igual esforço; mas por fim a victoria declarou-se a favor dos mussulmanos. Sancho, provavelmente já quando os seus começavam a retroceder, sentiu fraquear o ginete em que montava. Assustado, bradou ao conde Gomes : « Oh pae! oh pae! o meu cavallo está ferido »! Correu o aio e chegou no momento em que Sancho caía. Estavam cercados de sarracenos. O conde apeou-se e, mettendo o infante entre si e o escudo, defendia-se e defendia-o como um leão dos golpes que choviam por todos os lados, até que uma cutilada lhe decepou um pé. Não podendo mais suster-se, deitou-se em cima de Sancho, para morrer antes delle, e assim acabaram ambos. Os christãos fugiam entretanto perseguidos pelos africanos : alcançados a breve distancia, sete condes ahi foram mortos, e apenas as reliquias do exercito voltaram a Toledo. Temin redobrou então os assaltos contra o castello d'Uclés, que, apesar de brava resistencia, houve por fim de render-se. Foram, todavia, segundo é de crer, grandes as perdas dos almoravides, tanto na batalha como no sitio, porque não proseguiram na conquista, tirando assim quasi nenhum fructo da victoria.

Enfraquecido por dilatada enfermidade, o rei de Leão, sabida a morte do filho, caíu em profunda tristeza, a qual lhe aggravou o mal. Em junho de 1109 Affonso expirou em Toledo, tendo governado

depois da morte de seu irmão Sancho trinta e seis annos como rei de Leão e Castella. A falta deste celebre principe trouxe á Hespanha graves perturbações, das quaes só faremos menção no que importar á historia de Portugal, nascido, por assim dizer, desse acontecimento e favorecido na sua debil infancia pelos calamitosos successos occorridos na Hespanha christan em consequencia da morte de Affonso VI.

INDICE DE MATERIAS

INTRODUCÇÃO

I

II

III

INDICE DE ILLUSTRAÇÕES